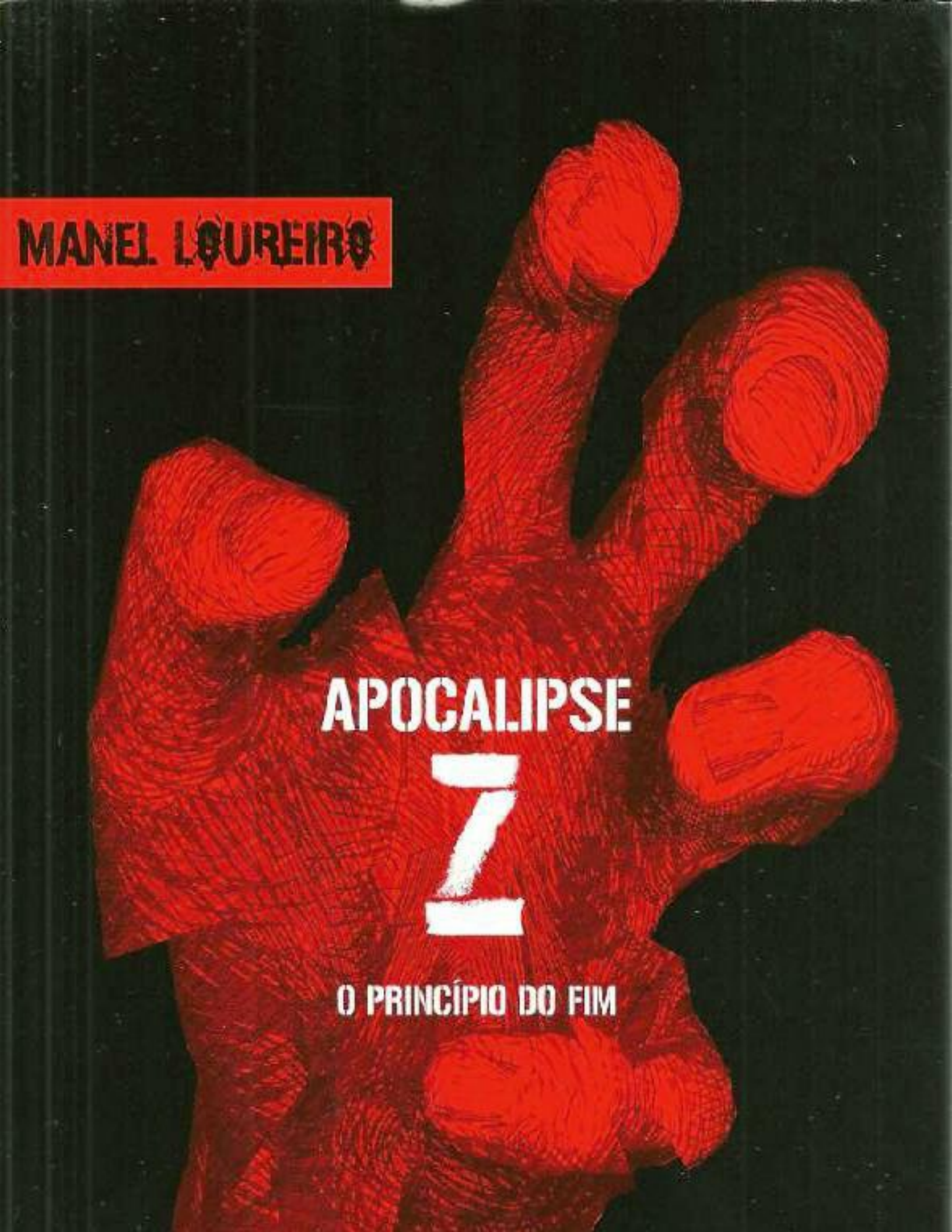




MANEL LOUREIRO

APOCALIPSE

7

O PRINCÍPIO DO FIM



MANEL LOUREIRO DOVAL

APOCALIPSE Z
O Princípio do Fim

Tradução
Sandra Martha Dolinsky

Planeta
2010

À Lucia, minha luz, meu amor, minha vida.

"Quando o inferno estiver cheio,
os mortos andarão sobre a Terra."

DAWN OF THE DEAD, 1978

O BLOG

Sexta-feira,

30 de dezembro de 2005

8h40

Hoje vai ser um dia de maluco. Nesta manhã, quando acordei, chovia copiosamente, e continuava chovendo um pouco mais tarde, enquanto eu preparava uma xícara de café. Com o som de fundo das notícias do rádio, fui tomar um banho.

Sempre a mesma coisa. Estamos em crise, não estamos em crise, e isso, e aquilo... E hoje tenho uma reunião que pode representar a diferença entre viver como um marquês os próximos seis meses ou ser obrigado a brigar com uns acionistas que não têm nem idéia do que realmente é bom para eles. O dinheiro é deles, não meu, eu sei, mas, se a fusão vingar, a comissão me permitirá levar os próximos meses com muito mais calma. Preciso descansar, pegar minha lancha Zodiac e fazer um pouco de pesca submarina na enseada.

Enquanto bebia a xícara de café, fiquei olhando pela janela que dá para o jardim. Esta casa foi um acerto desde o início, mas não posso evitar que, por enquanto, muitas coisas continuem me fazendo lembrar dela. Foi ela quem a escolheu, quem decidiu como decorá-la, quem... Bem, imagino que isso agora não tem importância. Achei que o conselho médico de "me abrir" para os outros me ajudaria a superar sua ausência, mas o tempo passa e ainda a sinto presente em todos os lugares. "Escreva um blog", disse o psicólogo, "fale do que quiser, de qualquer assunto, mas fale." Bem, isso é o que estou fazendo agora mesmo, mas parece não estar ajudando muito. Pelo menos, não a mim.

Que diabos! Quem sabe?

O jardim está verde, úmido, frondoso, descuidado. Faz três semanas que chove sem parar na Galícia, e a umidade entra por todos os lados. Em breve, vou ter de cortar a grama e limpar os muros do jardim. Isso também foi decisão dela, que a casa fosse cercada desses altos muros de pedra pelos quais agora a água escorre. "Precisamos de privacidade", dizia... Agora que ela não está mais aqui, tenho a sensação de estar morando em uma fortaleza.

Ajeitei a gravata, peguei a pasta e desliguei o rádio. O locutor estava comentando a explosiva situação de uma dessas ex-repúblicas soviéticas do Cáucaso com um nome acabado em "ão". Pelo visto, um grupo de rebeldes atacou umas instalações militares onde tropas russas estavam acantonadas, ou algo assim.

Sangue demais para o meu gosto. Desliguei o rádio rapidamente. Tenho de ir para o escritório. Estou em cima da hora.

3 de janeiro de 2006

13h15

Ressaca de festa

Passaram-se vários dias desde a última vez que atualizei o blog. A reunião com o pessoal da empresa acabou sendo excelente! Acho que este ano vou poder me permitir umas boas férias só com o que ganhei no último mês.

No fim do ano jantei na casa de meus pais, em Cotobade, perto de Pontevedra. Ele se mudaram para lá há alguns anos, desde que pararam de trabalhar. Estavam meus pais, como é óbvio, além dos meus tios e minha irmã com o namorado, recém-chegados de Barcelona, onde trabalham. Ela é advogada como eu, mas atuamos em ramos diferentes. Ela mora em Barcelona há anos e parece estar muito integrada à vida catalã. Mas eu sempre preferi a Galícia.

Durante o jantar, comentamos a grande notícia desses dias no jornal: o novo conflito dos russos no Cáucaso. Pelo visto, um grupo de guerrilheiros islâmicos do... Daguestão?? atacou umas antigas bases soviéticas que ainda estão sob controle russo nessa república. Minha irmã acha que deviam estar procurando algum material nuclear.

Espero que esteja enganada. Só o que nos faltava era outro 11-M, só que com bombas nucleares.

As poucas imagens mostradas são muito confusas. Parece que as instalações atacadas eram de caráter super secreto e as autoridades não permitem filmar ou fotografar. Os correspondentes são obrigados a fazer suas reportagens com imagens de arquivo e outras feitas do terraço de um hotel. Estão falando de centenas de mortos e Putin decretou estado de atenção em todo o território russo. As imagens de soldados e tanques ocupando as ruas são impressionantes... Com certeza temem que haja mais atentados ou ataques pelo país.

Ainda bem que não estou lá.

3 de janeiro

19h03

Estou assistindo à televisão. A Telecinco interrompeu a transmissão para mostrar ao vivo a Federação Russa fechando todas as suas fronteiras. Todos os vôos da e para a Rússia foram suspensos e o lançamento de um foguete Soyuz que ia para o espaço foi adiado *sine die*. A CNN+ comentou que esse fechamento pode ser tanto porque a situação no Daguestão está fugindo do controle como porque Putin quer reforçar seu poder. Um espectador sisudo afirma que não há motivos de alarme, que é tudo manobra política. Não sei o que pensar.

Acabou de novo a luz hoje à tarde. Já não aguento mais as malditas falhas da companhia elétrica. Nem parece que moro em um condomínio a apenas dois quilômetros de Pontevedra, uma cidade de oitenta mil habitantes! Problemas no traçado das linhas de fornecimento, dizem. Seis meses para arrumar, estimam. Não caio mais nessa. Amanhã mesmo vou comprar umas placas fotovoltaicas para o teto e uns acumuladores. E que se foda a companhia elétrica.

4 de janeiro

10h59

Levemente inquieto

Nesta manhã, vi na CNN+ de novo as notícias sobre a Rússia. Finalmente imagens do que seja lá que está acontecendo no Daguestão. O governo de Putin continua fechando o país; depois das fronteiras, é a vez da informação. Os correspondentes originalmente enviados para o Daguestão foram transferidos para Moscou para "garantir a própria segurança", segundo informam.

Hoje, mostraram um vídeo gravado com uma câmera doméstica onde se veem unidades especiais do exército russo avançando por uma rua deserta de um povoado próximo à base atacada, segundo a legenda. Os soldados, que no início da gravação estão dentro de um veículo blindado, são rapazes muito jovens, com cara de quem está com muito medo. O que mais me chamou a atenção é que, ao sair do veículo blindado, colocaram as máscaras antigás, como se temessem respirar algo nocivo. De repente, começaram a atirar feito loucos em algo ou alguém e correram de volta para o blindado. Aí acaba a gravação. Não sei o que pensar de tudo isso.

Na Antena 3 dizem que é possível que as forças rebeldes que assaltaram a base fossem da Chechênia e que quisessem se apoderar de produtos químicos ou nucleares armazenados nos laboratórios. Bando de malucos...

Hoje à tarde saí para fazer compras. O Dia de Reis está chegando e o centro comercial que há a três quilômetros de casa está abarrotado de gente comprando presentes. Meu cartão de crédito ficou tremendo depois de comprar tanta comida, vários garrafões de água de cinco litros, duas poderosas lanternas com muitas, muitas pilhas, por causa dos malditos cortes de luz, e um pouco de material elétrico, principalmente fios. Como vou instalar painéis fotovoltaicos no telhado, é melhor estar preparado para pequenos incidentes. Também comprei uma tonelada de comida para Lúculo, meu gato persa, que ultimamente não me dá muita bola.

Deve haver alguma gata da vizinhança no cio e Lúculo se sente na obrigação de lhes apresentar seus respeitos; por isso, pula o muro constantemente em busca de aventuras... e o muro mede mais de três metros! O que não fazemos por uma garota...

Passei pela empresa que instala painéis solares. Comprei dois, BP Solar SX-170B. São um pouco caros. No total, com a instalação incluída (que será, aliás, amanhã) chega a dois mil euros (sem contar as baterias acumuladoras), mas é o melhor que existe no mercado. Cada painel pesa uns quinze quilos, de modo que podem instalá-los tranquilamente no telhado de casa sem medo de sobrecarregar a estrutura. São de

células de silicone multicristalino, o que garante a duração das placas por pelo menos vinte e cinco anos. Com duas placas no telhado posso carregar duas séries de vinte e quatro baterias acumuladoras, mesmo em um lugar tão pouco ensolarado como a Galícia, que, em caso de corte de fornecimento elétrico, vão me proporcionar uma autonomia de muitas horas, coisa imprescindível para não estragar a comida armazenada nos dois *freezers* do porão.

Normalmente tenho pouco tempo, de modo que gosto de manter a geladeira bem abastecida para o caso de não poder ir ao mercado por duas semanas. Os *freezers* são, definitivamente, uma grande invenção.

No caminho de volta, parei na tabacaria e comprei duas caixas de cigarros Fortuna e um pacotinho de papel de seda, para os momentos mais lúdicos. Enquanto esperava, notei que na loja de armas da frente dois caçadores compravam cartuchos. E temporada de caça e este fim de semana, com um feriado logo depois, será muito longo para eles.

Chegando em casa, guardei as compras e cortei um pouco a grama enquanto ouvia o rádio. O jardim de casa tem uns cinquenta metros quadrados; não é muito grande, mas muito íntimo por conta dos altos muros que o cercam. A casa, de tijolos, fica em um condomínio de quarenta chalés idênticos, alinhados em filas de dez, em duas ruas paralelas. O meu fica no meio da rua Um (ainda não tem nome, o condomínio tem menos de três anos, e essas coisas demoram), com um chalé de cada lado e outro na parte de trás, que dá para a rua Dois. Estou separado do chalé de trás por um pequeno quintal e um muro, também de uns três metros.

Mal conheço os vizinhos, já que passo pouco tempo em casa. Só sei que na frente mora um casal de aposentados muito simpáticos, têm um Pathfinder, e ao lado um médico com a mulher e duas filhas pequenas. No chalé do outro lado mora Alfredo, um rapaz muito bonito que trabalha em uma construtora e mora com a namorada. Eu, agora, moro com Lúculo, o gato mais safado e folgado da rua. Imagino que muito em breve vai aparecer alguma vizinha histérica na porta da minha casa com uma caixa cheia de gatinhos iguaizinhos a Lúculo no colo e exigindo uma explicação. Preciso fazer alguma coisa com esse gato.

No rádio, continuam dando notícias do Daguestão. A situação parece estar fugindo do controle. O governo Putin continua com o bloqueio de informações, enquanto envia mais tropas e equipes médicas. Pergunto-me que, diabos, está acontecendo.

5 de janeiro

13h54

Alguma coisa está errada

Esta manhã, vieram instalar os painéis solares que comprei ontem. Dão uma potência nominal de 220 W em condições ideais de luminosidade. Com as duas linhas de vinte e quatro acumuladores que tenho no porão, poderei ter uma autonomia de umas oito horas de corrente elétrica por dia, mais que suficiente para suportar qualquer corte no fornecimento.

Liguei para minha irmã para conversar um pouco. Ela está em Barcelona e neste fim de semana vai para a casa de uma amiga, em Girona. Diz que está tudo bem, e depois de um tempo de papo furado desligamos.

Continuam passando na televisão imagens do Daguestão. Segundo as últimas notícias (as poucas que há, dado o bloqueio de informação), as autoridades russas começaram a evacuar a população. Ao que parece, no assalto às instalações russas os rebeldes chechenos teriam liberado acidentalmente algum tipo de agente químico armazenado ali. Na La Primera, Milá fala de gás Sarin, como aquele dos atentados de Tóquio, enquanto a Telecinco comenta que possivelmente foi peróxido de hidrogênio, que é o combustível utilizado pelos foguetes intercontinentais soviéticos. Na verdade, acho que ninguém sabe direito o que está acontecendo.

9 de janeiro

10h23

Algo anda terrivelmente mal na Rússia. O fim de semana foi um desfile constante de informações, comunicados, desmentidos desses comunicados, bloqueio de informação e violência. A qualquer hora do dia, e em qualquer canal de televisão, falam dos acontecimentos do Daguestão das últimas quarenta e oito horas. Mas estou me antecipando aos fatos.

Na sexta-feira de manhã havia sido decretado o fechamento de todas as fronteiras russas. Nesse mesmo dia, a agência Reuters informou, à tarde, que as instalações assaltadas eram, na realidade, um laboratório de pesquisa biológica e que a substância liberada acidentalmente era algum tipo de agente patogênico. Horas depois, o governo Putin desmentia categoricamente a notícia e falava apenas de uma nuvem tóxica de fertilizantes químicos. Mas, no sábado de manhã, tomamos o café com a notícia de que uma equipe do CDC (Centro de Controle de Doenças) de Atlanta havia sido solicitada pela Rússia para ir até o Daguestão.

Agora, dizem que o que pode ter sido liberado é o vírus da febre do Nilo, um tipo de doença infecciosa e bastante contagiosa. Era endêmica no Egito, mas há alguns anos um mosquito transmissor da doença se infiltrou em um avião e pelo menos desde 1995 têm sido registrados casos isolados na Europa e no sul dos Estados Unidos.

A explicação pareceria lógica, não fosse pelo pequeno detalhe de que não há muitos mosquitos nas montanhas do Cáucaso em pleno mês de janeiro.

Além disso, no domingo, as coisas pareciam ter se descontrolado definitivamente. Apenas cinco horas depois de a equipe de Atlanta chegar, bem quando começava a trabalhar e atender os intoxicados (ou melhor, os infectados), dois membros deles tiveram de ser evacuados para os Estados Unidos, parece que após sofrerem algum tipo de incidente com os pacientes.

No fim da noite algo similar parece ter acontecido com uma equipe da Organização Mundial da Saúde, que teve de ser evacuada em caráter de urgência para Ramstein (Alemanha). Em alguns sites se comenta que poderia haver mortos entre os membros dessa equipe internacional.

Dos russos, pouco se sabe; nem de suas equipes médicas, se é que existem, nem da população civil da região. Algumas imagens de cinegrafistas amadores que conseguiram sair do país, na maioria pela internet, mostram longas caravanas de gente fugindo, ou sendo evacuada, alguns com péssima aparência, e, acima de tudo, muitas, muitas ambulâncias. Também mostram grupos do Exército e da Polícia Alfandegária russa, equipados com material de combate, indo em direção contrária, para o local que já está sendo chamado de Zona Quente.

E hoje de manhã, a punhalada final. O governo russo decretou a lei marcial. Todos os jornalistas estrangeiros devem abandonar o país hoje mesmo, suprimiram a liberdade de reunião e de imprensa e - o mais curioso — decretaram um apagão da internet em todo o país. Nada pode entrar ou sair (em tese) pela rede na Rússia.

Além disso, esta manhã a ministra da Saúde falou na La Primera. Disse que o governo espanhol está preparado para garantir que não haverá contágios da febre do Nilo na Espanha e que não há motivos de alarme. Por outro lado, também ouvi o ministro da Defesa na SER dizendo que mandarão ao Daguestão pessoal sanitário do exército espanhol e uma companhia de sapadores, para colaborar no controle da situação. Garantiu que, evidentemente, não correm nenhum perigo e que blá, blá, blá...

A Europa, o Japão, os Estados Unidos e a Austrália também estão enviando equipes similares.

Alguma coisa está acontecendo na Rússia. Algo grande de verdade.

9 de janeiro

19h58

Novas idéias

Passei a tarde toda testando os painéis solares. A potência que geram é surpreendente, mas não permite ligar muitos eletrodomésticos ao mesmo tempo, pois então o consumo dispara e as baterias acabam em duas horas. Todavia, para um consumo baixo, dois *freezers* e o computador, por exemplo, a autonomia aumenta até quinze horas, mais ou menos. Depois, por um período de umas oito horas não posso usar os acumuladores, porque a tensão é muito baixa, e isso poderia danificar os eletrodomésticos por conta da diferença de voltagem. Segundo o fabricante, em lugares muito ensolarados, eu poderia utilizá-los vinte e quatro horas por dia, mas aqui é a Galícia, e estamos em pleno inverno, de modo que imagino que não posso ter motivos para me queixar. Além do mais, acho que não teria de suportar um corte de luz de mais de duas horas, nem durante os piores temporais de inverno.

Lúculo está um tanto surpreso com o estranho chapéu que nasceu em sua casa (porque não tenho a menor dúvida de que ele a considera SUA casa, e eu, seu bichinho de estimação), mas acho que, apesar de tudo, é um investimento muito inteligente.

Esta manhã, quando voltei do escritório, enquanto preparava minha comida, fiquei ouvindo rádio. O contingente espanhol já decolou do Torrejon de Ardoz rumo a uma cidade do Daguestão chamada Buynaksk, onde instalarão o hospital de campanha. Ao que parece, os russos estão tentando distribuir as equipes sanitárias internacionais em vários locais para evitar estorvos. A região é muito atrasada e os serviços sanitários russos parecem realmente estar à beira do colapso.

Pelo visto, em alguns campos de refugiados instalados nas repúblicas vizinhas estão ocorrendo novos casos de - insistem - uma variante especialmente virulenta da febre do Nilo. Mas há jornais, como *El Mundo*, que falam do Ebola. Se for isso mesmo o que está acontecendo, os russos estão fodidos de verdade. Ninguém parece ter tido a precaução de organizar campos de refugiados, de modo que tanto os saudáveis quanto os infectados foram distribuídos aos quatro ventos no momento em que foram expulsos de casa pelo exército.

O pior é que muitos refugiados abandonaram o país cruzando o Mar Cáspio em pequenos pesqueiros rumo ao Irã, e, com isso, teme-se que a doença chegue ao Oriente Médio. Como se já não tivessem problemas suficientes.

Preciso fazer mais compras e pegar uns antigripais e, de quebra, visitar minha mãe e pedir que me arranje umas receitas para comprar antibióticos. Sou muito obsessivo com resfriados.

9 de janeiro

20h40

Mais notícias

A Reuters informa que três médicos colaboradores da OMS evacuados para Ramstein faleceram. Pelo visto, trata-se de uma febre hemorrágica muito virulenta, que provoca desorientação e desvarios nos afetados, com crises de agressividade, segundo o informe médico divulgado. Parece que a teoria do Ebola está ganhando peso.

10 de janeiro

11h01

Ponto de equilíbrio

Escrevo isto em uma pausa entre duas reuniões. Estou sentado em um banco do parque que fica bem embaixo do escritório onde trabalho. Dado que com a nova lei não se pode fumar nos locais de trabalho (nem mesmo em meu próprio escritório), cada vez que quero dar uma fumada, preciso me exilar aqui, no frio. Felizmente, daqui dá para pegar umas redes wi-fi, de modo que posso descer com o *notebook* e navegar na internet.

As notícias que saem nos diversos sites não podiam ser mais confusas, e quase todas elas são preocupantes. A situação na Rússia parece estar completamente fora de controle apenas duas semanas depois do assalto checheno. A lei marcial parece não ter servido de nada e o caos está se espalhando por todo o país. Como era previsível, o apagão da internet ordenado por Putin foi inútil, pois muitos servidores russos estão situados em outros países, de modo que a informação sobre o que está acontecendo lá continua chegando pela rede (de fato, a ÚNICA informação além dos informes oficiais). Muitos blogueiros russos falam de patrulhas militares nas ruas, toques de recolher e até tiros indiscriminados. Alguns até mencionam casos de antropofagia. Imagino que isso se deva ao fato de, por conta do caos desatado, muitas regiões terem ficado totalmente desabastecidas. Evidentemente, nada disso está confirmado e o governo russo desmente absolutamente tudo, comunicado após comunicado. Segundo o ministro da Defesa russo, as revoltas são obra de extremistas muçulmanos que querem desestabilizar o governo. A verdade é que a credibilidade do governo russo desabou e toda a imprensa internacional o cita com muitas reservas.

A única coisa certa é que as medidas de segurança em volta das centrais nucleares e das bases de mísseis russas foram reforçadas, segundo o secretário da Defesa norte-americano, que cita fontes da Inteligência (CIA) e imagens de seus satélites. Por sua vez, o governo norte-americano ordenou a repatriação de todos os seus cidadãos residentes na Rússia. Ao que parece, há vários mortos e feridos entre eles, já que muitos eram cooperantes de ONGs destacadas no Daguestão. Estão chegando aos Estados Unidos desde hoje cedo, e a CNN+ mostrou a imagem de alguns deles descendo dos aviões em macas, e com uma aparência péssima.

Tropas norte-americanas estão sendo retiradas do Iraque para serem levadas aos Estados Unidos, onde corre o rumor de que poderiam elevar o nível de alerta terrorista para vermelho. Quase todas essas tropas irão por via aérea, com escala na base de Ramstein, na Alemanha.

Notícia do *Última Hora*: há casos da febre do Nilo russa, que é como a chamam agora, no norte do Irã, e parece que também no Kurdis-tão iraquiano. Os fóruns na internet estão pegando fogo e os pregadores do Fim do Mundo estão se deliciando nos blogs. Sinceramente, acredito que não é para tanto; aposto que, no fim, tudo isso vai ser como a gripe aviária.

10 de janeiro

11h43

Ponto de equilíbrio (II)

Como dizia... igual à gripe aviária. Mas, como diz o anúncio, não vai ser, não. O Reino Unido acaba de anunciar que vai suspender a aplicação do Tratado de Schengen de livre circulação pela União Europeia e que vai instalar controles sanitários nas fronteiras. Outros países, como Dinamarca, Suécia e Finlândia (esta faz fronteira com a Rússia), planejam fazer o mesmo. O chefe do governo anunciou uma coletiva de imprensa para hoje ao meio-dia, e imagina-se que vai falar das medidas que a Espanha tomará a respeito.

As rádios estão soltando fumaça, e é surpreendente descobrir tudo o que todo o mundo sabe de medicina. Minha irmã ligou de Barcelona para dizer que a Generalität vai fazer uma vacinação em massa da população. Mas vacinação contra o quê? Acho que ninguém tem a menor ideia de nada e todos tentam dar pitacos... como sempre.

10 de janeiro

22h03

Ponto de equilíbrio (III)

A base de Ramstein foi declarada em quarentena, segundo informação do Google News. Os membros da OMS mandados da Rússia para lá parecem ter contagiado o pessoal sanitário da base militar. Todos os voos militares norte-americanos estão sendo desviados para outros países.

O ministro da Defesa apareceu na tevê dizendo que o governo espanhol autorizou os aviões norte-americanos a sobrevoar o território nacional. Pode ser até que utilizem Rota como base de apoio.

Alguém colocou uma imagem de Ramstein na internet.

Quase não se vê nada, são apenas duas pessoas vestidas com o que parecem ser trajes médicos de isolamento, que conversam na porta de um barracão. Mas há algo inquietante em tudo isso...

11 de janeiro

11h48

Ponto de ruptura

De novo no banco do parque, fumando um cigarrinho. Mas hoje até o mais cego perceberia que o ambiente na rua é outro; é algo muito sutil, mas inegavelmente ocorreu uma mudança.

Ontem, ao meio-dia, o presidente deu a anunciada coletiva de imprensa, com a ministra da Saúde, o ministro do Interior e o ministro da Defesa. A mensagem era basicamente: "Não há motivo de alarme". Mas, curiosamente, o estado de alarme da opinião pública parece aumentar a cada hora que passa.

Algo que contribui para isso, sem sombra de dúvida, são as declarações do líder da oposição solicitando o fechamento imediato de portos e aeroportos e a Cope pedindo que o exército ocupe as fronteiras. E, não em menor medida, o fato de que apenas quarenta e oito horas depois de ter partido, decidiram trazer os soldados de volta do Daguestão.

Não costumo concordar com Losantos, mas não posso deixar de pensar que talvez desta vez ele tenha razão. A situação parece estar fugindo do controle, mas de verdade. Na Rússia, o caos está definitivamente instalado. Pelo visto, há regiões inteiras incomunicáveis e sem controle. Notícias de saques, pilhagens e assassinatos em massa correm como rastilho de pólvora pela rede. A Telecinco passou, ontem à noite, imagens de um satélite francês mostrando gigantescos incêndios em Tbilisi, capital da Geórgia, a apenas trezentos quilômetros da fronteira com o Daguestão. Não há comunicação com essa cidade e não parece haver ninguém combatendo os incêndios. Mas que, diabos, há com eles? Querem virar churrasquinho ou o quê?

A OMS parece ter descartado definitivamente a possibilidade de se tratar do vírus da febre do Nilo e fala de uma cepa de uma doença muito parecida com o Ebola. O Ebola, como não se cansam de repetir em todos os jornais, rádios e canais de tevê, é uma febre hemorrágica que afeta humanos e primatas. O Ebola, descoberto em 1976, tinha até hoje quatro cepas conhecidas: Ebola-Zaire, Ebola-Sudão, Ebola-Tai e Ebola-Reston (esta última só afeta os primatas). Seu contágio se dá mediante o contato com fluidos, principalmente sangue ou saliva, e tem uma taxa de mortandade em torno de 90%. Mas há quem diga que não pode ser o Ebola, ou, pelo menos, nenhuma das cepas conhecidas. Rumores, rumores e nem uma maldita informação concreta.

Acho que, no fundo, ninguém tem a mínima ideia do que está realmente acontecendo e estão dando pauladas de cego. O governo suíço decretou a vacinação em massa de toda a população com Tamiflu, para evitar a gripe aviária. No Reino Unido,

fecharam temporariamente o eurotúnel e os portos, mas acham que já pode haver casos em seu território, contagiados pelos cooperantes que saíram em disparada do Daguestão (parece que muitos chegaram feridos, alguns até por ataques de animais raivosos). Na Alemanha a situação é ainda pior, porque a quarentena de Ramstein parece não ter funcionado, e já declararam a lei marcial... Eu me pergunto quanto tempo nos resta, na Espanha, antes que se adotem medidas similares.

Não sei muito bem o que pode estar acontecendo no resto do mundo, mas em Atlanta já falam de uma pandemia. Nos Estados Unidos há seitas apocalípticas se preparando para a vinda dos marcianos, ou algo assim... Por sua vez, a presidência norte-americana anunciou que vai elevar ao máximo o nível de alerta por ameaça terrorista e que vai criar um gabinete de emergência.

Segundo um especialista do Ministério da Saúde, chegamos ao que se chama "ponto de ruptura" em uma epidemia, e que agora uma pandemia é inevitável, e que deveria chegar à Espanha em questão de dias, se é que já não chegou... O pior é que, tendo tudo acontecido tão rápido (apenas duas semanas desde que tudo começou), ainda não está muito claro como a doença é transmitida, nem qual é o período de incubação, nem sequer quais são os sintomas... pelo menos, a julgar pelo que dizem as autoridades.

E por tudo isso que as pessoas estão angustiadas. Hoje, vi duas pessoas andando pela rua de máscara. Um sujeito começou a tossir ruidosamente em um bar onde eu estava ontem à noite com Pablo e Hector, e lhe pediram educadamente que saísse. Algumas atividades públicas foram suspensas temporariamente, e aqui, na Galícia, a prefeitura está pensando em fechar as creches públicas por umas semanas, até que se saiba bem o que é tudo isso. O governo ainda não decretou nenhuma medida de caráter restritivo, mas as pessoas estão começando a se limitar com medo de um contágio desconhecido. Somos como animais, encolhidos de medo diante de uma ameaça que há uma semana era apenas uma linha nos jornais e agora já não sabemos mais o que é.

Minha irmã me ligou esta manhã de Barcelona. Diz que, por ora, o ritmo da cidade continua igual, mas que também se percebe medo nas ruas. Após correrem rumores de que o ar quente poderia ser o meio ideal para a propagação da doença, as pessoas evitam o metrô, e todos olham com desconfiança para todos os que tenham jeito de ser do Leste. Pelo menos, disse rindo, as pessoas já não falam mais toda hora da maldita crise...

Levei Lúculo ao veterinário. Prefiro me certificar de que está com todas as vacinas em dia, por via das dúvidas. Além disso, aproveitei para passar pela loja de pesca submarina e pegar um regulador novo e um arpão submarino com meia dúzia de virotes de cinquenta centímetros, caso me dê vontade de pescar um pouco neste fim de semana (sem oxigênio, claro).

A propósito, preciso levar o carro para verificar o nível de óleo. É um Astra com menos de um ano, e não quero que aconteça com ele o que aconteceu com o anterior... mas isso é uma história longa demais para escrever aqui e agora.

12 de janeiro

13h19

Os pássaros caem do céu

Definitivamente, as pessoas estão começando a ficar nervosas. Esta manhã, a chuva caía torrencial. Deixei Lúculo bem quentinho, lambendo seus bigodes sentado perto de um aquecedor, e entrei no carro. Felizmente, estava estacionado bem em frente de casa, senão teria me encharcado. Enquanto atravessava a cidade a caminho do trabalho, notei que aumentou enormemente o número de pessoas usando máscaras. Talvez eu devesse arranjar uma também... e, a propósito, será que existem máscaras para gatos?

Nas rádios, a informação não poderia ser mais confusa. Há dezoito horas não há notícias do Daguestão. Nenhuma. Nada de nada. Não sei o que é mais inquietante: más notícias ou a completa ausência delas.

Incêndios como o da Geórgia, que mostraram ontem na tevê, repetem-se agora por várias cidades do sul da Rússia, aparentemente sem que ninguém se preocupe em combatê-los. A versão oficial russa é que são cremações maciças de cadáveres infectados pela epidemia, mas ninguém acredita nisso. Os incêndios são muito grandes (dá para ver do espaço!!) e estão arrasando bairros inteiros de cidades, depósitos de combustível e portos. Não são muitos, apenas uma dúzia, mas chama a atenção o fato de todos terem começado mais ou menos nos mesmos dias.

As imagens da Alemanha são impressionantes. As estradas entraram em colapso por conta de milhares de veículos tentando sair das cidades e se dirigir ao campo, longe das concentrações humanas. Todavia, só uma pequena porcentagem tem para onde ir, a maioria ainda permanece nas cidades. Aparentemente, não há pânico, mas se nota que as pessoas estão preocupadas. A lei marcial está vigente e todos que estiverem circulando depois das vinte horas ou fora das Áreas de Descanso habilitadas nas estradas serão abatidos a tiros, segundo a primeira-ministra alemã... eles não estão para brincadeiras.

Mas deixei o mais interessante para o final. A informação oficial flui a conta-gotas e é muito limitada. Hoje, às nove da manhã foi celebrada em Bruxelas uma reunião de urgência com os presidentes de todos os países da União Européia, juntamente com os ministros de Defesa, Saúde e Interior.

Estiveram reunidos até o meio-dia de hoje e no fim, deram uma entrevista coletiva. E aí soltaram a bomba. A partir desse momento, toda informação oficial passará por um Gabinete de Crise Único e será canalizada para toda a União Européia. Esse gabinete emitirá, a cada hora, um informe oficial a todos os países da União. Os respectivos governos farão apenas as pontuações que julgarem necessárias em

matéria de política interna, saúde e segurança. As Forças Armadas de todos os países da União foram colocadas em estado de alerta. Pelo que dizem, o objetivo é evitar criar um estado de pânico desnecessário na população. O Gabinete afirma que as informações são tão contraditórias e confusas que estão gerando um estado de alarme irreal, cuja consequência é a debandada maciça da população (está se referindo à Alemanha, imagino).

Fiquei bobo ao ouvir a notícia. Esse negócio de Gabinete Único soa perigosamente a censura, não? O pior não é isso: o mais grave é ver a cara dos primeiros-ministros e presidentes. Parecia que vinham de um funeral. Na rádio Onda Cero, um analista político comentava que a coisa deve ser bastante grave, porque, assim que acabou a reunião, saíram todos disparados para o aeroporto para voltar a seus respectivos países. Há um rumor constante sobre a possibilidade de se declarar estado de exceção na Espanha, como em muitos outros países europeus. Por ora, foram suspensas todas as competições esportivas deste fim de semana "por razões de prevenção sanitária".

Nos Estados Unidos mobilizaram a Guarda Nacional. Nestes dias, é alucinante assistir ao canal por satélite. Tropas armadas passeando por Nova York, Chicago, Boston etc. Esse pessoal está maluco. O que vão conseguir com isso? Assustar o vírus? Vão atirar em alguém ou o quê? Acho que estão exagerando, como sempre. Falando em Estados Unidos, pelo visto há doentes em Atlanta, Houston e Los Angeles, mas não dão nem detalhes nem imagens. Ali com certeza há censura de informação. Só se sabe que os "vetores de contágio", como os chamam, chegaram nas últimas horas em voos vindos da Alemanha ou de países do Leste. O fechamento de todos os aeroportos norte-americanos é iminente. As notícias do resto do mundo são mais ou menos as mesmas.

Aqui, as tropas destacadas no Daguestão já chegaram a Zaragoza. Pelo visto, trazem bastante feridos leves, e comenta-se que até pode haver mortos, mas a informação é extremamente limitada. Só se sabe que habilitaram um andar de um hospital civil de Zaragoza para atendê-los.

Liguei para meus pais. Eles dizem que andam pensando em ir para a aldeia natal de meus avós na próxima sexta-feira, para passar o fim de semana. Acho uma ideia muito acertada. Liguei para minha irmã para ver como está. Ela conta que em Barcelona suspenderam temporariamente o transporte público subterrâneo e que só deixam as pessoas entrarem nos ônibus se puserem máscara. Comprei uma passagem de avião para ir vê-la este fim de semana. Espero convencê-la a vir passar umas férias em minha casa.

Sinto que vai acontecer alguma coisa em breve, mas não sei o quê. O medo é mais rápido que a pólvora... e já riscaram o fósforo.

12 de janeiro

19h28

...E os rios se tingirão de sangue

A luz acabou de acabar. E a primeira vez nesta semana. Liguei para a maldita companhia elétrica e me disseram que em duas horas, no máximo, a corrente estará restabelecida.

Está chovendo canivete e a rua está totalmente às escuras, só iluminada ocasionalmente pelos relâmpagos da tempestade. Os muros do quintal estão pingando água, mas Lúculo e eu estamos confortavelmente sentados no sofá da sala vendo tevê, graças aos acumuladores. Não posso deixar muitas luzes acesas, senão as baterias acabam muito rápido, e, francamente, não estou a fim descer ao porão para ligar a segunda linha de acumuladores.

O Gabinete de Crise começou a emitir seus informes às três da tarde, hora espanhola. Pelo visto, o responsável pela epidemia é uma espécie de filovírus mutado, ou vários filovírus ao mesmo tempo, coisa que ainda não está clara (na Antena 3 falavam há pouco do vírus de Marburgo, seja lá o que isso for). Já há casos confirmados na Alemanha, Reino Unido, Itália, França, Holanda, Polônia, Grécia, Turquia... e também na Espanha, desde as sete horas da noite. A ministra da Saúde deu uma entrevista coletiva, com umas olheiras que chegavam até o umbigo, para anunciar que três membros do corpo militar enviado para o Daguestão estavam na UTI de Zaragoza com sintomas dessa doença "seja lá qual for". Transmitiram imagens do hospital: está cercado por equipes antidistúrbios e pela Polícia Militar. Caramba!

O pior é que, pelo visto, os pacientes passam por uma fase traumática aguda e apresentam tendências paranoides e agressivas. Já houve vários casos de ataques à equipe médica e mais de um paciente foi embora do hospital por seus próprios pés. Fico feliz por minha mãe já ser aposentada da área médica.

Pelo visto, a doença é altamente contagiosa, mas o meio de transmissão ainda é desconhecido. Um hospital de Sussex, Inglaterra, foi posto em quarentena depois de dois doentes percorrerem as instalações durante quase uma hora, agredindo todos os que se encontrassem pelos corredores. Isso saiu na internet há duas horas e ainda não apareceu ninguém desmentindo.

Não se sabe absolutamente nada do Daguestão há vinte e quatro horas. É como se não restasse ninguém ali. A última notícia da Rússia é que Putin e seu governo estão refugiados em um *bunker* nuclear da Guerra Fria e que o exército ocupa as ruas das principais cidades.

A Ucrânia decretou estado de sítio, mas há povoados e cidades de sua fronteira dos

quais não se tem nenhum tipo de notícia há horas.

Um blogueiro russo que mora em Moscou, e que é natural de um pequeno povoado da Ossétia do Norte, diz em www.russiskaya.ru que após ligar para seus pais durante horas, inutilmente, começou a ligar para todos os vizinhos que constavam da lista telefônica. Ninguém atende. É como se não morasse ninguém em um povoado de cinco mil habitantes. Há pouco, alguém fechou esse site. A censura russa continua implacável.

Que, diabos, está acontecendo? O que vai acontecer? Por que não dizem nada?

13 de janeiro

11h10

15º registro

Esta manhã, ao sair do banho, dei dois espirros fenomenais. Normalmente, eu não daria a menor importância a isso, mas, com a psicose que está se espalhando por toda a Espanha, não posso evitar que meu lado hipocondríaco trema de terror. Será que a epidemia chegou à Galícia? Será que eu me contagiei e esse é o primeiro sintoma, ou é só um resfriado comum?

Enquanto tomava o café da manhã, fiquei vendo os noticiários. Há dias que vivo permanentemente grudado na tevê, no rádio ou na internet (como três quartos dos habitantes da Europa, suponho). Imagino que vivemos todos com a esperança de que as notícias digam que a epidemia está em remissão, que tudo não passou de um gigantesco susto; mas a realidade é macabramente cabeça-dura.

Nada do Daguestão há quarenta e oito horas, já. Por mais impossível que pareça, há dias não se ouve nem uma única notícia dali, oficial ou extraoficial. E como se os vários milhões de habitantes dessa república houvessem evaporado... ou estivessem mortos. A zona sul do Cáucaso (Geórgia, Chechênia, Ossétia, Azerbaijão, Armênia etc.) está silenciosa como uma tumba. Como se não restasse ninguém nessa região. Suas emissoras de tevê e rádio não transmitem há horas, e as (poucas) páginas da internet não são atualizadas há dois dias. Os refugiados que abandonam esses países a caminho da Rússia, Irã e Turquia estão sendo internados em grandes "Zonas Seguras", conforme as define a imprensa internacional, custodiados pelo exército, onde são mais prisioneiros que refugiados. A censura nesses países é férrea.

Na Europa, as coisas estão se complicando. Na Itália, a cidade de Cremona foi isolada pelo exército italiano e grupos especiais dos Carabinieri. Ninguém pode entrar ou sair, exceto médicos escoltados. Declararam quarentena em toda a cidade e qualquer um que consiga chegar até lá é obrigado a dar meia-volta. Na França, decretaram estado de exceção. Foram instalados controles de estrada nos principais nós de comunicação e é preciso ter licenças especiais para circular de uma província a outra. Na Inglaterra, a situação é mais dramática. O Parlamento decretou o *Isolation Act*, que determina o fechamento das fronteiras até segunda ordem. Ninguém pode entrar ou sair da Grã-Bretanha, pelo menos legalmente. Tenho amigos que moram em Londres, e ali deve haver um monte de jovens espanhóis, estudantes etc. O que vai ser deles? A epidemia parece estar fora de controle no País de Gales e zonas do sul de Essex, segundo o portal do *Herald Tribune*, que fala de distúrbios e saques.

Na Alemanha, a situação em alguns *Länder* é confusa. Na zona norte e na fronteira

com a Polônia militarizaram a saúde, os transportes, as comunicações e o controle e gestão das centrais nucleares. No Japão, houve vários suicídios coletivos e as denúncias de assassinatos e desaparecimentos estão atingindo cifras recordes no país. É como se a sociedade deles estivesse desmoronando.

Nos Estados Unidos, a situação é diferente, segundo se ouçam as intervenções de seu secretário de Estado, a CNN ou a Fox News via satélite. É um país enorme, onde há regiões que parecem levar uma vida normal e outras onde a loucura parece desatada. O governo garante que tem tudo sob controle, mas ver a Quinta Avenida de Nova York cortada por caminhões militares não me parece "estar tudo sob controle". A CNN também informa de distúrbios, assassinatos, e de uma onda de sequestros e desaparecimentos por todo o país... É como se uma revolução estivesse sendo incubada, ou algo assim.

Justamente por isso, esta manhã as tropas norte-americanas do Iraque começaram a recuar. Não apenas algumas centenas de soldados ou umas tantas unidades. Não. Todas.

Absolutamente todas. Até o último soldado.

Aquilo que há algumas semanas teria gerado rios de tinta na imprensa agora não merece mais que uma breve matéria nas páginas internas dos jornais. As coisas mudaram muito nas duas últimas semanas.

Aqui, na Espanha, fora de Zaragoza, agora em quarentena, as mudanças são pequenas, sutis, mas claramente perceptíveis. As igrejas estão lotadas. Nos supermercados, já começam a faltar certos produtos, principalmente os de importação e os perecíveis. As montadoras de veículos paralisaram suas linhas de produção por causa do desabastecimento das peças que vêm do exterior. Hoje pela manhã, quando saí, vi meus vizinhos da frente, os aposentados do Pathfinder, carregando o carro. Comentaram que vão passar uns dias em um pequeno povoado do interior de Orense, "até que as coisas se acalmem um pouco".

Deixei Lúculo preso dentro de casa para que não deixe prenhe metade da população de gatas da área e depois fui de carro para o escritório. As ruas estão estranhamente desertas e as pessoas andam depressa, sem parar para conversar, com um ar furtivo. A imensa maioria usa uma máscara cirúrgica. Quando cheguei ao escritório, nossa secretária me deu uma. Ordens do chefe, disse. De modo que aqui estou, sentado em minha sala e atendendo a meus clientes com uma máscara de papel, como se fosse um cirurgião. Sinto-me um imbecil com ela.

Caramba, o que está acontecendo?

13 de janeiro

19h34

16º registro

Escrevo isto na sala de espera para fumantes do aeroporto de Santiago de Compostela. Dentro de meia hora meu vôo para Barcelona sai, e espero trazer minha irmã comigo de lá. A situação, infelizmente, continua se deteriorando. Foram registrados novos casos da epidemia em Toledo e Madri. Por coincidência, a unidade do exército que acaba de voltar do Daguestão tem base em Toledo, e em Madri estão (ou estavam) internados os feridos de maior gravidade da unidade, no Hospital Doze de Outubro. A relação parece clara. Não é preciso ser um gênio para perceber onde estão os "vetores de infecção" da epidemia, como dizem na tevê.

Em Zaragoza, o governo decretou toque de recolher na cidade, entre às oito da noite e às oito da manhã. Hoje ao meio-dia vi no canal Cuatro que os caminhões das brigadas de limpeza, juntamente com os bombeiros e caminhões-tanque do exército, estavam lavando as ruas de Zaragoza com umas substâncias desinfetantes chamadas Gludex e Jabogerm. Dizem que a cidade inteira está cheirando a hospital.

O Hospital Miguel Servet, em plena cidade, está completamente isolado. Segundo a Europa Press, há duas horas entraram grupos de GEOs (Grupo Especial de Operações) fortemente armados nas instalações. Os tiros foram perfeitamente audíveis em grande parte da cidade. Não se sabe se há mortos ou feridos, dado que o Gabinete de Crise não abre o bico; só faz recomendar o uso de máscaras cirúrgicas para toda a população. Na internet, há (ou melhor, havia) um blog:

[HTTP://historiasdeuna-enfermera.blogalia.com](http://historiasdeuna-enfermera.blogalia.com)

É de uma enfermeira que trabalha no Servet e contava que havia pacientes transtornados andando pelos corredores e até afirmava que uns guardas de segurança e uns médicos haviam sido atacados no necrotério. O número de visitas foi tão brutal que deu pane em poucas horas, e agora a mensagem é "*La bitácora que busca no existe*". Os amantes da conspiração falam de censura. Acho que esse blog não é real. Com certeza é um truque para assustar as pessoas. Pelo menos, quero acreditar nisso. Mas a vontade das pessoas de saber é enorme, e os rumores correm sem parar. Há quem afirme que são radiações nucleares, outros que é a Peste Negra, outros que é uma nuvem tóxica gigante proveniente de uma refinaria russa, e não falta quem afirme que é uma manobra da OPEP para elevar o preço do petróleo.

Seja o que for, o medo está prestes a dar lugar ao pânico. É aterrador ver o aeroporto cheio de patrulhas da Guarda Civil armados com mini-metralhadoras, de luvas e máscaras. Vi que um sujeito começou a tossir de maneira escandalosa e foi levado rapidamente por quatro gentis, mas firmes, agentes para uma ambulância.

Seus protestos não lhe valeram de nada. Depois disso, não pude evitar pensar de novo que ando espirrando muito, resfriado, e, desde então, só o que faço é me conter.

Liguei para minha irmã agora há pouco. Ela vem me buscar no aeroporto, já que suspenderam a linha de metrô e deslocaram os transportes de superfície para o centro da cidade, para servirem de reforço. Segundo ela, pegar um táxi nesses dias é uma proeza.

Deixei Lúculo com Alfredo, o rapaz da construtora que mora ao lado. Lúculo olhou para mim com uma expressão ultrajada por tê-lo deixado em uma casa estranha, mas espero que não fique muito mal. É só por um fim de semana.

Estão dando a última chamada do meu vôo. Espero que tudo corra bem.

15 de janeiro

18h03

17º registro: ponto de ebulição

As últimas quarenta e oito horas foram uma odisséia. Não entendo como as coisas chegaram a este ponto. Não sou nenhum covarde, mas tenho medo. Muito medo. Tenho a sensação de que o planeta inteiro está prestes a descarrilar e que não há ninguém capaz de encontrar a alavanca do freio. Estou aturdido, confuso, cansado e neste momento estou me perguntando que, diabos, vamos fazer. Mas, uma vez mais, estou me antecipando aos acontecimentos.

O vôo da sexta-feira para Barcelona foi tranquilo, sem sobressaltos. Um voo rotineiro, deixando de lado as comissárias de bordo com luvas cirúrgicas distribuindo máscaras para todos os passageiros. O avião estava meio vazio, algo quase impensável em véspera de fim de semana. O que eu não podia saber era que, durante os poucos quarenta e cinco minutos do trajeto, estavam acontecendo na Espanha verdadeiros terremotos sociais. Quando aterrissamos no Prat, fomos retidos no avião durante quase uma hora e meia. Alguém decidiu desligar o ar-condicionado e a temperatura dentro do aparelho ficou sufocante. Os poucos passageiros que havia a bordo começaram a ficar nervosos e a murmurar. O fato de usar uma máscara de papel na boca não ajudava a acalmar os ânimos.

Finalmente nos deixaram descer, mas não por uma rampa de embarque, e sim no pé da pista, onde um micro-ônibus elétrico nos pegou e nos levou a uma sala do terminal. Ali, informaram-nos que, enquanto estávamos no ar, o governo decretou estado de exceção. Todos os voos nacionais e internacionais seriam cancelados dentro de vinte e quatro horas e só quem já houvesse comprado a passagem poderia embarcar de volta para casa. Assim, pois, meu planejado fim de semana em Barcelona foi forçosamente reduzido a vinte e quatro horas, e, o que é pior, não sei se poderei conseguir uma passagem de avião para minha irmã.

O terminal de Barcelona é um oceano de gente, mas, por enquanto, as coisas estão calmas. A presença de segurança é mais evidente aqui, e pela primeira vez na vida vi tropas militares patrulhando uma instalação civil usando uniforme completo de combate. É impressionante.

Minha irmã e seu namorado estavam me esperando na porta do Terminal BI. Fiquei muito feliz de vê-los. Ela é cinco anos mais nova que eu (tem 25) e, como eu, decidiu ser advogada. Mora em Barcelona há dois anos e já está completamente adaptada à cidade. Quando minha mulher morreu em um acidente de trânsito há dois anos, ela foi meu apoio. Também foi ela quem, poucos meses depois, me deu uma pequena bola de pêlo cor de laranja chamada Lúculo, que me permitiu sair do

buraco onde estava afundando. Historias passadas...

Enquanto íamos de carro para Barcelona, ela foi me pondo a par de tudo. O rei apareceu na tevê de uniforme militar, como no 23-F, para ler um comunicado. As tropas militares da Espanha foram postas em estado de alerta máximo, e no prazo de vinte e quatro horas todas as fronteiras, portos e aeroportos serão fechados. As cercas de Ceuta e Melilla foram eletrificadas. Houve surtos da epidemia em Cartagena, Cádiz e Ferrol.

Isso fica a menos de cento e cinquenta quilômetros da minha casa. Pergunto-me como o surto pôde chegar até ali. O mais curioso é o hermetismo oficial em torno à doença. Não se conhecem os sintomas, nem o período de incubação, nem a taxa de mortalidade... não se sabe nada, absolutamente. Só que é muito contagiosa, muito letal e que está avançando.

Os surtos de Zaragoza, Toledo e Madri continuam fora de controle, e em Zaragoza começaram a evacuar todos os habitantes que moram em um raio de menos de um quilômetro em volta do Hospital Miguel Servet.

Ao chegar à casa de minha irmã, em Gracia, tomei um banho. Enquanto isso, liguei o rádio para ouvir as notícias (parece que nestes dias ninguém pode viver longe de um rádio ou de uma tevê). A OMS vai dar uma entrevista coletiva sobre a doença na segunda-feira. Em Barcelona, a polícia autônoma fez algumas prisões preventivas de estrangeiros suspeitos. A Generalitat ordenou exames de sangue generalizados, mas teve de suspender a ordem poucas horas depois. Os laboratórios clínicos não dão conta do trabalho.

Roger, o namorado de minha irmã, contou que outro dia, quando estava em um ponto de ônibus, viu uma briga entre um imigrante muito alterado e um bando de skinheads. Quando a polícia chegou, enfiou todo mundo nas viaturas e os levou. Deus sabe aonde. Ele, felizmente, conseguiu se mandar.

Íamos jantar na casa de um amigo, que morava no primeiro andar, mas a situação não parece a melhor do mundo e preferimos ficar em casa, jantando em frente à tevê. Por sua vez, Roger e minha irmã deixaram bem claro que não vão comigo para a Galícia. Os pais de Roger têm uma fazenda na província de Tarragona e pretendem ir para lá no fim de semana que vem "até que tudo isso acabe". Pediram uns dias no trabalho, mas tenho a sensação de que isso, daqui a pouco, será o de menos.

Convidaram-me a ir com eles, e minha irmã, como quem não quer nada, informou que certa amiga dela adoraria me ver por ali. A oferta é tentadora, mas deixei Lúculo sozinho, tenho de trabalhar na segunda-feira e, além do mais, tenho a sensação de que, se ficar, não poderei voltar para a Galícia tão cedo.

Bem na hora em que estávamos falando interromperam a transmissão. Matias Prats apareceu muito sério, informando que havia quinze minutos foi registrada uma explosão termonuclear em Shangai. Não foi um acidente nem um atentado, foi o

próprio governo chinês que apagou a cidade do mapa. Ficamos chocados. Isso é jeito de enfrentar uma doença? A cidade inteira? Santo Deus, isso devem ser milhões de pessoas.

Na Alemanha, decidiram paralisar todas as centrais nucleares. Não se pode garantir a manutenção das centrais, porque, simplesmente, os empregados não estão indo trabalhar. Estados Unidos, França, Itália, Inglaterra e, ao que parece, também Espanha estão adotando medidas similares.

Faz horas que não se sabe nada da Rússia. As televisões russas foram fechadas pelo exército e parece que finalmente conseguiram fechar a fonte da internet de alguma maneira, pois muitos blogueiros, muito ativos até hoje, não dão sinal de vida. Segundo a Reuters, há grandes áreas do país às escuras, sem fornecimento elétrico. Pode ser essa a razão. Espero que tenham tido a precaução de desligar as usinas nucleares. Só o que falta agora é outro Chernobil.

As notícias da praga parecem se repetir por todos os cantos do planeta. A epidemia já é global.

Nos Estados Unidos, há notícias de saques, assaltos, raptos e assassinatos em massa. Da Europa não se sabe quase nada, porque o Gabinete de Crise não entrega o ouro. Há apenas muitos rumores na internet, cada um mais infundado e absurdo que o anterior. Muitos testemunhos concordam no mesmo: os afetados parecem mergulhar em um estado de confusão profundo, com uma agressividade enorme. Do mundo inteiro chegam notícias de ataques de doentes a outras pessoas. E como se fosse uma variação da raiva, ou algo assim. Por enquanto, não acredito em nada.

À noite em Barcelona foi muito longa. O som das ambulâncias, dos caminhões do exército e da polícia percorrendo as ruas não nos permitia dormir. Da janela eu podia contemplar uma parte da cidade. As ruas estão desertas, sem pedestres, sem trânsito. Só a ocasional passagem de um carro-patrulha, com uma lanterna iluminando as casas, quebrava a solidão. Imagino que de dia deve ser diferente, quando o toque de recolher acaba, mas, enquanto isso, é impressionante.

15 de janeiro

19h11

18º registro

Cheguei em casa. Estou completamente esgotado. A viagem de volta foi atroz, incrível. Lúculo está comigo. Vou dormir. Hoje vi matarem um homem no aeroporto, e não tenho vontade de escrever.

16 de janeiro

19h19

19º registro

Ontem não foi um dia fácil. Hoje também não. Quando cheguei em casa, já tarde, estava em um estado emocional bastante abalado. Tudo começou no aeroporto do Prat, no domingo à tarde. A tensa tranquilidade que eu havia visto no sábado se transformou em histeria. Quando cheguei de táxi ao aeroporto, estava um caos. Enormes filas de gente, gritos, empurrões, crianças esgotadas dormindo em cima de montes de malas enquanto seus pais tentavam arranjar uma passagem para qualquer lugar.

Meu voo sairia uma hora depois de eu ter chegado ao aeroporto. Era um dos últimos vôos que sairia de Barcelona. Nessa mesma noite, por conta do estado de exceção, o Prat ia ser fechado, e todo mundo que queria sair de Barcelona de avião estava no aeroporto. O problema era que as autoridades não permitiam vender nenhuma passagem para quem não provasse que estava indo ao local de sua residência habitual. E, ainda assim, não havia passagens suficientes para todos, isso era mais que evidente. Por isso, a multidão estava nervosa e os empurrões, gritos e confusão eram constantes.

Cheguei como pude ao balcão de embarque, abrindo caminho por entre um monte de gente histérica que se amontoava em frente aos guichês. Só quando cheguei ao balcão, perdendo meu casaco pelo caminho, percebi que as gentis atendentes de sempre haviam sido substituídas por soldados. E posso jurar que não sorriam de jeito nenhum.

Após apresentar minha identidade e minha passagem, comprada quatro dias antes, disseram-me que era melhor, "para minha segurança", que me dirigisse ao portão de embarque. Foi quando notei que dois dos soldados que tanto haviam me impressionado quando chegara a Barcelona estavam parados ao meu lado. Por um segundo pensei que iam me prender, ou algo assim.

Então, notei que as pessoas que estavam perto de mim me olhavam. Observavam-me como lobos. Eu tinha algo que eles não tinham: uma passagem de avião. E alguns deles, depois de horas e horas de tensão e de luta para sair daquele maldito aeroporto, talvez estivessem desesperados o bastante para tentar tirá-la de mim. Aqueles armários uniformizados que estavam do meu lado foram abrindo caminho entre a multidão, em direção ao portão de embarque, enquanto eu sentia dúzias de olhos cravados em mim. Eu olhava para o chão, incapaz erguer os olhos.

Onde normalmente deveria estar o arco detector de metais havia uma linha de agentes antidistúrbios da Polícia Nacional, com os capacetes de kevlar e seus

escudos. Atrás deles havia outra linha, dessa vez de guardas civis, armados com minimetralhadoras e usando gorros. A imagem era horrível. Uma multidão se aglomerava em frente à fileira, empurrando para chegar à sala de embarque. O aperto era incrível. Quando chegamos, dois policiais se afastaram para me permitir passar. Após cruzar a entrada, conduziram-me a uma pequena sala onde imagino que normalmente fazem as revistas. Ali, um oficial médico do exército me pediu a documentação e me examinou enquanto duas ajudantes reviravam minha bagagem de mão. Mesmo sendo advogado, não me atrevi a reclamar. Acho que teria sido inútil, e, dada a situação, não achei que seria muito inteligente.

O médico me fez um monte de perguntas. Teve febre, tontura, esteve fora da Espanha no último mês, visitou Zaragoza, Madri, Toledo, foi mordido por algum animal ultimamente, sofreu algum tipo de ataque... Quando fez essa última pergunta, quase respondi que estavam me atacando nesse exato momento, mas uma breve espiada em sua expressão me convenceu de que era melhor manter a boca fechada.

Quando saí da salinha foi que tudo aconteceu. Na primeira fila, tentando atravessar para o portão de embarque, havia um sujeito de uns quarenta anos, de cabelo cacheado cinza, barba por fazer, usando um terno amassado, com pinta de executivo. Estava extremamente excitado, nervoso e muito vermelho. Suspeito que ao longo desse dia devia ter cheirado mais de uma carreira de cocaína, e nesse momento estava a milhão.

Um súbito movimento da multidão para a frente provocou um momento de pânico. As pessoas das filas da frente caíram no chão e foram pisoteadas pelas de trás, e a fileira de agentes anti-distúrbios se quebrou por um instante. Então, o fulano passou por um vão e saiu correndo para o portão de embarque. Os guardas civis da segunda linha tentaram detê-lo, mas não o alcançaram. Alguém gritou "Alto". O sujeito corria pelo corredor rumo ao avião, rumo à salvação. Subitamente, ouviu-se uma rajada de metralhadora. Brotaram umas flores vermelhas nas costas do terno do homem e ele desabou no chão, no corredor. Nesse momento, a histeria explodiu. Berros, choro, gritos, tiros para o ar, a situação estava fora de controle. Um dos militares me pegou pela gola da jaqueta e me arrastou para o avião, enquanto seus companheiros tentavam formar um cordão atrás de nós, retrocedendo sem se deter com a pressão da multidão.

Quando passei ao lado do cadáver, não pude deixar de reparar em sua expressão. Estava morto. Morto. Tenho certeza. De repente, o militar que estava à meu lado parou. Imperturbável, desembainhou uma pistola do cinto e deu um tiro na cabeça do corpo já inerte no chão. Fiquei absolutamente aterrorizado. Por que ele fez isso?

Com um empurrão, levaram-me para a porta do avião, do outro lado da passarela. Um comissário de bordo muito nervoso me instaram a entrar o mais depressa possível. O avião estava lotado, eu poderia jurar que havia até gente em pé na

cabine de tão sobrecarregado. Todo mundo estava muito nervoso e a situação só começou a relaxar quando a porta se fechou e o aparelho começou a rodar pela pista. Enquanto entrávamos na pista de aproximação, o sujeito que estava ao meu lado sussurrou que depois desse vôo haveria só mais três. Depois disso, o Prat fecharia até Deus sabe quando.

Passei o vôo todo em silêncio, pensando no que acabava de ver. Ao recordar a cena, tive de me levantar correndo e ir para o banheiro. A ânsia de vômito era incontrollável. Caramba, o cara havia estourado a cabeça dele bem na minha frente! Ninguém distribuiu máscaras no voo. Parece que já não são consideradas necessárias. Não sei se isso é bom ou ruim.

Ao chegar a Santiago tornei a ver a cena de Barcelona, mas em escala muito menor. No estacionamento, um sujeito me ofereceu seu carro em troca de uma passagem de avião para Zurique em um vôo que decolava em uma hora. Parece que a escala de valores está mudando.

Dirigi até minha casa em silêncio, ouvindo rádio. A situação é caótica. Novas explosões nucleares na China. Parece que querem acabar com a epidemia explodindo tudo. Ou acabar com os portadores, quem sabe. Os Estados Unidos estão em Defcon 1, seja lá o que isso for. Distúrbios em Madri, Valência, Barcelona, Sevilla, Bilbao... a coisa parece fora de controle. Na rádio SER comentam que podem declarar a lei marcial em questão de horas. Da Rússia, nem uma notícia. Da Alemanha, uma gravação de três horas atrás com Angela Merckel dizendo que "Dresde está perdida". Ordens de evacuação de Paris, Reims e Marsella. Na Itália, um bairro de Nápoles está sendo tomado a sangue e fogo pelos Carabinieri. O mundo está se despedaçando e eu ainda não sei por quê.

Peguei Lúculo e fui para casa. Hoje de manhã liguei para o trabalho e disse que estava doente. Não importa, dizem, os Tribunais foram temporariamente fechados; só funcionam os de plantão, e só para julgar saqueadores e quem violar o toque de recolher. Passei quase toda a segunda-feira dormindo. Quando me levantei, fiz um café e sentei para ver tevê e escrever isto, com Lúculo ronronando em meu colo.

Não sei o que está acontecendo.

17 de janeiro

18h42

20º registro: às portas do inferno

Pronto. Oficialmente, estamos fodidos. Às 15 horas de hoje o rei apareceu na tevê de novo anunciando que estava decretada a lei marcial em todo o território espanhol. Confirma-se o toque de recolher das oito da noite às oito da manhã, com a diferença de que, agora, quem for pego na rua entre essas horas corre o risco de levar um tiro. Direto assim. Ficam proibidos os deslocamentos por estrada entre comunidades autônomas, e o exército instalará controles nas principais vias.

Quinze cidades foram declaradas zonas de risco e não é permitido entrar ou sair delas. Há uma lista de todas as cidades em que houve surtos da epidemia e mais nove. Madri e Barcelona estão entre elas. Tomara que minha irmã tenha antecipado seus planos e já tenha saído da cidade. Caramba!

Por ora, Pontevedra está salva da fogueira, mas não sei por quanto tempo. Ferrol e La Coruna, a menos de cento e sessenta quilômetros, são "zonas de risco", e em tese estão isoladas. Mas um amigo que mora em La Coruna acaba de me ligar a caminho da casa de seus pais, em Vigo. Diz que conseguiu sair da cidade por estradas secundárias e trilhas florestais. É materialmente impossível isolar uma cidade de tamanho médio, que dizer de uma grande urbe. Seja o que for essa praga, acabará chegando aqui. Eu deveria fazer alguma coisa, mas não me ocorre nada.

Peguei o carro e fui para o centro. As ruas apresentam um aspecto semivazio; parece uma cidade sitiada. Chove sem parar há horas e nas calçadas se respira um ambiente de nervosismo. Está muito frio. Durante o trajeto, cruzei com vários carros-patrolha da polícia e dois transportes da Brilat. Os quartéis da Brigada Leve Aerotransportável (Brilat) estão situados a apenas três quilômetros de Pontevedra. Estão ali há anos, mas eu nunca havia visto tropas estacionadas no centro da cidade até hoje.

Parei em um posto de combustível para encher o tanque do carro. Enquanto abasteciam o Astra, entrei na loja para comprar cigarro, alguns jornais e revistas e um galão de óleo. (Tinha de ter verificado o nível do carro há uma semana, caramba!) Enquanto pagava tudo, o atendente comentou que alguns postos de combustível estavam com problemas de fornecimento, principalmente os mais isolados. Com os portos fechados, as refinarias pararam a produção e o governo militarizou as reservas existentes. Maravilha.

Depois fui até o Centro Comercial para fazer uma boa compra. Algo me diz que lotar a despensa pode ser uma excelente ideia, em vista de como as coisas estão ficando. Tive uma surpresa ao ver que o supermercado estava abarrotado. Muitas

peessoas tiveram a mesma ideia que eu. Em uma das lojas de artigos eletrônicos e utilidades domésticas do lado de fora do supermercado comprei um rádio UHF com dial de varredura. Faz tempo que estava de olho nele. Eu havia pensado em usado para ouvir o canal da Guarda Costeira quando saísse com a Zodiac para mergulhar nos restos do *Florita* (casco de um navio naufragado há anos na enseada. Seu estado é muito perigoso e é proibido descer até ali; se nos pegam ali, aplicam uma multa pesada e podem nos tirar a licença, mas vale a pena). Agora, pretendo lhe dar um uso bem diferente.

Chegando em casa, escovei Lúculo e dei-lhe um jantar suculento. Depois, testei o rádio. Em pouco tempo localizei a frequência da Polícia Nacional e da Polícia Municipal. Perfeito. Talvez agora eu consiga informação de primeira mão. Também captei alguns radioamadores, mas não prestei muita atenção neles, pois fiquei gelado em frente à tevê.

São imagens dos Estados Unidos feitas de um helicóptero. É um engarrafamento em uma estrada. De repente, umas duas dezenas de pessoas cambaleantes surgiram andando por uma lateral da via e começaram a atacar os motoristas presos em seus veículos. A cena é horrível. Dura menos de um minuto, mas me deixou tremendo. Posso jurar que os vi morder os motoristas. É impossível. Que, diabos, está acontecendo com essas pessoas?

Acho que alguém abriu a porta do inferno, e já se começa a sentir o calor.

19 de janeiro

11h08

21º registro: a estupidez do gênero humano

Não sou católico praticante, mas os acontecimentos das últimas vinte e quatro horas parecem um castigo divino por algum gigantesco pecado coletivo da raça humana. Ou um enorme monumento à sua estupidez, dependendo do ponto de vista.

O dia de ontem foi longo. Pela manhã, tomei café com a notícia de que os distúrbios se generalizaram em nível global. Parece haver um padrão. Primeiro, o governo afirma que não há motivo para preocupação. A seguir, decreta-se quarentena em algumas áreas. Ato contínuo, desata-se o pânico e explodem distúrbios e saques. Depois, normalmente, declara-se a lei marcial. Depois disso, mais distúrbios, mas parecem ser de outro tipo, estranhos, com muita censura e muito pouca informação, mais localizados e, pelo que parece, sem saques. E, finalmente, o silêncio.

Essa é a regra, mas também há exceções. Por exemplo, no Chile, na manhã de ontem, um general, um tal de Cheyre, deu um golpe de Estado aproveitando a lei marcial. Umas horas depois, uns ônibus cheios de refugiados procedentes da Bolívia foram metralhados na fronteira quando tentavam evitar um controle. Em represália, o governo boliviano começou a bombardear a fronteira chilena até que a aviação desse país reduziu os canhões bolivianos a sucata. Isso é coisa de maluco. Estamos à beira do abismo e ninguém tem uma idéia melhor que começar uma guerra. A propósito, muito próprio do gênero humano.

A notícia do dia: a chegada da Comissão de Acompanhamento da OMS, ontem à tarde. Foi transmitida para o mundo todo. Dizem que desde a chegada do homem à Lua nunca se viu nada assim (e pode ser que nunca se torne a ver). Todas as redes do planeta transmitindo a mesma imagem... assombroso.

Uma comissão de virologistas apareceu diante das câmeras. Sérios, com um ar circunspecto, declararam que estamos diante de uma espécie mutada de um filovírus, transmitido pelo sangue e pelos fluidos (sêmen, saliva etc.). Ainda não sabem se é transmitido por via aérea. Seus principais sintomas são febre, desorientação, palidez e, mais tarde, delírio e agressividade extrema. Avisam que quem vir alguém com esses sintomas deve avisar as forças de segurança e não tentar estabelecer contato com o afetado de jeito nenhum, mesmo em se tratando de um parente ou um amigo.

Isso é tudo. Mas o que eles estão pensando? Só isso? Que negócio é esse de avisar as "forças de segurança"? Não seria melhor avisar uma ambulância? Porque, afinal de contas, trata-se de doentes... não é? Vão curá-los a tiros ou o quê? E por que essa sensação de que estão escondendo alguma coisa? Acho que não disseram tudo.

A internet é um fervedouro de rumores, um mais absurdo que o outro. Invasão alienígena, trematódeos parasitas, mutantes, mortos-vivos, lavagens cerebrais coletivas... há para todos os gostos. Mas precisamos ser racionais, caramba! É uma doença: ou você a contrai ou não, e, se a contrair, ferrou. Bum. Acabou. Ainda assim, tenho certeza de que deve haver algo mais, algo realmente horrível, porque, senão, para que essa censura sem precedentes? É absurdo!

Estou muito preocupado com minha irmã; não consigo falar com ela desde sábado. As redes de telefonia móvel estão saturadas e em alguns pontos começam a falhar. Depois do desaparecimento de várias brigadas de manutenção por todo o país, os técnicos se negam a se deslocar sem escolta para fazer reparos. As empresas privadas de segurança estão sobrecarregadas, e a polícia, o exército e a Guarda Civil têm de se multiplicar pela Espanha inteira em patrulhas, quarentenas, controles etc. Ainda assim, as notícias de assassinatos e desaparecimentos se multiplicam. De fato, já não são mais notícia.

Nos Estados Unidos, o presidente apareceu na televisão. Está em um refúgio presidencial. Isso é mau sinal. Dirigiu um discurso a todo o país, pedindo que os cidadãos obedeçam às ordens do exército e instando a população a ir ao que chamam de *safe zones*. Zonas seguras. Seguras contra o quê? Não entendo nada.

Em Jerusalém, o papa, o rabino-mor e os principais muftis muçulmanos realizaram um ato ecumênico. Em qualquer outro momento teria sido comovente, mas não permitiram o acesso de fiéis "por segurança", e a imagem dos religiosos na Esplanada das Mesquitas, cercados por um cordão defensivo de tropas de assalto israelenses, não é exatamente tranquilizadora.

O presidente espanhol apareceu na televisão de novo com o rei. Anunciou a criação de cinquenta e dois Corpos de Segurança, um por província. Integrarão a Polícia Nacional, a Guarda Civil, todas as polícias locais e a polícia autônoma, onde houver uma. Serão dirigidas por generais do Exército de Terra e terão plena autoridade militar em toda a demarcação. O exército os dotará de material, se necessário.

Hoje pela manhã tentei ver meus pais. Levei Lúculo comigo, porque não sabia quanto tempo demoraria para voltar. Deixei-o no banco do passageiro - é o banco DELE (cada vez que alguém senta ali, invariavelmente desce do carro com a roupa cheia de pelo de gato), pois ele não suporta andar naquela gaiolinha de transporte. Dois quilômetros depois dei de cara com um *check-point* do exército e tive de voltar. Peguei uma estrada secundária, extremamente estreita, que corre pela parte de trás de um bairro da periferia que vai dar na estrada geral, vários quilômetros adiante. Quando achei que estava livre, dei de cara com outro controle, esse da Polícia Local. Caramba! Esses conhecem melhor que ninguém as estradas secundárias. Tentei convencê-los a me deixar passar, mas não adiantou. Estão muito

nervosos, diria até que assustados. Normal. Seu trabalho habitual é deter ladrões, regular o trânsito e guinchar carros mal estacionados. Agora, estão à frente de controles, equipados com material do exército, armados com fuzis de assalto HK, e com ordens de atirar em quem desobedecer.

Agora estou em casa. Servi um uísque para mim, embora seja de manhã. Ligo de novo a tevê, sem volume, enquanto ouço as transmissões da polícia pelo rádio UHF. Não sei mais o que pensar.

19 de janeiro

18h58

22º registro

Há um helicóptero sobrevoando a área a tarde toda. Além disso, da janela do andar de cima vi dois carros-patrulha passarem pela rua principal. Parecem estar procurando alguma coisa ou alguém. Estão fortemente armados. Um deles até entrou nas duas curtas ruas do nosso condomínio, a Um e a Dois, para dar uma olhada. Passaram a lanterna por todas as fachadas e deram um susto enorme em uma vizinha da casa da esquina, que estava do lado de fora nesse momento.

Fui até a casa do meu vizinho, o médico, para perguntar se estava tudo bem. A mulher dele abriu, com uma expressão bem abatida. Disse que seu marido está há setenta e duas horas seguidas no hospital e que não sabe nada dele desde então.

Entrei em casa e tranquei a porta com duas voltas de chave. Liguei de novo o rádio de ondas curtas para ouvir a frequência da polícia. Parecem estar procurando alguém desesperadamente. Essa frequência está cheia de mensagens, a maioria anódina, do tipo "Patrulha 27, zona 15 resultado negativo, passamos à zona 16". Algumas são simpáticas, como um *check-point* da Guarda Civil encomendando umas pizzas. A loucura parece ter explodido de repente, quando uma patrulha informou de um "ponto quente". Quem sabe o que isso significa...

Ao cabo de dez minutos, eu podia jurar ter ouvido tiros. E não muito longe.

Passaram-se vinte dias desde que tudo começou. Hoje ouvi tiros em minha cidade. Seja o que for, está se aproximando.

20 de janeiro

1h40

23º registro

Uma e meia da manhã. Eu estava cochilando na sala, em frente à tevê, quando ouvi uma freada lá fora. Subi correndo para o andar de cima, de onde posso ver a rua principal. Um carro-patrolha da Guarda Civil parou bem na entrada da nossa rua. Dois guardas com fuzis de assalto saíram dele e passaram correndo em frente à minha casa para o fundo da rua, que dá para um terreno. Depois desse terreno há umas casas, e, depois delas, uma estrada. Não sei aonde estão indo.

Voltaram logo, acompanhados de um pelotão de soldados que vinham em direção contrária. Estão nervosos e um deles parece estar com uma manga manchada de sangue ou de alguma substância escura. Passaram em silêncio e desapareceram pelo outro lado da rua.

Ouvi de novo. Não poderia jurar, mas acho que são tiros. E pareceram mais perto que antes.

20 de janeiro

11h22

24º registro

Fui até o centro para comprar jornal. Não há jornais. A van da distribuição não veio, e, se houvesse conseguido chegar, não haveria nada para distribuir. Ao voltar para casa, reparei que a maior parte das lojas estava fechada. Consegui encontrar uma padaria pequena onde comprar um pouco de pão fresco e a atendente sussurrou, com ar preocupado, que ontem à noite ouviu tiros bem do lado de sua casa e algo que pareciam "gemidos". Disse que, quando foi olhar pela janela, só conseguiu ver um caminhão do exército saindo a toda velocidade.

Vi a marca da freada de ontem, em frente à entrada da minha rua. Agora sei que não foi sonho.

20 de janeiro

11h33

25º registro

Estou sentado no jardim, aproveitando o sol de inverno, e observo Lúculo, que contempla extasiado as evoluções de uma lagartixa no muro. O helicóptero torna a sobrevoar a área, incansável. O rádio informa que o governo vai criar áreas seguras nas cidades, onde pretendem concentrar a população. Ao que parece, por volta de 80% dos habitantes das cidades não conseguiram abandoná-las (ou não quiseram).

Áreas seguras. Vão se ferrar!

Toda hora repetem que em hipótese alguma se deve tentar manter contato com qualquer pessoa que apresente um comportamento errático, estranho ou desorientado, ou que dê mostras de violência, mesmo que seja um conhecido ou um parente. Agora, parece amplamente aceito que os doentes são perigosos para os saudáveis.

A Antena 3 parou de transmitir sua programação habitual. Transmite filmes e séries gravadas, e a cada quarenta e cinco minutos param para passar um noticiário. Pelo jeito da coisa, eu poderia jurar que Matias Prats está há vários dias morando no estúdio.

21 de janeiro

00h20

26º registro

Na sexta-feira à tarde fui burlando os controles para chegar à casa de Rober, um grande amigo de infância. Rober é um sujeito tranquilo, sossegado e metódico. Trabalha como assessor contábil de uma empresa de importação. E casado há dois anos e tem uma menina linda de apenas alguns meses. Quando cheguei à casa dele, sua mulher estava preparando as malas e Rober contemplava sombriamente a televisão. Disse que iam para a área segura que os militares organizaram no centro da cidade.

Ainda não sabem onde se alojarão nem o que farão ali, nem nada do tipo, mas, ainda assim, vão para lá.

Eu entendo. Sou um sujeito solitário que mora com um gato, mas ele tem uma família para cuidar. Boa sorte, Rober. Acho que todos nós precisamos.

De volta a casa, parei um pouquinho na casa do vizinho que fica bem atrás da minha, fundos com fundos. Antes de tudo isso começar, a casa dele estava em obras, construindo uma varanda de madeira nos fundos. O cheiro de cola e a serragem voavam por cima do muro de trás que separa nossos jardins, para deleite de Lúculo, que era capaz de passar horas hipnotizado contemplando o pozinho de madeira girando em um raio de luz. Agora, faz dias que os carpinteiros não aparecem. Embora não tenha muita intimidade com ele, eu me atrevi a lhe pedir duas fortes vigas de madeira, para reforçar o portão da frente. Se os saqueadores aparecerem por aqui, terão de pular um muro de três metros ou derrubar um portão de ferro fundido reforçado com dois pontaletes de madeira cravados no chão.

Acho que, acima de tudo, faço isso para manter a mente ocupada e não pensar no que está acontecendo. Caramba!

Pelos canais oficiais chegam apenas notícias do exterior. As pessoas também não parecem se importar muito. E como se cada nação se voltasse para si mesma para sobreviver. Resumindo, o pouco que sei é que há dias não há notícias de nenhum tipo da Rússia. Nem pela internet. Zero absoluto. No norte da Europa há alguns blogs ativos, mas, infelizmente, não sei sueco, nem alemão, nem polonês, de modo que não posso saber que, diabos, estão contando. Observo que abundam as letras maiúsculas e os pontos de exclamação, de modo que deduzo que estão nervosos. Ou surpresos. Ou assustados. Quem sabe?

Nos Estados Unidos, pelo que se vê na CNN+ (que é a única rede norte-americana que ainda recebo por satélite, já que a CBS e a ABC só mostram uma tela azul com o logo da rede e a Fox News só tem estática), a população está sendo concentrada

nas *safe zones* do centro das cidades. Pelo visto, fora delas não garantem a segurança contra "salteadores".

Pela internet corre o rumor de que a *safe zone* de San Diego, e possivelmente de muitas outras cidades, foi atacada por grupos de assaltantes e que houve massacres incríveis. Pelo que vejo, a vida hoje em dia é muito barata no mundo todo. Por estes dias, se procurarmos "dead" no Google, aparecem dezenas de milhões de entradas...

Na Espanha, a situação não é melhor. Estão organizando áreas seguras no centro das cidades com mais de cinquenta mil habitantes. A qualquer hora, em qualquer rádio ou tevê, insistem que a população precisa se concentrar nelas para sua própria segurança. Não pretendo ir. Não permitem levar animais domésticos (lógico, visto que o espaço deve ser bastante reduzido nessas áreas seguras), e eu não pretendo deixar Lúculo nem ferrando. Não que ele seja o melhor dos animais, mas, quando minha mulher morreu, foi Lúculo, com sua presença, que evitou que eu fizesse uma bobagem. Devo isso a ele. Ele é meu companheiro, e não vou abandoná-lo para me enfiar em um gueto superlotado, dividindo espaço com quinze estranhos. De modo que se fodam o governo e as áreas seguras.

O rei voltou a aparecer na televisão, novamente de uniforme, mas dessa vez cercado de generais informando acerca da situação. Pensando bem, há dias não vejo nenhum político na tevê. Parece que os militares estão assumindo o controle. Merda!

A Telecinco só transmite programas enlatados e, como a A3, um noticiário a cada quarenta e cinco minutos. Dizem que é para garantir a segurança dos colaboradores e trabalhadores da casa. Pelo visto, a área onde fica a emissora não é muito segura. Há bandos desses salteadores por lá, conforme explicam.

Os celulares estão mortos. As três principais operadoras suspenderam o serviço e "cederam" sua rede aos Corpos Provinciais de Segurança. Agora, sim, é que vai ser impossível localizar minha irmã. Ela é uma garota esperta, de modo que tenho certeza de que está se virando.

Neste momento estou ouvindo a rádio UHF outra vez; ouço que os militares estão evacuando muita gente para a área segura.

O barulho de tiros esporádicos ao longo do dia foi constante. A civilização está desmoronando.

22 de Janeiro

16h30

27º registro: rios de enxofre

Passei a noite toda ouvindo as frequências das Forças de Segurança. A maioria é só coisa sem importância, principalmente informes da situação de *check-points*, de patrulhas e pouco mais. Mas, de vez em quando, surge um "ponto quente", e então a situação fica completamente descontrolada. Chama poderosamente minha atenção o fato de que, apesar de os meios de comunicação alertarem permanentemente sobre os riscos de distúrbios, estes são só uma mínima fração dos incidentes que ouço pelo rádio. Talvez seja porque moro em uma cidade pequena, mas o número de saqueadores parece muito reduzido.

Do "resto", todavia, há cada vez mais. No início, há dois dias, mal havia referências a eles, mas agora parecem estar aumentando. Estou me referindo aos incidentes protagonizados por, como dizem os militares na radiofrequência, "essas coisas".

Pelo visto, há apenas quarenta e oito horas esses casos não ocorriam em Pontevedra. O que começou como um gotejamento, um incidente "dessas coisas" a cada doze horas, mais ou menos, está se transformando rapidamente em uma corrente enorme, com chamados de emergência, avisos histéricos de umas unidades a outras e muito, muito movimento de policiais e soldados que parecem incapazes de controlar a situação.

Não sei a que se referem quando falam de "essas coisas". São os infectados pelo vírus? Já se sabe que os infectados têm um comportamento extremamente agressivo, mas, então, por que os chamam de "essas coisas", e não de infectados? O que isso quer dizer exatamente?

Há algumas horas, as Forças de Segurança de Pontevedra receberam ordens de restringir seu âmbito de atuação ao centro urbano. As áreas rurais do entorno da cidade devem ser evacuadas. Depois de alguns minutos ouvindo isso pela frequência militar, a Localia, tevê local, mostrou um capitão da Guarda Civil com uniforme de combate do exército lendo um comunicado do general no comando da província, ordenando essa evacuação. Acho que estamos sitiados.

Há apenas uma hora ouvi pela rádio UHF um chamado a uma patrulha. Informaram de um incidente em uma rua e pediram que fossem investigar. A patrulha (acho que de policiais nacionais, pelo jeito de falar) respondeu que estava indo. Não ouvi mais nada dessa patrulha desde então. Mas apenas quinze minutos depois ouvi outro chamado, dessa vez para as tropas da Brilat, para que fossem urgentemente àquele mesmo endereço. A merda é que esse endereço fica a apenas um quilômetro de casa. E eu poderia jurar que ouvi dois tiros. E mais nada. Seja o que for que tenha

acontecido nesse lugar, só deram dois tiros.

De modo geral, as coisas parecem estar uma merda. Pelo que posso deduzir de tudo que dizem a televisão, o rádio, as frequências militares e a internet, a situação está degradingolando. Os Corpos de Segurança parecem estar sobrecarregados por conta dos incidentes, que parecem ter disparado nas últimas vinte e quatro horas, aumentando em progressão geométrica. Há baixas policiais e militares. E em algumas unidades, principalmente as formadas por policiais municipais, começa a haver deserções. Alguma coisa tem de estar muito errada.

Há um rumor insidioso que começa a me preocupar. De todas as teorias delirantes que se repetem sem parar pela rede nesses dias, existe uma que está crescendo e que parece se consolidar. Diz que os doentes estão em uma espécie de animação suspensa ou reanimados em um estado próximo à morte ou algo assim. Não falta quem afirme diretamente que estão mortos, mas, ainda assim, andam. Ah, claro.

Ou não. Nas últimas horas têm acontecido tantas coisas estranhas que não sei o que pensar.

22 de janeiro

19h59

28º registro

Foi há apenas alguns minutos. Um BTR, veículo blindado do exército, e um caminhão de transporte vazio acabaram de parar bem no caminho de entrada para as duas curtas ruas onde fica minha casa. Desceram alguns soldados e começaram a esmurrar as portas, uma por uma. Como eu estava na cozinha ouvindo a rádio UHF, as luzes da frente de minha casa estavam apagadas.

Quando bateram em minha porta, não me mexi. Peguei o gato no colo e esperei um instante em silêncio, até que quem quer que estivesse na porta se mandasse. Mas precisava ver o que estava acontecendo. Fui discretamente até a janela do andar de cima, a única da qual se vê a rua. Vi a mulher do meu vizinho médico, aquele que está desaparecido há vários dias, sair com as duas filhas e umas malas, e os soldados a ajudavam a entrar no caminhão. Fizeram o mesmo com vários moradores da rua. Levavam-nos para a área segura do centro da cidade, um setor de ruas perfeitamente isolado e protegido, em tese.

Com um rugido, os caminhões partiram rumo ao centro. Antes de entrar em seu veículo, um soldado pintou um enorme xis vermelho no asfalto do cruzamento. Depois disso, o caminhão virou a esquina e desapareceu. É tamanho o silêncio na noite que pude ouvir o som do pequeno comboio durante um tempo. Imagino que ainda tinham muito mais paradas para fazer nessa noite.

Agora, a rua permanece em silêncio e às escuras. Todas as casas devem estar vazias, e se ainda houver alguém em casa, como eu, não parece ter a menor intenção de dar sinal de vida. Sentei-me novamente na cozinha, com a luz do exaustor como única iluminação, e fiquei pensando. É evidente que estão evacuando a região. Ou melhor, JÁ evacuaram a região.

Portanto, imagino que, a partir de agora, qualquer coisa pode acontecer aqui.

23 de janeiro

10h05

29º registro

Já amanheceu. A noite foi muito, muito longa. Poucas horas depois de o comboio de evacuação partir, tive plena noção da dimensão da minha decisão. Estou sozinho. Ninguém sabe que estou aqui. Estou em uma zona evacuada. Terra de ninguém.

Após um primeiro momento de bloqueio, tive um arroubo de atividade febril. Peguei os pontaletes de madeira e reforcei o portão principal. É uma estupidez, evidentemente, porque cedo ou tarde terei de sair por esse mesmo portão, mas o simples fato de fazer isso me permitia manter a mente ocupada e me sentir mais seguro. Depois, fiz um pequeno balanço da situação. Tenho comida para umas três semanas, se não me importar em repetir o menu de congelados até enjoar. Tenho uns vinte e cinco litros de água engarrafada e, por ora, a pressão da água corrente não parece ter diminuído. No meu caso, com os painéis, eletricidade não é problema, e economizando no consumo posso ter autonomia quase plena. Acho que não será difícil economizar no consumo. Não pretendo dar nenhuma festa nos próximos dias.

Já o gás é um problema. Meu fogão é misto, tem duas placas vitro-cerâmicas e dois queimadores de gás, e as cerâmicas têm um consumo elétrico impressionantemente alto. Por enquanto, tenho gás, mas não sei quanto tempo esta situação pode durar. Imagino que cedo ou tarde vão cortar o fornecimento das zonas evacuadas, para que não haja risco de explosões.

O balanço de meu arsenal é desolador. Após revistar criteriosamente a casa de cima a baixo, reuni todas as minhas "armas" em cima da mesa da cozinha: um arpão de pesca submarina com sete virotes de aço, uma faca de cortar presunto cru e uma machadinha de cortar lenha no quintal precisando afiar. Maravilha. Peguei minha arma *a priori* mais perigosa, o arpão. Deixando para lá o fato de nunca ter atirado em nada maior que um congro, usá-lo representa uma série de problemas. Levo aproximadamente uns vinte, trinta segundos para montado de novo após atirar, e seu alcance é relativamente curto, uns dez metros. Além do mais, a confiabilidade é relativa a certa distância. Afinal de contas, não é uma arma de precisão, é um equipamento criado para acertar polvos à queima-roupa. Se surgirem bandos de salteadores, estou fodido. Sem dúvida, minha melhor opção é tentar passar despercebido, por enquanto.

O telefone tocou de repente e meu coração quase saiu pela boca. Não toca há dias, e havia me esquecido totalmente dele. Hesitei por um instante se atenderia ou não, mas o desejo de ouvir uma voz humana foi maior que a prudência, de modo que atendi. Eram meus pais. A sensação de alívio foi tão grande que quase desmoronei.

Chorei em silêncio enquanto ouvia a voz de minha mãe. Estão bem, na aldeia natal de meu pai, com alguns vizinhos, e me pedem encarecidamente que vá para lá com eles. Há três ou quatro dias isso deixou de ser uma opção viável, e explico isso a meus pais. Estou mais seguro aqui que percorrendo cem quilômetros de sabe Deus que estradas, com que controles pelo caminho e com que grupos de delinquentes soltos por aí. Além do mais, Lúculo não gosta do campo, digo à minha mãe tentando diminuir a gravidade do assunto. Ela está realmente preocupada. Minha irmã conseguiu sair de Barcelona antes que isolassem as cidades e decretassem a lei marcial, segundo ela mesma lhe contou por telefone, mas minha mãe não sabe onde está neste momento. A última notícia é que estavam indo para a fazenda de Roger.

Do resto de minha família não tenho notícias. Imagino que a maioria deve estar em alguma área segura, como 80% da população do país. O ser humano é gregário por natureza e tende a se agrupar em situações de perigo. Só uns poucos inconscientes não seguem essa pauta. Imagino que isso me põe do lado dos inconscientes. Com um beijo eu me despeço dos meus pais, prometendo ligar pelo menos uma vez por semana, se a linha permitir (minha mãe estava há três dias tentando falar comigo).

Depois disso, fiquei um pouco mais calmo. Dei vazão à tensão emocional que vinha acumulando todos esses dias. Sinto-me mais frio, a cabeça mais clara. De modo que comecei a pensar em coisas práticas a fazer.

Em primeiro lugar, a informação. A televisão está desaparecendo. De oitenta canais que eu tinha, desapareceram quase todos. Só restam a La Primera (que também transmite seu sinal pelo canal que há alguns dias era do A 2), a Telecinco e a Antena 3, com uma programação reduzida ao mínimo essencial, basicamente filmes (sem nenhum tipo de intervalo), séries enlatadas e a cada quarenta e cinco minutos um mini-noticiário que em resumo consiste em indicar quais são as áreas seguras e a melhor maneira de chegar a elas. Também repetem insistentemente que em nenhuma, nenhuma hipótese se deve tentar contato com os infectados, e, no caso de ser atacados por eles, evitar que mordam ou arranhem.

Um militar com aspecto cansado disse que não podem garantir a segurança de quem permanecer fora das áreas seguras e, no caso de sermos atacados, que tentemos estourar a cabeça do atacante. "Com um pau, com um facão, com uma bala, como for, mas tentem detê-los arrebatando a cabeça deles. Outra coisa não adianta."

Fiquei espantado com uma mensagem como essa, mas as coisas já estão fora de controle há muito tempo, e nada mais me surpreende demais. De qualquer maneira, parece que a censura informativa está afrouxando pouco a pouco, acho que é porque já não há nada mais a esconder, ou quase nada. Já está claro que o problema dos bandos de salteadores é minoritário em comparação com o problema principal dos infectados, que atuam com extrema violência.

Mas não há unanimidade quanto ao verdadeiro estado físico desses infectados. Há

quem diga que estão saudáveis, só alienados; outros afirmam que estão à beira da morte, e cada vez mais gente garante que estão mortos, por mais incrível que isso possa parecer. Eu, por ora, não vi nenhum, mas imagino que isso deve mudar nas próximas horas. Por enquanto, vou resistir aqui, e irei agindo à medida que as coisas forem acontecendo. Como isso é a coisa mais parecida a um plano de ação que tenho, estou mais tranquilo.

A internet também está caindo aos pedaços. Faz horas que o Google e o Yahoo pararam de funcionar. Imagino que os servidores que os mantêm devem ter ficado sem fornecimento de energia elétrica. A mesma coisa acontece com muitos sites. De mais de cem contatos que tenho nos favoritos, só duas dúzias continuam ativas, quase todos radicados na Espanha, onde parece que ainda há eletricidade. Isso possivelmente não vai durar muito, em vista do que aconteceu no norte da Europa, onde a epidemia chegou antes.

As radiofrequências militares crepitam constantemente informando sobre mais contatos e enfrentamentos com "esses cornos", como dizem. Mas parecem ter muitas baixas. As cinquenta e duas forças originais tiveram de ser reagrupadas em quarenta. Os ataques estão se concentrando em volta das áreas seguras. Informam que dois desses pontos, um em Toledo e outro em Alicante, caíram, atacados por hordas de infectados. Dezenas de milhares de pessoas devem ter perecido. Receio que outras dezenas de milhares vão perecer nas próximas horas. E não pretendo estar entre elas. Juro pelos meus culhões que não.

24 de janeiro

3h03

30º registro

Estou sentado, escrevendo isto, enquanto um fio de suor desliza lentamente por minhas costas. A descarga de adrenalina que ainda percorre meu corpo faz minhas mãos tremerem. Agora, sim, estou angustiado.

No meio da tarde tive consciência de que se não fizesse alguma coisa teria uma síncope. Estava havia quase vinte e quatro horas seguidas trancado em casa, andando de um lado para o outro feito um animal enjaulado. Precisava fazer alguma coisa. Precisava sair. Precisava ver. Precisava saber. Lúculo passou o dia todo me observando atônito. Ele sabe que está acontecendo alguma coisa, isso é certeza, mas não sei até que ponto sua consciência felina é realmente capaz de abarcar a dimensão da situação. O mundo está indo para o caralho rapidamente, se é que já não foi. Não é uma brincadeira. Está mesmo acontecendo e vai pegar todos nós, inevitavelmente.

Subi ao meu quarto e calcei umas grossas botas de montanhismo, pesadas, mas flexíveis, e me agasalhei bem. As noites de inverno na Galícia são úmidas e frias. Já havia anoitecido e o toque de recolher já estava em vigor havia horas. Eu não estava nem aí. Ia sair. Francamente, duvidava muito que ao virar a esquina encontrasse um policial. Quarenta minutos antes havia ouvido o som de uma série de veículos circulando pela rua principal que dá para a minha. Da janela do andar de cima vi passar uma coleção díspar de carros-patrolha, caminhões do exército e blindados leves. Estavam lotados de soldados. Pareciam exaustos, e alguns, assustados. Iam em direção ao centro, para a área segura.

Não é preciso ser muito esperto para perceber quem eram esses soldados - eram a última linha de defesa contra os infectados. Aguentaram na posição até que a evacuação dos civis para a área segura se completasse. Agora eles se retiram. Isso significa que não há mais nada entre os infectados e a área segura. Deviam estar alcançando nossos calcanhares. Precisava me apressar.

Afastei os pontaletes que reforçavam o portão e pus cautelosamente a cabeça para fora. Deserta, como estive nas últimas horas. Restos de jornais e pedaços de plástico e lixo rolavam pelo asfalto. No meio da rua repousava uma blusa bege abandonada, perdida por um de meus vizinhos na evacuação apressada. Talvez essa tenha sido a imagem que mais me impressionou. Foram embora de verdade. Todos.

Entrei no carro, estacionado bem em frente ao portão. Ao me sentar ao volante, lembrei de novo que ainda não havia trocado o óleo. Também lembrei, de repente, que o galão continuava no porta-malas, onde o deixara no dia em que o comprara.

Merda! Esse não era o momento para dar uma de mecânico, de modo que liguei o carro, confiando que ele não me deixaria na mão.

O som do motor soou como um tiro de canhão no silêncio sepulcral da noite. Tive a sensação de que fora ouvido a quilômetros de distância. Não estava nem aí. Em hipótese alguma pretendia sair a pé. Peguei a rua principal e rumei para o centro, para o posto de combustível que fica no meio do caminho, a mais ou menos um quilômetro de casa e a dois de onde imagino que começa a área segura. Fica em plena zona evacuada, mas acho que ainda deve haver alguém lá. Ao fazer o inventário de tudo o que tenho em casa, percebi que não tenho nem um mapa rodoviário decente. Se em algum momento tiver de fugir, será imprescindível ter um mapa. Tinha de encontrar pelo menos dois guias Campsa em algum posto de combustível.

O caminho se mostrou impressionante. Silêncio absoluto e nem um único ser vivo à vista. Eu poderia ser, tranquilamente, a última pessoa sobre a face da Terra.

Ao chegar ao posto, soltei um suspiro de alívio. As luzes estavam acesas. Parecia aberto.

Parei ao lado da bomba e entrei com cautela. Não tenho vergonha de dizer que estava me cagando de medo. Não havia ninguém à vista, nem um cliente, nem um empregado. Onde estava o maldito frentista? A caixa registradora estava ali, ao meu alcance. Eu poderia ter passado a mão na grana toda. Peguei dois guias rodoviários e todos os chocolates que cabiam em meus bolsos. Também peguei duas revistas de informação. Eram edições de duas semanas atrás. Na capa de cada uma, li coisas que agora me parecem absolutamente irreais. Tudo nesse caos parece tão absurdo... Quando fui deixar o dinheiro em cima do balcão, julguei ouvir um barulho. Meu sangue gelou nas veias. Havia alguém lá fora. Ou algo. Caramba!

Tremendo, peguei umas correntes para neve de uma gôndola. Como arma não eram grande coisa, mas, pelo menos, tinha algo sólido nas mãos. Ao sair, vi um homem a uns trinta metros do posto. Ele estava muito longe e estava muito escuro, de modo que não distingi detalhes, mas parecia cambalear. Não estava interessado em esperar para ver. Entrei no carro correndo e voltei para casa. Olhei pelo retrovisor e tive a sensação de que aquele sujeito estava tentando seguir o carro, com andar vacilante. Que se foda. Não estava a fim de conhecê-lo.

Em pouco tempo estava em casa de novo, com o portão convenientemente fechado e reforçado. Minhas pernas ainda tremem. Foi uma saída de não mais de um quilômetro e de menos de vinte minutos, mas me sinto como se houvesse voltado do Vietnã. Isso tudo é realmente foda. Achei que fosse me sentir como um herói de um filme de ação, mas na verdade me sinto como uma presa que não sabe onde estão seus predadores.

Liguei a tevê. Só restam dois canais nacionais, o Antena 3 e a rede pública,

Televisión Española. Esta última tem o escudo real na tela e de fundo se ouvem marchas militares. Muito tranquilizador. O resto, estática. No satélite só resta a CNN, mas com imagens gravadas de alguns dias e a vinheta na parte inferior da tela informando: Atlanta caiu. E Denver. E Utah. E Baltimore. E Cedar Creek. E... Caralho, a lista é interminável. "Não se dirijam aos *safe points*; procurem refúgios seguros", é a mensagem. Pergunto-me se aqui está acontecendo a mesma coisa. São milhões de pessoas refugiadas nas áreas seguras. Milhões de pessoas que serão atacadas por esses "infectados" dentro em breve.

A internet quase não existe. A maioria dos servidores caiu. De todos os buscadores da rede, o único que parece continuar funcionando é o Alexa. Pergunto-me como, diabos, alimentam esse servidor. Baterias de emergência, desconfio. Não podem durar muito, é questão de dias, ou de horas. Algumas pessoas deixam mensagens neste blog. Não sei como o encontraram, mas as histórias que contam me encham de terror. Pelo que dizem, é um dos poucos sites que ainda funcionam na rede. Meu provedor é a cabo, e a sede fica em La Coruña. Pergunto-me quanto tempo vai aguentar antes de ir para o caralho.

Pergunto-me: quanto tudo vai aguentar antes de ir para o caralho? Vão chegar aqui. E questão de horas.

24 de janeiro

20h56

31º registro

Hoje a luz foi embora. Passavam apenas uns minutos das seis da tarde quando as luzes piscaram e se apagaram definitivamente. No início fiquei sentado estupidamente na cozinha, que é onde passo mais tempo ultimamente, ouvindo as transmissões militares e vendo os dois últimos canais de televisão. Dali a pouco, quando meus olhos se acostumaram à escuridão, reagi. Peguei uma lanterna da gaveta do armário e desci ao porão, para conectar as filas de baterias acumuladoras. Essas pequenas bestas negras de quinze quilos cada uma estavam apoiadas no chão do porão, agrupadas em duas linhas de doze. Quando ia conectar o *switch* no quadro elétrico, fiquei paralisado. Antes de ligar qualquer coisa, precisava me certificar de que todas as luzes da frente da casa estavam apagadas. A última coisa que me interessa é chamar a atenção com a única casa iluminada na rua inteira.

Depois de me certificar, liguei os acumuladores. A sensação de segurança que o suave resplendor das lâmpadas proporciona ao voltar à vida foi fantástica, indescritível. Nunca pensei que poderia chegar a ter tanto medo do escuro. Bem, nunca pensei que tudo isso pudesse acontecer.

Tenho um grave problema. Cortaram o gás, ou o encanamento quebrou em algum ponto, não sei. A questão é que não tenho gás. E isso significa que o aquecimento não funciona, o que, com uma temperatura externa de três graus Celsius, não é nenhuma brincadeira. Estou bem agasalhado, mas ainda assim sinto o frio entrando nos meus ossos. Nuvenzinhas de vapor saem da minha boca quando respiro. Lúculo parece indiferente a essa temperatura, mas, afinal de contas, ele é um gato persa. Além do pelo longo, tem uma generosa camada de gordura forrando todo o corpo. Anos de vida boa têm de servir para alguma coisa. Uma figura, ele.

Fui para o jardim dos fundos para fumar e pensar um pouco. Sentado nos degraus, não conseguia parar de pensar nos acontecimentos das últimas horas, enquanto contemplava, pensativo, os muros da casa. Tudo parece estar se acelerando. Em certa medida, tudo isso é como uma avalanche: primeiro são só umas pedrinhas, depois umas maiores, depois umas rochas, e, antes que se perceba, toda a maldita montanha está deslizando para cima de você a toda velocidade. Caramba!

E, ainda por cima, estou cada vez mais isolado. A Antena 3 morreu, parou de transmitir por volta do meio-dia. No meio de um capítulo repetido de *Um maluco no pedaço*, o sinal desapareceu. Zás. De repente, como se alguém houvesse tirado a tomada da parede. Não tenho nem ideia do que pode ter acontecido. Na Televisión Española continua o escudo da Casa Real de fundo de tela e marchas militares sem

parar. Agora, os noticiários são a cada hora e meia, mas mudaram de conteúdo. Não pedem mais às pessoas que se dirijam às áreas seguras, na verdade até avisam que em alguns casos, como Almería, Cádiz, Badajoz ou Mallorca, isso é altamente desaconselhável.

Essas áreas seguras se mostraram uma idéia lógica (concentrar toda a população para defendê-la em uns poucos pontos), mas funesta. Os infectados parecem se sentir atraídos pela presença humana. Ondas deles, pois já devem ser milhões em todo o país, cercam as cidades onde estão as áreas e se limitam a esmagar as defesas com seu número. Depois, é o caos.

Agora, é evidente que não ter ido para a área segura foi uma boa decisão, embora inconsciente. Do jeito que as coisas estão, acho que tenho mais probabilidades de sobreviver ao caos se me mantiver à margem do que se me deixar manipular, como o restante da população. A primeira sensação de alívio que senti por ter tomado a decisão certa foi seguida imediatamente por um soco no estômago.

Meus pais. Minha irmã. Todos os meus amigos e conhecidos. Rober e sua filha, com quem estive há apenas dois dias, enquanto preparavam despreocupadamente as malas. Todas as pessoas que amo e conheço, ou pelo menos a maior parte, devem estar distribuídas por meia dúzia dessas malditas áreas seguras. Não sei o que é pior: saber que estão condenadas ou ter consciência de que não posso fazer absolutamente nada para evitar isso. Um gosto amargo de bile subiu pela minha garganta. Estou sufocado pela angústia de uma maneira que não posso descrever, mas, incrivelmente, não me sinto capaz de derramar uma lágrima sequer. A situação é tão avassaladora que não dá nem chance para lágrimas.

Por incrível que possa parecer, agora já se admite abertamente por todos os lados que os infectados são cadáveres que, de alguma maneira, voltaram à vida. O vírus, ou o que, diabos, for que os russos deixaram escapar no Daguestão, provoca uma falha total nas defesas do indivíduo, infecções múltiplas, hemorragias e, poucas horas depois, a morte.

Em um prazo não muito claro, o indivíduo morto torna a se levantar, mas já não mais o que era: é um "deles". Ataca todo ser vivo que cruzar no caminho, não reconhece ninguém, não parece se comunicar de nenhuma forma e também não parece ter objetivos ou critérios fixos. Simplesmente ataca. Estão citando até mesmo casos de canibalismo entre eles, e, pelo visto, a única maneira de exterminá-los é pela destruição do cérebro.

Sou um sujeito racional e sensato, e deveria estar rolando de rir com essa teoria de maluco, digna de um filme de quinta, mas não consigo. Se aprendi algo nos últimos dias é que tudo é possível. E, por mais imensamente absurdo que pareça, acho que é verdade.

Os mortos voltam a caminhar sobre a face da Terra e querem acabar conosco. É

foda.

Mergulhado em tão alegres pensamentos, julguei ouvir um barulho do outro lado do muro. Levantei-me como um raio, completamente aterrorizado. Parecia alguém arrastando algo pesado. Eu precisava saber o que era. Com cuidado, peguei a escada que uso para limpar o muro de ervas daninhas e musgo e a apoiei silenciosamente. A seguir, subi, procurando evitar que chiasse, e coloquei apenas os olhos por cima da borda do muro.

Vi meu vizinho suando, arrastando uma série de pontaletes de madeira como os que me deu há uns dias. Completamente concentrado na tarefa, entrou pela varanda inconclusa com a madeira. Pouco depois, ouvi o som de marteladas. Quando saiu novamente, chamei-o. Dessa vez, quem quase morreu de susto foi ele.

É um sujeito de meia-idade, corpulento, um pouco calvo. Chama-se Miguel e acho que tem uma empresa de distribuição de material médico. É divorciado, mora sozinho com um cão psicótico que late para tudo que se mexe e, segundo ele, "nega-se a dividir o espaço com toda essa multidão da área segura". Acha que estará mais seguro em casa, e, em certa medida, não lhe falta razão. Agora está trancando portas e janelas, para o caso de essas coisas conseguirem passar pelo portão de ferro. Diz que tem um barco na marina e que, se as coisas ficarem feias, podemos fugir nele. Eu disse que sim, mas no fundo acho isso uma estupidez. Conheço o barco dele; é um cinco metros atracado perto de onde eu deixo minha Zodiac, e com aquilo não poderíamos nem sair da enseada, isso supondo que conseguiríamos chegar inteiros ao porto. Combinamos de nos falar dentro de algumas horas e nos despedimos.

Já dentro de casa, não posso evitar respirar aliviado. Não estou sozinho, há outra pessoa perto. Isso me lembra que nem ele nem eu estamos sozinhos. Tem de haver algo mais, que já não são pessoas, e que devem estar se aproximando cada vez mais.

25 de janeiro

2h36

32º registro

Já estão aqui.

Merda. Posso vê-los da janela. São dezenas, centenas, milhares deles. Estão por todos os lados. Que Deus me ajude. Cristo bendito, é impossível!

Acho que vou vomitar.

25 de janeiro

18h38

33º registro

Já estou mais tranquilo. Esta noite foi um verdadeiro pesadelo. Mais tarde, à luz do dia, a situação, embora menos aterradora, mostrou toda sua angustiante realidade. Mas agora a noite cai outra vez. Em poucas horas tudo ficará completamente escuro de novo (nem preciso dizer que a iluminação pública não está funcionando) e eu não poderei ver essas coisas. Mas sei que estão aí fora. E acho que, de alguma maneira, eles sabem que há vivos aqui por perto, em algum lugar.

Tudo começou à uma da manhã, mais ou menos. Eu acabava de voltar do muro do jardim, onde conversava com Miguel, o vizinho da casa de trás, o único ser humano que resta aqui. Imagino que poderíamos ter conversado por telefone, e assim evitaríamos o terrível frio destas noites, mas a necessidade de ver um rosto humano é enorme. Ao voltar para casa, transferi meu quartel-general para o quarto da frente, no andar superior. Não consigo mais dormir neste quarto há dois anos. Agora, não me resta outro remédio, pois é o único cuja janela dá para a frente e fica acima do muro. Daqui, posso ver toda minha rua até o cruzamento com a principal e um pequeno trecho desta. Trouxe para cá o rádio, o *notebook*, uma pequena tevê de catorze polegadas e o arpão de pesca submarina, colocando tudo ao lado de uma poltrona que aproximei da janela. Sentei-me nela e fiquei esperando.

No início, eu não conseguia distinguir muito bem o que estava acontecendo. O som veio primeiro. No silêncio sepulcral da noite, comecei a ouvir um barulho estranho, como algo sendo arrastado no asfalto, salpicado com algum ocasional gemido. Fiquei com os pelos dos braços literalmente em pé. Um instante depois, vi o primeiro. Era um homem, roupa normal, de uns 35 anos. Usava camisa xadrez azul e branca e calça jeans. Estava sem sapatos. Tinha uma ferida horrível no rosto e toda a roupa estava encharcada de sangue, que já começava a endurecer. Atrás dele foram aparecendo mais, homens, mulheres (até crianças, pelo amor de Deus!). Todos tinham algum tipo de ferida, e alguns, até mesmo amputações severas. A cor da pele deles é cerúlea, com o sistema de vasos marcado em tons escuros sobre essa pele pálida, como se fosse uma delicada tatuagem. A córnea é amarelada. Os movimentos são lentos, mas não muito, e parecem ter algum pequeno problema de coordenação. Em certa medida, no modo de andar lembram alguém meio bêbado, depois de uma noite de farra, a caminho de casa. Nada mal, tendo em conta que estão mortos. Fodidos e totalmente mortos. Porque disso não resta a menor dúvida. Vi algumas dessas criaturas com ferimentos que necessariamente têm de ser mortais, mas passaram por baixo de minha janela, andando como se nada fosse. Isso é

pavoroso. As dezenas do início logo se transformaram em centenas, talvez milhares, não sei. Por um momento, a rua parecia uma manifestação ou a saída de um concerto, só que mergulhada em um silêncio sepulcral, quebrado apenas pelo arrastar de pés no asfalto e alguns ocasionais gemidos. E uma puta multidão e se encaminha diretamente para o centro, para a área segura. Incansável. Imutável. Incontrolável.

O motivo é mais que evidente. Não sei quantas pessoas podem estar amontoadas no centro, mas toda multidão faz barulho, muito barulho. No silêncio absoluto dessa noite cheia de cadáveres andantes, posso ouvidos a distância, a mais de dois quilômetros. Som de alto-falantes, barulho de geradores elétricos para prover luz e calor, barulho de veículos. Um ímã para essa multidão violenta e desejosa de corpos humanos palpitantes. Vão para cima deles, e eles não poderão fazer nada.

Depois de algumas horas, comecei a ouvir barulho de armas de fogo, perto do centro. Primeiro foram alguns tiros soltos, isolados. Mais tarde, o barulho de fuzilaria aumentou e se transformou em um verdadeiro rugido. Poderia jurar que, por um momento, ouvi até algo parecido com tiros de canhão. A Brilat foi deslocada para vários pontos da Espanha nesses últimos dias, mas ainda deve restar um contingente considerável aqui, e parece estar reagindo a valer. A radiofrequência ficou saturada durante horas intermináveis, cheia de mensagens históricas de umas unidades para outras. Chamadas de auxílio, solicitações urgentes de munição, pelotões cercados pedindo ajuda urgente, informes de baixas, pontos de reencontro, saíram por tal ponto, estão nos ultrapassando por outro... e, pouco a pouco, o silêncio. O barulho de armas de fogo foi cessando paulatinamente e ao raiar do dia não se ouvia absolutamente nada. As radiofrequências estão mudas, mortas. Umas colunas de fumaça se elevam sobre o centro, marcando o lugar onde um dia esteve situada a área segura de minha cidade.

Estamos bem fodidos. Uma ou duas dúzias desses monstros ficaram dando voltas pela minha rua, como autômatos. Um deles está batendo monotonamente na porta da casa ao lado, a do médico. Não sei por que faz isso, já que me consta que essa casa está absolutamente vazia, mas ele está assim há horas, e vai fazer meus nervos explodirem.

A noite vai cair de novo. Espero ver a luz do dia.

26 de janeiro

17h57

34º registro

Está sendo um dia muito longo. Escrevo isto no quarto do segundo andar, o que dá para a rua, e de onde não saio, exceto para ir ao banheiro ou para comer alguma coisa. Tenho uma garrafa de genebra pela metade ao lado das minhas coisas. Ainda estava inteira nesta manhã. Não creio que vá me tornar alcoólatra, mas um trago ou dois estão me ajudando a lidar com tudo isso. Caramba, essa tensão está deixando meus nervos em frangalhos.

Hoje de madrugada eu estava cochilando em frente à tevê, que ligo apenas de vez em quando para economizar as baterias (ainda transmitem o escudo da Casa Real, mas faz muitas horas que não passam nem uma única informação), quando acordei de repente. Tiros. Ouvi tiros não muito longe daqui. Duraram um pouco e depois, de repente, pararam abruptamente. Pareciam de uma pistola, ou duas, e talvez de algo de calibre maior. Uma espingarda de caça? Não sei, mas pelo menos isso me revela algo fundamental. Há mais gente viva por aqui! Ou, pelo menos, estava viva há pouco.

Miguel, meu vizinho, está cada vez mais agitado. Acha que ficarmos aqui é suicídio e que o melhor que podemos fazer é pegar um carro e abrir caminho até a marina para pegar seu barco. Passei metade da manhã tentando dissuadi-lo de tamanha loucura. Em primeiro lugar, não sabemos se o barco continua amarrado lá ou não (o mais provável é que tenha desaparecido). Além do mais, com certeza a estrada deve estar cortada em uma dúzia de sítios, de modo que teríamos de abandonar o carro e seguir a pé, com milhares dessas coisas rondando por todos os lados. Não duraríamos nem um minuto. Acho que consegui dissuadi-lo, mas não sei por quanto tempo.

Em parte ele tem razão. Ou melhoramos nossa situação aqui ou teremos de ir embora, e muito em breve.

A presença desses monstros na rua é constante. Quando soaram os tiros, vi passar centenas deles andando pela rua principal, em direção ao toco dos disparos, inclusive alguns que vagam por aqui há horas. Mas o resto permaneceu na área, e com o passar do dia chegaram alguns novos. Agora mesmo, da minha janela posso ver onze deles vagabundeando distraidamente para cima e para baixo. São quatro mulheres, duas crianças e cinco homens. (Batizei um deles de Socador, depois de ele passar horas batendo em um portão de ferro.) Todos têm o mesmo aspecto cerúleo e distraído, e a roupa endurecida, rasgada e manchada de sangue. Alguns apresentam mutilações impressionantes, e uma das mulheres tem a cintura esmagada, como se

um carro houvesse passado por cima dela. Deve estar com a bacia quebrada, porque lhe é extremamente difícil caminhar.

O mais interessante é, sem dúvida, um dos homens, tão morto quanto os outros. E militar, com o emblema da Brilat costurado na manga. Tem uma horrível ferida no pescoço e falta-lhe um pedaço do rosto. Posso ver parte de sua dentição cada vez que passa mancando por baixo de minha janela. O sangue coagulado formou estranhos grumos na parte superior de sua jaqueta.

Mas o realmente importante é que ainda está com a mochila pendurada nas costas. E um cinto com uma dúzia de bolsos. E uma pistola. Uma pistola! O álcool, o estresse acumulado e a falta de sono fizeram minha cabeça começar a maquinar febrilmente uma dúzia de diferentes planos para conseguir pegar essa pistola e essa mochila. Preciso delas. Mas o problema é que só disponho de um arpão de pesca submarina. Supondo que seja capaz de abatê-lo, ainda teria de tirar tudo dele, e, nesse momento, os outros monstros viriam para cima de mim. Depois de um tempo, boleei um plano. É horrivelmente ruim, mas é o melhor que tenho.

Não quero pedir ajuda a meu vizinho. Ele está muito nervoso para ser confiável. Além do mais, se acontecesse alguma coisa com ele por causa de um plano bolado por mim, o remorso me mataria. Não. É meu plano, é meu risco e é meu prêmio. Não tenho a menor idéia de como se usa uma pistola, mas com certeza me fará sentir mais seguro. Com ela, vou me atrever a sair daqui. E, em caso extremo de necessidade, não hesitarei em usá-la, até contra mim mesmo, para evitar me transformar em uma dessas coisas. Disso eu tenho certeza.

Agora que já sei o que fazer, só preciso escolher o momento. Prefiro esperar mais algumas horas. Quero ter certeza de que não há mais dessas coisas fora do meu ângulo de visão. Montei o arpão e o testei em um toco de madeira no jardim. Ao apertar o gatilho, a tensão acumulada na borracha é liberada bruscamente. O virote saiu disparado como um foguete e se incrustou no toco com grande facilidade. Suei um pouco para tirá-lo dali. Não havia pensado nisso. Não terei tempo para recuperar meus projéteis. E só tenho meia dúzia. Vou ter de ser muito, muito esperto mesmo.

27 de janeiro

11h25

35º registro

Minhas mãos ainda tremem.

Tive de deixar passar um bom tempo e virar outro bom trago de genebra para me sentar e escrever isto. Deus do céu, meus nervos vão explodir se a coisa continuar assim.

Comecei com tudo ao raiar do dia, assim que tive luz suficiente. Essas coisas são enganosamente desajeitadas, mas podem se movimentar rápido de verdade quando interessa. Não sei se enxergam bem à noite ou não, mas do que tenho certeza é de que eu, no escuro, não enxergo um caralho. E eles são mais, de modo que não vou tentar descobrir. Pelo menos, por enquanto.

Pensando bem, meu plano é uma verdadeira loucura. Mas é a melhor idéia que me ocorreu nas últimas e febris horas. Preciso fazer alguma coisa, dar vazão à angustiante tensão dos dias passados desde que eles chegaram. Além do mais, essa pistola e essa mochila se transformaram em uma espécie de símbolo para mim. Preciso pegá-las, a qualquer preço. Meu estado de excitação é tal que acabei contagiando o pobre Lúculo. Ele passou a manhã toda correndo como um louco pelo quintal.

Após horas de observação, percebi que as onze criaturas que estão em minha rua mal se movimentam, a não ser quando descobrem algo que lhes chama a atenção. Por volta das sete da manhã, alguma coisa, um rato, um ouriço ou algo parecido, passou correndo pela entrada da rua. Várias dessas coisas começaram a ir para lá, mas, evidentemente, não conseguiram pegar o bicho. Seis deles - duas crianças, três homens e uma mulher - ficaram perto da entrada da rua, a uns quarenta metros, todos de costas para a porta de minha casa. Ao ver isso, percebi que meu plano podia ter alguma possibilidade de sucesso.

Todo o meu plano se baseia no fato de que só existe um acesso para a minha rua, pela parte inferior, onde se liga com a rua principal. Do outro lado fica o terreno pelo qual vi passar os guardas civis e soldados há umas noites (mas já parece uma eternidade). O terreno é bem inclinado, de modo que duvido muito que qualquer uma dessas coisas consiga subir por ele. Mas isso é algo de que não tenho certeza absoluta. Mais uma incógnita em meu maravilhoso plano. Vejo passar pela rua principal, de vez em quando, pequenos grupos dessas coisas, aparentemente vagando sem rumo, mas não parecem achar minha rua especialmente atraente, já que só dois entraram nas últimas horas, dois civis, homens, e depois de duas horas seguiram.

O cadáver do soldado está na parte mais afastada da rua, próximo ao terreno,

balançando-se no meio da calçada. Além dele e das seis criaturas que estão de costas, restam três mulheres e um homem, o Socador, que continua rondando a porta da casa vizinha. Parece que se apaixonou por ela. Uma das mulheres, aquela que não tem um braço e metade do peito, está bem em frente à minha casa, a menos de dois metros do portão, olhando fixamente para o muro. Vendo que a situação não mudava em quase hora e meia, decidi agir.

Queimei muito a cabeça tentando decidir como me vestir para a ocasião. Claro que não quero que nenhuma dessas coisas me morda. Também não quero que me toquem. Não sei se suam, nem se o contato com a pele deles ou com o suor pode me passar o vírus. A triste verdade é que não sei merda nenhuma sobre eles. Só sei que estão mortos, que são agressivos e que estão na porta da minha casa. Caramba! Todo cuidado é pouco.

Depois de pensar muito, decidi vestir a roupa de neoprene. É grossa, de catorze milímetros (sou muito friorento, e a água na Galícia no inverno é MUITO gelada), flexível e resistente. Duvido muito que uma mordida a possa atravessar. No máximo, vai deixar um hematoma por baixo do neoprene, e isso eu posso suportar. Além disso, é totalmente liso e tem isolamento térmico. Não tem ganchos, botões nem nada por onde possam me segurar. É como uma segunda pele. Hesitei na hora de pôr o gorro. Ele me cobre a cabeça toda, exceto o rosto, mas, por ser tão grosso, quando cobre os ouvidos não consigo ouvir nada. Não posso me arriscar a não ouvir uma dessas coisas se aproximando por atrás. Além disso, prejudica minha visão periférica.

Com um suspiro, peguei uma tesoura e com não pouco esforço cortei o gorro. Essa maravilha me custou quase mil e duzentos euros há um ano e foi minha melhor companheira em muitos mergulhos de fim de semana, e agora a estou destruindo. Suponho que a situação justifique.

Depois de vestir a roupa de mergulho, coloquei luvas de inverno e calcei um par de tênis de sola de borracha, flexíveis e, principalmente, silenciosos. Olhei-me no espelho com os óculos de pesca submarina nos olhos, o arpão e alguns virotes enganchados nas costas. Jesus, que coisa mais ridícula! Não sei se vou conseguir acabar com o soldado, mas talvez ele morra de rir quando me vir. Isso contando que tenha senso de humor. Caralho, estou desvairando.

Antes de sair, peguei um velho guarda-chuva e arranquei o pano e todas as varetas. Ele tem um impressionante cabo de marfim que pesa uma tonelada. Como última linha de defesa, para dar umas guarda-chuvadas servirá perfeitamente.

De modo que, aqui estou, confiando minha vida a um arpão de pesca submarina e a um velho guarda-chuva destruído. Maravilha.

Chegou a hora de ir. Vou deixar Lúculo no quintal. Se algo acontecer, espero que tenha tino suficiente para fugir pulando o muro. Meu pobre amiguinho. Não merece

toda essa merda.

Antes de destrancar a porta peguei minha "arma secreta". Todo meu plano depende dessa pequena coisa esquecida e absurda que encontrei revirando uma gaveta. Se funcionar, terei uma possibilidade. Se não... vou estar em apuros de verdade.

28 de janeiro

15h45

36º registro

O ser humano é imensamente complexo. Se me houvessem dito há menos de um mês que eu seria capaz de fazer o que fiz ontem à tarde, eu teria rolado de rir. Mas consegui. Ainda estou vivo.

Já vestido com a roupa de mergulho, abri levemente a janela do andar superior, de onde posso ter uma visão total de minha curta rua. Tirei o arpão de pesca submarina por ela e, com ele apoiado no batente da janela, brinquei um momento com a ideia de atirar em todas as criaturas da segurança do interior de minha casa. Evidentemente, isso era uma absoluta estupidez. É impossível acertar um alvo do tamanho de uma cabeça humana a trinta metros de distância com um arpão submarino, mesmo contando com que o projétil chegasse com velocidade e força suficientes. Além disso, existe o fato inquestionável de que tenho apenas seis virotes. Seis únicos tiros. Demais, não é?

Não pude controlar um ataque de riso maníaco, quase histérico. Eu estava pensando em atirar em pessoas da janela do meu quarto! O absurdo da ideia me parecia até irônico. Mesmo sendo evidente que essas coisas ali embaixo já não são pessoas, sei que em algum momento tiveram vida, família, amigos... e agora são apenas... sei lá o quê. Ou foram mais ineptos, ou tiveram menos sorte que eu. Isso é tudo.

Com um suspiro, decidi enfrentar o inevitável. Peguei um rolo de fita isolante e minha "arma secreta" da gaveta. É um pequeno ursinho de pelúcia com dois pratinhos de cobre nas mãos. Apertando o botão da parte posterior, o ursinho começa a bater freneticamente os pratinhos enquanto uma espécie de soluço brota de dentro dele. O barulho é ensurdecedor.

Ele chegou à minha casa há meses, pelas mãos da proprietária, uma das minhas priminhas, Laurita. Após perseguir um indignado Lúculo pela casa toda, manchar as cortinas de chocolate e quebrar um porta--retrato, finalmente adormeceu no sofá e seu ursinho ficou abandonado embaixo dele. Encontrei-o um dia depois e o guardei em uma gaveta esperando que sua legítima dona voltasse para buscá-lo.

Agora, acho que ela não volta mais.

Pelo amor de Deus, ela só tinha cinco anos! Espero que Laurita esteja bem ou, se não, que tenha morrido, mas que não esteja vivendo como essas coisas.

Amarrei o ursinho a um virote com a fita adesiva. Depois, coloquei-o no arpão e aponte para a fachada da casa do começo da rua. É a casa mais próxima do cruzamento e tem um revestimento de madeira em todo o andar superior. Minha ideia era cravá-lo ali e que fizesse barulho suficiente para chamar a atenção dessas coisas.

Enquanto isso, eu me arranjaria com o cadáver do soldado, que, por estar mais longe, seria o último a passar por minha porta. Um plano simples. Uma verdadeira merda de plano, no qual mil coisas podiam falhar, mas era tudo o que eu tinha.

Com uma inspiração profunda, apontei para a fachada e apertei o gatilho, ligando o brinquedo um segundo antes. O projétil saiu disparado, mas o peso do ursinho foi excessivo e desviou a trajetória do virote. Em vez de se cravar na fachada, bateu na beira do muro da casa com um som seco e caiu na canaleta que percorre sua parte baixa. Por um breve instante não se ouviu nada. Quando eu já achava que meu elaboradíssimo plano havia ido por água abaixo antes mesmo de começar, um agudo som de pratinhos começou a sair da vala ao pé do muro. O urso de Laurita não havia me deixado na mão.

O efeito sobre essas coisas foi eletrizante. Ao ouvir o som, todos se voltaram para a origem e começaram a andar em sua direção. Precisava me apressar. Desci as escadas como um tiro e abri a porta de casa. Corri para o portão de ferro, de onde já havia retirado os pontaletes de madeira, e, discretamente, abri-o. Silenciosamente, ele girou nas dobradiças engraxadas, graças a Deus, há apenas três semanas) e pela primeira vez em muitos dias pus os pés na rua.

Todas as criaturas já haviam passado por meu portão. Uma breve olhada para a esquerda me permitiu ver as costas de todos se dirigindo com lentidão enganosa para o local de onde saía o som.

O soldado era o último e estava perto de mim, de costas, a apenas alguns metros. Peguei um dos virotes e comecei a montar o arpão, enquanto dirigia olhares febris para todos os lados. Quinze segundos depois a borracha estava esticada e um virote no lugar. Meu próprio recorde. Levantei a arma e apontei, a menos de três metros. A essa distância não podia errar. Se Deus ainda se preocupa com esta condenada raça humana, espero que me perdoe por isso, mas minha vida estava em jogo.

Apertei o gatilho. O virote saiu com um leve zumbido e atravessou a parte posterior do crânio do soldado. Ele parou em seco e tombou com um som surdo. Rapidamente me aproximei do corpo. Agora, sim, parecia estar morto-morto, mas, ainda assim, todo cuidado era pouco. Apoiei o arpão e o cabo do guarda-chuva no chão e comecei a lutar com as travas da mochila. Alguns grumos de sangue haviam caído nas fivelas, e eu não conseguia afrouxar as alças. O suor começou a correr por minhas costas. Um olhar bastou para perceber que uma das coisas estava enfiando o braço na vala, em busca da fonte do som. Era questão de minutos para que a pegassem e a destruíssem. Então, eu estaria absolutamente perdido.

Algo deve ter chamado a atenção da mulher com a bacia esmagada, porque ela se voltou em minha direção. Teria me ouvido, cheirado, sentido? Francamente, não sei, mas o certo é que se voltou para mim e me viu.

Com esse estranho movimento que fazia ao andar, começou a se aproximar de mim.

Essa, sim, era lenta, pois precisava arrastar uma perna e apoiar a outra, e seu ponto de equilíbrio estava bastante prejudicado. Ainda assim, eu tinha apenas alguns segundos. Lutei com as mãos desajeitadas para colocar outro virote no arpão. Uma gota de suor entrou em um olho meu enquanto eu puxava o elástico para mim. Quatro metros. Finalmente consegui montar tudo. Três metros. Levantei o arpão e apontei para a cabeça da mulher. Dois metros. Atirei.

O golpe do virote foi seco, contundente. A mulher parou e caiu para a frente, como um saco de batatas. Mas a situação estava piorando. Uma das criaturas pegou o ursinho e ao sacudi-lo conseguiu fazer as pilhas caírem antes de eu atirar. Os pratinhos ficaram mudos. O barulho da mulher caindo fez que todos olhassem em minha direção. Precisava me apressar. O tempo estava acabando.

Peguei o cadáver do soldado pela perna da calça e comecei a arrastá-lo para o meu portão aberto, para a minha salvação. Não tinha tempo para soltar as fivelas, precisava levar o pacote completo. Enquanto me aproximava do portão, uma dessas coisas saiu de repente de trás de um carro estacionado. Merda! Essa eu não havia visto antes. O arpão estava em meu ombro, descarregado, e eu não teria tempo de colocar outro projétil. Soltei a calça do militar e com as duas mãos balancei o cabo nu do guarda-chuva. Com toda minha força, bati com o cabo de marfim na cabeça da criatura. Não sei se o matei, mas ele caiu após um estalo do osso parietal esquerdo. Soltando o guarda-chuva, peguei de novo o cadáver do soldado e finalmente atravessei o portão de minha casa e fechei-o atrás de mim. Bem na hora. Estavam a apenas alguns metros.

Deixei o cadáver do soldado em frente à porta. Vomitei de pura tensão. Agora, estou bebendo há quase vinte e quatro horas seguidas.

Estou bêbado. E o pior é que agora essas coisas sabem que estou aqui. Mas estou vivo. E quem está vivo pode lutar por sua vida no dia seguinte.

29 de janeiro

17h14

37º registro

Se continuarem assim, vão me enlouquecer. Estão esmurrando o portão incansavelmente há horas. Posso ouvidos, não importa onde me esconda. É horrível. E esses gemidos... Oh, Santo Cristo! Estão destruindo meus nervos. Bebo muito há dias, eu sei, mas não me ocorre mais nada para poder suportar tudo isso.

Miguel, meu vizinho, não serve para nada; está se transformando em um fardo. Continua empenhado em ir para a marina para pegar o barco para ir para qualquer outro lugar. O problema é que ele não se atreve a ir sozinho. E está me enlouquecendo com suas queixas toda hora. É insuportável.

Tentei fazê-lo ver a situação real, mas ele não ouve. As estradas que não estiverem obstruídas por essas coisas devem estar bloqueadas por veículos abandonados, acidentes, pontes caídas etc. É absurdo cogitar a possibilidade de viajar como se estivéssemos em uma situação normal. Pode acontecer qualquer imprevisto, e então as consequências podem ser fatais. Precisamos planejar as coisas detalhadamente antes se quisermos sobreviver.

Esta noite me atrevi a subir ao sótão de minha casa. É um pequeno espaço sob o telhado, pouco mais que um armário grande, mas fazia dois anos que eu não subia lá. Está cheio de caixas com todas as coisas de minha mulher. Desde o dia depois de seu enterro, quando minha irmã e o namorado guardaram tudo isso aqui, até três semanas, quando veio o técnico instalar os painéis solares, ninguém subiu pela escada dobrável até este espaço. O pó cobre tudo. Por sobre o intenso cheiro de fechado ainda posso perceber um leve aroma familiar. E o perfume dela, que ficou impregnado em sua roupa para sempre. Meu coração se apertou e me joguei em um velho sofá enquanto fios de lágrimas corriam por meu rosto. Chorei como um bebê durante horas, segurando uma velha blusa dela. Tenho tanta saudade! Oh, Deus, pelo menos ela não teve de ver tudo isso...

Depois de um tempo, me recompus um pouco. Ainda dói, mas pude chorar um pouco e desabafar. A tensão acumulada nesses dias é brutal. Talvez me refugiar aqui em cima durante essas poucas horas tenha sido uma decisão sensata. Teve um efeito balsâmico sobre mim.

Observei as pegadas que o técnico deixou no pó quando veio instalar o equipamento. Vão da portinhola até bem embaixo da clarabóia que dá acesso ao telhado. Debaixo dela, ainda posso ver alguns restos de fios e um pequeno saquinho plástico que em algum momento devia ter parafusos ou algo do tipo. São os restos da instalação, testemunhos mudos de que alguém esteve ali fazendo seu trabalho há,

o que parece, um milhão de anos. Pergunto-me o que terá sido desse homem. Imagino que deve estar dando voltas por aí, como mais uma coisa dessas.

Ao abrir a clarabóia, um ar gelado entrou no sótão. Segurando nas bordas, ergui-me com extremo cuidado (só o que me faltava era quebrar uma perna!) e subi no telhado. Bem ao lado da clarabóia há uma pequena superfície lisa, onde dá para sentar. Atrás desse descanso fica o declive do telhado, agora coberto pela superfície iriada dos painéis solares. Bem embaixo de mim, uma queda livre de uns sete metros até o chão, onde posso ver essas coisas amontoadas em frente ao meu portão, incansáveis. Não, definitivamente, cair não seria uma boa opção.

Chegaram outras criaturas novas, atraídas pelo barulho que as coisas da porta fazem. O cadáver da Bacia Quebrada está no meio da calçada, feito um trapo. Do outro, nem sinal; parece que a guarda-chuvada que lhe dei não foi forte o bastante para mandá-lo de volta para o inferno. Uma pena.

Normalmente, daqui se desfrutava uma maravilhosa vista noturna da cidade. Não pude evitar me surpreender ao ver que está totalmente às escuras. Onde normalmente veria milhares de luzes, agora há só a negrura mais absoluta. A eletricidade foi embora definitivamente. E não acredito que pretendam mandar uma equipe para consertar isso. Enquanto acendia um cigarro, refleti sobre o assunto.

Quando tudo isso começou, as pessoas pararam de ir ao trabalho. Os operários das centrais elétricas fizeram o mesmo, de modo que há umas duas semanas essas centrais funcionam sem manutenção, no modo automático. Tentei recordar as explicações que o namorado de uma amiga minha, engenheiro, uma vez me deu. Uma termelétrica (a maioria) que funcione com carvão ou combustível só pode ficar no modo automático por vinte e quatro horas, antes que as caldeiras desliguem por falta de combustível. Uma hidrelétrica ou uma usina eólica, em tese, poderiam aguentar indefinidamente, mas requerem manutenção técnica especializada para reparar as constantes avarias causadas por funcionar vinte e quatro horas por dia. Poderiam aguentar umas duas semanas antes de começar a quebrar por todos os lados. E os itens de reposição, agora, não seriam fáceis de obter. A possibilidade de pensar em uma central nuclear funcionando sozinha, sem manutenção, é apavorante. Chernobil - lembro-me de que disse com um sorriso triste - é o exemplo de uma central nuclear que falha por falta de cuidado.

Quero acreditar que as notícias que deram sobre o desligamento das centrais nucleares são verdadeiras.

Assim, pois, imagino que o país inteiro está às escuras ou prestes a ficar nas próximas horas. A empresa de abastecimento tinha um plano de contingência caso uma central ou duas falhassem, mas a falha de todas quase ao mesmo tempo deve significar o colapso total do sistema. De repente, mandaram-nos de volta para o século XIX. Só que cercados de cadáveres ambulantes e lutando para sobreviver.

Que panorama mais fodido.

Apaguei o cigarro e voltei para dentro. Está frio. Ainda preciso vasculhar a mochila do soldado. Espero que tenha valido a pena. Vamos ver o que encontro.

O DIÁRIO

30 de janeiro

18h38

As últimas vinte e quatro horas foram um desastre. Quando você pensa que nada mais pode acontecer, a realidade vai e ataca pelas costas com uma nova surpresa.

Como se eu já não tivesse problemas suficientes (e enormes!) com esse grupo de coisas esmurando incansáveis minha porta há dois dias, agora se abrem novas frentes. Em primeiro lugar, e como consequência da falta de luz generalizada, a internet deixou de existir. Acabou. Meu blog está morto, como toda a rede. A tela branca do Explorer é a única coisa que vejo quando tento acessar a web. É lógico, imagino. Os servidores caíram e as empresas que possibilitam o acesso à rede há dias deixaram de prestar serviço. O fato de a minha ter aguentado até hoje parece um milagre. E incrível ver até que ponto dependemos da eletricidade para tudo. Voltamos ao século XIX com todas as suas consequências, e não sei se estou preparado para isso.

Vou continuar fazendo anotações neste diário. Preciso escrever o que vejo e o que sinto. Preciso expor meus pensamentos sobre uma superfície em branco, se não quiser enlouquecer em dois meses. Este diário é meu interlocutor, o único em quem confio plenamente neste momento. Se tudo for para o vinagre de verdade, pelo menos ficará o registro de como vivi nesses dias terríveis. Que merda de consolo, meu chapa.

Quando juntei coragem suficiente, saí novamente ao pequeno pátio da entrada. Abri a porta com todo o cuidado de que fui capaz e pus o nariz para fora. O cadáver do soldado continuava jogado onde o deixara, junto à parte interna do portão. Deste lado, o barulho produzido por essas coisas é ensurdecedor. Apoiei a mão na chapa de ferro e pude sentir a vibração gerada pelos golpes. Acho que, de alguma maneira, sabem que estou deste lado, e a impossibilidade de me pegar deve ser extremamente frustrante para eles.

Sentei-me em um dos degraus de entrada e acendi um cigarro enquanto contemplava o cadáver. Era a primeira vez que podia observar uma dessas coisas com atenção e de perto. Está começando a cheirar realmente mal. O processo de putrefação e o *rigor mortis* que todas as criaturas aí fora deveriam sofrer parecem estar em suspenso, mas, depois que morrem "de verdade", parecem avançar em ritmo normal. Um líquido pegajoso havia fluído do buraco na cabeça do soldado, por onde entrou o virote, e agora é um coágulo solidificado no piso de cerâmica. Acho que essa mancha nunca mais vai sair, mas isso não importa agora. A cor de sua pele é amarelada, cerúlea, e suas veias se desenhavam na pele como uma renda delicada. Somando tudo isso às terríveis feridas de seu rosto, o conjunto apresenta um aspecto

impressionante.

Decidido, coloquei luvas de procedimento que encontrei no armário de medicamentos e peguei o coldre. Dentro havia uma pistola preta, engordurada e pesada. Na lateral está escrito Glock e um número de série de oito dígitos. Acho que está carregada, mas, infelizmente, é a primeira vez na vida que tenho uma coisa dessas nas mãos. Preciso estudada com mais cuidado, mas já me sinto muito melhor. Estou armado de verdade. Sei que é mais psicológico que outra coisa, mas a sensação de segurança é maravilhosa.

Nos bolsos do cinto encontrei mais dois pentes que parecem corresponder à munição da pistola. Têm quinze balas cada um, de modo que, supondo que a pistola esteja carregada, tenho quarenta e cinco balas. Outra coisa é que eu seja capaz de atirar em algo sem atravessar meu próprio pé. Veremos.

Além da munição da pistola encontrei vários pentes do que parece munição de rifle de assalto. Dois deles estão vazios e ainda têm cheiro de pólvora. O pobre-diabo que jaz a meus pés teve tempo de esvaziar pelo menos dois pentes inteiros de sua arma regulamentar, da qual, a propósito, não há nem sinal. Imagino que, quando essas coisas o pegaram, simplesmente a tenha soltado. Quem sabe onde estará agora.

A mochila resultou um tesouro. Dentro dela encontrei um saco de dormir, um casaco militar maravilhoso, com a camuflagem estampada do Exército de Terra espanhol, uma bússola, um mapa com diversas situações assinaladas (imagino que eram posições da linha defensiva que tentou controlar essas coisas durante a evacuação, agora abandonadas), cigarro, um estojo de primeiros socorros com três ampolas de morfina e, o melhor de tudo, várias rações de emergência do exército. São umas latas maravilhosas: têm um depósito com uma substância reativa na parte de baixo que, quando se acrescenta água, gera um intenso calor, permitindo que se coma comida quente sem precisar acender o fogo ou ter um fogão por perto. Imagino que virão a calhar quando eu tiver de sair daqui. Porque é cada vez mais evidente que, cedo ou tarde, terei de sair. Ficar aqui sozinho fará que essas coisas acabem entrando ou que eu morra de fome. O único problema é como sair. E para onde ir, evidentemente.

Revirando um dos bolsos inferiores encontrei uma carteira, e isso fodeu meu dia. É do rapaz. Chamava-se Vicente, tinha apenas 28 anos e era de um povoado a apenas trinta quilômetros daqui. Tinha fotos de uma garota (sua namorada?) e de um cachorro lindo. Esse rapaz teve a vida roubada. Enfiei três palmos de aço na cabeça dele para poder sobreviver. Caramba, fico doente só de pensar.

Com esforço e ânsia de vômito, retirei o virote da sua cabeça. Coloquei-o em água fervendo, dentro de uma assadeira, no fogão, e deixei-o lá durante umas seis horas. Custou-me meia linha de acumuladores de energia fazer a água ferver tanto tempo,

mas acho que isso deve matar qualquer bactéria que o projétil pudesse ter. Depois, coloquei-o com os outros. Agora tenho quatro virotes. Posso ver os outros dois perfeitamente da minha janela, um abandonado ao lado do ursinho e o outro cravado na Bacia Quebrada. No que me concerne, poderiam estar tranquilamente na Lua. É impossível chegar até eles.

Não sei que, caralho, fazer com o cadáver. Não sei como jogá-lo por cima do muro sem que esses cornos me vejam. Por ora, enrolei-o em um plástico. Logo algo vai me ocorrer. Mais um problema.

Como se não bastasse, meu vizinho, Miguel, está em um estado de excitabilidade extremo. Desconfio que está bolando alguma coisa. Cometi o erro de lhe contar minha aventura com o soldado e agora ele acha que podemos ser capazes de abrir caminho a sangue e fogo pela cidade até o barco. Não sei como lhe explicar que a realidade é diferente.

Arrisquei a vida para avançar apenas metade da rua e pegar duas dessas coisas. Atravessar metade da cidade com MILHARES desses monstros soltos é uma tarefa diferente. Teríamos de planejar tudo com extremo cuidado, e não sair disparados, com um grama de coca na veia, sem saber o que podemos encontrar virando a esquina.

Ele reparou em minha roupa de neoprene e agora anda com uma espécie de macacão de mecânico. Fica com uma aparência bastante idiota com isso. Desconfio que ele vai fazer alguma estupidez se não partirmos logo. Tenho de pensar. Rápido.

31 de janeiro

11h49

39º registro

Eu estava tranquilamente sentado na cozinha quando ouvi. Tiros. Parecia uma espingarda de caça. Foi bem ao lado. É meu vizinho, com certeza! Mas que, diabos, esse imbecil está fazendo? Por acaso pretende atrair tudo quanto é morto andante em um raio de dois quilômetros? Jesus, esses tiros devem ter sido ouvidos em toda a maldita cidade.

Subi pela escada apoiada no muro e dei uma olhada no quintal dele. Ninguém. Apenas as tábuas de madeira ordenadamente empilhadas que ia usar em uma varanda que nunca será construída. Chamei-o suavemente. Ninguém responde. Miguel, cara, mas que, diabos, você fez, imbecil?

O barulho provocado pelas coisas que estão no lado da rua de Miguel é perfeitamente audível daqui. Ouvem-se batidas em uma porta de madeira. De alguma maneira, essas coisas conseguiram atravessar o portão de aço do meu vizinho e agora estão esmurrando diretamente a porta principal.

Quando eu estava pensando em como, diabos, descer em seu quintal, vi-o por uma das janelas dos fundos. Ele disse que está bem, que tentou chegar até o carro "para me pegar na porta e me fazer uma surpresa", mas que há dezenas dessas coisas do lado dele da rua e que foi impossível. Além disso, um deles entrou na frente da casa. Acertou dois, disse com um enorme sorriso. Grandessíssimo imbecil. Com o barulho que fez para matar esses dois, agora deve haver mais uma dúzia aí fora, pelo menos.

O macacão de mecânico está rasgado na gola e manchado de sangue. Perguntei o que aconteceu, e ele disse que uma dessas coisas tentou agarrá-lo pelo pescoço, mas que conseguiu se soltar sem problemas. Todo o sangue é "desses merdas", disse. Está muito pálido e, não sei porquê, tive a impressão de que está mentindo. Anos de prática nos tribunais me permitiram conhecer muito bem as misérias e as falhas da natureza humana e, principalmente, ser capaz de captar os pequenos sinais inconscientes que emitimos quando não estamos dizendo a verdade. Esse cara está escondendo alguma coisa, eu sei. Tem de haver mais.

Agora estou na cozinha, preparando uma sopa concentrada, com Lúculo confortavelmente recostado em minha cadeira, e pensando em tudo isso. E não me agrada. Nada.

1º de fevereiro

10h58

40º registro

Esta noite bebi muito de novo. Agora, enquanto escrevo isto, estou com uma ressaca terrível, justo preço por meus excessos, suponho. Nunca fui um grande bebedor, longe disso, mas, desde que todo esse inferno começou, ataquei de tal forma meu bar que está quase nas últimas. Deve ser melhor assim.

Há muitas noites não consigo dormir bem. A tensão, a ansiedade, o barulho monótono e cruel, constante, dessas coisas aí fora formam um coquetel muito forte para minha mente. Pensei em tomar algum tipo de comprimido para dormir, mas tenho medo do sono induzido quimicamente. Se essas coisas conseguissem entrar enquanto eu estivesse sob o efeito de dois comprimidos de Valium, nem ficaria sabendo. Seria um prato quentinho e adormecido servido em bandeja de prata para eles. De modo que Valium, não, obrigado.

Também pensei em pôr um pouco de música para não ouvir os golpes e gemidos, mas, se a colocar alta o bastante para encobrir seus ruídos, só conseguirei atrair dúzias, centenas deles até minha porta. Como um maldito flautista de Hamelin, mas com essas coisas. Não me parece uma boa ideia. Coloquei um pouco os fones do MP3, mas não aguentei ficar com eles nem cinco minutos. Toda hora me parecia sentir que o portão de ferro estava cedendo e que eles subiam as escadas atrás de mim. Arranquei os fones três ou quatro vezes enquanto me sentava na cama, tremendo, segurando uma pistola que nem sequer tenho certeza de saber usar. O álcool, a tensão e a falta de sono estão me deixando paranóico. Preciso decidir o que fazer se não quiser enlouquecer.

Entre ontem e hoje aconteceram três coisas, uma boa, uma regular e uma ruim. A boa é que eu estava mexendo no rádio UHF, pulando de uma estação a outra, como venho fazendo há vários dias sem captar transmissão alguma, quando de repente peguei um sinal. E fraco, cheio de estática e com interferências, mas é uma voz humana, disso não tenho a menor dúvida. Quando a captei, dei um pulo de alegria e abracei Lúculo tão forte que ele passou o dia todo olhando para mim com um olhar acusador. Parece algum tipo de emissora militar, transmitindo informes breves de notícias e recomendações. Pelo visto, as ilhas Canárias ainda estão aguentando e o governo e a família real se refugiaram lá. Ouvi uma mensagem do rei, mas não entendi quase nada do que disse, por causa das interferências, mas era ele, não resta a menor dúvida.

Em resumo, dizem que as Canárias estão lotadas de gente proveniente da península, que o combustível, os alimentos e a água estão começando a faltar nas ilhas, de

modo que recomendam NÃO ir para lá. Unidades da Marinha desviarão qualquer navio ou aeronave que tente chegar. Que grandessíssimos filhos da puta. São como os sobreviventes do *Titanic* que estavam nos botes e batiam com os remos em quem tentasse entrar da água. Estão em seu precioso e seguro bote e têm medo de que vire e afunde se muitos entrarem. De modo que, resumidamente, nos mandam tomar no cu, educada, mas firmemente. Virem-se.

Sei que não são boas notícias, mas saber que não sou o último sobrevivente na face da Terra me enche de alívio. Além do mais, eles que se danem. Se as Canárias são seguras, isso significa que deve haver mais lugares seguros. Mais lugares com gente, comida, conversa agradável e água quente (Deus, eu mataria por um bom banho!).

As cinquenta e duas forças provinciais, reduzidas depois a quarenta, tiveram de ser agrupadas em quatro grandes unidades, com sua força extremamente diminuída. As baixas foram impressionantes (o pobre rapaz enrolado em plástico em minha varanda poderia dar boa fé disso) e as deserções e unidades "perdidas" são contadas por dúzias. Só estão capacitadas para defender algumas áreas seguras que, de algum modo, estão conseguindo sobreviver, embora não se saiba por quanto tempo (até que fiquem sem munição, imagino). O panorama é absolutamente desolador, mas já é alguma coisa, afinal.

A notícia regular é que hoje ouvi tiros de novo. Ouviram-se em direção sudoeste, na área entre o centro e a estrada de La Coruna. Foi perto do amanhecer. Uma série de tiros curtos, como de arma pequena, e depois uma série de soluços rápidos que eu poderia jurar que são de algum tipo de rifle de assalto. Ouviram-se por quase meia hora, e, de repente, pararam bruscamente. Ou não tinham mais em quem atirar... Ou não sobrou nenhum atirador. Que merda!

A notícia ruim é que faz quase vinte e quatro horas que não sei nada do imbecil do meu vizinho. Não atende aos meus chamados, por mais que eu grite por cima do muro. Seu cachorro é um mestiço feio e ruim como o diabo, que é inimigo juramentado de Lúculo desde que chegou e que sempre ronda perto do muro, imagino que esperando que meu gato escorregue e caia. Há apenas uma hora ouvi uns ganidos horríveis vindo de dentro da casa. Era como se alguém estivesse assassinando o pobre bichinho. Depois, parou. Agora há pouco, olhei por cima do muro de novo. Não vejo nada, nem o cão nem o dono. Ninguém me atende. Só os montes de tábuas, corretamente empilhadas no quintal de Miguel, são testemunhas do que esteja acontecendo. E receio que não vou gostar de saber.

1º de fevereiro

21h00

41º registro

A Lei de Murphy diz que, quando as coisas podem dar errado, dão mesmo. O maldito autor dessa tese deve estar exultante neste momento, se continuar vivo. Francamente, acho que agora mesmo esse detalhe não importa um caralho a ninguém. Cada um deve cuidar do próprio rabo neste novo mundo de "não vivos" em que nos metemos.

Depois de passar metade da manhã pendurado no muro tentando chamar a atenção desse cretino do Miguel sem fazer muito barulho, finalmente desisti. Voltei para casa com um profundo desânimo. E se aconteceu alguma coisa com ele? Começou a desfilar por minha cabeça uma série de possíveis acidentes domésticos que aquele idiota poderia ter sofrido, desde cair pela escada até escorregar saindo da banheira (contando com que queira tomar banho de água fria em pleno mês de fevereiro. Na Galícia). Não pude parar de pensar no assunto enquanto preparava uma xícara de café instantâneo na cozinha. A possibilidade de que alguma dessas coisas o houvesse mordido em seu insensato passeio externo me passou pela cabeça, mas a descartei rapidamente. Se isso houvesse acontecido, ele teria me contado, não? Continuo pensando que ontem, quando o vi coberto de sangue, estava escondendo alguma coisa, mas ele não pode ser tão estúpido a ponto de mentir sobre algo tão importante. Pelo menos, é o que quero acreditar.

É um babaca, e sua falta de cabeça vai trazer uma dúzia de problemas por dia, pelo menos, mas ele é a única pessoa viva que me resta por perto, que eu saiba. Além disso, ele me cedeu desinteressadamente os pontaletes de madeira quando lhe pedi. Devo-lhe um favor, mas nunca pensei que teria de pagá-lo andando com ele por uma cidade desolada pela morte e pelo caos até um barco que nem sequer sabemos se está lá. É uma verdadeira estupidez de plano, mas ele está obcecado com isso, e, se eu não o acompanhar, tentará sozinho e vai dar merda antes de ele virar a esquina. Além do mais, não quero ficar sozinho. Sinto pânico dessa situação.

Pensei que um dos possíveis motivos de seu silêncio é que esteja absolutamente chapado. Esses dias andou cheirando cocaína, disso não resta dúvida. Pode ser que tenha cheirado uma carreira além da conta ou que a merda que lhe venderam estivesse adulterada. Quem sabe. Pode ser que eu esteja me deixando levar por excesso de imaginação, mas não consigo parar de pensar nele, deitado no chão da cozinha, usando seu estúpido macacão de listras vermelhas, com um fio de sangue saindo do nariz, morrendo a menos de vinte metros de mim, enquanto eu estou coçando o saco. Apoiei violentamente a xícara na pia da cozinha e fui para o quintal.

No quartinho do cortador de grama tenho uma corda com nós. Normalmente a uso em mergulhos, quando passo muito tempo em grande profundidade e preciso fazer descompressão. Para evitar a nar-cose de nitrogênio, preciso subir lentamente à superfície, e a corda tem uma série de nós grossos a cada meio metro que me ajudam a calcular a profundidade.

Agora essa corda me serviria para descer até o quintal dele. Amarrando uma ponta na chaminé da minha pouco usada churrasqueira, no canto esquerdo do quintal, deixei que a corda se desenrolasse até o chão do quintal vizinho. O frio era atroz, intenso. Uma suave camada de sereno cobria toda a superfície de grama do quintal, só interrompida pelos ocasionais montes de tábuas de madeira, apoiadas onde os marceneiros as deixaram um dia. Não fosse pelas batidas constantes dessas coisas no portão de minha casa e os gemidos aterradores que soltam, o silêncio seria absoluto. Do meu lado do muro, subi despreocupadamente pela escada de mão, passei as pernas por cima da borda e comecei a deslizar até o chão do quintal vizinho segurando a corda.

Só quando cheguei ao quintal de Miguel é que percebi que estava usando uma blusa grossa e uma calça jeans gasta e que a única arma que tinha era um canivete no bolso direito da frente. Sim, senhor. Muito precavido. Muito profissional. Vá se foder. Já estava dando meia-volta para me equipar corretamente quando ouvi um ruído dentro da casa. Além de tudo, pensei no papel ridículo que faria se aparecesse com o arpão em riste e a roupa de mergulho e o encontrasse deitado no sofá ouvindo música com fone de ouvido enquanto bebia cerveja. Não, melhor correr o risco; afinal, o homem tem seu orgulho. Maldito orgulho.

Atravessei o quintal com precaução, apoiando os pés na varanda inacabada. O cheiro de serragem e de verniz era muito intenso. Por todo lado havia latas vazias de tinta e ferramentas de carpinteiro abandonadas. O interior da casa estava escuro, lúgubre. Bati na porta dos fundos suavemente com os nós dos dedos, enquanto chamava Miguel. Nada. Quando estendi a mão para abrir a porta, o portão do inferno se abriu.

A janela situada à minha esquerda explodiu para fora. Por ela saíram dois braços e a cabeça dessa coisa. Oh, aquilo NÃO era Miguel. Pobre imbecil. Ao querer me "fazer uma surpresa", havia conseguido que essas coisas o mordessem.

Agora ele estava fodido, e o pior é que ia tentar me foder também. Saí correndo para o muro como um possesso. Devo ter tropeçado em um dos montes de tábuas, porque agora meu tornozelo está do tamanho de uma bola de tênis. Ao chegar ao muro, olhei para trás e vi Miguel tentando se livrar da esquadria da janela. Deve ter se cortado, porque um fio de sangue terrivelmente escuro, contaminado, corria por seu braço esquerdo, encharcando a roupa. Fiquei como um imbecil, hipnotizado, olhando fixamente para ele. Só reagi quando ele saiu da casa e começou a andar para mim.

Oh, que lentos parecem e que rápidos são!

Comecei a subir pela corda. Não é fácil, e menos quando você sabe que, se escorregar, vai encontrar a morte, ou algo pior. Não tenho certeza, mas acho que ele chegou a tocar minha bota com as mãos. Foi por pouco. Olhei para ele do alto do muro. Estava furioso, agressivo, encharcado do próprio sangue. É um deles.

Entrei em casa e peguei a câmera fotográfica. É um modelo um pouco antigo, uma HP 735 digital, mas tem uma lente Pentax fantástica e me acompanhou em um monte de histórias. Tirei duas fotos dessa coisa uivante aí de baixo para poder observar com atenção um deles mais tarde, sem precisar me expor muito.

Agora estou na cozinha, contemplando as fotos no *notebook* enquanto o ouço arranhar e bater no muro. Sei que devo fazer alguma coisa com ele, mas ainda não pensei em nada. Preciso tomar uma decisão. Amanhã.

2 de fevereiro

19h54

42º registro

A decisão foi complicada. Passei o dia todo pensando no que fazer com a coisa que arranhava o muro do quintal, e a solução, de tão óbvia, tornava-se cada vez mais difícil de adotar. O mais normal seria acabar com ele, com seu sofrimento, se é que está sofrendo. Nem sequer sei se tem ciência da própria existência, se percebe a realidade como eu ou se a percebe de outra maneira, de modo que não posso saber se está sofrendo ou não. A verdade é que sei tão poucas coisas deles...

Eles pensam? Sentem? Resta ainda algo do antigo eu dentro deles, ou seu espírito fica absolutamente aniquilado no tempo entre a morte e o renascer? Eles se lembram da vida anterior? Dormem? Sonham? Diabos, não sei absolutamente nada sobre meus predadores. Só sei que querem me caçar. E que eu, como o resto dos humanos, sou sua presa.

Mesmo sabendo disso, foi muito difícil tomar uma decisão sobre Miguel. Apesar de saber que agora ele é um deles, esse cara é um conhecido. E meu vizinho, pelo amor de Deus. Embora sempre tenha sido um completo cretino, enfiar três palmos de aço na cabeça dele me parece inconcebível. Não sou um assassino. Não posso fazer isso.

Custou-me três horas do meu tempo e minha última meia garrafa de genebra reunir a coragem suficiente para acabar com ele. O que inclinou definitivamente a balança é que os gritos que profere estão me enlouquecendo. Posso ouvi-lo de todos os cantos da casa, sua voz entrando em meus ouvidos cada minuto, cada segundo, pedindo meu sangue, incansável. Na verdade, estou histérico.

Febril e bêbado, peguei o arpão e coloquei um virote nele, enquanto puxava o elástico até sua posição mais tensa. Precisei fazer três tentativas para conseguir, mas finalmente o armei. Tropeçando, subi a escada de mão apoiada no muro e olhei. Assim que me viu, redobrou os gritos e começou a esticar os braços para o alto do muro, tentando me pegar. Estava a menos de dois metros de mim. Era um tiro que nem um sujeito completamente bêbado poderia errar. Ao apertar o gatilho, o virote saiu com um assovio seco. Entrou bem em cima do olho direito, com um leve "crack". Um ricto de surpresa (ou de alívio?) surgiu em seu rosto um momento antes de ele desabar como um saco de areia no chão do jardim, em cima da grama.

Pronto. Um riso histérico me atacou, incontrolável, enquanto umas lágrimas enormes e redondas corriam por minhas faces. Um pouco depois, eu estava chorando como um bebê, apoiado no muro, segurando nas mãos o arpão descarregado. Assassinei meu vizinho do alto do muro que nos separa. Acabo de enfiar um pedaço de ferro na

cabeça dele. Há um dia, apenas, eu fazia planos com ele, suportando suas terríveis piadas, e agora o matei. Isso tudo é uma merda. Sinto-me muito sozinho. Vou enlouquecer se continuar muito tempo assim.

Desci pela corda de nós até o quintal dele, ao lado do cadáver. Ao apoiar o pé que bati ontem, uma chicotada de dor sacudiu meu tornozelo direito. Segurei um grito. Deus, dói demais. Espero que seja só uma torção e que não tenha quebrado nada. Mancando, fui até uma pilha de madeiras coberta por um grosso plástico e peguei a cobertura. Com o plástico na mão, arrastei o cadáver por uma perna da calça até um canto do quintal e o enrolei nele. Precisava enterrá-lo. Precisava rezar algo por ele. Nem sequer sei qual era sua religião. Caramba! Vou pensar em alguma coisa.

Voltei-me para a casa e contemplei-a, pensativo, durante alguns instantes. A porta dos fundos ainda estava fechada e a janela por onde Miguel saiu estava completamente destruída. Uma constelação de vidros quebrados cobria o chão junto a manchas de sangue já coagulado. Uma cortina com uns feios traços de sangue estava para fora. A casa estava escura e silenciosa. Não parecia haver ninguém dentro.

Tenho de entrar. Sei que devo entrar. Em primeiro lugar, devo me certificar de que não há mais dessas coisas dentro da casa e que a porta de madeira está convenientemente defendida. A última coisa que necessito é uma ou duas dúzias desses monstros no quintal de casa. Além disso, lembro que Miguel tinha uma empresa de distribuição de produtos farmacêuticos. Ele deve ter uma tonelada de amostras de mercadoria em algum lugar, e eu estou precisando de calmantes. E, principalmente, o mais importante, a casa dele tem vista para a outra rua. Pode ser que haja uma saída por ali ou que me ocorra alguma ideia, não sei.

Mas, naquele momento, eu não podia entrar. Já anoitecia e a escuridão cobria tudo. A casa de Miguel não tinha eletricidade. Eu não ia entrar na boca do lobo no escuro sem minha roupa de neoprene e bêbado como um gambá. Não, senhor. Melhor deixar para o dia seguinte.

Subi pela corda como pude e voltei para casa. Estou deitado no sofá da sala, no escuro, enquanto ouço os monótonos golpes dessas coisas em meu portão. Já estou mais sóbrio, e o surdo retumbar da ressaca parece estar se aproximando. Vou tentar dormir um pouco. Amanhã vou entrar nessa casa. E vou começar a planejar alguma coisa. Preciso sair daqui.

3 de fevereiro

17h07

43º registro

Estou sentado em uma rede, no quintal de casa. Neste momento, os últimos raios do frio sol de inverno caem sobre este pequeno retângulo de grama, aquecendo um pouco meus ossos, enquanto Lúculo cochila calmamente em meu colo, sonhando com o que seja lá que os gatos sonhem. E o momento mais tranquilo que desfrutei nas últimas semanas, para ser sincero. Não fosse pelos uivos ocasionais dessas coisas aí fora e um ou outro golpe que dão no portão, eu poderia pensar que é uma agradável tarde de domingo. Quase me dá vontade de preparar uma xícara de chocolate e assistir a um filme. Infelizmente, não é uma tarde de domingo e todos os meus vizinhos estão mortos lá fora e querendo acabar comigo. Além disso, faz duas semanas que não tenho leite em casa. Que caralho.

Dormi a ressaca até quase meio-dia. Quando me levantei, preparei um ótimo café da manhã composto por duas xícaras de café bem forte e um pouco de feijão em lata misturado com maionese (a variedade do meu menu está diminuindo drasticamente há três ou quatro dias). Hoje, tive de enfrentar vários problemas. Em primeiro lugar, o cadáver do soldado na porta. Está se decompondo ali a semana inteira e já começa a cheirar mal de fato. Percebi que se não fizesse alguma coisa poderia adoecer por causa dele.

Após trancar Lúculo em meu quarto (só o que me faltava era que ele pulasse em cima do cadáver para inspecioná-lo e o lambesse), arrastei o corpo sobre o plástico em que estava enrolado até o quintal, controlando a ânsia de vômito. O aroma que ele deixou ao passar por meu vestíbulo, corredor e sala, até a varanda dos fundos, é inenarrável. Uma vez ali, pensei em jogar nele a gasolina do cortador de grama e pôr fogo, mas fiquei paralisado com uma ideia horrível. Não sei se essas coisas podem sentir cheiro ou, pior ainda, se enxergam. Se virem uma coluna de fumaça se elevando no meio do claro céu azul do meio-dia, virão em manadas atrás de mim. Desanimado, percebi que minha única alternativa era enterrá-lo no jardim.

Resignadamente, coloquei a mão na massa e cavei uma fossa não muito profunda no canto direito do jardim, ao lado da churrasqueira. O trabalho foi fácil, pois o solo é macio e terroso e só precisei de uma pequena enxada (por outro lado, a única ferramenta que tenho). Quando finalmente o empurrei para dentro do fosso e o cobri, sentei-me, sujo e suado, ao lado do túmulo. Enquanto acendia um cigarro, pensei na ironia da situação. Tenho um cadáver enterrado em meu quintal e, possivelmente, em sua humilde cova, ele teve o enterro mais luxuoso já celebrado nesta cidade nos últimos dias (se não o único).

Depois de jogar a bituca no chão, voltei para dentro. Lavei-me um pouco, tiritando por conta da água fria que saía da torneira, e a seguir preparei alguma coisa para comer, para o gato e para mim. Hoje, conservas. Estou de sardinha em lata até as orelhas, mas Lúculo parece gostar dessa dieta. Esse gato...

Depois me preparei para a prova mais difícil do dia. Vesti a roupa de neoprene e chequei meu arpão, com os três virotes que me restam (o quarto ainda estava cravado na cabeça de meu desafortunado vizinho, do outro lado do muro). O cabo de guarda-chuva ficou abandonado no asfalto em minha expedição prévia para acabar com o soldado, de modo que minha última linha de defesa era agora a pistola dele. A Glock parece enorme e perigosa em minha mão. Ainda não tenho certeza de saber usá-la, mas pelo menos já identifiquei cada parte (gatilho, trava, pente etc.) dela. Está carregada, mas, sempre que puder, evitarei usá-la. Os tiros prévios que ouvi esses dias vinham de muito longe, isso é certeza, e ainda assim os ouvi perfeitamente. Sei o que o barulho provoca nessas coisas. Se eu disparasse a arma, com certeza poderia eliminar alguns, mas o barulho faria que em questão de minutos dúzias deles aparecessem. De modo que é melhor guardá-la para outra ocasião.

Após rezar tudo o que sei, subi pela escada de mão e desci no quintal de Miguel. Tudo continua tal como deixei ontem. O corpo, enrolado em plástico, permanecia no canto, como um pacote cinza e inútil. Com receio, aproximei-me dele e dei dois fortes puxões, arrancando o virote de sua cabeça. Dessa vez, não tive tanta ânsia de vômito. Talvez esteja ficando insensível. Que interessante. Se eu sobreviver tempo suficiente, posso acabar me transformando em um psicopata. Que perspectiva mais curiosa...

Deixei o virote em cima da grama, para pegá-lo mais tarde, e fui em direção à casa, com cautela. Continuava escura e silenciosa. Segurei a maçaneta da porta e tentei girá-la. Fechada. Devia imaginar. Não me restava mais remédio que entrar pela janela pela qual Miguel saiu anteontem. Com cuidado para não me cortar com os vidros sujos de sangue contaminado, deslizei para dentro da casa. O espetáculo era terrível. O maldito cão, ou o que restava dele, estava jogado em um canto, completamente despedaçado. Era um espetáculo atroz, como se houvesse sido atacado por uma matilha de lobos. Imaginei o pobre bicho, correndo preocupado para junto do dono agonizante e descobrindo que ele havia se transformado em um predador desapiedado que o estraçalharia em questão de segundos. Que merda!

Verifiquei rapidamente a casa. Dessa vez, havia me enganado. A casa estava vazia e segura. Nenhuma dessas bestas havia conseguido entrar, e a porta era blindada, de modo que podiam esmurrada durante séculos que não se abalaria. Fui para o andar de cima e dei uma breve olhada pela janela. Pude ver toda essa rua e dois carros estacionados em frente. Um é uma van com o emblema da companhia de distribuição de Miguel. O outro, uma Mercedes, também de Miguel, com a porta do motorista

aberta. Há restos de sangue no banco e um corpo jogado no chão ao lado do carro. Outro está não muito mais longe, no meio do caminho entre a porta e o veículo. Os dois que Miguel matou, imagino. Aqueles que lhe custaram a vida.

Depois de verificar a casa toda, respirei aliviado. O tamanho de meu território se duplicou: essa metade ainda precisa ser explorada, e, o mais importante, vi algumas possibilidades interessantes nessa rua. Talvez seja possível sair por ali.

Após pegar uma caixa de analgésicos bem poderosos que havia em cima de uma mesa, voltei para minha casa. Logo escureceria, e eu não havia levado lanterna. Não queria andar às escuras por uma casa estranha, com essas coisas aí fora. Vou voltar amanhã para saqueá-la. Assim, terei tempo de preparar meu plano.

6 de fevereiro

17h57

44º registro

Faz dois dias que não me sento para escrever neste diário. Na verdade, acho que estou começando a ficar emocionalmente exausto. A pressão lenta e distante, mas continuada, dessas coisas aí de fora com certeza não conseguirá derrubar as portas, mas está derrubando meus nervos. Estou planejando minha saída daqui. Ficar me garante segurança por um tempo, mas também me garante ficar sem víveres pouco a pouco e, principalmente, enlouquecer.

Acho que esse é o principal motivo para sair daqui. O homem é um ser social por natureza, que precisa se inter-relacionar, e, descontando meu malogrado vizinho, faz semanas que não falo com um ser humano nem vejo nenhum... vivo, evidentemente. Preciso me comunicar, preciso FALAR com alguém. Dedicar-me a este diário me serve de terapia para dar vazão à pressão acumulada ao longo do dia, mas não é suficiente. Tenho o inveterado costume de falar com Lúculo com regularidade, como se fosse uma pessoa, mas ultimamente as "conversas" que mantenho com ele são muito frequentes. E sinal de que preciso sair daqui.

O uso que estou dando às placas solares e aos acumuladores de eletricidade do porão não é o mais adequado e não tem nada a ver com o objetivo para o qual foram projetados. Sua finalidade original era me proporcionar corrente elétrica em caso de corte de abastecimento ou queda de tensão de algumas horas; não são projetados para fornecer um fluxo constante ao longo do dia inteiro. De modo que imagino que aconteceu o que tinha de acontecer. Sobrecarreguei o sistema. No sábado, na hora do almoço, liguei o micro-ondas ao mesmo tempo que um dos queimadores vitrocerâmicos do fogão e a luz da cozinha estavam ligados. Foi uma distração imperdoável, eu sei, mas não reparei a tempo.

Damos por certo que a eletricidade está SEMPRE aí e agimos em consequência disso. Eu simplesmente esqueci que estava utilizando as poucas reservas do porão. O nível das baterias estava muito baixo, pois eu as usara a noite toda, fervendo água da torneira e colocando-a em garrações vazios. De modo que, ao ligar o micro-ondas, provoquei uma queda de tensão e queimei o maldito... e os motores dos *freezers* do porão. Agora, todas as minhas reservas de congelados foram diretamente para o caralho. Enterrei-as no quintal do vizinho, em uma fossa ao lado do cadáver, não sem antes ter uma indigestão comendo tudo o que pude salvar.

A situação assim é ainda mais preocupante. A despensa de meu vizinho se mostrou regular. Algumas latas de conservas, um pouco de macarrão e dois quilos de batatas mofadas são a melhor parte do butim. Além disso, dúzias e dúzias de envelopes de

sopa em pó, cremes liofilizados e risotos para preparar em um minuto. Por um lado, é fantástico, porque posso levá-los em uma mochila sem muito peso, mas, por outro, seu valor nutritivo é mais que discutível, e eu preciso estar com minhas forças a pleno rendimento. Isso sem contar com o "delicioso" sabor...

Não encontrei muito mais coisas na casa. Não há armas além de uma espingarda de caça. É uma Zabala de dois canos superpostos, mas toda a munição que encontrei é de cartuchos de chumbo. Um tiro dessa munição não pode atravessar um crânio humano, a não ser à queima-roupa. Para isso é preciso estar muito perto do alvo, e esse "muito perto" é demais no que diz respeito a essas coisas. Miguel poderia dar fé disso, se não estivesse morto e enterrado no jardim. Além disso, é terrivelmente barulhenta. Ainda assim, levei-a comigo, com toda a munição, uns quinze cartuchos. Nunca se sabe.

Fiquei maluco procurando as chaves do barco. Ainda não sei muito bem o que farei quando sair daqui (por ora, meu plano só abrange sair da casa; o que vier depois, veremos), mas sei que não devo descartar a opção do barco, por mais perigosa e remota que me pareça. Após revirar a casa toda procurando as malditas chaves, finalmente me toquei de onde podiam estar. No lugar mais lógico.

Com um suspiro, voltei ao jardim e comecei a desenterrar de novo o corpo de Miguel, que eu havia sepultado apenas vinte e quatro horas antes, pouco depois de enterrar o soldado. Nesse ritmo, vou me tornar um coveiro profissional.

Enterrar uma pessoa é duro, mas desenterrá-la é mais duro ainda. Você vê a pessoa ir aparecendo aos poucos, as mãos, o corpo... e sente o cheiro impressionante, e percebe que está mortinho da silva. Controlando a ânsia de vômito, revistei os bolsos do macacão. Efetivamente, lá estavam as chaves a carteira, e um saquinho com uns três gramas de um pó branco. Pobre-diabo. Era um babaca, mas não merecia acabar assim. Ninguém merece acabar assim.

Cobri-o de novo e entrei na casa. O melhor de tudo é que ele não usava gás encanado, e sim botijões de gás para aquecer a água. E ainda tinha um deles cheio! Depois de quase vinte dias sem gás, um banho me parecia um sonho fantástico. Enchi a banheira até a borda, peguei uma boa garrafa de vinho em minha casa e passei toda a tarde de domingo de molho, descansando em meio a uma enorme nuvem de vapor. Realizei--me. Além de tudo, tenho a sensação de que vai se passar muito tempo antes que eu possa desfrutar algo do tipo novamente. Acho que as próximas semanas vão ser muito intensas... se eu sobreviver o suficiente.

Tenho em mente um plano mais ou menos formado para sair daqui sem que me mastiguem vivo na porta. Ainda tem muitas pontas soltas, mas acho que são possíveis de amarrar. Tive quase três dias para relaxar, comer bem e acumular forças. Agora, preciso agir.

7 de fevereiro

11h12

45º registro

É muito complicado decidir o que levar quando você sabe que possivelmente não vai voltar para casa em muito, muito tempo. E é ainda mais complicado quando se pensa que a vida pode depender do que levar. Então, coisas supérfluas, fora. Mas não é tão fácil. Para começar, fui acumulando no chão da sala todas aquelas coisas que considero imprescindíveis: meu *kit* básico de sobrevivência, por assim dizer. Tenho uma mochila Jack Wolfskin de grande capacidade, uns sessenta litros, que costumava usar antes de tudo isso para levar minhas coisas quando ia mergulhar, e que ainda tem um pouco de cheiro de mar. Não pude evitar uma pequena fígada de nostalgia ao pegá-la, recordando todas as boas horas que passei com ela. Enfim...

Além da mochila, tenho um saco de dormir e um casaco para o mau tempo (herança do soldado morto). Também levo o *notebook*, o rádio UHF, algumas mudas de roupa, calçado reserva e toda a comida liofilizada que encontrei na casa de Miguel. Também levo o estojo de primeiros socorros com morfina, todos os antibióticos e analgésicos que pude encontrar e um garrafão com cinco litros de água doce. Uma pequena *nécessaire*, uma sacola com algumas fotos que não consegui abandonar e uma caderneta e algumas canetas, além de minha câmera fotográfica e todas as pilhas que encontrei na casa, o que fez a mochila ficar abarrotada. Tive de colocar uma sacola menor nas travas do peito da mochila. Nessa sacola coloquei duas lanternas (uma delas uma SeaScub de xenônio, que eu usava em mergulhos noturnos, e que devora baterias, mas é poderosa) e toda a munição da Glock e da Zabala. No conjunto, um monte de quilos. Uma barbaridade.

Tenho consciência de que todo esse peso vai fazer que eu me desloque à velocidade de uma lesma. Isso porque a chave de minha sobrevivência pode estar na agilidade, mas não consigo decidir de qual de todas essas coisas posso prescindir. Além de tudo, como se não bastasse, preciso levar a espingarda, a pistola e o arpão cruzados no peito e uma gaiola com um gato persa assustado dentro, o que indica que vou dispor de só uma mão livre. Vai ser complicado.

Evidentemente, só tenho de carregar tudo isso até chegar ao veículo que escolhi para minha fuga, mas preciso me assegurar de que o trajeto até ele esteja livre. Com todo esse peso e com o gato em uma mão, eu não poderia enfrentar um desses monstros, e muito menos um bando deles. É o que penso.

A rua de Miguel está saturada dessas coisas. Deve haver pelo menos duas ou três dúzias vagabundeando por ela, atraídos pelos tiros do outro dia. O espetáculo que se vê da janela dele é quase grotesco. Trinta cadáveres andantes, com diversos

ferimentos, alguns deles realmente horríveis, e as roupas encharcadas em sangue já seco e endurecido, balançam e se deslocam aleatoriamente por toda a rua, enquanto um grupo deles esmurra, incansável, a porta da casa. Não me ocorre nenhuma maneira de desobstruir a rua para chegar até os carros de Miguel, estacionados em frente à casa. São muitos e estão muito dispersos para que a "estratégia do ursinho" funcione de novo. Não, definitivamente, não é por aí.

Em minha rua, o espetáculo é um pouco diferente. De todas as criaturas que pululavam por ela, só restam quatro, pelo menos são os que eu posso ver de minha janela. Imagino que a maioria foi para a rua ao lado quando ouviu os tiros de Miguel outro dia. Que irônico! Talvez sua morte não tenha sido tão absurda, afinal de contas. Ele está me dando a possibilidade de sobreviver. Os quatro dessa rua estão concentrados em meu portão, por onde forçosamente terei de sair, de modo que preciso inventar um jeito de afastá-los dali. Acho que sei como fazer isso, mas só terei uma oportunidade. Se falhar, estarei realmente fodido.

Com tudo empacotado, apoiei a bagagem no saguão de entrada, bem ao lado do portão por onde terei de sair em poucos minutos. Lúculo está extremamente nervoso e me custou um bom bocado de persuasão, carícias atrás das orelhas e muitos sussurros para convencê-lo a entrar em sua gaiolinha. Ele nunca gostou dela (de fato, no carro ele sempre vai sentado no SEU banco, o do passageiro), mas não tenho alternativa. Não posso me arriscar a levar o gato no colo com essas coisas tentando nos pegar. Lamento por Lúculo, mas ele terá de ir na gaiola. Se esses bichos me pegarem, isso significará morte certa para meu pequeno amigo, que não terá possibilidade de fugir, mas acho que é um risco que devemos correr.

Vesti a roupa de neoprene e verifiquei minhas três armas: arpão, Glock e espingarda. Dei uma última volta pela casa, acariciando com o olhar todos os cantos que me são tão familiares. Não sei se um dia voltarei a ver isso tudo. Toda a minha vida está aqui, e agora tenho de sair com rumo desconhecido e sem ter a certeza de estar vivo daqui a meia hora. É de enlouquecer. Minha sala, minha cozinha, meu escritório, que nunca cheguei a pintar da cor que realmente queria, esse sofá com o estofado totalmente arranhado por meu pequeno companheiro. Subi ao sótão com lágrimas nos olhos e peguei uma velha blusa dela. Todas as coisas dela estão aqui desde que morreu, e agora vou abandoná-las para sempre...

Enxuguei as lágrimas e fui para o quintal, para começar a executar meu plano. Da próxima vez que escrever neste diário será para contar como foi. Se não escrever de novo... Bem, evidentemente, algo terá saído errado e um novo cadáver vestindo roupa de mergulho andará pela cidade. Mas não sem antes ter vendido sua pele bem caro. Estou aterrorizado. Estou nervoso. Mas também estou decidido. Vamos lá.

7 de fevereiro

21h01

46º registro

Estou vivo.

Esgotado, horrorizado e acho que em estado de choque, mas vivo. Lúculo também está bem, acho que até melhor que eu. Estamos em um refúgio bastante seguro, por ora, mas só poderemos ficar aqui umas horas até que as coisas esquentem muito novamente. Perdi parte de meu equipamento ao longo desse dia interminável, mas ainda estou em condições de batalhar. Santo Cristo, há MILHARES dessas coisas... Eu deveria registrar o dia de hoje, mas estou absolutamente esgotado e sem vontade de escrever. Amanhã, descansado e com mais calma, farei isso.

Hoje, pela primeira vez em minha vida, disparei uma arma de fogo. Acho que não será a última.

8 de fevereiro

14h39

47º registro

O sol de inverno é muito suave na Galícia, fraco, diriam muitos. Sua carícia não chega a aquecer nestas manhãs geladas, mas pelo menos dá para sentir os ossos amornando quando se mergulha na água quente. Menos que isso é nada. Estamos deitados, Lúculo e eu, no telhado desse pequeno refúgio provisório onde nos abrigamos a noite toda, esperando que haja luz suficiente para seguir caminho. Enquanto tomamos o café composto por uma das latas feijão que encontrei na mochila do soldado, imagens do terrível dia de ontem não param de assaltar minha mente.

Foi incrível. E terrível. Mas agora eu me sinto mais vivo que em todos os dias das últimas três semanas. Quando cruzei o muro que separava o quintal de minha casa da do vizinho, não tinha certeza de como o plano sairia. Quanto mais avançava, menos seguro eu me sentia do resultado, mas não podia mais dar marcha a ré. Atravessei rapidamente o quintal de Miguel e entrei na casa, ainda mergulhada em penumbra. Podia ouvir perfeitamente as batidas raivosas que essas coisas davam na porta. Estavam muito excitados. Acho que podiam me sentir do outro lado. Dois deles, inclusive, batiam nas janelas reforçadas do andar inferior, depois de atravessarem o portão. O barulho era impressionante. Com cuidado, subi as escadas até o andar superior e abri a janela do quarto, sem medo de que essas coisas me vissem. Isso fazia parte do plano. Lá estava, tranquilamente estacionada, uma van da empresa médica de Miguel. Em mais de uma ocasião, ele havia se queixado de que algum drogado tentara forçar as portas em busca de sedativos ou anfetaminas, apesar de que ele não distribuía esse tipo de medicamento. E eu também sabia que por isso ele havia instalado um poderoso sistema de alarme (que, inclusive, havia me acordado mais de uma vez à noite ao disparar acidentalmente). Vamos ver o que essas coisas vão achar de umas buzinas.

Peguei a Zabala com força e introduzi dois cartuchos nos canos superpostos. A seguir, apontei com calma para a van, enquanto a multidão de criaturas embaixo da janela continuava esmurrando a porta, ignorando ainda minha presença. Atirei. O estampido seco da espingarda soou como um tiro de canhão no silêncio da manhã, misturando-se com o som de vidros quebrados da janela direita da van, que explodiu em um milhão de cacos ao ser atravessada pelo chumbo.

O alarme do veículo disparou imediatamente. Uma série de fortes toques de buzina e brilhos intermitentes de luz acompanhava uma sirene estridente, constante. O efeito na multidão de baixo foi eletrizante. A maioria foi para a van e, cercando-a, começou

a chacoalhá-la, enquanto uns poucos, ao ouvir o tiro, me localizavam na janela e se amontoavam agora embaixo da porta, esticando os braços para mim, enquanto se podiam ver faíscas de ódio em seus olhos embaçados.

Satisfeito, corri para o quintal. Não tinha muito tempo. Com o tiro e o alarme, todas as criaturas que estivessem em um raio de dois quilômetros estariam se aproximando em poucos minutos. Aquilo ia se transformar em uma área muito quente. Subi a corda do quintal como um macaco e descí as escadas pelo outro lado. Quando apoiei no tornozelo machucado, um choque de dor subiu por minha perna até os olhos. Por um instante, vi tudo branco e quase desmaiei. Precisava me apressar. Entrei em minha casa e subi até o quarto superior para dar uma breve olhada.

Com um suspiro de alívio, verifiquei que o plano estava dando resultado. Três das criaturas da minha rua se dirigiam, balançando e cambaleando, para a boca da rua principal, de onde poderiam chegar à paralela, onde a van não parava de apitar, atraindo todos esses bichos como a luz a uma mariposa. O que restou decidira, de alguma maneira, que conseguiria chegar antes atravessando o terreno do fundo da rua. Imagino que acabaria caindo, mas, para mim, isso não tinha a menor importância. Ele estava longe o suficiente, de modo que eu podia tentar chegar ao carro com segurança.

Sem fôlego, alcancei o saguão de entrada e coloquei a mochila nas costas. Cruzei a espingarda e o arpão no peito, juntamente com a bolsa pequena, e, a seguir, com dois golpes, tirei os pontaletes de madeira que reforçavam o portão. Com cautela, botei a cabeça para fora. Campo livre. Pela segunda vez em um mês, mais ou menos, eu me aventurava a sair, só que dessa vez era para fazer uma viagem à qual não sabia se conseguiria sobreviver.

Segurando com uma mão a gaiola de Lúculo e com a outra a pistola, atravessei a calçada a passo lento, dirigindo-me ao meu carro. As chaves estavam penduradas no punho direito. Fazendo um estranho gesto, consegui pegá-las com dois dedos e apertar o botão de abertura. Primeiro erro. Com um audível "pi-pi" e com o piscapisca acionado, meu carro se abriu, mas chamou a atenção das coisas dos dois lados. Haviam se voltado e agora avançavam para mim. Merda! O tempo estava se esgotando e eu tinha de ser rápido. Abri a porta do motorista e joguei a mochila no banco de trás. Em um ato reflexo, dei a volta no carro para abrir a porta do passageiro e colocar Lúculo em seu banco, como de costume.

Segundo erro. Ao dar a volta no carro vi essa besta. Era um deles, um homem de uns vinte e tantos anos, de cabelos compridos e cavanhaque. Usava uma camiseta preta, horrivelmente suja e rasgada, e não tinha as duas pernas abaixo dos joelhos. Nem imagino como pôde tê-las perdido. Estava jogado no chão, bem atrás do carro. Não sei quando havia chegado até ali se arrastando nem há quanto tempo estava

esperando, mas dei de cara com ele. Assustado, dei um passo para trás, mas não pude evitar que pegasse um dos meus tornozelos (o bom, graças a Deus) e cravasse os dentes nele.

Foi tudo muito rápido. Como eu estava movimentando a perna para trás, ele não conseguiu morder o tornozelo; além disso, o neoprene é uma substância grossa e flexível demais para que possa ser atravessado por uma mordida apressada. Ele deixou a marca dos dentes perfeitamente visível no forro que o cobre. Com um nojo supremo misturado com terror em estado puro, joguei a gaiola de Lúculo no chão e peguei a pistola com as duas mãos. Apontando diretamente para a cabeça dele, a menos de um metro, atirei.

Não sou um grande atirador (de fato, era a primeira vez que abria fogo com uma arma curta), mas não podia errar a essa distância. Com o nervosismo, atirei várias vezes na cabeça dele. Que espetáculo! Ainda tremo de nojo ao recordar. Não é como nos filmes. Não se abre um pequeno furinho; ao contrário, o impacto da bala abre um buraco ENORME em uma cabeça e sangue, restos de cérebro e pedaços de osso voam para todos os lados.

Tremendo por conta da impressão, apoiei-me no carro, tentando recuperar o ritmo da respiração, mas o descanso devia ser forçosamente breve. As outras coisas estavam a menos de trinta metros de distância e se aproximavam muito, muito rápido. Peguei a gaiola de Lúculo do chão e joguei-a dentro do carro sem maiores cuidados. O pobrezinho miava desconsoladamente, assustado com a situação. Antes de sentar no banco do motorista, apontei para as coisas que vinham da entrada da rua e atirei com a pistola. Terceiro erro. Não tenho técnica para atirar, e menos a mais de trinta metros de distância. A única coisa que consegui foi esvaziar o pente e fazer ainda mais barulho. Bem, isso era o de menos. Com a confusão que já havia armado, devia estar sendo ouvido até em Vigo.

Joguei a pistola vazia no chão do carro e entrei a toda velocidade. Com um giro da chave de contato, o motor do Astra deu duas tossidas que me gelaram o sangue. Estava parado havia muitos dias e por um momento achei que ia me deixar na mão, realmente fodido. Felizmente, a maquinaria Opel é dura. Tosca, mas dura. Engatei a primeira e comecei a avançar para a boca da rua. Com dois giros de bêbado, evitei as três coisas que cruzavam meu caminho (conduzi alguns processos por atropelamento e sei o que um corpo humano pode fazer ao pára-brisa e ao chassi de um carro com o impacto) e cheguei à rua principal. A visão era de arrepiar. Uma verdadeira maré não humana; centenas dessas coisas vinham do centro da cidade avançando pela calçada, atraídas pelo barulho.

Pelo outro lado também vinham dúzias dessas coisas, desejosas de presas. Só me restava uma saída: uma pequena estrada vicinal que se abria a uns vinte metros. Com uma acelerada, entrei por ela e...

Estou ouvindo um barulho aqui embaixo. Vou ver o que é. Depois continuo escrevendo.

9 de fevereiro

15h09

48º registro

Que saco! Com tanta história, esqueci completamente do diário. Não sei, acho que minha mente está começando a pagar por todo o estresse acumulado. Quando escrevia ontem, com Lúculo no colo, ouvi um barulho na parte de baixo deste estranho refúgio. Desci com o coração na boca, empunhando a pistola, mas, por mais que tenha procurado, não encontrei nada. Alarme falso. Ou sinal de que a tensão e a fadiga estão começando a me vencer, o que não é nada bom. Ou que estou começando a ter alucinações auditivas por causa da "fadiga de combate", o que é ainda pior. Enfim...

Como ia dizendo, quando estava com o carro na boca da rua, a situação não era para comemorar. Pela rua que vinha do centro podia ver centenas desses seres avançando, com esse estranho jeito de caminhar, enganosamente lento, mas realmente rápido, ocupando toda a rua. Era a visão mais horrível que alguém possa imaginar.

Meu Deus, centenas de cadáveres, com ferimentos e amputações, banhados em sangue, pálidos e com essa horrível expressão no rosto avançando para meu carro, com sede de sangue e querendo me pegar. Maldição. Um cadáver andante é um conceito tão terrível que ninguém pode entender se não vir um pessoalmente, mas a imagem de centenas deles tentando pegar você pode deixar até o mais equilibrado de cabelo em pé.

A situação não era melhor do outro lado. Vinham menos, não resta dúvida, mas ainda assim eram muitos, o suficiente para ser impossível passar entre eles sem sofrer um acidente. E, se eu não morresse ao bater, essas coisas se encarregariam de acabar o serviço. Só me restava uma saída: a pista distrital.

A área onde fica minha rua foi urbanizada há relativamente pouco tempo. Ainda restam alguns estreitos caminhos rurais que serpeiam entre as antigas chácaras que pouco a pouco vão se transformando em ruas e edifícios ou em sobrados geminados, como o meu. Justamente um desses caminhos se abria à minha frente. Não via nenhuma dessas coisas por ali, de modo que era minha opção.

Com uma acelerada, peguei o caminho, caindo em um enorme buraco que havia na entrada. Pelo retrovisor, vi essa multidão de coisas confluindo e começando a me seguir. Com terror, compreendi que o barulho do motor só faria atrair dúzias desses bichos por onde passasse.

Minha única alternativa era circular rápido o suficiente para que não pudessem me pegar e perdessem meu rastro. Fácil em tese. Terrivelmente difícil na prática.

Aquele caminho não era exatamente uma estrada. A largura era suficiente para um

veículo só, e, às vezes, o solo firme simplesmente se transformava em um leito de pedras e enormes buracos na terra. E, o pior, eu não sabia aonde podia me levar. Se fosse um beco sem saída, eu estaria em um sério problema. Eu rodava em baixa velocidade, uns vinte quilômetros por hora, e em muitas ocasiões precisava parar para manobrar, para evitar um buraco, de modo que essas coisas não me perderam de vista em nenhum momento. Lúculo miava lastimoso dentro da gaiola a cada solavanco do carro.

Ele estava aterrorizado, entendo; eu me sentia do mesmo modo. Enquanto segurava fortemente o volante, o carro continuava avançando entre violentos chacoalhões. Houve um momento em que ouvi um terrível estalo em algum lugar, no motor ou na direção, não sei, mas não me pareceu nada bom. Ao chegar a um ponto especialmente estreito, passei a alta velocidade e deixei os dois retrovisores e parte do pára-choque traseiro enganchados entre dois muros de pedra. Que se foda. Precisava sair dali a qualquer preço.

Um instante depois, e sem saber como, desemboquei em uma estrada distrital mais larga. Parei o carro com uma freada em meio a uma nuvem de pó. Não havia nada à vista, aparentemente, nem vivo, nem morto. Ao longe, repousando perto do rio Lérez, podia ver a cidade de Pontevedra, silenciosa, imutável... morta. Só umas colunas de fumaça se elevavam em alguns lugares, fruto de rescaldos. Assombrado, vi extensas cicatrizes pretas, onde ruas inteiras haviam ardido até o cimento.

Imagino que, quando a eletricidade acabou, alguns transformadores e pequenas subestações foram para o caralho. Isso deve ter provocado incêndios. E não havia ninguém para combatê-los.

Só se ouvia o ronronar do meu motor. Sacudindo a cabeça, e enquanto a nuvem de pó baixava, ajeitei a gaiola de Lúculo no banco do passageiro, enquanto sussurrava algumas palavras para tranquilizá-lo.

Nesse momento, não tinha tempo para acariciá-lo. Ele teria de aguentar um pouco. Precisava decidir aonde ir. Subitamente, percebi.

Já sabia onde estava. Era a maldita estrada secundária que eu havia tentado utilizar quase um mês antes para sair da cidade. A mesma onde uma patrulha me havia impedido prosseguir. Bem, era improvável que tornasse a encontrar uma patrulha. E, se por acaso encontrasse, eu cobriria todos os integrantes de beijos se pusessem a mim e a Lúculo sob sua proteção. Eu estava havia muito tempo desempenhando o papel de Cavaleiro Solitário.

Rodei dois quilômetros pela estrada deserta sem ver absolutamente ninguém. Nem uma alma além de duas figuras ensanguentadas e cambaleantes que divisei a certa distância, na beira de um campo de milho.

Havia um pequeno rio entre eles e a rua, de modo que não puderam me seguir, mas é apenas questão de tempo até que apareçam mais dessas coisas. Finalmente, passei

pelo ponto onde o controle esteve instalado. Só uns blocos de cimento recordavam a presença das tropas ali. Possivelmente os haviam deixado cortando a estrada, mas alguém, mais tarde, os afastou para deixar a passagem livre. Ainda se podem ver as marcas dos blocos de cimento arrastados pela estrada. Não sei quem os tirou dali, como o fez e para onde ia ou iam. Como tantas coisas.

Segui durante vários quilômetros, cada vez mais preocupado. Não tardaria a chegar à ligação com a estrada geral. E isso implicaria mais casas. E mais carros, possivelmente atravessados de qualquer maneira na rua. E mais dessas coisas, muito mais. Essa estrada secundária atravessava uma área especialmente desocupada do cinturão da cidade, mas era uma exceção. O resto está densamente povoado, de modo que deve haver milhares de cadáveres. Além do mais, eu não podia me esquecer da enorme multidão que ia me seguindo. Muitos se perderiam por outros caminhos ou parariam, mas não tinha a menor dúvida de que vários chegariam até esse ponto.

Além disso, estava anoitecendo. A noite é muito escura, principalmente em um entorno urbano sem iluminação elétrica. Escura como o fundo de um poço. Nessas condições, seguir seria suicídio. Precisava encontrar onde me refugiar, e rápido.

Quando já havia perdido a esperança de encontrar algo, subitamente vi. Era perfeito. Sobre uma pequena colina, no meio de um campo coberto de altos e espessos arbustos, podia-se adivinhar um telhadinho laranja. Suspirei de alívio. Eu as conheço bem. São as subestações de bombeamento do gasoduto que atravessa a Galícia de norte a sul para abastecer as principais cidades. Poderia servir.

Com um suave giro de volante, peguei o caminho que subia a colina. A medida que me aproximava, a estrada se tornava mais estreita, comida pelas plantas nas laterais. Quase dei de cara com a cerca alta, de tela metálica. Só se via a entrada na cerca, o resto do perímetro estava absolutamente coberto por uma camada de pelo menos quinze metros de densa vegetação. Não se pode chegar à cerca sem abrir caminho por entre essa selva a golpe de facão, coisa que duvido que esses monstros possam fazer. De modo que só se chega aqui pela trilha, e nem sequer se pode vê-la muito bem. Seria maravilhoso para passar a noite.

Felizmente, o portão da cerca tinha um simples trinco, e não um cadeado. Enrolado nele havia duas voltas de arame, para que se mantivesse fechado. Era um trinco bastante vagabundo, mas complicado o bastante para deter qualquer um que não fosse humano.

Após atravessar o portão e tornar a fechá-lo atrás de mim, cheguei à casinha. É pequena, muito pequena, apenas um quarto, mas é sólida e não tem janelas. Tinha uma porta metálica trancada, mas consegui forçá-la após alguns minutos de luta com a pequena alavanca que carrego no porta-malas.

O interior era escuro e empoeirado, só iluminado pelo feixe de luz proveniente de

uma clarabóia no teto e pela luz que entrava pela porta. No meio do aposento viam-se alguns canos, manómetros e contadores. Essa subestação tinha como finalidade a limpeza de ar da tubulação. Não sei se há gás neles ou não, mas, evidentemente, não pretendo descobrir. Não vou mexer nessas coisas por nada neste mundo. Só o que me faltava era me encher de gás ou voar pelos ares.

Instalei-me confortavelmente lá dentro e dormi por quase doze horas direto. Foi a primeira vez em semanas que pude descansar sem ouvir o permanente barulho daquelas coisas. Foi fantástico. Estou aqui desde então e tenho a sensação de que poderia ficar aqui para sempre. Mas não é nada confortável. Além do mais, a água está acabando, resta pouco mais de meio litro. E estou começando a ficar com sede. É evidente que não posso permanecer aqui por mais tempo. Mas pude pensar. E já sei qual será meu próximo movimento.

10 de fevereiro

12h11

49º registro

Antes de tudo isto começar, eu era um sujeito cético a respeito do destino. Achava que os sinais, os presságios eram apenas fruto de fábulas e bobagens de velho. Agora, esta manhã, enquanto olhava pensativo para as chaves do barco de Miguel, não tive tanta certeza. Talvez fosse um sinal o fato de ele insistir tanto na ideia do barco. Afinal de contas, sinais divinos não são nenhum absurdo quando todo o mundo foi para o inferno em questão de semanas, em uma versão desapiedada do Apocalipse.

Eu estava no telhado da subestação, deixando-me acariciar pelos raios do sol matutino. Nesses últimos dias, a temperatura subiu um pouco, mas, por outro lado, o céu foi se encapotando, de modo que qualquer momento é bom para sentir a luz solar. Depois de tantos dias de horror e clausura, é muito bem-vindo.

Tenho um plano. E esse plano passa por fazer exatamente o que disse a Miguel que era impossível fazer, ou seja, entrar na cidade e chegar até a marina na Avenida Orillamar. Pegar o barco dele ali e rumar para um lugar que acho que ainda deve ser seguro, e onde, se não estiver enganado, deve haver eletricidade, água, comida e gente. O paraíso, neste momento.

Pontevedra fica no fundo da enseada de mesmo nome. Nessa enseada, que no ponto mais largo pode ter uns poucos quilômetros de margem a margem, existe uma ilha, a ilha de Tambo. Essa ilha foi, ao longo dos séculos, um povoado celta, um oratório suevo, um mosteiro medieval, um leprosário e, há muitos anos, um paiol militar pertencente à base naval de Marin. O paiol está vazio há muitos anos (acho que desde os anos 1970) e a ilha é um parque natural agora. É um dos poucos pedaços de terreno virgem em uma área tão densamente povoada como é a enseada de Pontevedra. Esse era meu destino.

Acho, e acredito que não sem razão, que quando tudo começou a ir para o caralho mais gente deve ter tido a ideia de se refugiar ali. Na ilha há edifícios militares, barracões e armazéns. Só se pode chegar de barco até ali, e é cercada por fortes correntezas. Além disso, acho que os militares devem ter assumido o controle do lugar. Em tese, deve ser o ponto mais seguro em quilômetros ao redor. É perfeito.

Eu só tinha o "pequeno" problema de arranjar um barco para chegar até lá sem ficar no meio do caminho. E isso não seria fácil. Eu tinha uma ideia que, embora um pouco arriscada, poderia funcionar. Em um canto da empoeirada subestação havia dois grandes barris de plástico azul com tampa, parecidos com os que se usam em expedições de montanhismo para levar o equipamento. Pelas etiquetas, era de supor

que em algum momento tivessem contido produtos químicos, mas estavam vazios. Com um pouco de trabalho consegui colocá-los dentro do Astra, abaixando o banco de trás. A seguir, peguei a mochila e a gaiola do gato e as coloquei como pude dentro do carro. Abandonei a munição da espingarda porque havia perdido a Zabala não sei em que momento, possivelmente ao entrar no carro, em minha rua. De modo que meu armamento tornou a se reduzir a quatro virotes de aço e uma Glock com trinta balas, após a salada de tiros que dediquei inutilmente aos monstros da minha rua.

Ao girar a chave no contato, o motor fez um barulho impressionante, altíssimo. Sem dúvida, o percurso que fiz outro dia por aquele caminho de cabras para fugir da minha rua deve ter danificado alguma coisa. Senti meu sangue fugir para os pés. Se o carro não funcionasse, estaria morto. Andando, não chegaria muito longe quando me aproximasse de uma área mais habitada. Comecei a girar furiosamente a chave, enquanto praguejava. Oh, Jesus, faça o motor funcionar, anda, anda, vamos, vamos, vamos, *VAMOS!*

Com uma explosão sufocada, o motor pegou. Com um grito de alegria, engatei a primeira e comecei a rodar pela rua principal, deixando aquele estranho refúgio que havia me acolhido durante quase dois dias. Ao chegar à estrada distrital, virei em direção à geral. Sabia que, quando chegasse ali, as coisas tornariam a se complicar logo, mas tinha esperança de não precisar rodar mais de dois quilômetros até chegar ao meu destino.

O caminho foi complicado, muito complicado. Ao divisar o cruzamento da estrada geral, apoiei a Glock, já engatilhada, no banco do passageiro e pisei no acelerador. Velocidade seria fundamental. Cantando pneus, virei no cruzamento e peguei a direção norte. A rua estava deserta, mas só aparentemente, porque vi vários desses seres saindo de umas casas próximas, alertados pelo barulho do motor. Com um rugido, acelerei, afastando-me deles. Tinha de fazer apenas dois quilômetros. Apenas dois malditos quilômetros. Mas, depois de cem metros, encontrei o primeiro problema. Um acidente - dois carros batidos de frente - ocupava quase toda a rua. Manchas de sangue cercavam a cena, mas não se via nenhum corpo. Só me restava uma estreita passagem pelo acostamento esquerdo. Manobrando com cautela, para não ficar enroscado, enfiei o veículo na estreita passagem. De súbito, um golpe brusco soou na janela do passageiro.

Duas mãos, seguidas de um corpo uivante saído não sei de onde, batiam insistentemente na janela, com as palmas abertas, enquanto a boca do dono gemia sem parar. Meu coração quase saiu pela boca.

Tremendo de medo, consegui deixar essa coisa para trás, enquanto pensava em meu movimento seguinte. Mais um quilômetro. Vi vários carros abandonados na rua ou batidos. Alguns tinham restos de sangue, outros pareciam ter sido abandonados ali

por seus donos em um momento de pânico ou loucura, não sei. Mais dessas coisas por todos os lados. Nem um único ser vivo à vista. Quinhentos metros para o desvio. Já estava quase chegando. Trezentos metros. Duzentos.

De repente, não sei de onde, surgiram duas dessas coisas no meio da rua, uma mulher e um homem. Distraído, não tive tempo de desviar e os atrolei. O corpo do homem bateu no pára-choque e caiu no pára-brisa, arrebatando-o. Brequei de repente, quando parei de enxergar através do vidro completamente estilhaçado. O homem rodou na frente do carro com a inércia da freada. Quanto à mulher, acho que passei por cima dela.

O carro morreu por causa do impacto. Tentei ligá-lo de novo, mas o motor estava mudo e o painel era uma constelação de luzes vermelhas. Não havia nada a fazer. Estava morto. E curioso, mas o que me veio à cabeça nesse momento foi o absurdo pensamento de que já não precisava mais trocar o óleo.

Saí do carro. Estava a apenas cem metros do meu destino, quase podia vê-lo. Coloquei a mochila nas costas e peguei a gaiola do gato. Olhando para todos os lados, abri o porta-malas para arrastar os dois barris. Os cem metros que faltavam eram descida, de modo que os barris fariam o caminho sozinhos, rolando. Mande-os ladeira abaixo com um pontapé. A seguir, comecei a andar. O homem estava se levantando nesse momento, com um aspecto ainda mais horrível após o atropelamento. Era velho, de uns sessenta anos. Sem hesitar, e antes que se aproximasse muito, ergui a Glock e abri fogo a menos de três metros. A primeira bala atravessou o esterno, apesar de eu ter apontado para a cabeça. Só com um segundo tiro, quase à queima-roupa, acertei-o na cara. É um espetáculo que vai me perseguir pelo resto dos meus dias. Não quero nem lembrar. Depois que o corpo caiu, voltei-me para ver a mulher. Continuava deitada no chão. Talvez tenha quebrado a espinha dorsal dela, não sei, mas não pretendia ficar para descobrir.

Desci a ladeira quase tropeçando e finalmente cheguei aos barris, ao meu destino: o atracadouro fluvial do Lérez. Estava vazio, mas eu já contava com isso. Só no verão há serviço de aluguel de barcos, mas não era isso o que eu estava procurando. A partir desse ponto, e correnteza abaixo, o rio corre por toda a cidade até desembocar na enseada, bem onde fica a marina, e minha salvação. Só precisava me jogar na água e me deixar levar pela correnteza até chegar ao barco de Miguel. Aquelas coisas não poderiam me pegar na água e eu poderia atravessar a cidade sem risco.

Rapidamente, coloquei a mochila e a pistola em um dos barris e o fechei. No outro coloquei a gaiola de Lúculo, que ainda miava desconsoladamente. Ultimamente, sua vida estava tendo muitas emoções, e acho que ele estava começando a se encher. Com um dos virotes furei a tampa desse barril. Entraria um pouco de água, mas pelo menos o gato poderia respirar. Amarrei os dois barris com uma corda. Arrastando-os, fui até a beira. A água tinha um aspecto escuro, pouco amistoso.

Os barris já quase haviam chegado até mim. Inspirando profundamente, joguei-me na água, arrastando-os. Uma sensação congelante quase me fez gritar ao mergulhar nas frias águas do Lérez. Diabos, é fevereiro, e nessa época devia estar uns quatro graus. Felizmente, estava usando a roupa de mergulho. Ainda assim, a sensação térmica era impressionante.

A correnteza começou a me arrastar lentamente rio abaixo, enquanto aquelas coisas me contemplavam, impotentes, do atracadouro. Duas delas caíram na água, mas não as vi flutuar. Imagino que tenham afundado ou que foram arrastadas pela correnteza. Enfim, perto de mim não estavam.

Estou com dor no punho de escrever; além disso, Lúculo está pedindo comida insistentemente. Tanto ele quanto eu estamos ainda nos recuperando da experiência e nos acostumando à nossa nova "casa", o Corinto, uma verdadeira beleza de barco, que caiu do céu.

Depois continuo.

11 de fevereiro

15h49

50º registro

O frio. Acho que não existe sensação mais horrível que o frio, quando se está dentro da água. Você sente os músculos se contraírem, os dedos parando de responder pouco a pouco, enquanto milhares de pequenas agulhas parecem entrar lentamente em todo o organismo. É uma sensação horrível.

Quando cortei o gorro da minha roupa de mergulho, há o que parece um milhão de anos, não pensei, em nenhum momento, que um dia voltaria a usá-lo para mergulhar. Então, pela gola recortada entravam toneladas de água gelada do rio, enquanto Lúculo e eu deslizávamos correnteza abaixo. Todo o isolamento que a grossa camada de neoprene podia me proporcionar ficava, dessa maneira, seriamente limitado.

A correnteza do rio nesse ponto era lenta, preguiçosa. Não levei em conta que tão perto da desembocadura o efeito da maré alta atrasaria muito meus movimentos, por conta do contrafluxo das águas. De modo que o que julguei ser um simples percurso de apenas alguns minutos estava se transformando lentamente em uma odisséia que já durava mais de hora e meia. De qualquer maneira, calculava que devia estar perto. Em um dos últimos goles involuntários de água notei que já era salobra - a água marinha e a do rio estavam se misturando. Devia estar muito perto da desembocadura do Lérez na enseada.

O principal problema era que estava anoitecendo. O sol na Galícia se põe muito cedo no inverno, e por volta das seis da tarde já é noite fechada. Pouco a pouco, a escuridão caía sobre as águas e minha visibilidade era cada vez pior, o que acrescentava uma nova dimensão ao assunto. Nada boa, por sinal.

Nesse momento, eu corria o risco de, ao atravessar a cidade às escuras, passar pela marina sem vê-la e de que, arrastado pela maré baixa e pela correnteza, as águas me levassem ao coração da enseada. Isso seria minha certa sentença de morte, pois, a essa temperatura da água e sem ninguém para me resgatar, provavelmente acabaria chegando morto a mar aberto ou totalmente congelado a uma margem, sem saber o que podia me aguardar dois metros adiante. O mais foda de tudo era que eu não tinha a menor ideia do que fazer. Não me ocorria nada.

Pouco a pouco, a escuridão foi tomando as margens. Isso, em parte, representava a vantagem de que eu também não seria visível. De fato, após pegar um saco plástico que encontrei flutuando ao meu lado e cobrir parte da cabeça com ele, da margem se veriam dois barris amarrados e um saco enganchado neles. Lixo à deriva. Nada interessante. O disfarce perfeito.

A medida que o rio ia entrando na cidade, comecei a passar por baixo das pontes que ligavam as duas margens do Lérez. A primeira que encontrei era a que mais me preocupava, porque ficava na parte mais alta do curso d'água e a tão curta distância que, se uma dessas coisas estivesse nela e decidisse pular em mim, com toda a certeza me pegaria. Quando passei por baixo dela, não me atrevi a olhar para cima. Não sei se havia algo ou alguém nela, mas o fato é que ninguém me viu.

Pouco a pouco, as margens foram se transformando em uma paisagem urbana. Lentamente, surgiam à minha volta edifícios, ruas e avenidas, à medida que o leito avançava preguiçosamente.

As ruas estavam desertas, salvo pela presença constante dessas coisas por todos os lados. Dúzias, centenas deles, alguns mutilados, outros cobertos de sangue e muitos deles aparentemente intactos vagabundeavam pelas ruas próximas, em um eterno ir e vir.

A imagem era aterradora, impressionante, principalmente pelo silêncio. Era um silêncio total, absoluto, tétrico. Não se ouvia nada, salvo o rumor das águas se movimentando à minha volta. A cidade estava silenciosa, escura. Morta. Eu podia ver os efeitos de toda essa merda sobre ela. Carros abandonados nas ruas, com as portas abertas. Acidentes de trânsito por todo lado, aos quais ninguém havia prestado nenhum tipo de atenção. Alguns locais abertos, outros com os portões fechados. Milhares de papéis, sacos e resíduos rolando pelas ruas vazias. Nem uma única luz acesa, semáforos mortos, postes apagados e caídos. O vento assoviando pelas ruas desertas de uma cidade morta. A imagem do vazio. A imagem da devastação. A imagem do Apocalipse.

Pouco a pouco, minha visão foi se reduzindo. Depois de uns minutos só podia adivinhar a forma dos edifícios que formavam uma espécie de cânion à minha volta. A ansiedade começou a me dominar. Nunca gostei de ficar na água à noite, sem saber o que há à volta. Agarrado aos barris, meus olhos tentavam perfurar as trevas, procurando adivinhar qualquer ameaça, real ou imaginária, que me espreitasse.

Minha imaginação febril galopava descontrolada. Trinta vezes pensei ter passado a marina e as trinta eram alarmes falsos. De súbito, a forma fantasmagórica do clube náutico foi surgindo diante de mim, iluminada de forma tênue pela luz da lua. Eu conseguiria!

O Clube Náutico de Pontevedra é um edifício instalado sobre uma estrutura de pilares na margem do Lérez. Procurando fazer o mínimo barulho possível, comecei a mover as pernas intumescidas para direcionar a deriva para esses pilares. Dali, pretendia subir no píer, passar ao lado da minha Zodiac e ir até o fundo, onde estava o barco de Miguel. Era facinho. Três minutos, no máximo.

Subi no píer fazendo um esforço titânico, porque meus braços adormecidos após duas horas na água não queriam me ajudar. Quando finalmente consegui, fiquei

deitado como um peixe arfante, absolutamente exausto. Se nesse momento uma dessas coisas houvesse aparecido por ali, poderia ter me devorado em questão de segundos. Não conseguia mexer um dedo sequer, quanto mais me defender.

De olhos fechados, deitado, procurei aguçar o ouvido. Não se ouvia absolutamente nada. Bom. Levantei-me com esforço e puxei os barris para cima. Primeiro, Lúculo. Tirei a gaiola do barril e com meus dedos gelados lutei com o fecho da portinhola. O coitado estava assustado, confuso, faminto e molhado, mas vivo, afinal. Acho que meu pequeno amigo merece um prêmio. Suportou toda essa viagem fluvial sem se queixar, em pânico, mas sereno. Bom rapaz.

Fui em direção ao barco, mochila nas costas e gaiola na mão. Ao chegar ao píer principal, fiquei paralisado. Não podia ser.

Não havia nem um único barco. Nenhum, nem sequer minha Zodiac. Tudo o que podia flutuar e se mover havia desaparecido. Mas como?

Caí de joelhos, absolutamente esgotado, incapaz de pensar, bloqueado diante da situação. Meus piores presságios estavam se realizando. Não havia barcos. Nos últimos momentos da área segura, a multidão aterrorizada deve ter corrido para os atracadouros e pegado qualquer coisa que flutuasse para fugir desses monstros. Eu devia ter imaginado.

Os mastros de dois veleiros sobressaíam da água, enquanto os barcos que os suportavam jaziam no fundo do rio. Excesso de carga ou falta de perícia, supus. Esses não haviam ido muito longe. Pouco a pouco, comecei a ver mais coisas. Senti meu sangue gelar. Havia restos de sangue e buracos de bala por todos os lados. Marcas de luta. Nesse atracadouro deve ter havido um massacre, uma briga mortal por um barco. A luta pela sobrevivência. Uma paisagem infernal. Oh, meu Deus.

Subitamente, tive uma lembrança. Talvez nem tudo estivesse perdido. Eu lembrava de ter visto, em muitas ocasiões, um ou outro veleiro na outra margem, atracado longe dos píeres. Eram os barcos em lista de espera para conseguir um ponto para atracar. Para os donos era um saco, pois cada vez que queriam embarcar tinham de ser levados de lancha até eles. Talvez a multidão não houvesse conseguido abordá-los. Talvez ainda restasse algum. Coloquei resolutamente Lúculo em um barril, bem como a mochila em outro, e, procurando não fazer barulho, mergulhei de novo nas escuras águas do Lérez.

Foram só algumas braçadas, mas tive a sensação de estar cruzando o canal da Mancha. Minha esperança ia se desvanecendo à medida que me aproximava. Nada. Nada... Mas... Espere! No fundo, contra o reflexo de Vénus nas águas, pude divisar o balanço de um mastro. Restava um. Sim!

Usando minhas últimas forças, mergulhei até o barco. Era um doze metros, grande, bonito, com um brilhante espelho de popa onde se podia ler seu nome. Corinto. Meu novo barco. Minha salvação. Com um último esforço, segurei na borda da popa e

subi a bordo. Olhei ao redor e compreendi por que ninguém havia levado esse barco. E o que eu teria de fazer se quisesse partir nele.

13 de fevereiro

11h26

51º registro

Chove torrencialmente. O céu matutino é cinza, plúmbeo. Sopra um desagradável vento do norte, que arrasta cortinas de água contra o plexiglas das escotilhas do camarote do Corinto enquanto ele corta suavemente as ondas da enseada. Posso ouvir o vento assoviando entre as velas e a chuva pingando. Estou confortavelmente instalado em um camarote, com uma xícara de café fumegante ao lado, enquanto tento organizar em minha mente os acontecimentos das últimas horas e planejar meu próximo movimento. Deve haver um forte temporal aí fora, em mar aberto, pois os restos da ressaca estão sacudindo o barco. Meu barco. Minha nova casa, por enquanto.

Quando subi a bordo do Corinto, na noite passada, o espetáculo que se abria diante dos meus olhos não era exatamente esperançoso. Alguém havia estado a bordo, tentando pegar o veleiro, e não havia conseguido. Lógico...

Por toda a cobertura havia restos de sangue já secos. Pedacos de fibra de vidro e uma feia cicatriz no botaló atestavam que nessa cobertura alguém havia atirado. Pude imaginar a cena perfeitamente. Na noite em que a área segura caiu, enquanto milhares dessas coisas atravessavam em ondas as linhas de defesa, os civis refugiados devem ter entrado em pânico. Os barcos amarrados no porto pareciam a saída lógica, de modo que centenas de pessoas devem ter se precipitado para eles. Não cabiam todos a bordo, evidentemente, de modo que a lei do mais forte se fez presente nos píeres. Os restos de luta eram boa prova disso.

A luta possivelmente se estendeu às cobertas dos barcos enquanto desatracavam e saíam navegando, sobrecarregados e quase afundando, fugindo da cidade condenada. O rio deve ter arrastado, nesse dia, muitos corpos. Que cena! Mas alguma coisa deu errado no Corinto nessa noite aziaga, algo que não entendi até que fiz uma inspeção mais atenta.

O Corinto tem doze maravilhosos metros, afiados, agressivos, produto típico dos estaleiros holandeses de Riij, berço dos puros-sangues do mar. A cobertura tem cromados e acabamentos de madeira de teca. Uma verdadeira preciosidade. A distribuição interna é ampla, espaçosa, justa, como sempre acontece nesse tipo de barco, mas confortável. Não conseguia entender como essa preciosidade ainda podia estar amarrada se até o bote do vigilante do porto, uma velha barça de madeira, havia desaparecido. Logo compreendi.

Por não estar amarrado nos píeres, e sim atracado na desembocadura do rio, o Corinto estava preso ao fundo limoso do Lérez pela âncora. Esta, em vez do habitual

cabo de fibra de náilon, estava presa por uma corrente. Hoje em dia, quase não se usam correntes de âncora nos veleiros, por conta do peso excessivo, e costuma-se preferir um tipo de cabo similar à corda dos escaladores, visto que a resistência à tração é muito alta em relação ao peso e volume.

O dono anterior do Corinto, todavia, devia ser um sujeito à moda antiga, porque seu barco ainda usava corrente para segurar a âncora. Por pesar mais, para puxar a âncora era preciso usar um pequeno motor elétrico situado na proa. Na noite maluca em que a área segura caiu, um número indeterminado de pessoas deve ter abordado o veleiro com intenção de fugir nele, lançando-se no mar. Enquanto parte deles se dedicava a atirar em outros fugitivos (e a levar tiros, por sua vez, como atestavam o sangue e os buracos de bala), alguém tentou levantar âncora. Mas esse alguém não devia saber muito de barco, porque não levou em conta que o limo do fundo devia estar mantendo as garras da âncora profundamente presas. Em vez de puxar a corrente pouco a pouco, para se situar na vertical e livrar a âncora da sucção do fundo, que é a maneira correta de fazer, ligou o motor do cabrestante elétrico no máximo desde o início. O motor não conseguiu puxar a âncora com a corrente na diagonal e começou a aquecer, até que, finalmente, queimou.

Imagino que o sujeito que o acionava estava tão aterrorizado por tudo que estava acontecendo à sua volta que não percebeu que estava sobrecarregando o cabrestante. Depois, foi tarde demais. Com o motor queimado era impossível içar a âncora. Alguém tentou se livrar da âncora a machadadas (o machado e as marcas ainda estavam presentes na proa), mas só conseguiu danificar parte da fibra de vidro. A corrente não podia ser cortada e o tempo estava acabando. Um barco que não podia sair do lugar não servia para nada, de modo que imagino que o abandonaram por outro objetivo mais útil. Fim da história.

Então, eu estava na cobertura do Corinto pensando em como soltar a âncora do fundo para sair dali antes do nascer do sol. Precisava liberar o veleiro a qualquer preço. Podia haver um jeito, mas isso implicava me molhar de novo.

Acomodei Lúculo no camarote, depois de secá-lo um pouco, mergulhei de novo nas escuras águas do Lérez e comecei a nadar rumo ao Clube Náutico. Chegando lá, pingando água, fui até a esquina de onde podia ver a entrada principal. O portão estava fechado e eu via os monstros vagando do outro lado, ignorantes de minha presença. Havia marcas de batalha por todos os lados. Os sobreviventes, antes de fugir, devem ter fechado os portões atrás de si para evitar que essas coisas (ou mais sobreviventes) os incomodassem enquanto partiam. Isso, para mim, era ótimo, pois significava que, a princípio, não toparia com nenhum morto ambulante dentro das instalações.

Meu objetivo era uma porta na parte inferior do edifício. Sabia até onde guardavam a chave dessa porta. Era o depósito onde se recarregavam os cilindros de oxigênio.

Estive ali em diversas ocasiões. Agora, contava encontrar pelo menos um equipamento com o qual poder descer ao fundo e liberar a âncora. A chave estava embaixo de uma boia, ao lado da entrada. Com ela, abri a porta o mais suavemente possível. A sala, às escuras, era aterradora. A cena mais absurda dos últimos meses foi quando me pareceu ver uma figura ameaçadora no fundo e atirei o arpão, descobrindo, segundos depois, que havia perfurado com meu virote uma roupa de mergulho pendurada em um cabide. Muito profissional. Em um canto, coberto por uma lona, estava o equipamento de um instrutor de mergulho. Não era nenhuma maravilha, mas teria de servir. Verifiquei o nível de oxigênio do cilindro e o funcionamento dos reguladores e o coloquei nas costas. Calcei os pés de pato e comecei a procurar os óculos. Descobri que não estavam ali. Maravilha. Teria de mergulhar nas turvas águas do rio no escuro sem óculos, o que implicaria ter de livrar a corrente às cegas. Como não havia outro remédio, joguei-me na água e comecei a nadar em direção ao Corinto. Quando cheguei à corrente, mergulhei até chegar à âncora. O fundo, a uns três metros e meio, era escuro como o petróleo. Tateando, descobri que a âncora estava enganchada em uns ferros enferrujados que sobressaíam do leito. Por isso o motor havia se queimado. Manipulando com paciência o passador de bronze, pouco a pouco foi se amolecendo. Quando meus dedos já estavam intumescidos, subitamente o passador saiu por completo. Só tive tempo de me segurar na corrente enquanto o Corinto, arrastado pelo refluxo da maré, deslizava pela enseada, em direção ao mar. Após subir pela corrente e livrar-me do equipamento, sequei-me pela primeira vez em horas e joguei a âncora pequena de emergência. Quando o barco ficou preso, fui cambaleando para o camarote e me joguei, esgotado, em cima de um catre. Acho que dormi mais de doze horas. Agora, levantei-me, e, enquanto escrevo isto, estou navegando para Tambo. Espero chegar lá em menos de uma hora.

13 de fevereiro

19h38

52º registro

Que nojo.

Tambo não é mais uma opção válida.

Estou atracado a uns cinquenta metros de uma das pequenas calas da ilha. Daqui, no lusco-fusco do entardecer, posso vê-los vagando pela margem. Por ora não vi muitos, só uma dúzia, mais ou menos, mas é mais que suficiente. A ilha, e quem quer que se encontrasse nela, caiu. Quando foi, não sei. Como foi, nem ideia. Se há sobreviventes, também não sei.

Isto é horrível. Ao longo da manhã vi o familiar contorno da ilha crescer à medida que a proa do Corinto se aproximava dela. Já havia passado dúzias de vezes a menos de cem metros da ilha, até mesmo desembarcara nela em várias ocasiões, apesar de ser proibido, mas nunca havia me dirigido com tanto entusiasmo para esse pedaço de terra como nessa oportunidade. Por isso a decepção foi ainda mais dolorosa.

Quando estava a uns vinte metros da margem pensando em como faria para chegar à terra sem encalhar o barco, vi um soldado da Marinha sair por uma trilha no meio de umas árvores. Usava o uniforme branco da base naval e o característico quepe. Aparentemente, não me viu, e se dirigia a uma trilha que entrava de novo na vegetação. Corri para a proa e comecei a agitar os braços feito louco, mas ele tropeçou em uma pedra do caminho que quase o fez cair e me deixou ver seu lado esquerdo. Faltava metade do rosto, e o impecável uniforme branco tinha uma cor de ferrugem, de sangue seco. Seu olhar era vazio, perdido, como o de todas essas malditas coisas. O grito de júbilo que eu estava prestes a proferir morreu na garganta antes de sair. Eles haviam chegado até ali. Caramba! De alguma maneira, de algum modo, haviam chegado.

Voltei à cabina com cuidado e passei a tarde bebendo vinho vagabundo e contemplando a margem com desespero. Tão perto e tão longe. Não posso nem pensar em tocar a terra. Vi pelo menos uma dúzia, de modo que deve haver bem mais. Não sei quantos são, não conheço o interior da ilha e não sei que surpresas poderia encontrar. Não tenho ninguém que me dê apoio se algo der errado. Seria suicídio.

Chorei amargamente. E me embebedei. E amaldiçoei. E cuspi com raiva por sobre a borda, enquanto esses monstros vagavam errantes pela margem, aparentemente sem saber que a poucos metros deles, no Corinto, havia carne fresca no ponto para ser servida. Que se fodam.

No fim da tarde, tomei uma decisão. Içando a âncora, costeei o lado ocidental da ilha até chegar a uma pequena cala que eu já conhecia. Há um manancial de água nela, coisa de que preciso com urgência. Só uma pequena ladeira liga a cala com o interior da ilha. Não sei se essas coisas são capazes de descer por essa trilha, mas, se conseguirem, devem levar muito tempo. Confiando nisso, remei até a margem no pequeno bote inflável do Corinto e enchi o barril de água. São pelo menos quinhentos litros de aguada, mais que suficientes para a travessia que pretendo fazer. Nem um só desses seres apareceu enquanto eu fazia a aguada. Por um momento, flertei com a ideia de subir a trilha e xeretar um pouco pela ilha, mas a descartei. Não sou nenhum explorador e estou mal-armado. Já está imensamente difícil me manter a salvo, ainda por cima vou querer brincar de herói? Se há alguém em apuros na ilha, lamento por ele ou ela, mas vai ter de se virar por conta própria. Neste novo mundo, só quem puder cuidar do próprio rabo tem possibilidades de ver o novo dia. Remando com dificuldade, reboquei o barril cheio de água até o Corinto. Depois disso, e após dirigir um último olhar à ilha, levantei âncora e rumei para o oeste, para a boca da enseada. Para o meu novo destino.

15 de fevereiro

1h19

53º registro

Ainda estou vivo. Por milagre.

As últimas vinte e quatro horas foram terrivelmente extenuantes. À medida que o Corinto se aproximava da boca da enseada, as condições do mar iam ficando cada vez piores. Uma forte borrasca deve ter se situado perto dos Açores nos últimos dias e manda onda após onda de tempestades sobre a costa da Galícia. São as típicas galernas do inverno, vento súbito e borrascoso que faz que ninguém em seu juízo perfeito navegue fora das enseadas. Claro que isso já não é uma opção agora.

Quando fui me afastando de Tambo, minha cabeça não parava de girar. Todo meu grandioso plano de fuga tinha como objetivo me levar até a ilha. A partir daí, seriam os militares, ou quem quer que controlasse Tambo, que passariam a cuidar de mim. Descobrir que a ilha era mais um pedaço do inferno que se abateu sobre a Terra foi um golpe enorme. Por várias horas não tive nem ideia de que, diabos, poderia fazer.

Quando voltei de buscar a água, enquanto içava a bordo o barril com uma roldana, meu olhar pousou casualmente na costa sul da enseada, no porto de Marin. Estava completamente vazio. Ali também qualquer coisa flutuante havia sido utilizada na fuga. Até os cais de amarra da base naval estavam desertos. Onde normalmente se podiam ver duas ou três das cinza e modernas fragatas da Armada, e até algum porta-aviões, como o Príncipe das Astúrias, não há mais nada além de devastação, desordem e dúzias de seres cambaleantes e cobertos de sangue que passeiam sem rumo fixo.

Bom. Perfeito. Para onde foi todo mundo, caralho? Não entra na minha cabeça que tenham se espalhado aos quatro ventos. Devem ter tido algum objetivo. Talvez outra área segura. Poderia ser. O porto de Vigo, um dos mais importantes da costa atlântica européia, fica a apenas umas vinte milhas marítimas dali. Talvez todo mundo tenha se concentrado nele.

Sim! E isso! Com toda a probabilidade a área segura de Vigo ainda resistia e quem pôde foi de barco para lá, na confiança de que o trajeto seria completamente seguro por via marítima. Com esses pensamentos borbulhando na cabeça, precipitei-me para o cabo de minha pequena âncora, pronto para seguir para esse novo destino.

Talvez tenha sido o cansaço, talvez a excitação causada por estar indo para o que considerava que seria minha salvação, talvez a vontade tão enorme de sair dali o que fez que não prestasse atenção; mas, fosse o que fosse, é imperdoável. Vivi toda minha vida ao lado da enseada, e sei perfeitamente quando as condições não são indicadas para entrar no mar, mas dessa vez não as vi.

Todos os pequenos indícios, as cristas das ondas de um cinza sujo, as gaivotas voando para a terra, as rajadas de vento inconstante do norte deviam ter sido sinais luminosos de perigo, mas meu cérebro era incapaz de processá-los. Todos os meus pensamentos estavam fixos em sair dali o quanto antes.

Depois de três ou quatro horas de navegação estava absolutamente claro que o mar ia ficar muito, muito agitado. Ondas de três metros sacudiam o Corinto como uma casca de noz, enquanto verdadeiras cortinas de água caíam sobre a cobertura, deixando-me encharcado, e eu, agarrado ao timão, me obstinava em chegar à boca da enseada. Se já estava assim dentro, não queria nem imaginar o que poderia encontrar em mar aberto.

O vento soprava furioso, inclemente. O Corinto, muito experiente, deslizava por entre as ondas abrindo-as como uma faca, enquanto entre a chuva de espuma eu adivinhava a costa. Era evidente que não poderia suportar essa situação por muito mais tempo. Reconhecendo o inevitável, decidi dirigir-me para o pequeno porto de Bueu, a pouco mais de duas milhas da saída da enseada, para atracar seguro até que o tempo melhorasse um pouco.

Seguro do que fazia, cometi o segundo erro do dia. Por mais experiência que você tenha no mar, nunca pode confiar. E foi isso justamente o que fiz. O spinnaker, vela de proa, começou a se agitar quando virei em direção à costa e o Corinto ficou contra o vento. Saí da banheira de popa para ir para a proa e amarrar a vela. Subitamente, uma onda de lado acertou o casco do barco, fazendo-me perder o equilíbrio.

Em menos de um décimo de segundo eu estava pendurado na borda com o tornozelo enroscado em um cabo, com todo o corpo pendurado para fora do barco, enquanto ele avançava para a costa, chacoalhando sem controle. Levei uma forte pancada na cabeça e meu ombro bateu no casco, e acho que perdi momentaneamente os sentidos, aturdido. Não tardei a recuperá-los, despertado pelas ondas que se rompiam diretamente em meu rosto, quase me afogando. A situação era realmente perigosa. Se eu não conseguisse subir a bordo, ou me afogaria de cabeça para baixo, ou cairia e ficaria à deriva, enquanto o barco se estatelaria nas rochas da margem. E eu não esperava que Lúculo assumisse o controle do barco. Os gatos não são animais muito marinhos, afinal.

Após alguns minutos de angústia, uma súbita mudança de vento fez que o Corinto se inclinasse para a borda contrária. De súbito, fui elevado, quase projetado para a cobertura. Aproveitando a oportunidade, agarrei-me a uma das colunas e me ergui de novo a bordo. Encharcado, trêmulo e aturdido, arrastei-me de novo até a banheira da popa e peguei o timão. Retifiquei a deriva e dirigi a proa do Corinto para o porto de Bueu. O barco começou a responder lentamente à pressão e pouco a pouco parou de sacudir. Menos de um minuto depois dirigíamo-nos velozmente para o porto, com o vento a favor pelo lado.

Foi quando comecei a tremer violentamente. Quase morri. Podia ter morrido de uma forma totalmente absurda, ou ter ficado ferido e à deriva, o que nessas circunstâncias dá exatamente no mesmo. Sentindo ânsia de vômito, pus a cabeça para fora da borda e vomitei, principalmente a grande quantidade de água salgada que havia engolido.

Aprendi uma importante lição. Essas coisas, esses não mortos, não eram a única coisa que podia acabar comigo. Os acidentes, as doenças, a fome e qualquer causa normal de morte continuavam presentes. Não haviam se retirado, simplesmente estavam emboscados na sombra, esperando a oportunidade. E, se eu não tivesse cuidado, podiam me pegar. O fato de eu ter passado os últimos dias pensando só em meus caçadores quase me fez esquecer algo fundamental: o homem é um ser muito, muito frágil.

Agora estou atracado no porto de Bueu, a uma distância prudente do cais, enquanto a tempestade ruge com intensidade sobre a vila. A costa está escura, silenciosa, sacudida por ocasionais relâmpagos que iluminam por um instante, de forma fantasmagórica, as silhuetas dos edifícios, enquanto o rugido dos trovões sacode o barco todo.

Sei que eles estão ali, na margem. E acho que também sabem que cheguei. E o pior não é isso.

O pior é que percebi que preciso de algo fundamental. E que, para consegui-lo, amanhã terei de descer à terra.

Bem onde estão eles. De novo com essas coisas. Na boca do lobo.

16 de fevereiro

10h13

54º registro

Nunca gostei de chuva, coisa que na Galícia, onde ela faz parte da paisagem, é um sentimento um tanto absurdo. Mas hoje, enquanto contemplava o aguaceiro caindo sobre a pequena vila de Bueu, pensei que talvez, no fundo, não fosse tão ruim. Inclusive podia me ser útil.

Faz quase doze horas que cai água torrencialmente. Uma tempestade de chuva e vento está açoitando, neste momento, todo esse trecho da costa. O mar, sacudido e agitado, mostra uma funesta cor cinza-aço, que normalmente convidaria a frota a ficar amarrada no porto e seus marinheiros a beber alguma coisa quente na taberna. Mas já não há frota nem marinheiros, pelo menos vivos, que eu saiba.

O Corinto, apesar de estar resguardado por trás do espigão do porto de Bueu, balançava violentamente com os restos da poderosa tempestade que chegava até ali vinda de fora. As rajadas de vento sacudiam as velas e arrastavam verdadeiras cortinas de chuva. Os embornais quase não davam conta de expulsar toda a água que se acumulava na coberta, enquanto, em terra, a chuva mal deixava divisar os edifícios da margem. Cinco minutos à intempérie significava ficar absolutamente encharcado. Um tempo horrível, enfim.

Esse tempo, contudo, me favorecia. O som do vento e da chuva encobriria qualquer possível barulho que eu pudesse fazer em terra. A visibilidade era realmente reduzida enquanto a tromba-d'água desabava do céu. Pensei que, nessa ocasião, o clima podia ser meu aliado.

Eu não tinha mais remédio que descer à terra. Precisava com urgência de cartas náuticas. Os fugitivos que assaltaram o Corinto não foram capazes de levar o barco, mas o revistaram a fundo e levaram qualquer coisa que acharam útil, entre elas as cartas náuticas, que deviam estar na gaveta ao lado da mesa de navegação. Sem elas, eu corria o risco de me chocar com algum banco que pudesse haver na enseada de Vigo. Além disso, em sua precipitada fuga, tentaram arrancar o GPS embutido no painel de comando, e só o que conseguiram foi quebrar a tela de cristal líquido. Estava absolutamente imprestável e eu precisava dele funcionando. Embora só precisasse ir costeando até Vigo, a experiência de Tambo havia me ensinado que não podia dar nada por certo. Podia ser que desse porto eu tivesse de seguir meu caminho para qualquer outro lugar, e precisava estar preparado para isso.

Além do mais, precisava repor as provisões, em um nível cada vez mais baixo. Poderia suportar mais dois dias com meia ração diária, mas Lúculo olha para mim indignado cada vez que cheira as magras rações que lhe sirvo de comida. Não sei o

que ele pensa de tudo isso, mas tenho certeza de que o que realmente incomoda meu pequeno amigo é a catastrófica situação de nossa despensa, mais que os sustos, as sacudidas e a água. E não estou a fim de ter um motim a bordo, mesmo que seja felino.

Verdade seja dita, ele está aguentando como um campeão. E, realmente, agradeço a ele por isso. E a única companhia que tenho há quase um mês, e se não fosse por ele, com todas essas coisas pululando por todos os lados, acho que agora estaria bem perto de perder a cabeça.

Tomada a decisão, só me restava traçar um plano, e, na verdade, a perspectiva era realmente aterradora. Não conhecia o estado das ruas além do que se podia ver da coberta. Não sabia o que poderia encontrar ao virar a esquina. De modo que meu plano se reduzia a chegar à margem, arranjar o que precisava atraindo o mínimo de atenção possível e cair fora dali. O resto teria de ir improvisando.

Vesti a roupa de neoprene, peguei a Glock com os dois pentes e o arpão com os quatro virotes de aço. Esvaziei a mochila no camarote e, com ela às costas, descí até o bote que balançava amarrado ao lado do Corinto. Estava meio alagado da água da chuva e do respingo das ondas. Ignorei a sensação de frio que subia por minhas pernas à medida que eu me encharcava e remei cautelosamente para a deserta margem, para o cais.

A água do porto, normalmente turva e oleosa, tinha um aspecto estranhamente limpo. Enquanto remava, pensava que é incrível como o entorno mudou após quase um mês de ausência humana. Notei que quase não vi animais nesses dias, exceto pássaros. Há centenas deles, principalmente gaivotas. Com um estremecimento, lembrei que as gaivotas, além de piscívoras, comem carniça. Imagino que ultimamente não lhes falta alimento, e sem precisar pescá-lo. Tempos de vacas gordas para elas.

Finalmente cheguei aos degraus do cais. Após amarrar o bote, subi silenciosamente. Com um breve olhar, contemplei o cais. Estava deserto. A tempestade estava amainando nesse momento. O barulho da chuva e do vento assoviando pelas ruas combinava-se com o estrondo dos trovões, que cadenciadamente marcavam o fundo. Era uma tempestade horrível. O vento açoitava meu rosto, arrastando a chuva para os meus olhos. Era impossível ver ou ouvir qualquer coisa a mais de cinco metros. Perfeito.

Atravessei o cais com cautela até apoiar as costas no armazém do porto e olhei pela esquina. Vi um homem jovem e uma mulher de idade avançada. Estavam imóveis no meio da rua, com um aspecto curiosamente desolado. A chuva pingava sobre eles e colava suas roupas ao corpo. Notei que, após quase um mês de uso e de ficar à intempérie, muitas peças de roupa dessas coisas começavam a se desgastar. Agora, sua aparência é extremamente inquietante, como se houvessem saído de um filme de terror.

Como se antes não parecessem. É foda.

Colado ao muro, comecei a avançar, com o arpão e a pistola prontos. Passei ao lado deles, a menos de quatro metros, E NÃO ME VIRAM. A tempestade, a escuridão crescente e a chuva me esconderam, mas, de alguma maneira, eles me sentiram. Tenho certeza.

Enquanto passava ao lado deles, com os nervos tensos como cordas de piano, pareceram sair do transe. Começaram a se agitar, inquietos, virando para todos os lados, tentando me localizar. Seus sentidos físicos, após ter cruzado o umbral da morte, parecem estar muito diminuídos, mas, por outro lado, parecem ter desenvolvido uma espécie de percepção própria que lhes permite "sentir" os seres vivos. Sabiam que estava ali. Perto. Muito perto. Mas não sabiam exatamente onde. Era só questão de tempo até que me localizassem. Precisava me apressar, e muito.

Deslizando colado às paredes e me agachando ocasionalmente por entre os veículos abandonados na rua, percorri todo o trajeto até chegar a uma loja de produtos náuticos que eu sabia que havia na esquina. Quando cheguei a ela, tomei consciência de duas coisas. A primeira, que a loja estava com a porta de aço fechada. Mas que imbecil! Não havia pensado nisso. Como, caralho, eu ia levantar a porta, sem eletricidade e sem a chave?

A segunda coisa era que, inadvertidamente, pelo menos uma dúzia dessas coisas se aproximava pela rua, atraídas, de algum modo, pela percepção de minha presença.

Eu precisava de uma solução. E tinha de ser rápido. De repente, encontrei.

Estacionada perto da fachada da loja, no térreo de uma casa próxima ao porto, havia uma van. Engatinhando pelo capo, subi até o teto. Com a chuva, foi mais difícil do que eu esperava, e quase escorreguei duas vezes. Fiquei histérico, enquanto essas coisas se aproximavam. Precisava subir. Caramba!

Por fim, consegui subir no teto do furgão. Dali para a varanda do primeiro andar faltava menos de um metro de distância, bem em cima da loja. Arfando, venci a distância com um pulo. Quase escorregando no musgo da borda, caí lá dentro. A porta, fechada, era de vidro. Com a coronha da pistola quebrei-o. Tive a sensação de que todo o mundo ouviu o barulho, mesmo amortecido pelo barulho da chuva torrencial.

A porta da varanda girou suavemente sobre as dobradiças, sem fazer barulho. Lá dentro, vi uns pesados móveis de madeira com cara de centenários. Um denso cheiro de fechado e de algo mais assaltou minhas fossas nasais assim que ultrapassei o umbral.

Respirando entrecortadamente, fui até a porta do dormitório, um quarto com uma cama antiga, monstruosamente grande, com dossel. Toda a casa tinha cheiro de fechado e de umidade, mas de fundo eu podia sentir um leve aroma de decomposição, de podre. Preparei-me para o pior. Ao chegar à porta, estiquei a mão

para a elaborada maçaneta de vidro, inspirei profundamente e abri a porta com um puxão, enquanto pulava para trás.

Nada. Só uma sala escura. Com mãos torpes, revirei o fundo da mochila vazia e tirei uma lanterna. Iluminei o caminho e entrei na sala escura. Podia ouvir o rumor da chuva e da água caindo pelas calhas enquanto, de fundo, de vez em quando, ouviam-se fortes trovões que faziam retumbar a casa toda. A tempestade estava em cima da pequena vila nesse momento. Sendo sincero comigo mesmo, devo reconhecer que estava morrendo de medo.

A sala contígua, uma sala de jantar, dava passagem para uma espécie de saguão, onde nascia uma escada que conduzia ao andar de baixo. Imaginei que a casa e a loja de produtos náuticos do andar inferior estavam ligadas por dentro. Deviam ser do mesmo dono. Sei lá. O certo é que, quando apoiei o pé no primeiro degrau e ia começar a descer, ouvi um barulho que não tinha nada a ver com a tempestade. Era como uma espécie de som rítmico, constante, acompanhado de... chocalhos?

Splam, splam, splam, splam, splam, SPLAM! E, de repente, parava. E de novo esses malditos chocalhos de fundo. Era de enlouquecer.

O barulho não vinha de baixo. Eu me enganara. Vinha do mesmo andar em que eu me encontrava. Do fundo da casa. Poderia tê-lo ignorado e me limitado a descer a escada, saquear o que fosse necessário e sair por onde havia entrado, mas sou humano. E os humanos, além de irracionais, estúpidos e imprevisíveis, são, principalmente, curiosos. Queria saber que, caralho, era esse barulho. PRECISAVA saber que, diabos, era isso. De modo que, morrendo de medo, empunhando a Glock na mão direita e a lanterna tremendo na esquerda, voltei-me e me dirigi para o outro lado da casa.

Atravessei uma espécie de saleta, com uma tevê desligada, dois sofás, algumas revistas de mais de dois meses e uma solitária meia abandonada em cima de uma mesa. Havia outra porta ao fundo. O barulho, ali, era mais forte. Eu estava chegando perto. Ao chegar à porta, botei o olho na fechadura. Não se via absolutamente nada, mas o cheiro de decomposição era mais intenso. Segurando a lanterna com a boca, abri a porta, mas só encontrei um novo corredor, mais curto, com duas portas.

SPLAM! O barulho foi forte, claro, intenso, enquanto uma baforada de ar podre assaltava minhas fossas nasais. SPLAM! Dando dois passos, entrei cautelosamente no corredor, enquanto tentava controlar a ânsia de vômito. O cheiro era nauseabundo. SPLAM! SPLAM! Apontando a lanterna para todos os lados, verifiquei que o corredor estava livre. Apenas uma série de antigas litografias de estampas náuticas e as duas portas. Uma delas, entreaberta, permitia ver um banheiro. Cuidadosamente, empurrei a porta, que se abriu com um audível chiado, enquanto passava o fecho de luz por todo o aposento. Vazio.

SPLAM! SPLAM! SPLAM! SPLAM! O chiado da porta do banheiro havia feito o

chocalho e as batidas se multiplicarem do outro lado da porta fechada. Não era algo produzido mecanicamente. Fosse quem fosse, havia me ouvido. Prendendo a respiração, parei em frente à porta.

Ainda estava em tempo. Ainda podia dar meia-volta e ir embora. Fosse o que fosse, sabia eu que estava ali e ainda não havia saído. Ou não podia ou não tinha interesse em me ver. E, francamente, imagino que eu também não. Mas precisava saber que, caralho, era aquilo, de modo que peguei a maçaneta e com um forte empurrão abri aquela maldita porta.

Jesus. Ainda tremo. Aquele quarto condenado deve ter sido, em algum momento, o quarto principal da casa. Uma colcha de linho cobria uma enorme cama, iluminada apenas pelos relâmpagos que entravam pela persiana meio fechada. Aos pés da cama, exalando um cheiro infernal, jazia o corpo de uma mulher de idade indeterminada. Nas mãos tinha uma espingarda, apontada para cima. Havia enfiado o cano na boca e apertado o gatilho. Da metade superior da cabeça não restava absolutamente nada. Devia estar morta havia pelo menos três semanas. Enfoquei a luz para o que um dia foi seu rosto e pude ver uns vermes brancos, enormes, saindo pelo que lhe restava da boca. Com ânsia de vômito, inclinei-me em um canto e fiquei vomitando pelo que pareceu uma eternidade. Minha pequena contribuição para aquela paisagem infernal.

SPLAM! Levantei-me como um raio ao ouvir aquele novo golpe, com um fiozinho de bile pendurado na boca. Enfoquei a lanterna em um canto e o vi. Era uma criança de três ou quatro anos. Usava um pequeno macacão jeans e estava descalça. Estava sentada em uma cadeira infantil, fortemente presa a ela por correias.

Era um deles.

Ao enfocá-lo com a lanterna, começou a se sacudir em sua cadeirinha, provocando os golpes que eu havia ouvido antes, ao bater na parede. O outro barulho era produzido pelos chocalhos presos à parte da frente da cadeira, que se agitava violentamente enquanto ele me olhava com olhos vazios e mortos, esticando os pequenos braços para mim, tentando me pegar. Era uma imagem demente.

Enojado, afastei-me para um canto, enquanto contemplava esse pequeno monstro. Se não me engano, a mulher que jazia a meus pés devia ser a mãe dele. O filho deve ter contraído o vírus de alguma maneira, e isso foi demais para ela. Quando viu no que se transformou, não deve ter tido coragem de acabar com ele, nem para continuar vivendo. Presa nessa casa, desesperada, sozinha, finalmente atirou em si. Aquele criatura devia estar havia semanas amarrada a essa cadeira, presa para sempre, incapaz de se desamarrar e de caminhar, como todos seus irmãos, em busca de sangue quente e seres vivos.

O monstro não parava de se balançar, inquieto com minha presença. Com o pouco sangue-frio que me restava, peguei o arpão e apontei o virote para a cabeça dele.

Um fraco grunhido saiu de sua boca escura, malcheirosa, enquanto se agitava ameaçador à minha frente. Senti lágrimas salgadas correrem por meu rosto enquanto apontava, trêmulo, o arpão para a criança. Fechei os olhos.

Atirei.

Sei que fiz o que devia, mas não posso evitar pensar que era praticamente um bebê. É a coisa mais horrível que já fiz na vida; vai me perseguir por todo o sempre.

Arranquei o virote ensanguentado com um puxão e, após limpá-lo na roupa do cadáver do chão, abandonei cambaleante esse quarto digno de uma cena do inferno. Precisava me recompor. Eu estava ali com um objetivo. E já estava ali. Precisava reagir, por mim. Por Lúculo, para poder ver o dia seguinte. Limpei as lágrimas e fui para as escadas que levavam para a loja.

Estava escuro. Terrivelmente escuro.

Aquelas escadas que desciam para o andar de baixo estavam negras como a boca de um túnel. O facho de luz de minha lanterna me ajudava a vislumbrar os degraus de madeira que se perdiam para baixo e o corrimão de ferro fundido que se retorcia em complicadas formas. Ainda tremia e sentia o gosto amargo da bile na boca. Minha língua parecia areia, terrivelmente seca. Nesse momento, teria matado por um copo de água.

Comecei a descer, com cautela. A medida que pisava os degraus, eles rangiam sob meu peso, provocando sonoros gemidos. Lá fora, o vendaval caía com toda sua potência. O vento soprava com fúria e os raios iluminavam fantasmagoricamente a cena. Uma paisagem digna de um filme de terror. Só que não era um maldito filme. E eu estava ali, no meio de toda essa merda. De repente, senti o intenso desejo de dar meia-volta, sair correndo dali e me refugiar no Corinto, mas isso já não era uma opção viável. Não mais.

Finalmente, cheguei embaixo. De um lado havia uma porta trancada, mas a chave estava na porta. Ao usá-la, com um sonoro clique, a fechadura se abriu. Bingo.

Com extremo cuidado, pus a cabeça para dentro e enfoquei a lanterna em um vulto próximo. A luz me mostrou uma estante, onde podia ver um monte de carretéis de varas de pescar em filas organizadas. Estava dentro da loja de artigos náuticos. Perfeito. Com mais confiança, dei alguns passos e fui passando o facho de luz pelas diversas estantes, enquanto minha mente repassava a toda velocidade minha lista de compras. Não podia demorar muito. Em um canto, vi alguns equipamentos de segurança para velejadores. Depois do incidente da viagem para cá, pensei que seriam uma "compra" mais que lógica. Após apoiar em uma prateleira próxima a pistola, o arpão e a lanterna, orientada para mim, comecei a escolher um do meu tamanho, absolutamente absorto na tarefa. Isso quase me custou a vida.

Um monte de varas de pescar amontoadas ao meu lado veio abaixo com um estrondo, empurradas por dois braços branco-azulados. Depois deles surgiu o resto

do corpo, lívido e espectral, de um homem de uns quarenta anos, com expressão morta nos olhos e a boca entreaberta. Um deles.

Estava muito perto e foi muito rápido. Antes que eu percebesse, estava em cima de mim e todas as minhas armas muito longe para me servir de ajuda. Suas mãos, como garras, me seguravam pelo braço, enquanto o impulso me empurrou para trás. Desequilibrado, caí de costas em um expositor, arrastando a criatura em minha queda.

Fazendo um enorme barulho, aterrissamos no chão no meio de um monte de bússolas. Ele estava totalmente grudado em mim. Consegui segurar seus braços, e, com uma perna semi-flexionada entre nós dois, conseguia manter sua boca a certa distância do meu rosto. Sua expressão era absolutamente enlouquecida e ele abria e fechava a mandíbula dando raivosas mordidas no ar. Uma quase arrancou meu nariz. Quase.

Enquanto eu o segurava, minha mente pensava a toda velocidade. O filho da mãe estava em cima de mim e pesava bastante. Além disso, fazia muita força, e eu não sabia se essas coisas podiam se cansar; mas eu, definitivamente, sim. Estava começando a sentir câibras nos braços. A situação era desesperada.

Com um último esforço, girei sobre os quadris, para a direita. O corpo desse ser caiu com um estrondo aos pés de um expositor próximo, cravando um canto de aço na base das costas. Qualquer ser humano teria se retorcido de dor em uma situação assim, mas ele pareceu nem sentir. Filho da mãe.

Então, jazíamos os dois de lado, como dois amantes entrelaçados em uma cama, mas sua atitude não era exatamente sensual. Com o giro, um de seus braços ficou aprisionado embaixo do meu corpo. Eu podia sentir suas unhas tentando se cravar em minha pele através da roupa, mas por sorte o neoprene é muito grosso e a posição muito forçada para que ele conseguisse alguma coisa.

Contudo, eu estava com um braço livre. No meio da confusão, a lanterna havia caído e se apagado, de modo que estávamos no escuro. Apalpando por cima da cabeça, passei a mão livre pelas prateleiras mais próximas, tentando encontrar algo, qualquer coisa. Tateando, peguei um objeto cilíndrico e pesado. Fazendo toda a força possível, dei com tudo na cabeça dele. Não pareceu sentir nada. Repeti o golpe, várias vezes, inutilmente. Nada. Agora sei que esses filhos da puta não ficam inconscientes de uma pancada na cabeça. Mas saber isso não ia me ajudar a salvar a vida nesse momento. Alguma coisa, no entanto, aconteceu com a última pancada.

Uma substância líquida, escorregadia e gordurosa começou a cair sobre mim. Primeiro pensei que o ser estava sangrando, mas o líquido era muito pastoso e abundante para ser sangue. Então, pensei que talvez houvesse vomitado em cima de mim. O nojo que senti ao pensar o que uma dessas coisas podia vomitar me ajudou a encontrar forças na fraqueza. Soltei seu outro braço, empurrei minha perna

semiflexionada contra seu corpo e me separei dele. Deslizei para trás com o impulso, a uma velocidade surpreendente, até chocar em outra fileira de estantes.

A pancada que levei na cabeça me fez ver estrelas. Um milhão de pontinhos brancos, verdes, vermelhos e azuis dançaram por um instante diante dos meus olhos. Escorregando, levantei-me enquanto ouvia essa coisa cair a menos de um metro e meio de mim. Ao me apoiar no móvel, percebi que era o mesmo onde havia apoiado minhas coisas. Tateando desesperadamente, procurei minha arma, rezando para que não houvesse caído no chão com a lanterna. Enquanto isso, às minhas costas, essa coisa tentava se levantar, sem sucesso.

Gotas de suor começavam a deslizar por minha testa. De repente, meus dedos sentiram o familiar formato da culatra da Glock. Voltei-me, e, ainda no escuro, abri fogo.

O disparo soou como um tiro de canhão no espaço fechado da loja. Enquanto meus ouvidos zuniam, minha mente tentava assimilar o que a luz do primeiro tiro me permitia ver. Corrigindo a mira, apontei para o vulto que era essa coisa e abri fogo três vezes seguidas.

O estrondo dos tiros e o cheiro de pólvora inundaram todo o lugar. O ser, simplesmente, parou de se mexer. Arfando, agachei-me procurando às cegas a lanterna, com a Glock apontando para todos os lados, enquanto meus olhos tentavam penetrar as trevas. Quando a encontrei, chacoalhei-a e verifiquei, com satisfação, que não parecia quebrada. Apertando o interruptor, acendi-a de novo e pude contemplar a cena.

Parecia que um furacão havia devastado esse corredor. Metade dos expositores estava no chão, devido à luta. O cadáver dessa coisa jazia encostado em uma parede, deitado, como se estivesse dormindo, com um negro e enorme buraco no meio da testa, por onde jorrava sangue sem parar. O chão estava coberto por uma espessa camada de uma substância oleosa. Desconcertado, agachei-me para inspecioná-la e compreendi o que havia acontecido.

O objeto com que eu havia acertado a cabeça dele era uma lata de óleo de motor de barco. Ao utilizá-la como martelo, ela se abriu e derramara todo seu conteúdo sobre nós (o suposto "vômito" que eu havia sentido um momento antes). Foi graças a ela que fui parar tão longe quando me separei dele, deslizando. E também graças a ela esse monstro havia escorregado várias vezes, dando-me tempo suficiente para encontrar minha arma. Uma simples lata acabava de salvar minha vida. Não deixava de ser irônico.

Eu estava encharcado de óleo de motor, dos pés à cabeça. Devia apresentar uma imagem um tanto tétrica, em pé, no meio daquela devastação, untado de uma substância escura e viscosa. A medida que a adrenalina parava de rugir em meu organismo, percebi que continuava vivo por mero acaso. Não fosse por essa lata de

óleo e por um tiro afortunado, agora mesmo eu estaria jantando esse filho da mãe e seria um deles. Senti ânsia de vômito de novo. Pelo menos, não tinha mais nada para vomitar.

Devia ser o pai da criança de cima. Entendi, então, como o bebê havia se contagiado. A mulher trancou o marido ali embaixo, na loja, quando viu no que ele estava se transformá-lo fugiu para cima, com a criança, sem saber que já estava condenada. Que caralho!

A porta estava fechada, e não parecia haver mais dessas coisas rondando ali por baixo. Mas o estrondo dos tiros havia atraído uma pequena multidão, que, amontoada do outro lado da porta metálica, esmurrava-a arrítmicamente.

Então, eu tinha três tarefas: defender a área, procurar o que havia ido buscar e encontrar um jeito de fugir dessa casa de loucos. E tinha de me apressar.

21 de fevereiro

13h15

55º registro

Acho que foi Roosevelt quem disse que só devíamos ter medo do próprio medo. Nota-se que ele nunca esteve trancado em uma loja, às escuras, pingando adrenalina e óleo de motor e com dúzias de monstros loucos para matar você, esmurrando a porta da entrada a menos de dois metros de distância. Com certeza ele também sentiria medo. Muito medo. Que caralho!

Assim que acabei com essa coisa que estava aos meus pés, percebi a magnitude da situação. Deixei-me cair, esgotado e trêmulo, sobre uma pilha de capas impermeáveis sem conseguir afastar os olhos da porta metálica, que ondulava cada vez que uma das coisas lá fora descarregava um soco nela. Era aterrador.

Não se ouvia nenhum outro barulho, nem sequer os trovões de antes. A tempestade parecia ter se dissolvido na atmosfera após descarregar toda sua fúria. Só o contínuo gorgolejar da água nas calhas fazia lembrar a tromba-d'água que havia acabado de desabar sobre Bueu enquanto eu lutava por minha vida contra o farrapo do chão.

Apoiando-me na estante às minhas costas, levantei-me com dificuldade. Dei uma olhada cautelosa à minha volta e, com todos os sentidos alertas, rapidamente examinei todo o aposento, para me assegurar de não ter nenhuma outra surpresa. Tudo estava tranquilo. Não havia nenhuma outra porta e só encontrei um pequeno banheiro e um depósito onde se empilhava ordenadamente um monte de mercadorias diversas. Nada excepcional, exceto uma mancha ferruginosa de sangue em um canto do depósito, onde imaginei que o sujeito que eu acabara de matar havia padecido a transformação para seu último estado. Ali, sozinho, no escuro, como um cão... Estremeci só de pensar.

Eu não tinha muito tempo. Era questão de minutos até que essas coisas cercassem a casa, e aí, sim, eu estaria condenado.

Rapidamente enfiei na mochila dois jogos completos de cartas náuticas das costas espanholas e norte-africanas, um da Marinha e outro do Almirantado Britânico (continuam sendo as melhores). Também peguei um GPS de boa qualidade, com conexão de plotter, duas bússolas, dúzias de pilhas para a lanterna, bengalas de sinalização, uma vara de pescar telescópica, uma caixa de anzóis e sedalhas, um colete salva-vidas e uma roupa de neoprene de reserva, por via das dúvidas. Expostos em um balcão havia vários modelos de arpões. Escolhi um OmerSub excelente e um Beuchat de carbono, bem como quase duas dúzias de virotes de aço fundido, longos e de aspecto funesto. Francamente, eu me sentia mais seguro com três arpões carregados que com um só.

Saí da loja com tudo isso na mochila e os arpões cruzados no peito e fui para o andar superior. Enquanto subia pelas escadas, fui assaltado por um incontrolável risinho histérico. Não conseguia parar de pensar que com esses arpões, a mochila, a roupa de mergulho velha e rasgada e o banho de óleo e sangue cobrindo todo meu corpo eu devia ter cara de maníaco, do mais sinistro.

Já no andar superior, fui até a cozinha para ver o que podia arranjar ali. A última coisa que eu queria era ter de percorrer toda a vila, esquivando-me desses monstros, procurando uma loja aberta ou que já não houvesse sido saqueada. Quando saí de minha casa, em Pontevedra, havia cogitado a idéia de ir ao centro comercial mais próximo para arranjar provisões antes de seguir para o barco, até que percebi que, nos últimos dias da área segura, dezenas de pessoas deviam ter tido a mesma ideia. O mais provável era que houvessem saqueado todos os grandes estabelecimentos comerciais do país, ou os incontrolados, ou os militares, para alimentar as multidões das áreas seguras. Essa comida, se ainda existisse, não estaria mais ali, e sim fora do meu alcance.

Felizmente, a despensa da casa estava bem abastecida, principalmente de massa, conservas em lata, molho de tomate e um pouco de arroz e farinha de trigo. Também levei alguns pacotes de açúcar e dois quilos de café. Satisfeito, já ia saindo quando descobri em um armário um verdadeiro arsenal de potinhos de papinha de bebê. Fiquei paralisado, olhando para eles, ciente de que o destinatário havia acabado de morrer por minhas mãos havia uma hora. Senti-me doente só de pensar.

Com lágrimas nos olhos, enfiei na mochila toda aquela provisão preparada pela mãe da criança. Não os pretendia comer, mas com certeza Lúculo adoraria. Antes de ir, atravessei a pequena sala e abri o que parecia um bar. Tirei dali duas garrafas de genebra e, para minha alegria, meia caixa de Marlboro. Pretendia me embebedar ao chegar a bordo, para poder dormir. Para poder esquecer.

A essa altura, minha mochila ainda não estava totalmente cheia, mas pesava consideravelmente, mais do que me parecia prudente, tendo em conta que tinha de fazer todo o caminho de volta enquanto evitava a multidão ululante lá de baixo. Olhei com precaução pela janela da frente, por onde havia entrado. Impossível. Umas duas dúzias de não mortos, encharcados, espectrais, amontoavam-se na estreita margem de seis metros de comprimento da rua, colados à casa.

Rapidamente, fui à cozinha. A janela de lá dava para a outra rua, mais estreita, que parecia deserta. Pondo a cabeça para fora e olhando para a esquerda, podia ver o mar. Essa seria minha saída. Deixei a mochila e descí de novo para a loja. Cortei uns sete metros de corda de barco de um carretel ali enrolado, evitando olhar para o vulto do cadáver. Com a corda nas mãos, voltei para a cozinha e amarrei uma ponta em um aquecedor, jogando o resto pela janela. Só me restava descer por ela e chegar ao final da rua antes que essas coisas me vissem. Baba.

Mas, antes, precisava erguer a persiana semi-fechada para poder tirar o corpo, e a precipitação me fez puxar com muita força. Soou como uma mini-metralhadora no silêncio sepulcral da rua.

Desci pela corda como um raio e toquei o chão com cuidado para não machucar de novo o tornozelo lesionado. Depois disso, saí correndo para o final da rua, esquivando-me facilmente de duas dessas coisas que surgiram em meu caminho, uma de um cruzamento e outra de trás de uma cabine telefônica. Nem parei para olhar, limitando-me a pegar o lado da rua mais afastado deles e continuar correndo, sem olhar para trás. Não me atrevia. Em minha mente febril amontoavam-se imagens de uma multidão de cadáveres enchendo a calçada, seguindo-me em silêncio para me encurralar em um beco sem saída e acabar comigo.

Felizmente, a rua não era nenhum beco sem saída; desembocava perto do porto, já que era paralela à que eu havia pegado na ida. Engatinhei pelos escolhos para evitar que me vissem e me aproximei lentamente do ponto onde havia deixado o bote. Esse último trecho me custou quase o triplo de tempo, dois hematomas por escorregar pelas rochas, muitos sustos e o corpo molhado. E, para falar a verdade, quase arrebentei a cabeça. Engatinhar pelas rochas batidas pelos restos da tempestade, sobre uma camada de algas escorregadias e com o vento me empurrando furiosamente é algo que ninguém, em seu juízo perfeito, faria no mundo normal.

Mas este não é mais um mundo normal; é um mundo de cadáveres.

Quando alcancei a altura do bote, subi no cais e deslizei rapidamente até o pequeno bote, enquanto a escuridão caía. Remei com suavidade pelas ondas, aproximando-me do Corinto, quando meu sangue gelou de repente nas veias. Algo estava se mexendo na coberta! Esses filhos da mãe haviam chegado até ali de alguma maneira!

De repente, a sombra parou em seu vagar pela coberta, como se me houvesse visto. Um longo miado saudou minha chegada. Lúculo! Meu pobre gato, desorientado, confuso, alarmado por minha demora, havia saído de alguma forma até a coberta, procurando por mim. Meu coração quase se partiu só de pensar. Fui sendo invadido por um sentimento de gratidão e afeto enorme à medida que me aproximava do Corinto e podia vê-lo, encharcado e tremendo de frio, mas orgulhoso, na borda do barco.

Ele havia ficado vigilante, na coberta, aguentando toda a tempestade, esperando meu retorno. Esse é meu garoto.

Com um último esforço, subi a bordo, amarrei o bote e esvaziei a mochila. Depois de tomar uma boa ducha e secar convenientemente um Lúculo que não parava de ronronar à minha volta, nós dois nos sentamos para comer alguma coisa na popa, contemplando as então silenciosas e escuras ruas de Bueu, onde algumas horas antes eu quase havia morrido.

Logo vai amanhecer. A tempestade amainou e é hora de seguir nosso rumo. Para

nosso próximo destino. Para a esperança.

23 de fevereiro

19h00

56º registro

Ainda bem que o único espelho a bordo é o que fica no minibanheiro. Pelo menos assim não posso ver a cara de excitação que devo estar fazendo à medida que o Corinto se aproxima de Vigo.

As últimas trinta horas foram intensas, vibrantes, libertadoras. Com as primeiras luzes do dia levantei âncora e deixei que o barco deslizesse preguiçosamente do cais de Bueu ao centro da enseada, aproveitando o efeito da correnteza e da maré. Em meio a um silêncio sepulcral, absoluto, quebrado só pelos berros das gaivotas e dos biguás, o Corinto foi derivando com lentidão, afastando-se da margem. A manhã era fresca, luminosa, sem um único resto da impressionante tempestade do dia anterior. Um dia perfeito para navegar.

Se esse inferno não houvesse acontecido, os barcos pesqueiros estariam saindo agora do porto e possivelmente também se veria algum veleiro saindo do Clube Náutico, ziguezagueando por entre os pesados mercantes que estariam se dirigindo ao porto de Marin. Mas essa manhã, em pé na popa, bem agasalhado, com uma xícara de café muito forte na mão, segurando a roda do timão enquanto dirigia o veleiro até uma área mais batida pelo vento, eu olhava à minha volta e não via absolutamente ninguém. Tudo estava totalmente morto. Não havia nem uma alma. Sentia-me como o último homem sobre a face da Terra. É uma sensação realmente perturbadora.

Quando achei que a brisa era suficientemente forte, soltei a vela genoa e uma pequena triangular e o Corinto, como um cavalo que passou muito tempo descansando, pulou para a frente, rápido e nervoso. Depois de um tempo, estávamos navegando a uns bons sete nós.

Enquanto contemplava as brancas ondas que íamos deixando atrás de nós, Lúculo apareceu na coberta, espreguiçando-se, e pulou no meu colo com um ágil movimento. Desde que era pouco mais que uma bola de pelo foi muito independente, como todos os gatos. Mas agora, no meio de todo esse caos, é muito difícil tirá-lo de cima de mim. Possivelmente ele percebe, de alguma maneira felina, que o mundo mudou e prefere ficar perto do único elemento de seu universo que não desapareceu, ou seja, eu.

Realmente é de agradecer a mudança, mas, quando um gato persa laranja decide ficar carinhoso, pode ser maçante. Muito maçante. Ainda assim, é uma graça. E ele é meu único companheiro, por ora.

À medida que a manhã ia passando, o vento nos aproximava da saída da enseada. Eu

não parava de varrer as duas margens com o binóculo, contemplando as silenciosas áreas urbanas, tentando ver algum sinal de vida. Era desolador. Bueu, Combarro, Sanxenxo, Grove... passavam lentamente em frente ao Corinto, e a única coisa que eu podia divisar eram suas construções escuras e silenciosas, carros abandonados por todo lado e muitas, muitas dessas coisas passeando erraticamente pelas ruas. Não podia parar de me perguntar como era possível a presença deles em lugares que, em tese, haviam sido evacuados antes da queda das áreas seguras.

Minha teoria é que essas coisas, de algum modo, conservam uma espécie de memória residual do que foram em vida, que as leva a voltar aos lugares onde normalmente viviam. Como ideia, não está nada mal, mas talvez seja bobagem. Mas, dado que sou o único ser humano vivo que resta em quilômetros ao redor, imagino que minhas teorias são as melhores desta parte do mundo.

Isso me levou a fazer a seguinte pergunta: se ainda houver alguém vivo em qualquer uma desses milhares de casas que se veem da enseada, o que pensará ao ver um veleiro singrando as águas, rumo a mar aberto? Se, por exemplo, eu estivesse preso a dois quilômetros do mar, tivesse vista para a enseada e visse o Corinto passar, acho que morreria de angústia.

Por via das dúvidas, rezei para que ninguém me fizesse nenhum tipo de sinal da costa ou da linha de montanhas em volta. Para mim, seria impossível me aproximar da costa para resgatar alguém, mas o sentimento de culpa não me permitiria deixá-lo para trás, o que finalmente me conduziria a uma morte certa ao tentar fazer qualquer idiotice.

De modo que, pensando melhor, guardei o binóculo no estojo e parei de olhar para o que já ficava definitivamente para trás. Isso me permitiu centrar-me em algo muito mais produtivo. Lúculo e eu estávamos comendo alimentos prontos ou enlatados havia quase dois meses. Era hora de pôr alguma variedade em nossa dieta. Colocando a vara de pescar na popa com duas iscas, sentei-me para desfrutar uma agradável manhã de pesca com um cigarro na boca e o sol banhando meu corpo. Depois de apenas vinte minutos já tinha meia dúzia de cavalinhas se debatendo em um balde, prontas para a grelha. Era absolutamente maravilhoso. Por algumas horas, consegui esquecer a chegada desses monstros, o fim do mundo e a angústia pela falta de notícias dos meus entes queridos. Por algumas horas, fomos meu gato, meu barco, o mar e eu. Algo maravilhoso.

Só quando entrei no camarote procurando uma faca para estripar o peixe é que meu olhar pousou em meu sujo e rasgado neoprene, e uma nuvem turvou esse dia perfeito. Minha roupa gasta, que havia salvado minha vida em mais de uma ocasião, balançava ao ritmo das ondas, pendurada em um cabide em um canto do camarote, como recordatório de toda a podridão e maldade que vagava expectante pela margem, como se dissesse: "Não esqueça; cedo ou tarde vai ter de voltar à terra".

Caramba!

Pelo menos o peixe, assado na grelha instalada na popa, estava delicioso. A primeira comida fresca em meses. Ver Lúculo em frente a seu pratinho, tremendo de emoção enquanto eu servia uma cavalinha para ele, fazia entender a expressão "lamber os beiços".

As coisas mudaram um pouco ao virar na ponta da península do Morrazo, que marca o extremo sul da enseada de Pontevedra e o extremo norte da vizinha enseada de Vigo. Uma forte marola, com ondas de dois a três metros, começou a agitar o Corinto, que se mostrou um animal extremamente habituado à lida. Largando o spinaker, consegui fazer extraordinários nove nós, enquanto a proa cortava as ondas, levantando verdadeiros banhos de espuma. Gritei. Berrei como um louco com uma expressão selvagem no rosto enquanto as gotas de água marinha gelada inundavam a popa, encharcando-me. Era maravilhoso.

A noite de ontem foi um pouco mais complicada, já que mal pude dormir, atento à rota do veleiro. As últimas horas foram absolutamente extenuantes, mas incríveis. O Corinto, respondendo excelentemente bem, conseguiu entrar na enseada de Vigo pela rota traçada na carta. Agora, após quase vinte horas de navegação ininterrupta, atraquei em frente a uma praia deserta, preparando-me para um sono reparador, enquanto o sol se põe. Amanhã, ao amanhecer, vou cobrir as últimas milhas náuticas até chegar ao cais de Citroen, no enorme porto comercial de Vigo. Espero que quem quer que esteja ali me ofereça uma calorosa recepção.

27 de fevereiro

17h38

57º registro

O Corinto balançava suavemente sob uma suave brisa de terra, enquanto as ondas do refluxo da maré batiam preguiçosas em volta de seu casco afilado. O mastro, desprovido de velas, balançava lentamente, acompanhado do ocasional tilintar produzido pelos passadores de aço batendo no alumínio da trava. E, no meio dessa imagem tão bucólica, apoiado na coberta, estava eu, apoiado em uma escotilha, com uma garrafa de genebra pela metade na mão e os olhos arrasados pelas lágrimas.

Vigo estava morta. Total, absoluta e terrivelmente morta. Cadáver.

É o fim. Nem uma vivalma se via de onde eu estava, atracado a pouco mais de duzentos metros dos cais comerciais daquela que um dia foi uma cidade de duzentas e cinquenta mil pessoas. Os cais estavam lotados, sim, mas desses monstros, e em quantidade impressionante, como até esse momento eu não havia visto. Havia centenas deles vagando pelas instalações portuárias, em cima e embaixo, em meio a uma devastação sem precedentes.

O porto todo parecia um campo de batalha. Veículos calcinados, enormes galpões industriais que pareciam ter se arreventado por dentro por efeito de alguma forte explosão, inclusive duas BTR do exército de terra abandonadas e com todas as escotilhas abertas em meio a uma paisagem arrasada e apavorante. Centenas, talvez milhares de cadáveres parcialmente carbonizados e decompostos jaziam por todos os lados, e caminhando entre esse horror, alheios a tudo que os cercava, estavam eles, os não mortos, os vencedores dessa batalha.

Eu tinha razão. A área segura de Vigo havia resistido até o final, transformando-se no último refúgio da zona sul de Galícia. Mas eu havia chegado tarde demais.

Em torno aos principais atracadouros eu podia ver a parte mais terrível de toda essa paisagem infernal. Dúzias de mastros e de antenas de navios sobressaíam do fundo das docas, semiafundados. Aqui e ali podia ver parte da estrutura dos navios semi-submersos e dois cascos barrigudos virados, mostrando, indecentemente, as hélices para o ar.

Para completar a imagem do caos, das gruas pendiam, como cachos de fruta madura, dezenas de corpos de enforcados. Eu não conseguia imaginar que espécie de carnaval do inferno teria acontecido nesses cais pouco menos de duas semanas antes, mas o espetáculo era dantesco, atroz. Por todos os lados estavam presentes as marcas de tiros e incêndios. Das instalações de Pescanova não restava absolutamente nada. Carbonizadas até o alicerce. Do resto, a imagem era de vomitar. Apenas urnas horas antes, quando ia me aproximando da cidade, um mau

pressentimento percorreu minha espinha dorsal à medida que eu via cada vez mais claramente a metrópole, da coberta do Corinto. Com ajuda do binóculo, pude distinguir as feias cicatrizes que uns enormes e devastadores incêndios haviam deixado em muitas partes da cidade. Os rescaldos, ainda fumegantes, indicavam que não haviam sido os bombeiros, e sim as recentes tempestades, que se encarregaram de apagar as chamas. Foi ao atracar em frente ao porto que tive a certeza de que não encontraria ninguém ali.

A partir desse momento, passei muitas horas sentado, apoiado na escotilha, muito abalado para poder reagir. Não sabia o que fazer. Não sabia aonde ir. Por um momento, inclusive, cruzaram minha cabeça ideias negras, terríveis. Aquilo era impressionante demais para ser verdade.

Só depois de algumas horas, de uma boa quantidade de álcool e de toneladas de auto-compaixão, consegui me fixar no único aspecto dissonante de todo aquele cenário. A uns seiscentos metros da margem, atracado plácidamente, encontrava-se um velho e enorme cargueiro vermelho, com a superestrutura branca. Profundas marcas de ferrugem corroíam sua linha de flutuação e, no geral, tinha todo o jeito de ter passado por momentos difíceis, mas estava inteiro e, principalmente, era, além do Corinto, a única coisa boiando que havia encontrado desde que saíra de Pontevedra. Sua simples presença ali desafiava toda a lógica.

Imagino que o que me animou a me aproximar foi a absoluta ausência de qualquer outra coisa para fazer nesse momento. Sem muito entusiasmo, e aproveitando que a suave brisa me era favorável, levantei âncora e deixei que o Corinto se aproximasse a passo de tartaruga daquele portento, enquanto imaginava uma maneira de subir a bordo e saquear algumas provisões.

Logo pude ver seu nome e o porto de matrícula: "Zaren Kibish -Nassau", rezavam enormes e pálidas letras brancas na popa. Do topo do mastro maior pendia, flácida e desfiada, uma bandeira espanhola.

Do mastro principal, um pedaço de trapo tão desbotado e amassado que poderia ter sido a bandeira de qualquer país do mundo, e isso sendo generoso. Bem ao lado, o mastro do radar, com sua antena imóvel.

Conforme me aproximava, podia ver à contraluz um estranho suporte que saía, incongruentemente, por sobre a borda. Comecei a me perguntar que, diabos, podia ser. De súbito, o suporte se levantou e saiu correndo, gritando pela coberta. Por um instante, pensei que havia ficado louco. Levei apenas um segundo para perceber que o que eu havia tomado por um pedaço de aço eram, na realidade, as pernas de uma pessoa pendendo na borda. As pernas de uma pessoa. As pernas de um ser vivo. As pernas de ALGUÉM, por Deus!

Senti uma espécie de eletricidade sacudir todo meu organismo. Dei um grito que faria empalidecer de inveja um comanche e me precipitei para a proa, fazendo gestos

como um louco. Logo à primeira figura se somaram mais duas, e depois delas apareceu pelo menos mais meia dúzia.

Enquanto grossas lágrimas corriam por minhas faces, fui aproximando o Corinto da lateral do Zaren Kibish. À medida que ajustava os cabos das velas e preparava as bóias para amortecer o contato com o casco do cargueiro, não podia parar de pensar que eram os primeiros seres humanos que encontrava em semanas.

De cima, lançaram dois cabos que me permitiram amarrar o Corinto pela proa e pela popa. A seguir, jogaram uma escada de corda, pela qual subi como um macaco, louco para chegar à coberta e abraçar meus novos amigos.

Para minha surpresa, a primeira coisa que vi quando apoiei um pé a bordo e levantei a cabeça foram os negros canos de dois fuzis de assalto apontando para meu rosto. E atrás deles, com uma expressão nada amistosa, um grupo de sujeitos de aspecto estrangeiro.

Havia chegado ao Zaren Kibish. E não era bem recebido. Alguma coisa estava terrivelmente errada.

ZAREN KIBISH

O sol caía a prumo na cobertura do Zaren Kibish, rebotando sobre as placas de aço do casco do navio. Eu estava completamente imóvel, atento à reação dos tripulantes, sentindo o suor correr pelas minhas costas, sem saber exatamente se era de calor ou de medo.

O aspecto daqueles homens não podia ser mais desconcertante. Pelo menos metade deles tinha uma inconfundível aparência asiática, enquanto a outra metade parecia uma delegação da ONU em turnê mundial. Ergui cautelosamente as mãos, mostrando que não tinha nada nelas, e cumprimentei-os com um tímido buenos dias em castelhano. Nem um músculo se mexeu em seu rosto. Tentei me apresentar em inglês, depois em galego, português e francês, esgotando todos os meus idiomas conhecidos, não obtendo nem um arqueio de sobrancelhas como resposta.

A situação estava começando a ficar ridícula. Éramos uma dúzia de pessoas na cobertura do barco, assando ao sol do meio-dia e olhando fixamente um ao outro, sem fazer nenhum movimento. O pior era que eu estava do lado errado dos canos de fuzil e estava começando a sentir câibras nos braços, após cinco minutos com as mãos para cima.

De repente, afastando alguns marinheiros, surgiu um indivíduo corpulento, de meia-idade, de ar indefinidamente eslavo, vestindo uma grossa jaqueta de tecido e usando uma espessa barba dourada perolada de restos de comida. Pela expressão de respeito que lhe dedicaram dois marinheiros, imaginei que devia se tratar do capitão do que quer que fosse o Zaren Kibish, ao qual, conforme se passavam os minutos, eu estava cada vez mais arrependido de ter subido.

Quando chegou a mim, plantou-se com as mãos na cintura e me contemplou de cima a baixo durante uns bons minutos, pensativo.

Finalmente, deve ter tomado algum tipo de decisão, porque ladrou duas frases em um idioma que eu desconhecia e os sujeitos que apontavam para mim baixaram as armas.

Dando dois passos à frente, ele me estendeu umas mãos grandes como Pernis e apertou as minhas nelas enquanto me obsequiava com um enorme sorriso. O ambiente na cobertura relaxou ostensivamente. Do alívio que senti quase nem quero falar.

O homenzarrão se apresentou em um inglês com acentuado sotaque eslavo. Seu nome era Igor Ushakov, ucraniano e capitão do Zaren Kibish, e me dava as boas-vindas àquele monte de sucata. Antes que eu percebesse, estava cercado por um monte de marinheiros que me davam tapinhas nas costas e se dirigiam a mim com enormes sorrisos, falando meia dúzia de idiomas absolutamente incompreensíveis.

Felizmente, fui resgatado a tempo pelo capitão Ushakov, que me salvou de ser esmagado por suas demonstrações de afeto dando dois gritos com seu vozeirão.

As perguntas se amontoavam em minha cabeça enquanto ele me conduzia ao interior do barco, e dois marinheiros desciam ao Corinto para buscar um Lúculo que não parava de miar, desesperado, com o pescoço esticado para cima.

Chegando a seu camarote, percebi que havia interrompido seu almoço. Com um gesto, convidou-me a sentar à mesa. Antes que percebesse, tinha à minha frente um prato de algo que, com muito boa vontade, poderíamos chamar de ensopado de carne e um copo de cerveja gelada. Enquanto eu atacava a comida como um lobo, Ushakov não parou de olhar para mim, pensativo. Depois de um tempo, quando eu estava matando os últimos restos do surpreendentemente delicioso ensopado, começou a me fazer perguntas. Quem era. De onde vinha. Aonde ia. Quanta gente havia encontrado pelo caminho.

Refestelando-me, satisfeito, na cadeira, comecei a lhe contar a história de minha vida nos dois últimos meses. Parecia lhe interessar mais a situação atual na boca da enseada que minhas aventuras com esses monstros, mas ele me ouviu educadamente até o fim. Então, chegou minha vez de fazer perguntas.

O barco se chamava Zaren Kibish e tinha bandeira de conveniência das Bahamas, mas seu estaleiro era, na realidade, grego, e os proprietários, um grupo de empresários estonianos. Estava carregado com quarenta mil bobinas de aço e estava havia mais de um mês atracado na enseada de Vigo. A maior parte da tripulação era de nacionalidade filipina ou paquistanesa (como a maioria dos cargueiros internacionais de hoje em dia, aliás), e o resto de uma coleção de países do Terceiro Mundo. Os únicos marinheiros profissionais do barco eram o capitão e o primeiro oficial, outro ucraniano, e se dirigiam à tripulação em uma mistura de tagalo e urdu, segundo fossem filipinos ou paquistaneses os interpelados. O resto era mão de obra barata em um barco que não passaria por uma inspeção técnica extremamente indulgente. Um navio lixo, definitivamente, como tantas centenas de milhares que cruzam anualmente as águas do mundo todo. Ou melhor, que cruzavam.

Com um grunhido, o capitão Ushakov se levantou da mesa e se dirigiu a um aparador, de onde tirou uma garrafa de vodca ucraniana e dois copinhos de vidro, pequenos e finos. Serviu duas generosas doses nos copos e me passou um deles, enquanto coçava a cabeça, como se rebuscasse em seu sonoro inglês a forma de continuar a história.

- Entramos na enseada de Vigo justo antes de fecharem os portos da União Européia — começou seu relato. - Naquele momento, ainda não haviam decretado a ordem de concentrar toda a população em áreas seguras, de modo que no início não vimos nada fora do comum. De qualquer maneira, Vigo era o primeiro porto que víamos em quase duas semanas de navegação, de modo que estávamos morrendo de vontade de

descer a terra para saber que, diabos, estava acontecendo.

- Duas semanas? - interrompi-o. - De onde, diabos, o Zaren Kibish vem?

Não podia acreditar. Pelo que aquele homem contava, enquanto o mundo ia para o caralho, ele e sua tripulação estavam navegando através de meio mundo, alheios a tudo o que estava acontecendo.

- Do porto de Pusang, na Coréia do Sul - respondeu. - Nosso destino era o porto de Rotterdam, mas tivemos de parar em Vigo por conta de uma avaria no eixo do motor, depois de atravessar uma borrasca à altura das Canárias - disse, dando de ombros, enquanto estendia o braço para servir outra rodada daquela vodca explosiva.

- E desde aquele momento ficaram aqui? - perguntei, atônito. - Por que, diabos, não saíram daqui assim que viram o que estava acontecendo? Para as Canárias, por exemplo?

- Não podíamos - respondeu, lacônico.

- Não podiam? - perguntei, estupefato.

- Não posso mudar a rota do navio sem expressa autorização da companhia. É política da empresa.

- Mas sua empresa não existe mais! - repliquei, assombrado com sua cabeça-dura.

- De jeito nenhum - respondeu obstinadamente, enquanto se servia outra dose. — Eu poderia perder meu emprego se o fizesse.

E aí acabava toda a discussão para aquele sujeito teimoso. Ele era um homem da companhia, e pronto. Seu navio havia sofrido uma avaria e atracara naquele porto à espera de que a companhia lhe desse instruções. E, enquanto não chegassem, não pretendia se mover nem duas braças da sua atual posição.

Em vão tentei lhe explicar que o mais provável era que seus chefes estivessem agora mesmo andando por algum lugar da Estônia ou da Grécia transformados em uma dessas coisas que podíamos ver na margem, mas não houve maneira de convencê-lo. Ushakov era um ex-capitão da marinha de guerra soviética, que havia passado para a frota civil com a desintegração da URSS. Agora não usa mais uniforme, mas sua mentalidade continua sendo de militar. Sem ordens, não mexeria nem um fio de cabelo. Para ele, estava claro que ainda devia haver alguém acima dele, alguém que tomasse as decisões. Não haver ninguém no comando era inconcebível!

Mas ainda me faltava ouvir da sua boca o mais aterrador. Sem vontade, ele começou o relato dos últimos dias da área segura de Vigo e a explicação de como ainda estavam vivos.

Pelo visto, as autoridades militares e civis da área pensaram que o lugar mais seguro para montar o Ponto era a Zona Franca do Porto de Vigo. Parecia a opção perfeita, por estar totalmente cercada, dotada de grandes navios e armazéns, ideais, em tese, para acomodar multidões, cheia de produtos comestíveis não perecíveis, com uma usina de dessalinização de água e bem ao lado do mar, que garantia o abastecimento

por via marítima. Assim, a espantada tripulação do *Zaren Kibish* foi testemunha de como, em poucos dias, uma multidão de quase duzentas mil pessoas lotou as instalações portuárias até limites insuspeitados.

O que parecia uma superfície impossível de ocupar totalmente logo se mostrou insuficiente para acolher tamanha maré humana. Os níveis de lotação começaram a ficar insuportáveis à medida que refugiados de outras partes da Galícia, e inclusive do norte do vizinho Portugal, se somavam aos originais. Dadas as circunstâncias, a zona franca logo chegou ao limite de habitabilidade, mas os refugiados continuavam se aglomerando diante de suas portas, provenientes de todos os lugares, e, por outro lado, ninguém mais se atrevia a sair da área segura. Eles, os não mortos, já rondavam as proximidades e era suicídio sair sem proteção.

Em tese, o comando da área segura correspondia a um comitê civil composto pelo prefeito da cidade, o subdelegado do Governo Central na província e dois conselheiros da Junta de Galícia casualmente presos no Ponto; mas quem realmente comandava era um capitão de fragata da Marinha e um coronel do Exército de Terra, que dirigiam conjuntamente as forças militares que defendiam o lugar.

Subitamente, Ushakov se interrompeu e levantou o olhar do fundo do copo de vodca para olhar para mim.

- A partir daqui, a história começa a ficar desagradável... - Ele me observou fixamente. - Tem certeza de que quer ouvir o resto?

Engolindo em seco, assenti com a cabeça, incapaz de pronunciar uma palavra sequer. Com um suspiro, Ushakov começou a falar.

No início, tudo aconteceu conforme o planejado. As forças militares presentes na área segura, uns seiscentos homens pertencentes a diversas unidades do Exército, da Marinha e da Guarda Civil, juntamente com a polícia local, encarregavam-se de manter a integridade do perímetro. Para isso, contavam com bastante equipamento de combate, inclusive vários veículos blindados e dois helicópteros artilhados. Atracados no porto, tinham um navio de transporte da Marinha e uma das modernas fragatas F-100 recém-saídas dos estaleiros de Ferrol, com seu moderno sistema de mísseis Aegis absolutamente inútil nessa situação. Nele estava instalado o comando civil e militar da área segura.

- As primeiras ondas de não mortos que chegaram até o Ponto foram facilmente eliminadas por seus defensores - continuou Ushakov. - Estavam bem entrincheirados e tinham força de fogo suficiente para mantê-los sob controle. Mas cada vez chegavam mais. E a munição para as armas cada dia diminuía mais.

- Como sabe de tudo isso?

- Nesse momento, eu e parte da minha tripulação estávamos em terra - disse, dando de ombros. - Um dos meus marinheiros estava no hospital de campanha que instalaram em um dos galpões industriais, com a bacia quebrada por causa de uma

queda durante a borrasca, de modo que fazíamos visitas frequentes a terra.

- E por que não ficaram em terra?

- Não podia abandonar meu navio - respondeu, com cara de "isso é mais que evidente". - Além do mais, as autoridades do Ponto não nos permitiam passar mais de poucas horas em terra. — Serviu-se outro copo. - Os recursos estavam começando a acabar e não queriam ter mais bocas para alimentar.

Pelo visto, o Ponto foi se transformando em uma superfície ultra-saturada conforme os dias se passavam. A população inicial de duzentas mil pessoas foi crescendo paulatinamente até chegar a trezentas e cinquenta mil, à medida que grupos procedentes de outras áreas seguras e sobreviventes isolados se somavam àquele que parecia ser o único lugar em mãos humanas em mais de quatrocentos quilômetros.

Logo começaram os problemas de abastecimento e as doenças. Uma multidão de mais de trezentas mil pessoas consome quantidades enormes de alimentos, várias toneladas de víveres por dia, e tudo logo começou a faltar. O suposto abastecimento por via marítima nunca chegou, apesar das promessas das autoridades presentes na região. Possivelmente não chegou porque não havia nenhum outro lugar próximo que pudesse enviar ajuda. Era irônico.

As autoridades logo organizaram operações de saque para abastecer a multidão, e todos os dias colunas de caminhões escoltados por blindados e carregados de militares e voluntários armados até os dentes saíam da área segura e voltavam ao cair da noite com quilos e quilos de alimentos. Mas o plano logo se revelou um fracasso. Uma vez saqueados os centros comerciais da cidade, as expedições tinham de ir cada vez mais longe, e os resultados eram cada vez mais pobres. Em um dia muito bom, podiam levar ao Ponto trinta toneladas de alimentos, quantidade absolutamente insuficiente para sustentar tantas bocas. Logo começaram as medidas de racionamento.

- Racionamento - murmurei, atônito. - Como é possível? Estive muitas vezes nos grandes centros comerciais dessa área, e são enormes. Devem ter provisões para nos alimentar durante anos.

- Querido amigo - respondeu Ushakov, meneando a cabeça. - Pense na quantidade de comida necessária para alimentar todo dia trezentas e cinquenta mil pessoas. Um desses grandes centros comerciais poderia sustentar tamanha multidão, com sorte, durante uma semana. Depois, tudo acabaria e não haveria caminhões de distribuição para repor as mercadorias consumidas.

Fiquei em silêncio, assombrado com a magnitude dos acontecimentos. Imaginei o desespero que devem ter sentido as equipes de saque durante esses dias, atravessando a cidade morta, cercados de milhares dessas coisas, sendo obrigados a esvaziar uma lojinha de bairro para arranjar víveres, arriscando a vida por menos de

cem quilos de comida. Caramba, deve ter sido angustiante para essa gente.

- A falta de alimentos não foi o único problema - continuou Ushakov, inclemente. - Trezentas e cinquenta mil pessoas gerando resíduos, cagando e mijando, sem uma infra-estrutura adequada, fez que o porto logo começasse a feder como uma verdadeira cloaca. - Um sorriso triste iluminou seu rosto. - De repente, viver a bordo do Zaren Kibish se tornou uma verdadeira vantagem em relação à multidão em terra. Não podia responder. Sentia uma pressão terrível no peito, que se acentuava à medida que a história se desenrolava diante dos meus olhos.

- As doenças vieram logo por conta da sujeira, como costuma acontecer nesses casos. Em toda a superfície do porto, talvez houvesse um total de mil ou dois mil banheiros, o que dá uma média de trezentos e cinquenta pessoas por privada, *niet?* - Ushakov era duro falando, nesse momento. - De modo que o tifo e outras doenças começaram a assolar a área segura.

- Outras... doenças? - consegui pronunciar, com voz rouca. Minha garganta parecia uma lixa.

- Sim, outras doenças. Quase todo mundo parecia ter esquecido que, apesar da excepcional situação, continuava existindo gente com câncer, ou que era hipertensa, crianças com doenças infantis, mulheres prestes a dar à luz... - Sua expressão passou a ser sombria. - Houve, inclusive, surtos de botulismo por conta do consumo de alimentos estragados. - Suspirou. - Um deles era um marinheiro deste barco. Logo as doenças começaram a fazer vítimas. Uma área do porto, que pode ser vista facilmente da coberta do Zaren Kibish, foi transformada em cemitério. Depois de umas semanas, várias centenas de túmulos o cobriam por completo. - A garrafa de vodca já estava quase vazia. - Esses foram os afortunados.

Ushakov suspirou e, levantando seu corpanzil, foi até o aparador para pegar uma segunda garrafa. Enquanto isso, continuava falando.

- As coisas começaram a fugir do controle à medida que o desespero e a lei do mais forte começavam a dominar a área segura. As brigas, os incidentes e os assassinatos se espalharam como rastilho de pólvora à medida que as pessoas tinham de lutar por um pedaço de comida. Os militares tomaram as rédeas e decretaram a lei marcial em todo o Ponto. Logo dúzias de corpos de assassinos e saqueadores pendiam, pelo pescoço, das gruas portuárias, como exemplo para o resto, mas os únicos que parecem ter tirado proveito disso foram os corvos e as gaivotas, que fizeram um festim com os olhos dos enforcados. - Após mais um gole, prosseguiu: - A necessidade de comida era muito grande e as lutas continuaram. Os sobreviventes podiam escolher entre viver no purgatório do Porto e no inferno de fora. A situação era atroz assim. Chegou-se a esse extremo. Quando as coisas ficaram realmente feias, uma lancha do porto carregada de militares abordou o Zaren e o revistou em busca de provisões. - Ushakov piscou para mim. - Não conseguiram encontrar nada,

evidentemente. Havíamos escondido quase todos os nossos víveres no meio de toneladas de bobinas de aço. Graças a isso, não passamos fome em nenhum momento.

Por um instante, sua postura me pareceu imensamente egoísta, mas, pensando melhor, compreendi que havia tomado a decisão mais lógica. Com certeza eu teria feito o mesmo. Enquanto contemplava o pensativo ucraniano, com o olhar perdido na parede do fundo, comecei a pensar que aquele sujeito era sinuoso. E esperto. Muito esperto.

- O que aconteceu a seguir?

- A seguir, as coisas ficaram feias de verdade - respondeu, para minha surpresa. - Numa noite especialmente escura, a fragata e o navio militar levantaram âncora e saíram silenciosamente do porto. Todo o pessoal da Marinha estava a bordo; as autoridades civis e umas duzentas ou trezentas pessoas com contatos, influências ou dinheiro - meneou a cabeça. - Não sei aonde foram, imagino que para as ilhas Canárias ou para qualquer outro lugar onde a infecção não houvesse chegado. O caso é que caíram fora, deixando o resto na mão — concluiu, virando de uma vez outro copo de vodca.

Enquanto eu bebia o meu, Ushakov me contou que no dia seguinte, quando a multidão descobriu a ausência dos navios militares, o caos tomou conta de tudo. Talvez o mais surpreso tenha sido o coronel do Exército de Terra que dirigia os pouco mais de trezentos militares que restavam da área segura. As relações com o capitão de fragata haviam sido muito tensas ao longo das últimas semanas e, pelo visto, o enfrentamento entre eles havia chegado a tal ponto que ninguém havia tido a delicadeza de informá-lo sobre o plano de fuga. Esse coronel, um tal de Jovellanos, era rigoroso e imensamente estrito. A tensão de todas essas semanas e a responsabilidade de ter sobre seus ombros a segurança de toda essa gente pesavam muito.

Pesavam tanto que ele acabou perdendo o controle.

Quando a multidão viu que os barcos militares haviam abandonado a enseada, desatou-se uma verdadeira loucura de entrar em qualquer navio que houvesse no porto. Correu o rumor de que a fragata estava se dirigindo ao arquipélago canário e que qualquer navio que a acompanhasse seria acolhido nas ilhas, que, como se dizia, era o único ponto do território espanhol ao qual a praga não havia chegado. Jovellanos sabia que esse rumor não era verdade e que, além disso, 80% dos navios do porto não estavam capacitados para fazer uma viagem de milhares de milhas por mar aberto, de modo que fez o que considerou correto. Dispersou a multidão a tiros, provocando uma verdadeira chacina, e depois deu ordem de esburacar todos os navios que houvesse no porto, para mandá-los para o fundo. Se não havia escapatória, os sobreviventes do Ponto lutariam até o fim ou morreriam. O que ele

não sabia era que para a área segura de Vigo já não havia nenhuma esperança.

O Zaren Kibisb se salvou de ir a pique por ser o único navio fundeado a certa distância do porto e porque a avaria no eixo o impedia de ir a parte alguma. Ainda assim, todos os dias, dúzias de pessoas desesperadas se dirigiam a nado até o cargueiro, suplicando ser admitidas a bordo. Ushakov teve de ser muito rigoroso e ordenar a seus homens que nem saíssem à coberta. O Zaren Kibisb e seus provisões não podiam se permitir acolher dúzias de sobreviventes famélicos, doentes e desesperados.

- Essa era a situação na área segura de Vigo - disse o ucraniano -, quando tudo aconteceu.

- Quando tudo aconteceu... A que está se referindo? - perguntei.

- Quando chegou o dia em que a área segura de Vigo caiu - respondeu, em um tom funesto.

Uma densa massa de nuvens fora cobrindo o céu à medida que a conversa se desenrolava naquele camarote asfíxiante e pouco ventilado. A tempestade que estava se formando no céu era pouca coisa perto do terremoto interno que o relato de Ushakov estava me provocando, mas eu era absolutamente incapaz de parar de ouvir a história que brotava de seus lábios. Precisava ouvir. Precisava saber de tudo.

- As coisas degringolaram definitivamente mais ou menos uma semana depois que os navios foram embora. - Olhou para mim com olhos turvos. - Era de esperar.

- Era de esperar? Por quê?

- Pense um pouco, senhor advogado - replicou. - Quando os navios zarparam, todo o pessoal da Marinha foi com eles, além de alguns afortunados soldados de terra. Isso deixou o mais que angustiado coronel Jovellanos com apenas trezentos homens para defender todo o perímetro da área segura e as centenas de milhares de homens, mulheres e crianças que se amontoavam nele.

- E... - Devo reconhecer que, naquele momento, toda a vodka que eu havia bebido estava turvando minha mente. Não conseguia ver todas as implicações. Ushakov, como bom ucraniano, estava mais acostumado que eu àquele veneno e não parecia afetado.

- Pois é mais que evidente! - suspirou. - Quando se viu com tão poucos efetivos, teve de recrutar voluntários entre os civis que se apinhavam como ratos no porto e equipá-los com material de combate. - Fez uma pausa. - Dadas as circunstâncias, era a única alternativa viável que lhe restava caso pretendesse continuar controlando o perímetro, mas, tendo em conta o estado de ânimo de todos, aquilo era um convite ao desastre.

Através da nebulosa que o álcool criava em minha mente, fui entendendo tudo, enquanto Ushakov continuava detalhando, inclemente, todos os acontecimentos de

que foi testemunha na coberta do Zaren Kibisb. Jovellanos recrutou várias centenas de civis, armou-os até os dentes e os pôs a patrulhar o perímetro ou os utilizou em missões de saque, em busca de alimentos fora da área segura.

Mas eles não eram militares. Eram simplesmente civis armados e vestidos de soldados, sem nenhuma noção de guerra urbana ou de sobrevivência, e, além disso, estavam desesperados e famintos. Aquilo fez as baixas aumentarem de maneira vertiginosa. O problema era que, cada vez que um voluntário caía, seu equipamento se perdia irremissivelmente, e, com isso, a capacidade de defesa do Ponto ia se reduzindo, lenta, mas inexoravelmente.

- A essa altura, já havia uma multidão de várias dezenas de milhares dessas coisas amontoadas do outro lado das grades do porto. - Nesse momento, o capitão parecia estar falando para si mesmo. — Da coberta podia vê-los perfeitamente com o binóculo. Era um espetáculo horrível, milhares desses *privotskije* apinhados, silenciosos, com esses horríveis ferimentos, todos eles mortos, e, ainda assim, caminhando. - Franziu o cenho. - É um castigo de Deus, não tenho dúvida disso.

- E depois? O que aconteceu?

- Aconteceu o que tinha de acontecer. Esses monstros conseguiram entrar no Porto.

- Mas como?

- Como? E o que importa? O fato é que entraram. Isso é o importante. Não tenho nem ideia de como foi. — Olhou para mim fixamente, como se protestasse. - Pode ter sido de qualquer maneira. Talvez algum civil enviado em missão fora do perímetro tenha voltado infectado e não tenha tido coragem ou disciplina suficiente para informar isso, até que foi tarde demais. Ou talvez essas coisas tenham encontrado uma brecha nesse perímetro de mais de quatro quilômetros. Ou, simplesmente, talvez alguém, uma noite, tenha esquecido de fechar bem uma porta ou não tenha checado bem um cadeado. - Abriu os braços, como para demonstrar ignorância. - Eles entraram, finalmente, e então foi o caos.

Eu era capaz de ver a cena mentalmente enquanto Ushakov falava. De alguma maneira, alguns infectados entraram no perímetro e, em uma área tão massificada, logo causaram estragos. O pânico se desatou e verdadeiras avalanches humanas se deslocaram atropeladamente de um lado para o outro, sem rumo, tentando fugir daqueles seres. Justamente esse caos foi sua ruína. Se Jovellanos houvesse contado com mais soldados profissionais, talvez pudesse ter feito alguma coisa, mas ele não tinha nenhuma possibilidade com sua heterogênea coleção de civis e restos de unidades desagregadas. Os destacamentos que enviava para restaurar a ordem eram esmagados por uma multidão em pânico, que não atendia a razões. Os poucos grupos de militares profissionais que restavam podiam ter tentado abrir caminho por entre a multidão até onde achassem que os não mortos poderiam estar, para enfrentados; mas, sendo tão poucos, a própria multidão os impediria de chegar com

celeridade.

- Por mais poder de fogo que você tenha, se ficar sozinho no campo de batalha diante de um monte de inimigos, está fodido. - Ele coçou a cabeça, enquanto olhava para mim com ar sério. - Isso nós aprendemos no Afeganistão há muitos anos, e aqui aconteceu a mesma coisa.

Os poucos militares sobreviventes, isolados de seus pelotões, enfrentaram valentemente o crescente número de não mortos, alguns de forma heróica e desesperada, até que finalmente foram engolidos por aquela maré. A partir daí, o destino dos milhares de refugiados do campo ficou selado. Desarmados, presos dentro do recinto, em pânico e indefesos, sua sorte estava lançada.

- Os mais afortunados foram os que morreram esmagados pelas multidões ou asfixiados sob dúzias de corpos. - A voz de Ushakov já era quase um sussurro. - Pelo menos eles não viram o que aconteceu a seguir.

Quase não me atrevi a perguntar. Mas precisava saber.

- E o que aconteceu? — Minha voz era um fio apenas.

- O coronel, quando viu tudo perdido, aplicou sua "Solução Final" particular. Ao longo das semanas anteriores, seus homens haviam colocado cargas explosivas na maioria dos navios e barracões do porto, um deles cheio de fertilizantes químicos, altamente inflamáveis. Sua ideia era que, se tudo fosse para o caralho, pelo menos arrastaria todos os malditos monstros que pudesse para o inferno. - Jogando seu corpanzil para trás, esfregou os olhos e pestanejou. - Mas não deu certo.

- Por quê?

- Calcularam mal o efeito das explosões. - Tirou um pacote de cigarros amassado do bolso da jaqueta e me ofereceu um. Aceitei, ansioso por sentir na boca algo que não fosse aquele álcool. - Quando as cargas explodiram, muita gente estava refugiada dentro dos navios, que miram, em chamas, sobre sua cabeça. - Acendeu o cigarro e exalou uma coluna de fumaça. — Esses morreram queimados ou esmagados, quase no ato. Foram muito sortudos.

- Não vejo por quê.

- Porque o resto, várias centenas de milhares, ainda estava pelo porto, correndo de um lado para o outro sem escapatória - falou com voz trêmula. — Imagine a cena do jeito que eu a vi essa noite. No meio da escuridão mais absoluta, e iluminadas apenas pelo brilho das chamas dos incêndios, milhares de pessoas correndo sem parar, aterrorizadas, sem saber se o grupo que viam se aproximar ao fundo era de humanos ou dessas coisas. No Zaren ouviam-se gritos, gemidos, uivos e alguns tiros isolados, enquanto o cheiro de fumaça e de carne chamuscada invadia toda a atmosfera a ponto de fazer vomitar. - Inclinou-se com um olhar febril. - Era uma janela direta para o inferno. Literalmente.

Estremeci. Podia imaginar o horror e o desespero absoluto que deve ter sentido essa

gente presa no porto à medida que essas coisas a encurralavam. À medida que caíam vítimas de suas mordidas, os antigos refugiados, agora transformados em caçadores, somavam-se à manada de não mortos atacando seus antigos conhecidos, amigos ou familiares, tudo isso iluminado pelo resplendor de dúzias de pavorosos incêndios. Uma cena demente.

- Não há muito mais que dizer — continuou falando. — A carnificina prosseguiu durante pelo menos doze ou catorze horas, mas a fumaça nos impedia de ver qualquer parte da margem aqui do navio. Finalmente, o barulho cessou totalmente. Não se ouvia absolutamente nada, além do ocasional estalo de alguma estrutura carbonizada ao cair ou o surdo gemido de uma dessas coisas. - Interrompeu-se. — Bem, e esse barulho, evidentemente.

- Barulho? Que barulho?

- No início, não sabíamos o que podia ser. Acostumados ao barulho de uma multidão de centenas de milhares de pessoas, o porto estava estranhamente silencioso, como pode vê-lo agora — ele falou apontando para a escotilha do camarote. - Mas, naquele momento, o silêncio nos surpreendeu profundamente. Por isso ouvimos o barulho.

- Ainda não me disse o que era - protestei.

- Porque você me interrompe constantemente - replicou. — Descobrimos a origem do barulho à medida que a massa de fumaça foi se elevando. - Estremeceu, sem poder evitar. - Era produzido por centenas, milhares de pés, calçados e descalços, arrastando-se pelo cimento e pelo asfalto do porto. — Olhou para mim. — Os pés de todos os refugiados do porto que não haviam falecido antes de se contagiar, antes de se transformar em um desses não mortos.

Fiquei horrorizado, oprimido diante da impressionante ideia de centenas de milhares de seres inocentes atrozmente atacados, mordidos e mutilados, e depois se levantando outra vez, mas transformados em centenas de milhares... de monstros. Jesus, era assustador.

Estava ficando enjoado naquele camarote. Precisava tomar ar.

- Evidentemente, nem todos os refugiados caíram. Os mais hábeis, os mais duros, algumas dúzias, talvez algumas centenas, conseguiram sobreviver a essa noite impressionante e permaneceram escondidos nas ruínas do porto até que essa imensa multidão de não mortos se espalhou pelos quatro ventos. Quando só restavam algumas centenas no porto, como agora, todos fugiram, cada um na direção que julgou mais oportuna, sozinhos ou em pequenos grupos - concluiu Ushakov.

- E mesmo? - Olhei para ele com os olhos vidrados. - E como sabe disso?

- Muito simples - replicou, sorridente, fazendo um gesto teatral. — Porque um desses sobreviventes está agora a bordo do Zaren Kibisb. Ia justamente apresentá-lo a você - disse, enquanto se levantava e se dirigia à porta do camarote.

Levantei-me, com uma leve sensação de náusea, disposto a seguir Ushakov. Assim que fiquei em pé, percebi que meu delicado estômago ocidental não havia sido feito para a combinação de vodca russa, calor úmido, cheiro de comida, óleo de motor e conversa macabra. Empurrando atropeladamente duas cadeiras, fui até a escotilha e, depois de abri-la, deixei um belo desenho de vômito no casco do Zaren Kibish. Maravilhoso. Eu estava causando uma ótima impressão em meus novos amigos.

Após limpar os restos de bile da boca, voltei e me dirigi novamente a Ushakov, que me contemplava da porta do camarote com olhar levemente irônico. Deve ter me achado um bebezão, mas não disse nada e se limitou a fazer um gesto com a cabeça para que o seguisse.

Percorremos um curto corredor cheio de encanamentos e cabos elétricos, com várias portas dos dois lados. No geral, o aspecto daquele navio era completamente desastroso e era surpreendente pensar que acabava de fazer uma viagem de dezenas de milhares de milhas náuticas desde o sudeste asiático. Por fim, chegamos a uma comporta em uma parede situada no fim de umas escadas que desciam para as entranhas do navio. O cheiro de fechado e de umidade era muito mais intenso ali, mas eu parecia ser o único a notar.

Ao abrir a porta, vi um camarote parecido com o do capitão, mas de dimensões mais modestas e com um beliche em vez da espaçosa cama do quarto de onde vínhamos. Sentado em uma das camas havia um homem de uns cinquenta anos, gordo, com as veias do nariz muito marcadas, o que indicava um excessivo gosto por bebidas alcoólicas, e o rosto sulcado de rugas. Em frente a ele, do outro lado de uma caixa de madeira virada para baixo que fazia as vezes de mesa improvisada para um tabuleiro de xadrez, havia outro homem, de uns quarenta anos, complexão forte, baixo, louro, com olhos de uma cor assombrosamente azul e lisos bigodes caindo do lábio superior. Não pude evitar lembrar-me de Asterix, o Gaulês, assim que o vi.

Quando entramos, Asterix e Nariz de Bêbado pareciam estar concentrados nas últimas jogadas de uma intensa partida de xadrez, mas levantaram-se precipitadamente quando nos viram.

Ushakov aproximou-se deles e trocou algumas frases apressadas em russo com ambos, enquanto apontava para mim várias vezes no curso da conversa. Sentia-me extremamente constrangido enquanto Ushakov e Nariz de Bêbado pareciam discutir algo vivamente, e Asterix se limitava a contemplar ambos tristemente e dirigir-me, de vez em quando, um olhar resignado. Finalmente, Ushakov se voltou para mim e me fez sinal para que me aproximasse.

- Senhor advogado - eu não gostava de como aquilo soava em sua boca; tinha certo toque irônico -, este é o primeiro oficial do Zaren Kibish, Aleksandr Grigori Kritzinev - disse enquanto indicava o homem de nariz vermelho.

Apertei sua mão cautelosamente, sendo obsequiado por uma avalanche de palavras

em russo que não consegui decifrar.

- Meu primeiro oficial é marinheiro das antigas e disse que lamenta não dominar suficientemente outro idioma além do russo, de modo que me transmite seus cumprimentos para você.

- Diga-lhe que é um prazer estar a bordo deste navio e estar junto a vocês.

- Ora, isso não será necessário - respondeu Ushakov em um tom que estava começando a me desagradar. - Acho que não são necessárias tantas formalidades entre amigos como nós, *niet*? Permita-me lhe apresentar Viktor Pritchenko, ucraniano como Alexander e como eu, e sobrevivente da área segura de Vigo.

Contemplei o pequeno louro de bigodes enquanto apertava sua mão e tentava evitar que meu rosto delatasse a surpresa. Que, diabos, fazia um ucraniano no porto de Vigo? Que coincidência mais estranha. Mas minha surpresa foi completa quando o pequeno ucraniano se dirigiu a mim em um ferruginoso e primitivo espanhol.

- Prazer em conhecê-lo. Meu nome é Viktor, Viktor Nikolaevich Pritchenko.

- Fala espanhol? - repliquei, absolutamente atônito. Não era o tipo de sobrevivente que eu esperava.

- Da, eu morando na Espanha por seis meses. Eu morado antes na Espanha várias vezes, faz quatro anos. Eu vir Espanha todos os anos - respondeu, com um olhar triste nos olhos claros.

- E a que vem à Espanha?

- Eu trabalho. Eu todos os anos trabalho para Siuntén.

Eu estava muito estupefato para lhe perguntar o que ou quem, diabos, era o tal de Siuntén. Teria tempo para isso. Compreendi duas coisas ao ver aquele pequeno homem e seu cândido olhar azul. Era evidente que não estava mentindo. Mas estava assustado, terrivelmente assustado. Algo o mantinha aterrorizado, e eu não fazia a menor ideia do que seria.

Ushakov, que não dominava o castelhano, e visivelmente incomodado por não saber o que estávamos falando, decidiu interromper abruptamente a conversa. Ladrando duas ordens a seu imediato, enviou este e o pequeno ucraniano escadas acima enquanto me convidava a seguido de novo, agora para os andares superiores. Enquanto subíamos os lances de escadas, foi me contando o resto da história de Víktor Pritchenko. Na noite do massacre da área segura, ele chegara nadando até o Zaren Kibish e começara a gritar. Ao ouvir alguém falando russo, decidira fazê-lo subir a bordo, e, desde então, estava com eles. Pelo visto, era estivador ou técnico do porto, ou algo do gênero.

Alguma coisa em seu jeito de contar a história me fez desconfiar. Esse sujeito não estava contando a verdade, pelo menos não toda. Pois bem, o que exatamente estava escondendo? E, principalmente, por quê?

Quando chegamos à parte superior das escadas, descobri, para minha surpresa, que

continuávamos subindo para a ponte de comando, situada a várias dezenas de metros da coberta. Ao chegar ali, Ushakov se sentou em seu posto de capitão e me olhou, escrutador.

- E então? — perguntei, cada vez mais confuso.

- Vamos ver, senhor advogado; se não estou enganado, pelo que me contou, você é de uma cidade muito próxima a Vigo, niet?

- Sim, de Pontevedra, a apenas trinta quilômetros pela estrada - respondi, sem saber muito bem o que ele pretendia.

- Portanto, entendo que conhece bem essa cidade, não é?

- Bem... sim, na verdade, sim. - Eu estava cada vez mais confuso. Não entendia o motivo daquelas perguntas tão absurdas e aonde ele queria chegar, mas havia alguma coisa no ar.

- *Da*, perfeito. - Pareceu ficar pensativo por um momento e inopinadamente perguntou: - Sabe onde fica a agência principal dos correios de Vigo?

- Claro que sim, mas, para que, diabos, tudo isso, capitão Ushakov?

- Ora, vamos, tenho certeza de que uma pessoa tão inteligente como você já entendeu. Está mais que claro que preciso de uma coisa que está lá.

Minha expressão devia ser cômica. No correio? Mas o que esse indivíduo tinha na cabeça?

- Faz dois meses que não tenho comunicação alguma com a companhia - começou a dizer com voz cansada. - Quando atracamos em Vigo, justo depois da tempestade, a primeira coisa que fiz foi entrar em contato telefônico com o agente da companhia na Espanha para lhe solicitar instruções, visto que os telefones na Estônia pareciam não funcionar e na Grécia ninguém atendia. - Esticou-se na cadeira. - Ele prometeu me mandar pelo correio um pacote completo de instruções de Madri, mas a evacuação para a área segura nos impediu de pegá-lo.

- Por que está me contando tudo isso?

- Acho que é evidente, meu jovem amigo. Preciso desse pacote. E alguém precisa ir buscá-lo. Alguém que saiba onde fica a agência. E esse alguém é você.

Olhei para ele abismado, tentando descobrir se estava brincando. Não podia falar sério. Aquele sujeito estava me pedindo que desembarcasse em uma cidade infestada de milhares de não mortos, que a atravessasse como quem vai comprar pão, que entrasse na agência do correio e que voltasse a bordo com seu maldito pacote como se fosse um carteiro. Definitivamente, a vodka havia feito mais mal a ele que a mim.

- Capitão, não pode estar falando sério. Sinto muito por seu pacote, mas, se ele está nessa agência, no que me diz respeito pode ficar ali até o fim dos tempos. O senhor não sabe o que está me pedindo. Estive com esses seres e posso lhe garantir que são monstruosos. - Eu ia me alterando à medida que falava; não podia evitar. - É uma

verdadeira loucura! É absolutamente impossível que uma pessoa atravessasse essa cidade sem que essas criaturas do inferno acabem com ela, estou falando sério.

- Ora, mas você não irá sozinho, evidentemente. Meu oficial e alguns dos meus homens o acompanharão. - Sorriu, malévolamente. - Afinal de contas, é um pacote da companhia, e você é um estranho. Não podemos confiá-lo a você - concluiu. — Sua função consiste apenas em servir de guia até lá e conduzi-los de volta.

Ele estava maluco. Eu tinha de ir embora dali.

- Sinto muito, capitão, mas não conte comigo para esse disparate - disse eu à medida que me levantava. - Agradeço sua ajuda e sua hospitalidade, mas acho que devo ir embora. De modo que, se não se importa...

- Ora, acho que não está entendendo - interrompeu-me. - Não estou lhe pedindo. Estou ordenando. E, se não concordar, em menos de cinco minutos estará flutuando na água com uma bala na cabeça. Acho que não tem escolha.

Aquele filho da puta se refestelou na cadeira, visivelmente satisfeito, enquanto olhava para mim. Eu estava nas mãos dele. E ambos sabíamos disso.

Engoli em seco, enquanto sentia uma onda de sangue gelado correr por minhas veias ao contemplar Ushakov confortavelmente recostado em sua cadeira alta, observando-me. O filho da mãe parecia achar tudo aquilo extremamente divertido.

- Vamos, vamos, tovarich, não se zangue. - Inclinou-se para a frente e, pondo sua boca quase ao lado do meu ouvido, sussurrou: - Afinal de contas, só lhe peço um pequeno favor em troca de outro favor, niet? Eu o acolhi em meu navio e você, em troca, vai me trazer uma pequena coisinha que necessito. Só isso.

- O senhor não tem nem a menor ideia de onde está nos mandando, capitão. Podemos morrer por um miserável pacote enviado por alguém que já deve estar morto — respondi, contendo a raiva.

- Conto com sua perícia para trazer todo mundo de volta. Afinal de contas, você chegou até aqui sem um arranhão, niet? De modo que acredito que possa fazer esse pequeno passeio sem que nada de mau lhe aconteça.

- Tenho alternativa? — perguntei, com a pior cara possível.

- Receio que não.

- Então, imagino que apelar para seus bons sentimentos ou para humanidade seria completamente inútil, não é? O senhor é um verdadeiro bastardo, amigo. Vá à merda! Antes que eu percebesse, Ushakov pulou para a frente, como que movido por uma mola, e segurou-me pelo pescoço com uma de suas enormes mãos, levantando-me contra a parede. Pegou-me totalmente de surpresa. Era quase inacreditável que um sujeito tão grande se movimentasse tão rápido. Segurava-me a um palmo do chão, enquanto aproximava meu rosto do seu, completamente transformado em uma máscara demoníaca.

- Estou há mais de um mês preso neste buraco com meu maldito navio e toda minha

tripulação, entende? - gritou, vermelho de raiva.

- Desde que cheguei, esperei inutilmente a chegada da pessoa que devia assumir o barco e trazer esse pacote, e sabe quem veio? - perguntou

- Ninguém! Absolutamente ninguém!

Ele estava me asfixiando, e eu já via pontinhos coloridos dançando diante dos meus olhos. Aquele psicopata ia me estrangular. Subitamente, pareceu perceber minha cor estranha, ou talvez tenha entendido que se me matasse perderia o carteiro. Fosse o que fosse, afrouxou a garra. Caí no chão, arfando, tentando puxar um pouco de ar.

- Preciso desse pacote! Simplesmente, preciso. Há uma semana, enviei uma equipe a terra, e não temos notícias deles desde então. Não posso me permitir perder mais homens. - Sentou-se novamente, olhando para mim. - Você vai buscar esse pacote para mim. E, se lhe ocorrer se desviar meio metro, juro por Deus que vou lhe meter uma bala na cabeça. De modo que não tente me foder. Entendeu, senhor advogado?

Assenti com a cabeça, incapaz de falar, enquanto me levantava do chão a duras penas. Aquele filho da mãe era capaz de me matar se me negasse. E o pior era que eu não podia ir a lugar nenhum. Na ponte de comando eu podia ver perfeitamente dois marinheiros fumando, confortavelmente recostados na coberta do Corinto, com duas AK-47 cruzadas no colo. E eu não sabia onde estava Lúculo.

- Certo - disse assim que consegui articular uma palavra. - O senhor me dá sua palavra de que se lhe trouxer o pacote me deixará ir embora?

- Com certeza. O senhor cumpre sua parte e eu cumpro a minha. Sei! Com certeza. E, de bônus, duas lours de biquíni e um barril de cerveja. Com certeza.

Precisava ser pragmático e assumir o controle dessa situação antes que se descontrolasse definitivamente. Tirando um Marlboro amassado do bolso, encostei no timão e olhei fixamente para ele, em meio à fumaça, enquanto pensava rapidamente.

- Certo - assenti. - Mas com uma condição: em terra, mando eu. Seus rapazes farão o que eu disser e não tentarão me foder, valeu?

- Totalmente.

- Não sei nem por que me preocupo. O mais provável é que matem todos nós dez minutos depois de tocarmos terra. Além disso, eu não falo nem uma palavra de tagalo ou de urdu. Como, caralho, vou me entender com eles? Em Morse?

- Não se faça de engraçadinho. Você não está em condições para isso. Pritchenko fala espanhol - respondeu. - E meu imediato irá com vocês, de modo que você poderá falar com todo o grupo por meio deles.

- E por que não manda Pritchenko simplesmente? Ele não morava em Vigo antes de tudo isso?

- Pritchenko não morava em Vigo - respondeu lacônicamente.

- Mas o senhor disse...

- Chega de bobagens. Você tem muito que fazer - interrompeu-me, enquanto me convidava a acompanhá-lo.

9 de março

20h00

Passaram-se quase dez dias desde a última anotação no diário. Até este momento, eu não havia conseguido convencer Ushakov a me permitir descer ao *Corinto* para pegar esta caderneta e minhas coisas de higiene pessoal. Passei os últimos dez dias em um regime de liberdade "muito" vigiada a bordo do *Zaren Kibish*, enquanto o capitão e o imediato preparavam a expedição a terra. Durante esse tempo, só saí do desastroso camarote que me concederam para ir ao banheiro e tomar dois banhos. Além de Ushakov, só vi a cara do cozinheiro, um filipino espinhento e marcado de varíola que não fala nem uma palavra de espanhol, de modo que tive muito tempo para pensar em tudo o que está acontecendo e em como as coisas estão perdendo o controle. Estava justamente escrevendo estas notas quando Ushakov em pessoa foi me buscar no camarote, pedindo que o seguisse.

Descemos as escadas até chegar de novo à coberta. Lá, encontrei o resto da minha "equipe" me esperando. Estavam o pequeno Viktor "Asterix" Pritchenko, a quem não via desde minha chegada a bordo -imagino que tão prisioneiro quanto eu -, o segundo oficial com uma enorme pistola na cintura e quatro tripulantes do *Zaren Kibish* com cara de paquistaneses. Todos usavam uma grossa roupa de marinheiro escura e carregavam mochilas lotadas nas costas. Cada um deles segurava uma AK-47 nas mãos, menos Viktor, que parecia estar desarmado e que mantinha aquele olhar entre resignado e aterrorizado. Estava tão fodido quanto eu, evidente.

— Você também se apresentou como voluntário para essa história, não é? - perguntei-lhe enquanto apoiava uma mão em seu ombro.

— Como? — perguntou, confuso.

- Nada. Esqueça. - Estava claro que ele não captava a ironia. Voltei-me para Ushakov. - E minhas armas?

- Você não vai precisar de armas, amigo. Meus homens o protegerão. Só precisa guiá-los e trazer o pacote do correio — respondeu, enquanto me entregava um papel. O recibo do pacote.

Peguei-o distraidamente com uma mão enquanto com a outra vestia meu velho traje de neoprene, diante do olhar meio espantado de todos os presentes. Imagino que se perguntavam se eu estava bem da cabeça ou se achava que íamos surfar. Mas, ao reparar no recibo, perdi a vontade de fazer gracinhas. Caralho. Não me estranhava que a equipe anterior houvesse se perdido. Aquele pacote não estava na agência central dos correios, que quase se podia ver do porto. O maldito recibo não era dos correios. Era da VNT, uma empresa local de transporte de correspondência. O pacote estava no escritório dessa empresa. E o endereço ficava quase na outra ponta

da cidade.

Resignadamente, sacudi a cabeça e guardei o recibo em uma pequena mochila vazia que me ofereceram. Estavam deixando bem claro quem teria de carregar o pacote na volta. Ajustei as alças e fui até a borda para contemplar a cidade morta. Seu aspecto era sombrio, desolado, aterrador. Além da devastação do porto, eu podia contemplar as ruas de Vigo, cheias de carros abandonados de qualquer jeito, de lixo, sujeira, papéis e plásticos rolando, e, no meio de tudo isso, dezenas desses seres vagando em um passeio infinito. Uma maldita Zona Morta. E nós íamos justamente para lá. Estremeci e me volvei para Ushakov.

- Está escurecendo. Partiremos amanhã de manhã, assim que houver luz suficiente.

- Não, senhor advogado. Vocês partirão agora, aproveitando a escuridão da noite.

- Mas o que está dizendo? Assim não os poderemos ver! - respondi, agitado. Não podia acreditar.

- Eles também não verão vocês - respondeu Ushakov, displicente.

E fim da discussão. Por mais que lhe explicasse que "eles" não precisavam nos ver para saber que estávamos ali, não conseguiria fazer que acreditasse. Acharia que estava só tentando retardar a saída. Ushakov era um militar e ainda pensava como um militar. Para ele, estava claro que uma infiltração tinha de ser noturna para ter possibilidades de sucesso. De modo que nos fazia ir à noite, e sem lua, para uma zona cheia desses monstros. Aquilo estava ficando cada vez mais maravilhoso.

Uma Zodiac bem grande nos esperava amarrada ao lado do *Corinto*. Quando nos dirigimos para a borda, vi um dos marinheiros do *Zaren Kibish* com Lúculo no colo. Aquele sujeito tinha dois profundos arranhões cruzando o rosto. Pelo visto, meu gato também não estava muito contente com seus captores. Assim que me viu, soltou um longo miado desesperado e se remexeu, inquieto, querendo correr para mim. Mas o sujeito que o segurava já previra essa reação e usava umas luvas grossas. Fez um hábil giro com a mão direita e pegou o pobre animal pelo pescoço, imobilizando-o por completo. Mais umas pategadas de pressão e quebraria o pescoço dele. Lúculo emitiu um miado lastimoso enquanto me contemplava, impotente.

Senti o sangue subir e dei um passo para aquele indivíduo, mas alguém me deu um forte empurrão para a borda e tive de descer a escada para a Zodiac. Enquanto me acomodava na proa, Ushakov colocou seu corpanzil por cima da borda do *Zaren Kibish* e gritou com as mãos em concha em volta da boca.

- Tentem voltar logo, senhor advogado! Faz muito tempo que meu cozinheiro filipino não tem carne fresca, e ele vem de uma cultura que tem muitas receitas com gato! — cacarejou. - Não sei quanto tempo poderei controlá-lo!

O motor da Zodiac arrancou depois de três ou quatro tentativas e começou a nos levar para a margem com um forte rugido, enquanto aquela ameaça ainda ecoava em meus ouvidos. Maldito filho da puta!

A luz diminuía a passos agigantados, como é habitual nessa época do ano na Galícia. Logo seria noite fechada. À medida que nos aproximávamos da terra pude divisar com maior nitidez certos detalhes da margem. Quase preferia não os ter visto. Eram como uma premonição do que nos aguardava a apenas algumas centenas de metros. Subitamente, notei o silêncio absoluto que reinava na Zodiac. Virei-me para trás e encontrei seis pares de olhos olhando para mim, expectantes. Nariz Vermelho ladrrou uma longa frase em russo para Viktor. Este assentiu e se voltou para mim, enquanto me observava com aquela expressão quase infantil nos olhos.

- Oficial Kritzinev pergunta onde desembarque, onde terra. Diz que você ter de guiar.

Assenti. Certo. Estava no comando, pelo menos por enquanto. Precisava me acalmar. Tinha de pensar, se quisesse sair inteiro desse pesadelo e recuperar meu gato e meu barco. Incitei a mim mesmo a escrutar a margem, procurando desesperadamente um bom ponto onde desembarcar, um lugar seguro, uma pista, um sinal... Alguma coisa!

Subitamente, vi. Perto da margem. Claro que sim, caramba. Podia funcionar. Por que não? Talvez fosse nossa melhor oportunidade. Voltando-me de novo na Zodiac, apontei o local para o paquistanês que pilotava, indicando por meio de sinais que se dirigisse para lá.

Talvez fosse uma loucura. Mas não havia muito mais opções.

VIGO

9 de março

4h25

De novo em terra.

Após vários dias embarcado, a sensação de ter terra firme sob os pés era exótica. À medida que as sombras cresciam, eu tentava adivinhar a forma dos edifícios que nos cercavam. Era estranho, extremamente estranho. Às minhas costas ouvia os dois ucranianos e os paquistaneses desembarcando o equipamento. Respirei profundamente, mas imediatamente me arrependi. O cheiro de putrefação, lixo, fezes e carne queimada era nauseabundo. Além disso, eu podia perceber outro cheiro mais suave, sutilmente misturado no meio de tudo isso, mas ali presente. Não o poderia descrever, mas é esse cheiro que ando sentindo há semanas. Acho que é o cheiro deles. Dessas coisas. Poderia jurar que têm um aroma próprio. Ou talvez eu esteja enlouquecendo, sei lá.

Os paquistaneses e os dois escravos já estavam preparados atrás de mim. Com exceção de Viktor, que tinha um ar levemente ausente e resignado, o restante parecia uma equipe bastante competente e compenetrada. A maneira como se distribuíam e seguravam as armas indicava, de algum modo, que não eram simplesmente os marinheiros que alegavam ser. O caralho! Aqueles fulanos eram verdadeiros profissionais que sabiam o que estavam fazendo, o que me levava a perguntar, então, quem, diabos, eram e que raios estavam fazendo ali. Para não falar da verdadeira natureza do pacote que íamos buscar, tão valioso que merecia arriscar a vida de sete pessoas por ele. Coisa de maluco.

Havíamos desembarcado na parte mais afastada da área segura, especificamente entre uns enormes galpões industriais e a gigantesca esplanada onde a montadora Citroen estacionava seus veículos antes de carregá-los nos enormes navios que os distribuíam pelo mundo. Agora, a esplanada estava cheia de centenas e centenas de modelos da casa francesa, abandonados à sua sorte na noite.

Podia ver perfeitamente os mais próximos. Era uma fila enorme de Xsaras Picasso, prontos para ser estreados, com os bancos ainda cobertos por capas de plástico. Mas todos os veículos estavam sujos e descuidados. Aproximando-me o máximo possível, passei a mão pela chapa e deixei um sulco grosso. Longas semanas de abandono os haviam coberto de uma grossa camada de pó e de algo mais. Com um estremecimento, compreendi que a substância que os recobria era a cinza dos incêndios de semanas anteriores. Cinzas humanas, talvez. Caramba!

Afastei-me daqueles milhares de veículos que provavelmente nunca chegariam a circular por uma estrada ensolarada. Aquele tempo havia ficado atrás. Agora, só se podia pensar em ser suficientemente hábil para sobreviver até o dia seguinte.

Aquela esquina onde havíamos desembarcado apresentava uma singularidade. Havia ali um pequeno galpão e uma estreita esplanada ao lado, toda cercada por um alto muro de tijolos e concreto. Mas o que havia nos levado até ali não era a cerca nem a esplanada, e sim o enorme letreiro que se via acima do edifício: Seguritsa. Aquele galpão era a base que uma empresa de segurança e transportes blindados bancários tinha no porto. Com centenas de empresas funcionando na zona franca, era lógico que tivessem uma sucursal ali. Só a faixa do porto movimentava, por dia, milhões de euros, e alguém tinha de guardar toda essa grana e levá-la para os bancos.

Aquele edifício era um verdadeiro forte, e eu acreditava que os malditos não haviam conseguido franquear seus muros. Podia estar errado, evidentemente, e então estaríamos fodidos de verdade, mas também não tínhamos tantas opções.

Com uma expressão seca facilmente compreensível, indiquei a Viktor que se aproximasse. Sussurrei em seu ouvido que era necessário alguém avançar e verificar o perímetro do edifício. Assentindo, o pequeno ucraniano deslizou como uma enguia rumo ao resto do grupo, que se escondia nas sombras cada vez mais densas da noite, e soltou uma longa ladainha em russo para Kritzinev. Este, por sua vez, deu uma série de instruções em urdu aos paquistaneses, que, ágeis como cervos, mergulharam nas sombras próximas ao edifício.

Não pude deixar de sentir uma vaga apreensão pensando em como era complicado transmitir as ordens. Tinham de ser traduzidas várias vezes até seus destinatários e corriam o risco de ser mal-interpretadas várias vezes pelo caminho. Isso não teria nenhuma importância, não fosse porque um simples erro podia mandar todos nós para o cemitério. Era de foder.

Depois de cinco intermináveis minutos, um dos paquistaneses se materializou saído do nada, bem em frente a nós, fazendo o gesto universal que indica que tudo está em ordem. Enquanto avançávamos cautelosamente para o edifício, eu meditava sobre como esses homens eram curiosos. Todos eram bastante jovens, em torno de vinte e poucos anos. Magros e musculosos, com uns enormes bigodes pretos que combinavam perfeitamente com sua pele acobreada, aqueles sujeitos pareciam muito competentes no que faziam.

Quando chegamos ao muro do edifício, colamo-nos a ele como ventosas. Podia sentir a adrenalina rugindo em minhas veias. Aquilo estava escuro como a boca de um poço. Embora não parecesse haver nenhuma dessas coisas por perto, eu podia ouvir perfeitamente o barulho de fundo que dezenas de pés se arrastando produziam. Era um som aterrador, de arrepiar. Algo assim como *rasssssssss-zump*, *rasssssssssssss-zump*, repetindo dezenas de vezes. Senti meus testículos se encolherem de pânico. Aqueles seres estavam muito perto, muito perto, talvez do outro lado do muro no qual nos apoiávamos.

Aproximei-me com cuidado da porta do galpão. Como esperava, era um enorme

portão de aço blindado, com duas aberturas dos lados. Peguei a maçaneta e girei-a. A porta não se mexeu.

Estava trancada.

Por um momento, não sabia o que fazer. A possibilidade de que aquela porta estivesse trancada nem havia me passado pela cabeça. Estávamos em um maldito ponto morto. Não podíamos retroceder nem entrar naquele galpão e seguir em frente. Que merda!

Sentia os olhos de todos cravados em mim. Voltando-me para Viktor, dei de ombros, em um gesto mudo, como se dissesse "E então? Não tenho nem uma remota ideia do que fazer". Kritzinev deu um passo à frente e, tirando a AK-47 das costas, engatilhou-a ruidosamente e apontou para a fechadura. Antes que começasse o festival de tiros, segurei a boca da arma e a apontei para o chão, enquanto levava um dedo aos lábios. Atirar naquela porta não serviria para absolutamente nada, salvo para conseguir uma publicidade indesejada de nossa presença ali. Com um gesto, indiquei o canto do galpão que dava para a esplanada. Talvez por ali conseguíssemos alguma coisa.

23 de março

2h12

Ainda estou vivo. Machucado, com alguns hematomas e o neoprene em farrapos, mas vivo, afinal. Porém ainda estou tentando me livrar do medo que passei. O dia foi longo, muito longo, e só o que espero é que agora tenhamos algumas horas de tranquilidade, pelo menos. Essa missão, essa "viagem", não sei como chamá-la, estava fadada ao fracasso desde o início. Desde que pusemos os pés em terra, as coisas só têm se precipitado. Não temos nenhum plano, avançamos às cegas e, o que é pior, acho que também não está muito claro o que temos de fazer.

Agora mesmo estamos escondidos em uma velha loja de artigos importados que, em algum momento, nos dias passados, foi saqueada sem piedade. As estantes, meio tombadas e empilhadas no fundo da loja, são mudas testemunhas de uma rapina apressada. Alguém esteve aqui e pegou tudo o que pôde antes de se mandar. Só algumas caixas de bugigangas e a seção de perfumaria parecem ter se salvado do saque, o que não nos deixou muito para prepararmos o jantar. Mas os paquistaneses estão encantados com a possibilidade de arranjar perfume grátis e passaram vinte minutos abrindo potes e experimentando todas as essências que encontraram, rindo como crianças. Agora todos estão cheirando a puta de bordel, mas pelo menos vivemos um momento de descontração. Estávamos precisando.

A porta metálica, ou o que resta dela, está fechada e bloqueada por dentro com duas estantes de aço colocadas pelos paquistaneses, e posso ver os sobreviventes apinhados, dormindo à luz de uma lamparina de petróleo, enquanto um dos paquistaneses monta guarda e mordisca despreocupadamente um chocolate. Não consigo dormir. As imagens dos últimos doze dias invadem minha cabeça, lutando para sair de algum jeito. Não tenho com quem falar sobre tudo isso, nenhum ombro em que me apoiar e chorar. Escrevo para não enlouquecer, para que amanhã, quando acordar, possa ter certeza de que não foi um sonho ruim e de que não estou perdendo a cabeça. Caramba... e, ainda assim, não sei por onde começar. Pelo início, imagino. Ao verificar que o galpão da central de segurança estava fechado, decidimos virar a esquina. Era a única opção que nos restava. Uma vez tomada a decisão, começamos a andar com cuidado, tentando nos fundir na parede. Nesse momento, a escuridão já era absoluta. Não me lembro se havia lua ou não, mas o céu devia estar completamente nublado, porque não se via nem uma única estrela. A escuridão era total, e isso tornava a situação ainda mais perturbadora.

Dizer que estava angustiado é pouco. E hei de dizer, em meu favor, que eu não era o único, porque a cara de Kritzinev, de Pritchenko e dos paquistaneses era de dar dó. Não pude evitar sentir certa satisfação ao ver o medo nos olhos deles. Que se

fodam. Uma coisa é ser touro no conforto do *Zaren Kibish*, e outra muito diferente é ter de pular na arena.

Ao chegar à esquina, avancei cautelosamente a cabeça e pude ver... nada. Absolutamente nada. A escuridão era muito densa para ver além de dois metros. Não havia remédio senão usar um pouco de luz, de modo que pedi, por meio-sinais, que me passassem uma lanterna.

Uma enorme Polar Torch a bateria apareceu em minha mão em um passe de mágica. Peguei-a com mãos suadas e aponte para aquela negrura com sua lente polarizada. Por um momento, a angústia me assaltou. E se, ao acender a lanterna, descobrisse dezenas dessas criaturas emboscadas, com a luz refletindo no fundo de seus olhos mortos? E se, com a luz, atraísse centenas delas até nós? Hesitei. Meu dedo estava apoiado no interruptor e eu sentia as gotas de suor escorrendo pelas costas. Sentia Kritzinev atrás de mim, dando-me uns empurrõezinhos. Sussurrou algo em russo e, sem que Viktor traduzisse, adivinhei que queria dizer algo como: "Que está esperando, caralho?".

Enfim. Fodido por um, fodido por mil... Apertei o botão e um enorme fecho de luz iluminou instantaneamente a cena. Só se podiam ver um enorme estacionamento vazio e um muro com um grande portão metálico correção instalado sobre canaletas. Era a porta do recinto, e ainda estava fechada. Soltei um enorme suspiro e percebi que estava prendendo a respiração até esse momento.

Cruzamos rapidamente o pátio até a porta correção. Era preta, pesada e enorme. Contemplei-a com desespero. Muito grande para que a pudéssemos forçar. Aquele pátio era um beco sem saída. Fiquei ali parado, aturdido, olhando para esse enorme portão, perguntando-me que, diabos, fazer. Sabia que os outros estavam às minhas costas, esperando que eu tomasse uma decisão, e não tinha nem ideia do que lhes dizer. Viktor se aproximou da porta e começou a inspecioná-la atentamente. Durante um tempo, contemplei extremamente surpreso o pequeno ucraniano, sem saber que, diabos, estava fazendo. Enfiava os dedos pela borda mais próxima à parede, tentando fazer alguma coisa. Fui até ele e dei-lhe duas suaves palmadinhas nas costas. Ele se voltou para mim, sorridente, com gotas de suor perolando sua testa, e sussurrou uma única palavra: "Quebrada".

Com um rangido que soou como um tiro na noite, a porta se mexeu dois centímetros. Não estava trancada! Imediatamente me corrigi mentalmente. Eu já havia visto esse tipo de porta antes, em visita a um cliente na prisão. Não é que estivesse aberta; é que se tratava de um modelo extremamente moderno de fechamento e abertura, parecido com o de portas de presídios, baseado em fechaduras eletromagnéticas. Enquanto houvesse eletricidade, aquela fechadura era absolutamente impossível de ser forçada, e, em caso de corte de corrente elétrica, as baterias mantinham o sistema operativo e armado durante dias. Mas nem o mais precavido dos fabricantes teria

pensado na possibilidade de um corte de eletricidade que durasse vários meses. De modo que, simplesmente, a fechadura estava desligada e a porta podia ser aberta empurrando-a com um dedo.

Maldito Viktor! Como, diabos, adivinhara? Mas quem era esse sujeito e de onde havia saído? O portão deslizou suavemente sobre os trilhos, deixando ver parte da rua que corria pela parte externa. A rua. O exterior. Por onde essas coisas andavam à vontade; mas, naquele momento, adiantando cautelosamente a cabeça, não vimos nenhuma.

Febrilmente, iluminei à esquerda e à direita, tentando vislumbrar algum desses seres. Juro por Deus que, se houvesse visto um a menos de dois metros, teria fechado o portão a toda velocidade e não teria entrado ali nem sob a mira de uma pistola. E, agora, quase lamento que isso não tenha acontecido. Teria nos poupado de tudo que aconteceu a seguir.

Justo quando achava que já havia varrido toda a rua com a luz, apontei a lanterna para minha direita e meu coração quase parou de susto. Um enorme olho vermelho, malévolo e brilhante, olhava para mim fixamente, sem pestanejar, a menos de um metro de distância. Era aterrador. Durante menos de um segundo senti-me hipnotizado pelo brilho. Quando reagi, dei um pulo tão grande que quase deixei cair a lanterna.

Pelo menos não gritei, e assim poupei a vergonha de ter de explicar ao grupo por que estava gritando feito uma garotinha diante do reflexo da lanterna em um simples pedaço de vidro. O que havia tomado por um enorme olho não era mais que o refletor da porta de um furgão estacionado em cima na calçada.

Enquanto o restante do grupo se apinhava na porta, cobrindo os dois lados da rua, aproximei-me com desconfiança daquele enorme veículo. Só quando estava no meio do caminho percebi que estava absolutamente desarmado. Se dentro daquele veículo houvesse algum não morto, minha vida estaria seriamente comprometida em poucos segundos.

Era um furgão blindado amarelo, com a palavra Seguritsa traçada em grossas letras pretas na lateral. A porta do passageiro estava aberta, e o refletor, colocado para refletir as luzes dos faróis à noite se alguém abrisse a porta, era o que eu havia tomado inopinadamente por um enorme olho. Definitivamente, precisava de um balde de chá de camomila. E de férias no Caribe. Mas eu não tinha nem um nem outro.

Aproximei-me lentamente do furgão com a mesma desconfiança que Lúculo se aproximaria de um cachorro, preparado para dar no pé a qualquer momento. Por fim, cheguei ao veículo. Era enorme, como todos os furgões blindados, e devia pesar uma verdadeira barbaridade. Apoiei a mão na chapa. Estava completamente gelada. Deve ter sido abandonado há semanas, até meses. Coloquei a cabeça na cabine do

motorista. Vazia. Subi com cautela e me sentei no macio banco de couro enquanto tentava pensar.

Aquele furgão não estava estacionado; havia sido abandonado de qualquer jeito em cima da calçada. Quem quer que tenha sido seu último motorista devia estar com muita pressa de sair dele, porque nem sequer se incomodara em fechar a porta. De fato, as chaves ainda estavam no contato. Com um calafrio, pensei no compartimento blindado que estava bem atrás de mim. Imaginei dois guardas de segurança transformados em não mortos, trancados naquele reduzido espaço, com os dentes podres colados na janela intermediária, quebrando-a para me agarrar com suas mãos...

Voltei-me, temendo enfrentar essa visão, mas o compartimento estava vazio e escuro. Apontando a lanterna para dentro, pude ver alguns malotes com o emblema da companhia, cobertos de pó e descuidadamente amontoados no chão, ao pé de dois bancos vazios. Respirei aliviado. Alarme falso. Aquele furgão estava absolutamente livre de ocupantes, fora eu. E, pelo que podia ver, alguém havia deixado uns sacos na parte de trás que, ou muito me enganava, ou estavam cheios daquele tipo de papel que as pessoas desejavam com paixão há não muito tempo, antes de esses monstros chegarem.

No chão, havia uma prancheta com uma folha. Peguei-a e dei uma olhada. Era um relatório com data de final de janeiro, último dia em que aquele furgão fizera seu trajeto habitual. Pela quantidade de malotes na parte de trás e as marcas no relatório, naquele dia, estavam chegando ao final do percurso quando o motorista viu algo que o aterrorizou o suficiente para fazê-lo voltar correndo à sua base. E digo que o aterrorizou porque não creio que tivesse outro motivo para deixar um furgão carregado com milhões de euros completamente aberto no meio da rua e com as chaves no contato. Não preciso ser adivinho para saber o que aquele pobre homem viu. Perguntei-me vagamente quem seria e onde estaria agora, e em que estado.

Aquilo oferecia uma possibilidade muito interessante para atravessar a cidade. Naquele furgão, caberíamos perfeitamente os sete. Era blindado, robusto e, além de tudo, pesava o suficiente para evitar que uma multidão dessas coisas pudesse tombá-lo. Quanto mais eu pensava, mais perfeito aquele veículo me parecia. Uma olhada no contato, no entanto, bastou para esfriar meu entusiasmo. A chave estava na posição *on*, mas o motor estava desligado.

O último motorista havia deixado o veículo precipitadamente. Tão precipitadamente que nem desligara o motor, de modo que deve ter ficado funcionando em ponto morto durante semanas, até que o combustível acabou e desligou. Portanto, eu tinha o veículo perfeito para cruzar uma cidade morta, mas sem uma gota de combustível. Isso sem falar no estado da bateria.

Justo nesse momento, Kritzinev e Pritchenko puseram a cabeça dentro do veículo,

alarmados com minha demora. Quase desmaiei de susto, mas quando lhes contei as possibilidades do veículo, ambos esboçaram um sorriso. Era simples.

Um momento. Estão chacoalhando com mais força que o habitual a porta da loja. Todos estão acordados. Vamos ver o que é.

Alarme falso. Esses cabritos aí de fora só se agitaram um pouco, mas foi tudo. A situação continua igual.

Doze dias. Estamos há doze malditos dias trancados nessa loja e todo mundo já está ficando meio tenso. O pequeno banheiro no fundo do depósito fede como o buraco negro de Calcutá. Tantos homens usando-o constantemente ao longo de doze dias acabaram saturando-o.

Só no meio da tarde de sábado é que percebemos que a água que saía da torneira (e que enchia a caixa acoplada) não era mais que os restos do que sobrava nos encanamentos da região e chegava até nós por força da gravidade. O fornecimento de água está cortado desde sabe Deus quando, e nenhum dos presentes, incluindo eu, teve tino suficiente para perceber. Assim, estivemos usando a maior parte do precioso líquido armazenado para dar descarga, em vez de poupá-lo, e agora, além de estarmos em um refúgio que fede como um chiqueiro, estamos morrendo de sede. A situação não podia ser mais complicada. Estamos presos nesta merda de loja, exaustos, sedentos, famintos e cada vez mais acossados. O tom das discussões cresce a cada momento, e não podemos nos esquecer de que a maioria desses homens está armada até os dentes. As brigas são constantes. Convenhamos que não é exatamente a melhor combinação do mundo, principalmente tendo em conta que eu sou o único que não pertence ao grupo e não tenho nem um maldito canivete com que me defender. Procuro passar o mais despercebido possível e não atrair a ira deles sobre mim, mas Kritzinev já murmurou duas vezes que tudo isso é culpa minha, e os olhares que um dos paquistaneses me dirige, pelo que percebi, não é exatamente tranquilizador. Mas estou me antecipando de novo.

Quando, no primeiro dia, comprovamos que o furgão blindado parecia estar em bom estado, resolvemos partir nele. Quanto mais pensávamos, mais lógico parecia usar aquele veículo. Afinal de contas, um furgão blindado é o mais parecido a um tanque em versão civil que existe, e tínhamos um estacionado bem à nossa frente, com a chave no contato, suplicando que o abordássemos. O primeiro problema que encontramos foi que o tanque do veículo estava seco. Após uma semana ou sabe Deus quanto tempo funcionando em marcha lenta, aquilo estava totalmente vazio.

Encontramos a solução graças a um dos paquistaneses, Safiq. É um sujeito musculoso, de vinte e tantos anos, com a pele de um escuro intenso e uns desproporcionais e monstruosos bigodões pretos na cara, que faziam que os do pequeno Viktor Pritchenko parecessem de brincadeira.

Quando descobrimos que o tanque estava seco, Kritzinev soltou um monte de palavras em urdu para aquele rapaz. Enquanto outro paquistanês saía do primeiro

pátio da Seguritsa, Safiq começou a se livrar de toda a bagagem e das armas até ficar só de camisa e bermuda e a inseparável Kalashnikov atravessada nas costas. Viktor e eu estávamos sentados, com as costas apoiadas no muro, contemplando levemente assombrados aquele espetáculo, enquanto os demais paquistaneses ficavam de olho na rua pelo portão metálico entreaberto, atentos para que visitantes indesejados não se aproximassem.

Depois de alguns minutos, o sujeito que havia saído voltou para o pátio principal com um longo pedaço de borracha que, com certeza, havia cortado de uma mangueira. Pegando o pedaço de borracha e um barril de plástico vazio, de uns cinco litros, Safiq partiu de novo até a Zodiac, sem dar uma palavra. Quando chegou lá, desamarrou-a e, segurando um remo, começou a remar suavemente em direção ao terminal de carga da Citroen, a menos de cinquenta metros de onde estávamos. Logo o perdemos de vista no meio da negrura da noite e só conseguimos ouvir o cadenciado ritmo das remadas, até que se perdeu na distância.

Enquanto estava ali sentado, morrendo de vontade de acender um cigarro, eu podia imaginar a cena: Safiq correndo agachado no meio das filas intermináveis de veículos estacionados, prontos para ser embarcados para os quatro cantos do mundo, com as chaves no contato, mas com apenas dois litros no tanque, o suficiente para rodar até o navio e dali até o caminhão de transporte, em sua viagem com destino a alguma concessionária, que já nunca fariam.

Estava claríssimo. Ele esvaziaria esses tanques no garrafão e, com isso, encheria o tanque do furgão. Tendo em conta que estava com um barril de apenas cinco litros, precisaria de pelo menos uma dúzia de viagens para conseguir encher o tanque até a boca, mas não tínhamos mais recipientes além de nossos cantis. Levaria bastante tempo, mas pelo menos teríamos um veículo mais que seguro para atravessar a cidade, o que evitaria que fôssemos andando. Além disso, assim andaríamos com a luz do dia. Podem me chamar de covarde, mas prefiro ver o que há à minha volta a entrar às escuras em uma cidade morta e cheia desses seres.

Enquanto me acomodava, disposto a descansar um pouco, milhares de ideias angustiantes se amontoavam em minha cabeça. E se ao tirar combustível dos tanques dos veículos estacionados ele misturasse gasolina e diesel inadvertidamente? E se só houvesse veículos a gasolina? (O furgão, evidentemente, era a diesel.) Comecei a suar frio. E se todos os veículos houvessem sido previamente canibalizados pelos antigos sobreviventes da área segura? Isso, sem contar que algum antigo funcionário da fábrica, agora transformado em morto-vivo, pudesse estar vagando por ali e surpreendesse Safiq pelas costas em plena atividade. Quanto mais eu pensava, mais possíveis erros fatais me ocorriam, e, com cada novo terror, menos confiança eu sentia em tudo aquilo.

Mas todos os meus temores eram infundados. Safiq voltou com o barril cheio de

diesel ambarino e com um enorme sorriso nos lábios. Não, não havia erro possível, só pegava combustível das vans a diesel. Sim, muitas delas haviam sido esvaziadas previamente, mas ainda havia dezenas com os tanques intactos. Sim, teria de ir um pouco mais longe atrás de combustível, mas não havia problema, já que a área parecia tranquila.

Mais relaxado, apoiei-me de novo na parede, enquanto Safiq fazia uma nova viagem. Contemplei esses sujeitos de pele acobreada. Era estranho. Para eles, era o mais normal do mundo estar no meio da escuridão, com uma arma de assalto nas mãos, sabendo que estavam arriscando a vida. Poder-se-ia dizer que era o pão nosso de cada dia para eles.

Quanto mais eu pensava naquilo, mais consciência tinha de que a epidemia devia ter sido mais forte quanto mais avançado fosse o país onde houvesse aterrissado. Na Espanha, só o exército, as forças de segurança e alguns milhares de pessoas tinham armas de fogo ou licença de porte armas. Assim, impunham a segurança, a lei e o conforto da avançada e velha Europa. Mas, em lugares como Paquistão, Libéria, Somália ou Deus sabe onde, a norma era até uma criança de colo ter um fuzil pendurado no pescoço ou algo mais pesado na porta de casa. E ali, normalmente, atiravam primeiro e perguntavam depois.

Com certeza, agora, enquanto as partes mais avançadas do mundo civilizado haviam caído indefesas, devoradas por dentro por seus próprios cidadãos, possivelmente os não mortos não tiveram muitas possibilidades nas áreas mais remotas, primitivas e isoladas, se é que haviam chegado a elas. E, para essa gente, a falta de eletricidade ou água corrente nunca havia sido problema.

Não deixava de ser irônico. As áreas mais pobres e atrasadas do mundo haviam passado a ser a última esperança da humanidade. O resto, um enorme inferno, do qual alguns punhados de sobreviventes dispersos tentavam fugir.

Enquanto eu estava mergulhado em tão lúgubres pensamentos, a manhã foi chegando pouco a pouco. O tanque estava cheio quando o sol começou a surgir no horizonte, e o pobre Safiq, encharcado e esgotado, estava começando a tropeçar com o garrafão. Enquanto isso, outro paquistanês, Usman, havia se aventurado até a ponta da rua, onde estava estacionado um Volkswagen New Beetle com os pneus da frente furados. Depois de olhar pela esquina, voltou para nos informar que havia alguns desses malditos andando a menos de dez metros dali, sem suspeitar de nossa presença bem ao lado. O sujeito parecia angustiado. Imagino que era a primeira vez que via tão de perto um desses seres, e sei por experiência própria que não é um espetáculo agradável. Isso me levou a pensar que eu era o mais veterano de todo aquele bando tão heterogêneo, o que não era exatamente tranquilizador.

Quando o tanque ficou cheio, entramos no furgão. Estávamos prontos para partir. Surpreendentemente, cederam-me o banco do motorista. Estava claro que pretendiam

que eu fosse o guia em todos os aspectos. Com um suspiro, acomodei-me no banco e fechei a pesada porta do motorista. Na cabine, íamos espremidos Kritzinev, Usman e eu, enquanto o compartimento blindado de trás era ocupado por Pritchenko e os outros três paquistaneses, incluindo um gelado Safiq. Ajustei o banco e os espelhos e, após me encomendar a todo santo que me passou pela cabeça, girei a chave de contato.

O motor não respondeu. Tentei de novo. Nada. E de novo. Também não. A cara de Kritzinev era uma coisa, e imagino que a minha não devia estar muito melhor. Encostei no banco, tentando pensar rápido que, diabos, podia estar acontecendo. Meu olhar percorria febrilmente o painel do furgão à procura de algo que me orientasse. Subitamente, pousei os olhos no botão de acionamento das luzes. Estava na posição de ligado. Merda. Claro, o sujeito que havia saído correndo havia deixado não só o motor ligado, como também as luzes acesas. O furgão ficou ligado e com as luzes acesas durante semanas, até que a bateria arriou.

Imaginava a cena: aquela rua completamente às escuras, com as luzes dos faróis como única iluminação cada vez mais amareladas e fracas à medida que a bateria se esgotava, e centenas de não mortos cercando o furgão abandonado, a caminho da área segura.

Era evidente que tínhamos de fazer alguma coisa. Meu olhar pousou no Volkswagen no fim da rua. Era um carro de menos de três anos, a bateria devia estar ainda em bom estado. Pensei em dizer a Kritzinev que mandasse Safiq de volta ao estacionamento da Citroen, em busca de uma bateria nova de um dos veículos ali estacionados, mas era evidente que ele se negaria. O sol estava cada vez mais alto, estávamos muito atrasados e o ucraniano estava começando a ficar impaciente. Não queria perder mais tempo, tendo aquele Volkswagen ali do lado. Além do mais, talvez, com a luz do dia, o estacionamento da Citroen fosse um lugar muito perigoso para ficar andando por lá. Não restava alternativa a não ser pegar aquele redondo veículo alemão.

Voltei-me para Víktor, pela pequena janela intermediária, e sussurrei o que tinha de dizer a Kritzinev. Após um rápido intercâmbio de palavras em russo entre ambos, vi Víktor empalidecer e olhar para mim com desespero. Entendi imediatamente. Era a vez de ele ir buscar a bateria.

Não demorou a me corrigir. Era a NOSSA vez. Merda.

Saímos do furgão, ouvindo deboches dos paquistaneses. Caminhando quase na ponta dos pés, chegamos àquele VW de uma desconcertante cor amarelo-limão no meio da sujeira e abandono do porto. Estava estacionado bem no final da rua, perto da esquina do muro. Avançando com cautela a cabeça na esquina, vi meia dúzia desses seres situados em diversos pontos da calçada, como em estado de transe. Talvez estivessem dormindo. Não sei. A única coisa clara é que estavam perto de nós.

Muito perto. Perto demais, por sinal.

Viktor lutava, sem sucesso, com a maçaneta do VW. Estava trancado. Bem, nem tudo seria tão fácil, afinal. Enrolando o punho na grossa jaqueta de marinheiro, Pritchenko jogou o braço para trás e, antes que o pudesse impedir, deu com o punho na janela do motorista.

A janela se espatifou em um milhão de pequenos fragmentos, produzindo um barulho que, aos meus ouvidos, soou escandalosamente alto. Aquilo, com certeza, chamaria a atenção dos não mortos. Tínhamos de nos apressar. Com a agilidade de um ladrão de carros, o pequeno ucraniano entrou no VW, puxou a trava do capo e eu o abri, enquanto vigiava com um olho a esquina da rua, atento ao surgimento desses seres.

A bateria ficava na lateral direita, com um enorme chicote elétrico saindo por cima dela. Comecei a tentar tirá-la, mas as travas escorregavam em meus dedos suados. Pritchenko, à meu lado, olhava para mim, expectante, enquanto os paquistaneses contemplavam o espetáculo, tranquilos no furgão.

Quando, pela enésima vez, o pequeno conector de cobre escapou de minhas mãos, Viktor Pritchenko perdeu a paciência. Afastou-me com suavidade e se inclinou sobre a bateria. Pegando os conectores com as mãos, puxou-os e, simplesmente, arrancou-os. A seguir, segurando a alça da bateria, deu um puxão forte e a tirou do lugar no motor. Olhando para mim sorridente e murmurando algo que soou como "melhor fazer as coisas no velho estilo soviético", começou a caminhar para o furgão blindado.

Bem na hora. Na esquina, balançando-se, apareceu o primeiro não morto atraído pela confusão que estávamos fazendo. Era uma mulher de meia-idade, coberta de sangue, gorda, de torso nu, mostrando um peito caído. E digo "um" porque onde devia estar o outro só havia um enorme buraco de um vermelho sanguinolento.

Ao ver os primeiros não mortos virando a esquina, Pritchenko e eu ficamos paralisados, contemplando-os durante alguns segundos. E inevitável. Por mais repugnantes que sejam, por pior que seja sua aparência, um ser tão antinatural como um cadáver ambulante desperta uma fascinação irremediável em qualquer pessoa. Uma fascinação tão perigosa quanto uma cobra. Acho que já escrevi isso um monte de vezes neste diário, mas esses bichos são rápidos, terrivelmente rápidos, embora pareça que andam se arrastando. Estavam em cima de nós em menos de vinte segundos.

Um deles usava apenas um camisolão de hospital, desses que se amarram pela parte de trás, só que agora sua cor era indefinida, devido aos restos de sangue e à sujeira. O vento brincava com os cabelos bastante longos daquele homem, e de seu braço pendiam os restos do que um dia foi um soro. Ao nos ver, parou, esticou as mãos para nós e emitiu um grunhido surdo, gutural, estremeecedor.

Isso bastou para quebrar o feitiço. Peguei pelo braço o alucinado Pritchenko, que

permanecia apoiado no capo do carro, com a bateria em uma mão e o lábio inferior flácido, observando abobalhado aqueles seres. Tínhamos de sair dali antes que nos pegassem ou estaríamos ferrados. Aproximei-me dele pelas costas e fui sussurrando cada vez mais forte: "Corra... corra... corra... CORRA!", gritei por fim, enquanto nos voltávamos a toda velocidade e saíamos zunindo para o furgão. Aqueles seres estavam tão perto que quase podíamos sentir seu bafo.

Trezentos metros. O furgão parecia estar a cem quilômetros de distância, e uma roupa de mergulho não é exatamente o vestuário mais confortável para correr como uma corça. Duzentos metros. Pritchenko corria como o diabo fugindo da cruz ao meu lado, e eu poderia jurar que seus bigodes estavam eriçados de espanto. Era um consolo saber que eu não era o único que estava cagando de medo. Cem metros. Eu já podia ver a cara dos paquistaneses e de Kritzinev. Meu sangue desceu para os tornozelos quando os vi levantar as armas e apontar para nós. Por um segundo, pensei que iam nos executar sumariamente. Cinquenta metros. Já havíamos quase chegado quando começaram a atirar.

O som de cinco AK atirando simultaneamente é ensurdecedor, principalmente quando o fazem ao lado de seus ouvidos e você nunca ouviu esse som antes na vida. Desabei, arfante, aos pés dos paquistaneses, ao lado de um Pritchenko atordado, enquanto observava aquela dezena de não mortos recebendo uma verdadeira saraivada de balas. Observei, com horror, que atiravam no corpo das coisas; como eu bem sabia, era algo que não os afetava em absoluto. Isso não ia funcionar! Fiquei em pé feito louco e comecei a gritar que atirassem na maldita cabeça, mas com a agitação do momento não percebi que estava falando em espanhol e que aqueles paquistaneses dos diabos não entendiam um caralho.

Pritchenko levantou-se e começou a gritar "*Head, head*", como um possesso, dando pulos quase em frente às bocas das AK. Ainda não entendo como não lhe deram um tiro, mas pelo menos ele conseguiu que captassem a mensagem. Os paquistaneses corrigiram o tiro e em pouco menos de um minuto a dezena de não mortos jazia no chão, agora definitivamente mortos e com horríveis buracos na cabeça. De fato, estou endurecendo. Há apenas um mês, a visão de tamanha carnificina me teria feito vomitar até as tripas; mas, agora, sou capaz de contemplar a cena com a mesma frieza com que uma criança arrancaria as asas de uma mosca. Deve ser normal, mas não me agrada.

O tempo estava acabando. Tamanho festival de tiros teria feito todo espectro que estivesse circulando pelos arredores se dirigir a nós. Era questão de minutos até que se congregassem neste ponto. Sentei no banco do motorista, enquanto Pritchenko e um dos paquistaneses trabalhava com a bateria do VW. Não sei se foi um processo fácil ou se Viktor foi obrigado a aplicar de novo os "velhos métodos soviéticos", mas o caso é que, de repente, fez sinais para que eu desse a partida. O motor do

furgão tossiu duas longas vezes e se calou de novo, mas pelo menos o painel estava iluminado. Já tínhamos bateria, mas alguma coisa estava errada com o combustível. Podia ouvir um violento intercâmbio de pareceres em russo e urdu do outro lado do capô. Mesmo sabendo que não podiam se entender entre si, tentavam dizer algo um ao outro. Finalmente, pareceram chegar a um acordo, e ambos me fizeram um sinal. Girei de novo a chave no contato, e dessa vez o motor arrancou com um poderoso rugido que ecoou por toda aquela estreita rua. Fecharam o capô com uma pancada e entraram no furgão a toda velocidade. Estávamos prontos.

Bem na hora. Uma enorme multidão invadia a esquina mais afastada do beco. Contemplei com um estremecimento aquela massa que fechava toda a saída da rua, enquanto o motor fazia um som cada vez mais vacilante. Se morresse, estávamos perdidos, presos dentro daquele reduzido veículo para sempre.

A cena era aterradora. Uma rua de uns trezentos metros de comprimento, com um muro alto de um lado e a parede dos fundos de um enorme galpão industrial do outro, formando um estreito corredor de uns seis metros de comprimento entre os tijolos vermelhos do muro e a parede pintada de branco do galpão. De um lado, no final da rua, ao lado da porta metálica da Seguritsa, um furgão blindado arfante depois de mais de mês e meio de inatividade, com sete pessoas apinhadas dentro. Na outra esquina da rua, uma multidão de não mortos, o inferno.

Os tiros das AK haviam salvado minha vida e a de Pritchenko, mas o barulho fenomenal havia atraído todos os não mortos das imediações. Agora, uma verdadeira maré com dezenas, centenas desses seres avançava para nós por aquele estreito beco. O barulho do motor os atraía como uma lanterna atrai mariposa. Sabiam que estávamos ali dentro. Não sei como, mas sabiam.

O barulho dentro do furgão era ensurdecedor. Os quatro paquistaneses tagarelavam nervosamente em urdu apontando para a massa que vinha para cima de nós. Pritchenko estava pálido, encolhido em um canto, com o olhar fixo naqueles seres, enquanto gotas de suor escorriam por sua testa. Não era preciso ser psicólogo para adivinhar que estava recordando sua experiência nos últimos momentos da área segura, só que, dessa vez, não tinha onde se esconder. Kritzinev, por sua vez, estava sentado ao meu lado, pálido como cera, olhando tudo aquilo com olhos arregalados, enquanto as veias do seu nariz pareciam se destacar como um mapa. Uma coisa era ver aqueles seres pelo binóculo, na segurança da cobertura do *Zaren*, e outra muito diferente estar frente a frente com eles, sem nada que os impeça de chegar até você. Ele estava assustado, muito assustado, como todos. Que se foda, não pude evitar pensar, apesar da angustiante situação.

Kritzinev reagiu de repente e sacudiu meu braço, gritando atropeladamente palavras em russo. Olhei para ele, imagino que com a mesma cara de pânico. Não sabia muito bem o que fazer. Aquilo era algo para o que ninguém jamais havia se

preparado. Soltei o freio de mão, engatei primeira e deixei o furgão começar a rodar lentamente para cima daquela massa confusa que ocupava toda a extensão da rua.

O motor do furgão arfava estrepitosamente à medida que íamos nos aproximando daquela parede de carne, osso e sede de sangue. A distância se reduzia rapidamente à medida que a multidão e o furgão convergiam no centro da rua. A menos de cem metros já podíamos ver o aspecto dos primeiros não mortos da multidão e adivinhávamos a enorme massa que estava atrás. Era aterrador, como tentar abrir caminho no meio de uma manifestação ou querer atravessar com um veículo uma sala cheia de público em um *show*.

Minha cabeça funcionava febrilmente. A adrenalina e o pânico que sentia nas veias me incitavam a investir contra aquela multidão. Era uma opção indecentemente deliciosa pensar simplesmente em pisar fundo no acelerador e atravessar filas e filas de não mortos como uma ceifadeira, e deixá-los para trás, longe, a caminho de um lugar onde não visse nenhum deles nem pintado.

A parte racional da minha mente, contudo, me chamou à ordem imediatamente. Investir contra aquela multidão cambaleante não era uma opção válida. Um corpo humano projetado contra um pára-brisa, por mais morto que esteja e por mais blindado que seja o carro, não deixa de ser um pacote de uns setenta quilos jogado contra um vidro e pode causar muito dano a um veículo; e, quando digo muito, é MUITO. Ficar com o pára-brisa quebrado no meio daquela multidão era uma sentença de morte.

Eu ainda recordava alguns relatórios periciais de casos de atropelamento que passaram por minha mesa. Na maioria deles, os atropelados faleciam, mas não sem antes danificar gravemente o pára-choque, a suspensão ou as rodas e a direção dos veículos que os acertavam. A vida real e os filmes são muito diferentes. Os carros não são indestrutíveis, quebram, e muito facilmente, aliás. Normalmente, atropelar um corpo faz o veículo sofrer sérios danos, isso quando não capota ou bate e se arrebenta por se desnivelar.

Restava ainda uma opção, mas requeria muito sangue-frio de nossa parte. Deixei o furgão ir avançando lentamente para a massa, que já estava a apenas vinte metros de nós, enquanto explicava atropelada-mente a Viktor a essência do plano. Atravessaríamos aquela multidão praticamente em marcha lenta, à mesma velocidade de uma pessoa caminhando. Circulando a essa velocidade, acreditava que poderia afastar suavemente para os lados a maioria dos não mortos que cruzassem nosso caminho. Se algum caísse sob nossas rodas, bem... A essa velocidade tão limitada, e tendo em conta que pesávamos mais de três toneladas, achava que não nos causaria muito dano. O que poderia acontecer com eles era outra história.

A parte negativa daquilo é que aqueles monstros estariam nos cercando durante

muito, muito tempo, e imagino que bateriam mais de uma vez nas laterais do veículo e nos vidros. O que íamos fazer seria impossível se o veículo não fosse blindado. Naquele momento, já estávamos completamente cercados por aqueles seres, centenas deles. Ver a cara deles colada do outro lado do vidro era profundamente perturbador. Por mais que eu soubesse que era um vidro de alta segurança, impossível de quebrar com uma pancada, não podia evitar estremecer cada vez que um punho batia no pára-brisa. Eles nos viam perfeitamente, e isso parecia enlouquecê-los. Jogavam-se sobre o veículo com um olhar anelante em seus olhos mortos.

Um profundo cheiro de urina invadia o furgão. Alguém havia se mijado de medo. Não era de estranhar. Era a experiência mais apavorante que se possa imaginar. Com um ronronar suave, o furgão foi passando lentamente no meio daquela multidão, até que ficamos cercados pelos quatro lados. Estávamos apostando tudo nessa carta, confiando no peso e na blindagem do nosso veículo-refúgio. Ali dentro estávamos seguros e a salvo. Por um momento, até comecei a me sentir um pouco confiante.

O furgão avançava lentamente entre a densa multidão de cadáveres que nos acoassavam por todos os lados. De vez em quando, sofriamos uma sacudida ao passar por cima de algum que não se movimentava rápido o suficiente ou não tinha espaço para se afastar e acabava embaixo das rodas do pesado furgão. Era absolutamente aterrador.

Minha visão estava um pouco embaçada, e só ao passar a mão pelos olhos me dei conta de que era por conta das lágrimas. Estava chorando de terror. E não era para menos. Avançávamos a cinco ou seis quilômetros por hora no meio de uma enorme multidão de cadáveres em diferentes estados de conservação. Havia coisas de todas as idades e de todos os tipos. Via mulheres de meia-idade, homens jovens, velhos, crianças... Estas últimas eram as mais impressionantes.

Uma menina de uns oito anos, com uma camiseta da Bratz rasgada e manchada de algo preto e com um profundo corte na cabeça emplastrando de sangue seu sujo cabelo louro, ficou nos acompanhando do outro lado da minha janela durante uns dez minutos. Com uma das mãos segurava bem forte o espelho retrovisor e com a outra batia com insistência no vidro da janela, enquanto gemia furiosamente e nos mostrava a boca escura e a pele pálida cheia de veias. Depois de um tempo, começou a dar cabeçadas no vidro, imagino que furiosamente frustrada por me ter tão perto e não poder me alcançar. Em determinado momento, ouvi perfeitamente o rangido de seus incisivos se quebrando, com uma pancada, na janela blindada. Deus, ainda tremo ao recordar esse momento. Não consigo continuar escrevendo.

Já me sinto melhor. Mais tranquilo. Quero deixar o registro escrito de todos os momentos vividos, mas algumas situações parecem voltar a mim de uma maneira tão

forte que me causam náuseas só de lembrar. Essa meia hora de viagem no furgão é uma delas.

Estava falando da menina. Depois de dez minutos ela se soltou, não sei se cansada (esses seres se cansam?) ou porque foi afastada por um homem forte, enorme, de uns trinta anos. Aquele filho da puta parecia ter surgido de um pesadelo ou de algo pior. Tinha metade do corpo queimada e coberta de bolhas, como se houvesse ficado muito tempo no fogo, e faltavam três dedos em uma mão dele. Sei disso porque era com essa mão com que ele socava insistentemente o pára-brisa, enquanto se agarrava ao capo com a outra. Cada pancada era acompanhada de um berro desumano, e ele batia com tanta fúria que, depois de um tempo, seu toco era uma massa de polpa vermelha que sujava o vidro. Finalmente, com o balanço do furgão ao esmagar um daqueles seres, o filho da mãe se soltou, não sem antes ter me deixado em pânico durante um bom tempo.

São só dois exemplos. Lembro-me de uns vinte ou trinta mais, e poderia descrever todos perfeitamente, mas agora não quero. Não posso. É muito terrível. Afinal de contas, havia centenas desses seres em volta de nós, gritando, gemendo e batendo com fúria em cada centímetro de superfície do furgão blindado. A gritaria do lado de fora contrastava profundamente com o silêncio sepulcral dentro do veículo, só quebrado pelo sussurro gutural e monótono de dois paquistaneses rezando em árabe. Achei engraçada a idéia de rezar a Deus, já estando no inferno, mas me abstive de fazer qualquer comentário. Já era suficiente o que estava lá fora.

Kritzinev se agarrava a seu cantil como um náufrago a um salva-vidas, com os olhos totalmente exorbitados, e, de vez em quando, dava uns tragos longos e profundos que faziam seu pomo de adão subir e descer como uma bola. Pritchenko estava pálido e assustado, mas, em cima de seus enormes bigodes louros, seu olhar era sereno enquanto contemplava tudo com atenção. Pensei que era a pessoa mais confiável naquele veículo para eu sair vivo dali.

Tudo foi bem durante aproximadamente trinta minutos. Cada vez que o veículo ameaçava tombar, usando uma expressão vulgar, minhas bolas vinham parar na garganta. Se o veículo tombasse, podíamos nos considerar mortos, caçados por esses seres ou mortos de fome e sede dentro do furgão, cercados por uma multidão infranqueável de não mortos. Então, a melhor saída seria um tiro de misericórdia na cabeça, mas, francamente, não me apetecia representar uma versão tão obscura do cerco de Numância, e menos ainda com aquele elenco.

De vez em quando, o furgão se sacudia violentamente ao esmagar mais de um não morto ao mesmo tempo, e imagino que em mais de uma ocasião estivemos a ponto de tombar, mas finalmente conseguimos prosseguir em nossa marcha lenta e tortuosa rumo ao centro da cidade. Até chegar à entrada do túnel.

Não era realmente um túnel, e sim a típica passagem subterrânea de veículos,

daquelas que cruzam uma interseção. Recordava vagamente tê-lo atravessado uma vez, a caminho de alguma reunião de trabalho em Vigo. Não era muito longo, uns trezentos metros, mas era estreito, muito estreito, e com muitas colunas de apoio. Além do mais, estava negro como um poço à meia-noite. Não sabia o que havia dentro dele nem se estava interditado. Se encontrasse alguma coisa lá dentro, teria de sair de ré, e no escuro; e, com essa multidão à minha volta, o mais provável era que eu batesse em uma coluna e que ficássemos presos ali para sempre. Nem fodendo. Eu não entraria nesse túnel nem com Kritzinev apontando uma pistola para mim.

Disse isso a Pritchenko, para que traduzisse para Kritzinev. Enquanto Viktor falava, observei de soslaio a reação do primeiro oficial do *Zaren Kibish*. Ele se limitou a dar de ombros e a murmurar algo em russo, sem afastar o olhar da multidão ululante que nos cercava, batendo nas janelas sem parar. Kritzinev estava muito atarantado para tomar uma decisão. Quem mandava ali era eu. Isso me fez sentir mais confiante, talvez demais. Não sei.

Se não fôssemos pelo túnel, teríamos de avançar pelo viaduto que ficava perto dele. Eram só uns duzentos metros até ali, e nesse momento a multidão que estava à nossa volta parecia ter diminuído um pouco, talvez porque houvéssemos rodado os últimos quilômetros a mais velocidade, por circularmos por ruas mais largas, desviando de veículos abandonados. Isso nos favorecia, já que dava tempo de manobrar antes de nossos relativamente lentos perseguidores chegarem; sem dúvida nenhuma, chegariam em poucos minutos.

Após virar em direção ao viaduto, começamos a avançar por ele até mais ou menos a metade. De repente, freei em seco. Atravessado no meio da rua havia um Seat Cordoba arreventado em uns blocos de concreto desses que se usam em controles de estrada. Algum pobre-diabo tentara passar a alta velocidade, fugindo sabe Deus de quê, e havia se arreventado contra eles, deixando ali abandonados os restos de seu turismo. Havia muitas manchas de sangue em volta do chassi e não poucas marcas de alguém ou algo que havia pisado nas poças ao se afastar do veículo. Estremeci. Se aquele sujeito houvesse sobrevivido ao acidente, não teria sido por muito tempo, e possivelmente teria sofrido algo bem mais desagradável.

Kritzinev pareceu sair de seu estupor ao descobrir que não estávamos mais cercados por tantos não mortos. Rugiu algo a Viktor, que traduziu rapidamente para mim. "Passe por cima", dizia o filho da mãe. Neguei com a cabeça. Disse que ele havia visto filmes demais e que isso acabaria com nosso veículo. Ele rugiu de novo, ficando um pouco vermelho e cuspiendo pequenas espumas de saliva enquanto gritava, alterado. Um ucraniano bêbado, assustado e irritado é um espetáculo digno de ver, não há a menor dúvida, mas aquele em especial estava me chamando de tudo menos de bonito. Elegantemente, Viktor ignorou a parte menos agradável do discurso

e simplesmente disse que trocasse de lugar com Safiq, um dos paquistaneses, que ele conduziria o veículo a partir daquele momento.

Não costumo discutir quando me apontam uma arma no peito, de modo que cedi o lugar a Safiq, e para isso ambos tivemos de nos retorcer dentro da estreita e lotada cabine. Por fim, uma vez trocados os lugares, sentei-me no banco central do furgão, com Safiq de um lado e Kritzinev do outro. Voltando-me para Viktor pela janelinha de comunicação, tive tempo de lhe dizer que se amarrasse forte onde quer que fosse ali atrás, antes de me virar de novo e colocar o cinto de segurança.

Bem na hora. Com uma acelerada, o paquistanês lançou o furgão de três toneladas para a frente, para cima do Seat Cordoba abandonado, como se fosse um carneiro investindo contra uma parede. Segurei no painel, antecipando-me. A pancada foi terrível. Alguém no compartimento de trás deve ter sido projetado violentamente para a frente, porque ouvi uma forte pancada na divisória, seguida de um prolongado uivo de dor.

Mas não havia tempo para saber o que havia acontecido. Engatando marcha a ré, Safiq se afastou do veículo sinistrado, que havia se deslocado surpreendentes cinquenta centímetros para o lado, e investiu de novo. Segurei-me novamente, enquanto o pesado furgão se jogava mais uma vez para a frente.

Nessa ocasião, a pancada foi acompanhada pelo desagradável barulho de ferro raspando no cimento, à medida que o Cordoba girava sobre si mesmo como um peão e deixava o caminho livre. Safiq soltou um grito de excitação que se afogou em sua garganta em menos de um segundo. O impacto havia desviado o furgão para a esquerda e, incontrolável, estávamos derrapando em direção à lateral do viaduto.

Com um desagradável rangido, o pesado veículo destruiu a defesa de alumínio e, por um momento, ficou pendurado, balançando.

Depois de alguns segundos de angústia, o furgão começou a se precipitar de uns seis metros de altura, até o asfalto da rua que passava por baixo.

Algo em comum na maioria dos julgamentos por acidentes de trânsito é que os acidentados costumam narrar o sinistro com riqueza de detalhes, já que, segundo eles, "tudo parece acontecer em câmera lenta". Até esse momento, isso para mim sempre havia sido algo teórico. Mas, no momento em que o pesado furgão blindado da Seguritsa começou a derrapar incontrolavelmente para a defesa, pressenti que ia entender o que essas pessoas querem dizer.

A lateral de alumínio trançado rasgou como se fosse de papel com o impacto do furgão. Um dos pneus estourou com uma sonora explosão ao passar por cima de um dos pilares arrancados, enquanto o veículo se arrastava agonicamente ao longo do viaduto, levando pela frente uns quatro metros de parapeito, levantando faíscas ao se arrastar no cimento. Finalmente, o blindado bateu em um dos suportes de concreto e ficou balançando em posição transversal, com a parte traseira suspensa no vazio:

Ficou apenas alguns segundos nessa posição, mas tive a sensação de que o tempo parava. Lentamente, o veículo começou a pender para a parte de trás, por conta do enorme peso da blindagem. Tentei passar a mão por cima de um atordoado Safiq para abrir a porta do furgão, mas já era tarde demais. Com um rangido e um desagradável som de metal raspando cimento, o furgão blindado começou a escorregar para o vazio.

O impacto foi descomunal. O furgão caiu sobre a parte traseira de uma altura de uns seis metros, provocando um enorme estrondo de metal esmagado e vidros quebrados ao impactar na rua embaixo. Depois de um momento, escorregou de lado e ficou tombado sobre uma lateral até ficar imóvel no meio de uma espessa nuvem de fumaça e pó.

Durante dois minutos permaneci amarrado ao banco, muito atordoado para reagir. Via pontos coloridos cintilando diante dos meus olhos e um persistente assovio soava em meus ouvidos. Finalmente, tentei me mexer e senti uma dor insuportável no pescoço. Havíamos caído de costas, e a parte traseira do veículo absorvera a maior parte do impacto, mas, ainda assim, a sacudida na parte da frente do furgão havia sido brutal. O banco duplo em que Kritzinev e eu estávamos sentados havia se soltado com a pancada e se deslocara para cima da divisória. Os ferros da estrutura, totalmente deformados, haviam absorvido a maior parte do impacto, e, graças a isso, o ucraniano e eu saímos milagrosamente ilesos.

Não se podia dizer o mesmo dos demais ocupantes do furgão. Safiq, ao volante, estava inconsciente, com a cabeça caída de lado em um estranho ângulo e um fio de sangue escorrendo do canto da boca. No compartimento de trás havia alguém proferindo lancinantes uivos de dor, e ao cheiro de urina de antes somava-se o aroma de vômito e de sangue. Precisava sair dali.

Movimentando lentamente o braço, alcancei o fecho do meu cinto e consegui soltá-lo. A seguir, arrastando-me sobre o corpo inconsciente de Safiq, apertei o botão de abertura da porta. Quando vi o fechamento magnético da porta do motorista destravar, senti um profundo alívio. Não imaginava como poderia abrir à força aquela porta blindada, que parecia um tanto deformada pela pancada. Apoiando as duas mãos no batente da porta, peguei impulso e saí do veículo, ficando em pé ao lado dele para dar uma olhada ao redor.

A cena era preocupante. O furgão blindado estava amassado como um acordeão na parte traseira e parecia ter perdido um terço do tamanho. A roda dianteira direita havia desaparecido e um jorro de combustível pingava por baixo do chassi, formando uma poça cada vez maior. Olhei em volta. A rua onde havíamos caído era independente daquela por onde estávamos circulando antes e não parecia ter conexão próxima com nenhuma outra. Nesse momento estava deserta, mas imaginei que não tardaríamos a ter companhia.

Uma areinha caiu bem ao meu lado, produzindo um barulho audível na chapa do furgão. Levantei o olhar e vi meia dúzia de não mortos olhando pelo buraco que havíamos deixado lá em cima. Pareciam extremamente confusos pelo fato de estarmos, de repente, em níveis diferentes. Por enquanto, não estavam pulando, mas eu não sabia quanto tempo duraria essa situação. Precisávamos nos apressar.

Kritzinev estava se arrastando para fora do furgão, com um olhar turvo e um profundo arranhão no braço direito. Tudo aquilo era demais para um sujeito da idade e da condição física dele. Por um momento, senti compaixão por ele, até que recordei o olhar de prazer que o filho da mãe havia feito quando aquele marinheiro quase estrangulava Lúculo.

Sem ajudá-lo a sair da cabine, fui até a porta lateral do furgão e puxei a maçaneta, rezando para que abrisse de primeira. A maçaneta girou em minha mão e puxei a pesada porta. A cena era aterradora. Um dos paquistaneses jazia ao fundo, com o pescoço em uma posição absolutamente antinatural e uma profunda fenda na testa, da qual saía um fio de sangue. O sujeito estava morto, e metade de seus miolos colada na divisória. Não era de estranhar o cheiro de vômito.

Outro paquistanês, um tal de Usman, berrava como um possesso enquanto segurava o braço. Quebrara-se com a brutal pancada, e agora ele parecia ter uma terceira articulação entre o cotovelo e o punho, por onde saíam restos estilhaçados de ossos. Aquilo devia doer uma barbaridade. O outro paquistanês permanecia amarrado ao banco. Aparentemente, não parecia ferido, mas não parava de sangrar pela boca. Aquele sujeito havia destroçado alguma coisa por dentro. O baço, com certeza. Isso era ruim. Muito ruim, tendo em conta que não havia nenhum tipo de hospital por perto.

Nesse momento, Pritchenko estava se soltando do banco. O maldito havia tido uma puta sorte, pois a meia dúzia de malotes de dinheiro havia amortecido a pancada à sua volta. O pequeno ucraniano estava flutuando em meio de um mar de notas de cinquenta euros que haviam formado o *airbag* mais caro e atípico do mundo. Ainda assim, tinha um enorme galo no meio da testa, do tamanho de um ovo.

Olhou para cima e me abriu um maravilhoso sorriso. Agora, sim, parecia um personagem de desenho animado.

Não havia tempo para contemplar a paisagem urbana. Ajudamos Usman e o outro paquistanês, Waqar, a sair do compartimento, enquanto Viktor saía por sua conta e ajudava Safiq, ainda um pouco aturdido, a sair do banco do motorista.

Depois de dois minutos saímos caminhando para o centro da cidade, com a mochila nas costas. Pritchenko levava a AK do paquistanês morto e eu a de Usman, o do braço quebrado, mas só como portadores. Antes, tiveram a precaução de tirar a munição, cortesia de Kritzinev.

A luz estava começando a ir embora, e logo aquilo estaria lotado de não mortos,

assim que encontrassem um jeito de chegar ali embaixo. Depois de dez minutos andando pelo meio da rua daquela cidade fantasmagórica, ficou evidente que aquela noite não poderíamos prosseguir. Waqar não parava de sangrar pela boca e estava cada vez mais fraco, e os outros estavam suficientemente cansados e moídos, precisando de um respiro. Foi Kritzinev quem viu a pequena loja.

Era um pequeno comércio de bairro, desses que se veem quase em qualquer esquina. Haviam derrubado a porta com um veículo pesado (desconfio que um BTR) e depois o saquearam. Dezenas de cadáveres putrefatos se apinhavam nas imediações, todos com um tiro na cabeça. Alguém havia mantido essas criaturas sob controle enquanto acontecia o saque, sem dúvida um grupo da área segura em busca de comida.

Aquele parecia um bom lugar para passar a noite. Entramos ali confiantes, esperando partir ao amanhecer. Isso foi há doze dias.

Ainda estamos aqui.

24 de março

16h52

A loja estava escura, muito escura, quando entramos nela pisando em vidros quebrados. A noite estava caindo rapidamente e a luz de fora também era cada vez mais escassa. Uma fina chuva, prelúdio de uma tempestade, começava a cair nesse momento, encharcando tudo que não estivesse coberto. Com o som das gotas batendo no chão fomos entrando em fila indiana pelo buraco aberto, muito cautelosamente.

A imagem lá dentro era desoladora. O grupo que havia passado por ali caprichara no saque. Estantes vazias e jogadas no chão por todo lado, caixas rasgadas e vazias, expositores quebrados e tombados... A cena era profundamente perturbadora.

Um olhar um pouco mais atento permitia observar, contudo, alguns detalhes reveladores. O saque havia sido sistemático, sim, mas também apressado, o que não era de estranhar levando em conta a velocidade com que esses seres se reúnem em determinado ponto quando localizam um ser humano. Uns pacotes de macarrão de sopa haviam se rasgado na confusão e todo o piso de um dos corredores estava coberto de estrelinhas. Não sei por quê, mas essa imagem me sacudiu como uma câibra, mais que qualquer outra selvageria da qual pudesse ter sido testemunha esses dias.

Esgotado, encostei em uma parede observando aquele monte disforme de macarrão para sopa no chão. Inevitavelmente, lembrei-me de minha mãe e da sopa que ela preparava para mim nos dias de chuva. A lembrança foi intensa e muito dolorosa. A angústia, mantida escondida em algum canto da minha cabeça, liberou-se como uma torrente incontrolável e comecei a chorar silenciosamente, com grossas lágrimas correndo pelas faces.

Eu não sabia nada da minha família havia meses. Em um nível abstrato, tinha consciência disso o tempo todo, mas não quis enfrentar essa situação até esse momento. Então, uma imensa sensação de dor e vazio me enchia por completo enquanto eu me perguntava o que teria sido dos meus pais e da minha irmã. Tentei imaginar a situação que poderiam estar vivendo, se seus refúgios houvessem sido suficientemente seguros, mas esse caos é muito grande para que qualquer plano hipotético possa resistir mais de cinco minutos em meio a tanta loucura desatada. Podiam estar em qualquer lugar. Podiam estar vivos ou, mais provavelmente, mortos. Inclusive, e Deus não permita, podiam ser uma dessas coisas, vagando interminavelmente por aí.

Estremeci só de pensar. Se por acaso os encontrasse nesse estado, frente a frente, acho que não seria capaz de me defender. Contra eles, não.

A dor era cada vez mais profunda, à medida que todos os sentimentos acumulados ao longo das últimas semanas iam se liberando. Um dos paquistaneses passou diante de mim e fez uma expressão de desprezo ao me ver chorar. Imagino que me considerou fraco ou assustado pelo acidente. Não esclareci nada, porque, no fundo, não estava nem aí com o que ele pudesse pensar. A única coisa que queria era acabar com isso logo, sair vivo dali, recuperar meu gato e meu barco, e depois, quem sabe? Talvez achar um jeito de entrar em contato com os meus. Não sei. Se aprendi algo neste mundo apocalíptico é que os planos têm de ser de curto prazo.

A dor continuaria presente, não só agora, mas também ao longo das próximas semanas, mas pelo menos eu sabia que não aumentaria e que pouco a pouco desapareceria. Não quero continuar falando de coisas tão tristes.

Os paquistaneses haviam reforçado a porta metálica arrebitada com alguns expositores e estantes, e estávamos nos preparando para passar a noite. Acendendo um cigarro, observei com interesse Pritchenko preparar um fogareiro de álcool para fazer o jantar, enquanto Kritzinev e Safiq reduziam a fratura de Usman.

Um segurou-o pelas costas, enquanto o outro introduziu um toco de madeira em sua boca. Subitamente, pegando o braço fraturado pelas duas pontas, Kritzinev fez um rápido giro de punho, colocando-o no lugar, com um golpe seco e um rangido que me deixou arrepiado. Usman limitou-se a revirar os olhos e desmaiar. O resto foi fácil. Com um pedaço de metal e um rolo de gaze fizeram uma tala provisória. Sem dúvida, aquilo manteria seu braço no lugar, mas distava muito de ser uma redução de fratura convencional. Se um médico houvesse visto aquela gambiarra, provavelmente teria dado berros de indignação.

O braço daquele rapaz ia ficar fodido para sempre. Coisas deste novo mundo, onde o sistema de saúde já não existe e estamos tão indefesos perante os acidentes como estaria um homem das cavernas.

A situação de Waqar parecia pior. O sujeito estava terrivelmente pálido, principalmente para um paquistanês, e não parava de cuspir sangue. Queixava-se constantemente de uma forte dor na área do ventre e cada vez estava mais fraco. Era evidente que tinha algum tipo de lesão interna, fruto da violenta colisão. Não sabíamos o que fazer, e, mesmo que soubéssemos, carecíamos de todos os meios de ajudá-lo. Aquilo era algo que só se podia resolver em um hospital corretamente equipado com profissionais qualificados e, infelizmente, em todo o continente não restava muito nem de um nem do outro.

O cheiro de comida logo se espalhou por todo o aposento. Deixamos Usman inconsciente, deitado perto da lamparina que nos iluminava, e o cada vez mais fraco Waqar - que se negou a comer - apoiado na parede. Kritzinev, Pritchenko, Safiq e eu matamos aquele ensopado requentado enquanto ouvíamos a tempestade que recrudesceu lá fora.

A refeição foi triste, sombria. Na verdade, aquela "missão" era um fracasso. Não sabíamos onde estávamos exatamente, não tínhamos meios de transporte, havíamos perdido um membro da expedição e, além disso, tínhamos dois feridos, um deles grave. Um caralho.

Justamente nesse momento Waqar estava se levantando trabalhosamente para ir ao banheiro, situado ao fundo do local. O aspecto daquele rapaz piorava rapidamente. Não pude evitar sentir pena dele. Levantei-me para acompanhá-lo até o banheiro, pois parecia ter sérios problemas para se mexer.

Estava a apenas dois metros de mim, mas foi suficiente. A porta do banheiro tinha um cartaz com uma aquarela de um monte de sujeitos gordos vestidos à moda do século XIX, com jeito de estar se mijando, esmurrando freneticamente a porta de um banheiro, e, embaixo, em enormes letras vermelhas, ESPERE A SUA VEZ. Sem dúvida, o antigo dono do local era um sujeito com um grande senso de humor.

A culpa foi nossa, pois ninguém havia tido a precaução de verificar o estado do banheiro quando entramos. Waqar chegou à porta e puxou a maçaneta. Então, ela se abriu de repente com um forte empurrão de dentro e Waqar caiu no chão com um grito de dor, enquanto aquilo se jogava sobre ele.

Reagi quase por instinto. Waqar estava deitado de costas, tentando manter distância daquele monstro que não parava de dar dentadas no ar, tentando alcançar sua garganta. Era um homem jovem, usando um uniforme camuflado do exército que ficava visivelmente grande para ele, e o cabelo era muito comprido para um militar. Um voluntário da área segura, deduzi enquanto cobria a toda velocidade os dois metros que nos separavam. Devia ter se infectado em alguma saída e decidiram abandoná-lo ali, trancado em um banheiro, em vez de ter de dar um tiro em um companheiro. Não tiveram tanto sangue-frio. Só não contavam com que alguém fosse abrir esse banheiro de novo. Merda!

Peguei esse ser pela parte de trás da jaqueta e com um enorme esforço consegui afastá-lo uns centímetros de Waqar. Os não mortos são como um drogado totalmente doidão de cocaína; é muito difícil, quando não impossível, conseguir controlá-los só com a força física de uma pessoa. E isso sem contar que se morderem você está fodido. Waqar aproveitou aquele pequeno respiro para rolar sobre si mesmo e fugir.

Com o esforço, caí de costas, e aquela criatura aproveitou para se levantar e se voltar para ver que o que o havia agarrado por trás. O filho da puta me viu indefeso no chão e emitiu um grunhido de triunfo antes de se jogar sobre mim.

Soaram uns tiros, e a cabeça do não morto explodiu como uma melancia madura, deixando um estranho desenho de miolos na parede do fundo. Seus joelhos se dobraram e o corpo desabou aos meus pés em câmera lenta.

Voltei a cabeça para a porta. Lá estava Safiq, com o cano da AK ainda fumegante, olhando para mim com uma expressão bem mais respeitosa que a que havia me

dedicado apenas uns minutos antes. Aquele paquistanês havia salvado minha vida. Mas, com o estrondo dos tiros, havia condenado todos nós. Sabiam que estávamos ali.

25 de março

1h46

Alguma coisa está terrivelmente errada com Waqar. Não sou médico, mas poderia jurar que a hemorragia interna, ou o que for que ele tem, só piora. Já não sangra pela boca, mas está terrivelmente pálido e a região inguinal está muito dura, com a pele tensa como um tambor. Também tem um enorme hematoma no peito e uma profunda ferida em carne viva no braço direito.

Tem febre altíssima. Todos os medicamentos que temos se reduzem a alguns antipiréticos e uma caixa de Clamoxil, que é um antibiótico de médio espectro. Não dispomos de absolutamente nenhum tipo de analgésico que possa aplacar sua dor. Dei-lhe dois antipiréticos para baixar a febre e o estou obrigando a beber muita, muita água, enquanto Pritchenko faz compressas úmidas na testa dele à cada dez minutos. Somos os únicos que cuidamos desse pobre rapaz.

Kritzinev encontrou uma caixa com garrafas de vinho, e faz um tempo que já está pra lá de Bagdá. Os outros dois paquistaneses permanecem rezando e olhando para nós com cara de angústia, mas, de resto, não são muito úteis. De vez em quando dizem algo em urdu, mas nem Viktor nem eu os entendemos, infelizmente. Imagino que se sentem absolutamente impotentes diante disso.

Lá fora há muitas criaturas. Não sabemos exatamente quantas, porque a persiana está fechada e por sorte aguenta bem, mas ouvimos o retumbar das pancadas que dão nela e seus rugidos de fúria. Não parece haver porta dos fundos ou outra saída. A situação é terrivelmente comprometedora. Estamos presos.

Estou preocupado com Waqar. Acho que vai morrer em poucas horas se não o tirarmos daqui. Não entra em minha cabeça a inconsciência absoluta dessa gente. Vir a terra sem trazer um maldito estojo de primeiros socorros, com apenas alguns medicamentos soltos! E o estado das demais provisões não é muito melhor, pelo que pude ver ao revistar as mochilas dos paquistaneses.

Imagino que acharam que isto seria um simples passeio: chegar ao escritório da UPS, pegar o pacote e voltar a bordo. Imbecis. Isto é o inferno na Terra e no inferno, qualquer incidente pode se transformar rapidamente em uma tragédia. Como agora. É 1h46. Estou esgotado. Waqar está começando a delirar.

25 de março

1h50

Não gosto nada disso. Waqar entrou em um estado de semi-inconsciência. Continua delirando em urdu, mas às vezes entra em uma espécie de letargia com convulsões. Não é normal. Da ferida do braço mana um líquido transparente de cheiro bastante repulsivo, e o ferimento em si está inflamado e avermelhado. Tentei limpado com uma gaze enquanto estava inconsciente, mas ele acordou com um grito de dor, tentando me afastar às cegas.

Essa reação não é normal em uma pessoa que tem uma hemorragia interna. Observei a ferida com mais atenção. E um corte na face interna do braço, de uns vinte centímetros de extensão. Mais que um corte, parece um arranhão profundo.

Não podia evitar pensar o pior. Não me lembrava de ter visto o arranhão quando o tiramos do furgão. Devia ser posterior, e só me ocorria uma opção. Ao levantar o olhar da ferida, encontrei os enormes olhos azuis de Viktor me observando atentamente. Não foi preciso lhe dizer nada. Ele sabia o que eu estava pensando.

É um simples arranhão... Será que é suficiente?

Desmaiou de novo.

25 de março

4h00

Há aproximadamente vinte minutos, Waqar começou com os estertores. A ferida do braço continua supurando pus, malcheirosa, e tem um aspecto cada vez mais desagradável. As coisas não devem estar melhor dentro dele. Um fluido avermelhado emana dos intestinos; sabemos disso porque há pouco perdeu o controle dos esfíncteres. A respiração está ficando espasmódica e arfante. Parece um trem de carga a vapor subindo uma montanha, só que às vezes se interrompe bruscamente e recupera o fôlego depois de um momento com uma profunda inspiração pela boca, que é como se estivesse sufocando. É um som horrível. Essa agonia crispa os nervos de todos nós.

O que me consola é pensar que, pelo menos, há duas horas parece ter perdido definitivamente a consciência. Imagino que, se estivesse consciente, o sofrimento seria horrível.

E impressionante. Sinto-me absolutamente impotente. Não sei o que fazer. Estou vendo uma vida humana se apagar diante dos meus olhos e não tenho medicamentos nem meios nem conhecimentos para evitar.

Safiq e Usman não param de recitar suras monótonas, segurando um rosário muçulmano. Se para mim isso está sendo uma prova dura, para eles deve ser insuportável. Estão no meio de um inferno, a milhares de quilômetros de sua casa, vendo um amigo morrer. Estão com medo. E em seus olhos vi nojo quando Waqar começou a cagar sangue.

A morte violenta não é um espetáculo bonito como nos filmes, onde o protagonista cai com um sorriso nos lábios e uma lembrança da amada. A morte é terrível, suja e muito dolorosa, quando nos pega como pegou Waqar. Esses garotos não pareciam saber. Também não sabia há umas semanas, mas tive tempo de ver alguns mortos a caminho daqui, e isso me tornou um pouco mais duro.

Viktor e eu temos um problema muito grave. Sabemos, ou pelo menos suspeitamos, o que acontecerá com Waqar em — supomos - algumas horas, mas decidimos não fazer nada, por ora. Por um lado, estamos desarmados. Isso limita muito nossas possibilidades. Por outro lado, nem Safiq nem Usman vão atirar em Waqar enquanto ainda estiver vivo. Não é de estranhar. Afinal de contas, é amigo deles, disse Viktor.

Ri amargamente com esse pensamento. Imagino que o grupo da área segura que deixou aquele pobre-diabo trancado no banheiro seguiu esse mesmo raciocínio; e, agora, graças a esse "humanismo", estamos com essa encrenca nas mãos.

Kritzinev está totalmente bêbado e fora de controle. Não para de murmurar incoerências em russo e, de vez em quando, ri sozinho, como se alguém lhe contasse

uma piada extremamente engraçada, até se dobrar, enquanto fios de lágrimas correm por suas faces até chegar à barba. Em determinado momento começou a berrar como um possesso para a porta metálica, que continua sendo socada monotonamente pelos não mortos do lado de fora. Desembainhou a pistola, mas Pritchenko pulou e a arrancou dele antes que pudesse atirar. Kritzinev lhe dedicou um olhar furioso e a seguir desabou inconsciente, bêbado como um gambá. Ainda bem.

Agora temos uma arma. Nem Safiq nem Usman ameaçaram tirá-la de nós. Melhor. Os não mortos continuam lá fora, batendo na porta sem piedade. É um som impressionante, arrepiante. Acho que há cada vez mais coisas lá, mas não tenho como saber.

Os estertores de Waqar são cada vez mais frequentes, agora um cada dez minutos, aproximadamente. O momento está se aproximando.

25 de março

7h58

Está amanhecendo. Alguns fracos raios de luz penetram os pequenos buracos da porta metálica, interrompidos de vez em quando pelas sombras dos seres amontoados lá fora. O interior da loja cheira a sangue, merda, suor, medo e pus. Waqar acaba de morrer há dez minutos durante uma impressionante agonia. Usman e Safiq recitam monotonamente uma oração fúnebre que parece um mantra, enquanto velam o cadáver com uma mão na AK e a outra em um Alcorão. Pritchenko e eu também o velamos, mas por outros motivos.

Waqar vai voltar a qualquer momento. Ou melhor, algo parecido a Waqar vai se levantar a qualquer momento. É um fato tão horroroso, tão inconcebível que não há palavras para definir essa angústia. Minha mão treme ao escrever estas linhas no diário. Parece a letra de uma criança de seis anos.

Viktor e eu estamos respirando aceleradamente, sentindo o sangue bombear nossas têmporas. Sabemos que vamos ver nascer um desses seres de alguém que, até poucos minutos, embora não fosse um amigo, era um companheiro. Quando voltar, será um predador, e nós, as presas.

A agonia de Waqar foi impressionante. Duas horas depois de perder a consciência, começaram a aparecer petéquias por todo o corpo. Petéquias são pequenas manchas vermelhas, do tamanho de uma moeda de dez centavos, causadas por anóxia, falta de oxigênio. O sistema circulatório de Waqar estava falindo, não conseguia levar oxigênio para todo o corpo. Seu organismo estava começando a morrer lentamente, asfixiado.

Três horas depois, aconteceu algo apavorante. O sistema circulatório superficial de Waqar, seus capilares mais finos, começou a ficar visível sob a pele. Todas as pequenas veias podiam ser acompanhadas perfeitamente, como se fosse um desenho de uma faculdade de medicina. Não havia como medir sua pressão arterial, mas calculo que, para obter esse volume, devia estar disparada. Seu coração batia selvagem, descompassadamente, calculo que a umas cento e noventa pulsações por minuto. O pobre Wasaq suava em bicas, mas não deixei que Pritchenko secasse seu suor sem luvas. Se o Ebola se transmite pelo contato com o suor, não vejo motivo para que essa praga não.

A triste verdade é que ninguém sabe um caralho dessa doença. Em outros tempos, em outro mundo melhor, esse rapaz estaria em uma UTI, monitorado e atendido por um regimento de médicos e enfermeiras, em uma unidade isolada e asséptica, em uma luta total pela vida. Aqui, contudo, agonizava no meio dos próprios excrementos, no chão de uma suja loja saqueada, no meio de uma cidade

abandonada e morta, como estava toda a Europa, como estava todo o maldito mundo.

Três horas e meia depois, começaram a ficar visíveis as veias do sistema principal: a cava, a aorta desenhavam-se perfeitamente em seu corpo, como grossos cabos. Ao mesmo tempo, o excesso de pressão sanguínea começava a fazer as pequenas e delicadas veias do sistema radial debaixo da sua pele explodirem. Waqar estava ganhando um aspecto terrivelmente similar ao das coisas que andam me atormentando há meses. Nesse momento, todos soubemos, inclusive os paquistaneses, que Waqar estava transformando-se em um deles.

Quatro horas após perder a consciência, o corpo de Waqar começou a sangrar abundantemente pela boca, ouvidos e olhos, e desconfio que também pelo ânus e pênis (e digo que desconfio porque ninguém teve coragem para se aproximar e tirar sua roupa). Nesse momento - menos Kritzinev, que dormia como uma pedra -, estávamos todos congelados contemplando aquele terrível espetáculo, sem pronunciar uma palavra, assustados demais para reagir. Enquanto isso, de fundo, um coro de gemidos e batidas na cada vez mais castigada porta saudava o nascimento de um novo membro da legião de não mortos.

Quatro horas e quarenta minutos depois, Waqar começou a ser sacudido por contrações musculares espasmódicas. Parecia um ataque de epilepsia. Seu corpo se arqueava até extremos incríveis e suas extremidades chutavam o chão sem controle; até sua cabeça batia ritmicamente no concreto onde estava apoiada. Não podíamos fazer nada. Com cada contração, com cada sacudida dos membros, Waqar lançava jorros e respingos de sangue misturado com pus e excrementos para os quatro cantos da sala. Ou muito me engano, ou o contato de uma mínima parte desse miasma com qualquer parte aberta do corpo poderia ser letal para os sobreviventes.

Mandei Pritchenko e os dois paquistaneses irem para longe de Waqar. Peguei um antigo expositor de plexiglas que um dia havia servido de suporte para cremes faciais e, utilizando-o como improvisada tela protetora, permaneci imóvel contemplando aquela morte tão horrível. Não sei se Waqar podia sentir alguma coisa, mas rezava para que sua mente estivesse muito longe já.

Quatro horas e cinquenta e cinco minutos depois de entrar em coma, o corpo de Waqar ficou imóvel. Passados dez minutos, eu me atrevi a sair da precária proteção do plexiglas e me aproximei do corpo ainda quente. Parecia não respirar. Não tinha certeza. Decidi me aproximar um pouco mais, a apenas dois metros. O corpo jazia imóvel, no meio de uma poça avermelhada de fluidos. O cheiro era nauseabundo. Aproximei-me até ficar agachado ao lado do cadáver (nem por todo o ouro do mundo eu teria me ajoelhado no meio daquela porcaria).

Inclinei-me para checar sua respiração. Não respirava.

De repente, Waqar abriu os olhos, completamente cobertos de coágulos de sangue e

de remelas, e abriu a boca, transmitindo um profundo estertor. Juro que levei o maior susto da minha vida. Com um grito de pânico, pulei e dei dois passos de costas até cair de bunda no chão, enquanto contemplava, aterrado, o corpo de Waqar, suspeitando que ia se levantar.

Mas nada disso aconteceu. Enquanto tentava dominar as batidas descontroladas do meu coração, Viktor, Safiq e o ferido Usman apareceram, atraídos por meu berro pouco varonil. Reconheço que não me senti envergonhado. Qualquer um em meu lugar teria se cagado de medo.

Levantei-me e contemplei o corpo de novo. Aquilo havia sido o último estertor, tão violento e inesperado que quase me matou de susto. Waqar estava morto. Restava saber por quanto tempo.

Esse é o menor dos nossos problemas. A única saída desse local é a porta principal, onde esses monstros se aglomeram sem parar. E essa porta vai ceder, cedo ou tarde. Estamos trancados há dezesseis dias aqui, os dois últimos quase sem água nem comida. Waqar morreu há apenas quinze minutos, mas acho que essa porta não aguenta mais que duas horas.

27 de março

13h26

Escrevo isto à luz trêmula de uma lamparina que Viktor segura. As últimas quarenta e oito horas foram o pior pesadelo desde que essas coisas começaram a aparecer perto da minha casa, há um milhão de anos.

Doze minutos depois do último estertor, o corpo de Waqar começou a apresentar uma série de características nada naturais. Seu peito não apresentava movimento pulmonar de tipo algum (por isso, deduzo que essas coisas não respiram), mas uma espécie de tique nervoso percorria seu braço direito, onde estava o arranhão. Estava morto, mas seu braço se sacudia e se contraía como movido por uma descarga nervosa. Era incrível.

Como se não bastasse, depois de dois minutos seus olhos começaram a se mexer. Quando morreu, Waqar estava de olhos abertos, e então suas pupilas, ainda cobertas de sangue e remelas, se movimentavam inquietantemente de um lado para o outro, sem focar o olhar em nenhum ponto. As córneas estavam totalmente vermelhas por conta da ruptura de dúzias de microscópicas veias, e isso dava a seu olhar um ar totalmente diabólico. O conjunto era absolutamente impressionante.

O tremor do braço foi se propagando para as outras extremidades. Depois de alguns minutos, todo o corpo de Waqar vibrava como se submetido a uma corrente elétrica. De alguma maneira obscura, desconhecida e execrável, todo seu corpo estava voltando à vida. E digo seu corpo porque Waqar, sua essência, sua alma, seu espírito ou como quer que se chame, já havia voado para muito longe. Dentro daquele corpo habitava apenas um monstro.

Permanecemos hipnotizados contemplando aquele espetáculo antinatural. Usman estava aterrorizado, com duas lágrimas rolando por sua face e soluçando ruidosamente enquanto segurava sua AK com desespero. Aquele rapaz estava a ponto de perder a cabeça. Tudo aquilo era duro demais para seus nervos.

Por sua vez, Safiq parecia não querer aceitar aquela realidade e se balançava obstinadamente para a frente e para trás, recitando suras do Alcorão de forma obsessiva, em uma espécie de estado catatônico, com um murmúrio surdo de arrepiar. De fundo, o rugido da multidão de não mortos de fora e os golpes constantes que davam na porta. Em conjunto, o som do inferno.

Viktor segurava com as duas mãos a enorme pistola que havia tirado de Kritzinev. Com um gesto decidido, inspirou profundamente, engatilhou-a aparatosamente e apontou o cano para a cabeça de Waqar, que estava começando a se balançar para os lados, tentando levantar. Neguei com a cabeça e segurei seu braço para que baixasse a arma. Eu queria ver. Precisava saber. Será que nos reconheceria?

Poderíamos falar com ele?

Kritzinev surgiu subitamente na porta, cambaleando, com cara de sono, que se transformou em uma enorme expressão de surpresa quando viu aquela cena delirante. O ucraniano havia acordado com vontade de urinar e, ao ir para o banheiro, havia encontrado seus dois reféns armados, dois de seus homens totalmente angustiados com a situação e o terceiro em plena transformação em um desses seres.

Por um momento, ele pareceu não compreender muito bem a situação. Depois de alguns segundos, fez-se a luz em sua mente e ele se precipitou para Safiq, arrancando a AK dele. Nesse momento, Waqar já havia conseguido se sentar e olhava à sua volta ainda um pouco aturdido, mas com uma expressão ansiosa no rosto. Um novo monstro acabava de nascer, apenas doze minutos após sua morte. Era impressionante.

Kritzinev aproximou-se de Wasaq e apontou para ele com mãos trêmulas. Gritou algo em urdu. Wasaq não respondeu e prosseguiu em seu empenho de se levantar. Kritzinev gritou de novo, e dessa vez o monstro que era Wasaq voltou o olhar para ele e proferiu um gemido aterrador, mostrando uma boca escura, manchada de sangue e pus.

Foi demais para Kritzinev. Dando um passo atrás, apertou o gatilho. A AK estava no modo automático e pulou em suas mãos quando descarregou uma rajada de balas que transformou instantaneamente a cabeça de Waqar em uma polpa vermelha, como uma melancia atropelada por um caminhão, sujando o próprio Kritzinev de miolos e sangue.

Aquilo era excessivo. Um dos paquistaneses vomitou ruidosamente, enquanto o corpo de Waqar caía de costas, ainda em convulsão. Kritzinev parecia estar possuído pela fúria. Pulando por cima do corpo de Waqar, veio até nós e apontou para nossa cabeça. Por um segundo, pensei que estava em algum tipo de *delirium tremens* por causa do álcool e que ia fuzilar todo mundo. Seria um final absurdo e irônico sobreviver ao Apocalipse e a centenas de não mortos para acabar assassinado por um bêbado com alucinações em uma loja abandonada.

Felizmente, Kritzinev ainda mantinha o controle e não atirou, mas não abaixou a arma. Ladrando umas curtas frases em russo para Pritchenko, obrigou-nos a ficar em pé encostados na parede. Com um gesto rápido, arrebatou a pistola do pequeno russo, que, por sua vez, não opôs nenhuma resistência. Foi o mais inteligente a fazer. Com o barulho dos tiros, os dois paquistaneses pareceram sair do estado semicatatônico e ficaram atrás do chefe, armas em riste, observando-nos, esperando o menor gesto hostil de nossa parte para apertar o gatilho. Não. Era melhor fazer cara de bonzinho e aguentar o tranco.

Kritzinev se atirou sobre nós e deu um violento soco em Pritchenko, jogando-o na

parede. Com uma expressão de sádica satisfação, voltou--se para mim e ergueu o braço, pronto para me dar minha parte. Encolhi-me, esperando o golpe.

Nesse momento, um desagradável som de metal rasgado atravessou toda a loja. A porta começou a ceder. Kritzinev perdeu todo o interesse em me bater, gritou algo em urdu para os paquistaneses e se precipitou para a porta principal seguido deles. Fiquei sozinho com Pritchenko, nos fundos da loja, enquanto ouvia o barulho de estantes arrastadas precipitadamente, tentando levantar uma barricada.

Ajudei Viktor a se levantar. Tinha um hematoma no rosto e cuspiu um pouco de sangue, mas isso não matava ninguém. Não havia tempo para isso. Fui até a porta dos fundos. Os paquistaneses e Kritzinev estavam levantando uma barricada improvisada bem em frente à porta metálica. Esta estava parcialmente desencaixada de um lado, e, cada vez que a multidão de fora batia nela, do encaixe com a caixa na parte superior caíam bastante pó branco e alguns pedaços de reboco. Alguns seres já haviam conseguido introduzir os braços pelas frestas laterais e empurravam as estantes empilhadas contra a porta. Um deles até tentava passar a cabeça. Aquela porta ia ceder em questão de minutos.

Kritzinev se voltou e apontou o fuzil para nós, ordenando que voltássemos para os fundos. Sua expressão era inconfundível. Não confiava em nós e não nos queria ali nesse momento. Francamente, eu também não me importava. Os dois paquistaneses estavam cantando algo em árabe, algo que me parecia um hino de martírio. Safiq havia até amarrado um pedaço de pano verde na cabeça e já parecia muito mais relaxado.

Sacudi a cabeça. Caramba! Aquilo estava ficando feio. Dois aspirantes ao martírio e um ucraniano meio enlouquecido e bêbado. Arrastando Pritchenko, voltei aos fundos e procurei desesperadamente uma saída. Não havia nada. Nem uma janela, nem outra porta, nem uma tubulação de ventilação... Nada!!

Uma vez mais, a vida não é como nos filmes. Não existem portas dos fundos, nem janelas que dão para descampados, nem túneis para contrabandistas, nem portas secretas. Só um depósito com paredes de tijolo e concreto, grossas demais para derrubar com pontapés.

Estávamos presos.

De repente, Pritchenko me arrastou para trás de um balcão. Em cima de um pesado móvel embutido na parede havia uma portinhola com fecho escamoteável. Apoiando uma cadeira ao lado do móvel, subi e movi a porta corrediça, esperando insensatamente encontrar um túnel de saída.

Papel higiênico. Dúzias e dúzias de rolos de papel higiênico e de papel absorvente, organizadamente empilhados e embalados. Era ali que o proprietário da loja guardava suas mercadorias, muito volumosas para caber na estante de uma pequena loja de bairro. Começamos a tirar freneticamente pacotes e pacotes de papel,

enquanto ouvíamos os primeiros tiros na parte da frente da loja. Era o início do assalto final.

Levamos apenas trinta segundos para esvaziar todo o armário e mais trinta para nos refugiarmos dentro dele, em um espaço claustrofobicamente pequeno, mas seguro e escondido. Tínhamos uma garrafa de litro e meio de água, duas lanternas, uns chocolates e minha caderneta-diário. Mais nada, absolutamente nada

Deitamos. Viktor cabia perfeitamente, mas ele não passa de um metro e sessenta. Eu estava um pouco encolhido, mas confortável. Um pequeno orifício na porta nos permitia respirar e, de quebra, ter uma visão parcial dos fundos. Só nos restava esperar.

Da sala da frente chegava o ruído das AK e os uivos dos não mortos. A intensidade dos tiros cresceu. Três fuzis disparados simultaneamente em um espaço fechado fazem muito, muito barulho. O cheiro de pólvora chegava claramente até nós. Não sei qual é a potência de fogo dessas armas, mas em um espaço tão reduzido tinha de ser devastadora.

Os inimigos, porém, eram muito numerosos. Depois de dois minutos, ouviram-se uns uivos lancinantes e uma das armas parou de atirar. O som da luta se deslocou para perto da porta. Um Kritzinev ensanguentado e lunático apareceu andando de costas, enquanto jogava sua AK no chão e desembainhava a pistola que levava na cintura. Perseguido por pelo menos uma dúzia desses seres, o ucraniano esvaziou o carregador neles, mas para cada um que caía apareciam dois. Ele estava perdido.

Kritzinev pareceu perceber, porque virou sua arma e apontou para a própria cabeça. Mas, antes que pudesse atirar, um sujeito jovem e obeso, vestindo uma camisa listrada e coberto de sangue seco dos pés à cabeça, mordeu-o na base do pescoço e arrancou-lhe um pedaço de carne do tamanho de um punho. Kritzinev soltou a pistola, soltando um uivo de dor e surpresa, com uma expressão de raiva nos olhos enquanto desaparecia sob uma massa daqueles seres. Dos ruídos que se ouviram a seguir prefiro não falar.

Passaram-se quarenta e oito horas. Agora a loja está silenciosa e escura. As luminárias, derrubadas no chão, apagaram-se quando o combustível acabou. O cheiro da carnificina é indescritível. Ainda não saímos deste sótão porque alguns deles continuam aqui, passeando por entre as sombras, incansáveis. O tempo está acabando e não sei o que vamos fazer.

29 de março

12h38

A mente humana é impressionante. Após mais de setenta e duas horas trancado em um cubículo do tamanho de um armário, sem luz, sem som e sem referências sensoriais de nenhum tipo, eu estava começando a sofrer alucinações. Parecia-me ouvir uma tevê a todo volume, algo claramente impossível nessa situação. Podia até ouvir os *jingles* dos comerciais. Era angustiante. Sabia perfeitamente que isso que estava ouvindo não era mais que um delírio da minha mente, mas, ainda assim, era tão real. Oh, Deus! Eu tampava os ouvidos com as mãos, mas continuava ouvindo tudo perfeitamente.

Aquele armário estava acabando comigo. O cansaço, o terror, o estresse acumulado e setenta e duas horas de privação de luz e alimentos estavam me precipitando pelo abismo da loucura. Não aguentava mais. Aquela gaveta estava me asfixiando. Sentia as paredes se aproximando de mim, tornando o espaço menor, esmagando-me, apertando-me. A escuridão era densa como o petróleo; até o ar era escuro. Não conseguia respirar, meus pulmões bombeavam ar loucamente, mas não chegava oxigênio a eles. Eu estava sufocando. Precisava sair dali!

Voltei-me para a porta do sótão e comecei a arranhá-la procurando desesperadamente um puxador. Nesse exato momento, senti duas mãos duras como aço me segurando pelos braços, enquanto alguém¹ sussurrava algumas palavras em russo, tentando me acalmar. Era Pritchenko. Ele me mantinha imobilizado como um digno lutador de judô. Manteve-me assim durante um bom tempo, enquanto minha respiração se acalmava e eu recuperava o autocontrole. Maldito ucraniano. Sua aparência é enganosa. Parece pouca coisa, tão pequeno, com seu enorme bigode louro cobrindo metade da boca, mas tem um espírito de ferro e uma resistência assombrosa. Não se abateu com a pressão, e eu quase mandei tudo à merda por conta de um ataque de claustrofobia. Devo-lhe uma.

Comecei a chorar em silêncio, como um verdadeiro idiota. Não aguentava mais. Estávamos trancados havia três dias naquele buraco do tamanho de um armário. Estava com fome, com sede, com sono, com umas incríveis e dolorosas câibras e com uma desorientação absoluta. Era o maldito inferno, mas não sabíamos onde estava a placa de néon que indicava a saída daquela situação.

Com todo esse movimento, necessariamente tínhamos de ter feito algum barulho, mas, felizmente, os seres de fora faziam bem mais andando constantemente por entre os restos dos fundos da loja, tropeçando nas estantes caídas e nos restos da nossa equipe, de modo que até o momento havíamos passado despercebidos. Colei o olho no pequeno buraco da porta. Dali, só podia ver metade da sala e o corredor que

dava para a parte da frente. A sala estava na penumbra, muito levemente iluminada pela luz que atravessava a entrada principal, onde um dia houve uma porta.

Eu podia distinguir a sombra de pelo menos oito desses seres, que ainda permaneciam naquele reduzido espaço, mas com certeza haveria mais na parte da frente da loja ou na rua. Aqueles filhos da puta não haviam ido embora depois de acabar com Kritzinev e os ucranianos, mas se limitaram a permanecer por ali dando voltas, como procurando alguma coisa... ou alguém.

Durante as primeiras vinte e quatro horas, aquela sala ficou cheia daqueles monstros, em sua imensa totalidade atraídos pelo barulho dos tiros. Nesse momento, o instinto, ou o que for, dizia-lhes que ainda havia alguma presa fresca pelas imediações. Todavia, à medida que passavam as horas, a maioria ia perdendo o interesse e saindo.

Sabiam que havia alguém ali por perto. Sentiam, de alguma maneira. Não sabiam exatamente onde estávamos, nem quantos éramos, mas tenho certeza de que nos percebiam claramente. Irradiação de calor? Campos eletromagnéticos? Algum outro sistema ou outro tipo de percepção que desconheço? Nem ideia. Mas certamente estavam inquietos e não paravam de dar voltas pelo pequeno espaço dos fundos da loja, imagino que bastante frustrados por não encontrar aquilo que sentiam de uma maneira tão clara.

Durante quatro aterrorizantes horas, um daqueles monstros, um alto e feio, com uma impressionante ferida aberta nas costas, permaneceu bem em frente à parede onde ficava o sótão, batendo com seus punhos na parte inferior da porta corrediça, enquanto se esgoelava soltando rugidos. Nosso sangue quase gelou nas veias. Achamos que aquele filho da mãe havia nos descoberto e que estávamos fritos. Mas, depois de quatro intermináveis horas de terror, aquele indivíduo perdeu subitamente todo o interesse e começou a vagar de novo pela sala, até que se retirou rumo a só Deus sabe onde.

Esses seres são fortes, numerosos e têm essa espécie de "dom de detecção", mas não parecem muito inteligentes ou, pelo menos, constantes. Sua capacidade de concentração e coordenação é bastante limitada, para não falar de suas aptidões psicomotoras. O caso é que, depois de um tempo, parecem se entediar ou se distrair, a não ser que se sintam atraídos por um estímulo forte (normalmente, um ser humano). Então, e só então, são implacáveis.

Tudo isso não passa de conjecturas. Ninguém, que eu saiba, tem ideia de como esses seres pensam. A epidemia foi rápida demais para que pudessem ser feitos estudos científicos sérios. Se alguém os está realizando em algum lugar, com certeza deve ser em um *bunker* a muitos metros embaixo da terra, o que não acho que nos seja muito útil agora, dado que estão por todos os lados. Além do mais, tudo isso não ia dar jeito em minhas alucinações auditivas. Imaginava que estava ouvindo uma

sirene.

Pritchenko me deu tamanho apertão nos braços que quase me fez soltar um uivo de dor. Ele também estava ouvindo! Não era uma alucinação!

Eram três toques longos, uma pausa e, de novo, três toques longos. Era um som rude, profundo, que vinha de bem longe, provocado por uma turbina de vapor de muita potência. Era uma sirene de navio. Só podia ser o *Zaren Kibish*. Ushakov, alarmado por nossa demora, tentava entrar em contato conosco a toque de sirene. Tínhamos de lhe dar algum tipo de resposta, para que soubesse que estávamos vivos. Mas isso era algo que, de momento, teria de esperar.

Aquele som teve um efeito eletrizante em todos os seres que se amontoavam dentro da loja. Começaram a caminhar, cambaleando, para a porta e foram saindo, um por um, até deixar a sala vazia, indo em direção àquela nova fonte de som que só podia ser produzida por um ser humano, por uma presa.

Todos, menos um. Por algum estranho motivo, um dos não mortos, uma mulher de uns cinquenta anos, com extravagantes brincos e o rosto manchado de restos de maquiagem misturados com sujeira, ficou dando voltas ali dentro. Talvez percebesse presas humanas (nós) de uma maneira tão intensa que lhe parecia perda de tempo ir atrás daquele som. Ou talvez simplesmente fosse surda. Quem sabe. O fato é que permanecia ali, à espreita, expectante. De qualquer maneira, essa era a oportunidade que estávamos esperando havia quase três dias. Não foi preciso Viktor e eu nos dizermos nada. Com um forte impulso, puxei a porta corrediça e pulei sobre o balcão situado bem debaixo, enquanto Pritchenko fazia exatamente o mesmo atrás de mim.

A mulher ergueu a cabeça, surpresa com nosso surgimento. Com um rugido de fúria, veio em direção a nós, esquivando-se dos restos destroçados do mobiliário e dos corpos putrefatos do chão.

Tentei ficar em pé, mas minhas pernas não respondiam depois de setenta e duas horas encolhido naquele pequeno armário. Simplesmente, não conseguia me levantar. Sentia um desagradável formigamento nas extremidades enquanto a circulação se restabelecia, mas, para todos os efeitos, estava jogado no chão, indefeso, desvalido como um cachorrinho.

Uma vez mais, Pritchenko esteve à altura das circunstâncias. O pequeno ucraniano tirou forças de algum lugar, arrastou-se um metro para a frente e pegou a AK descarregada que Kritzinev havia jogado no chão pouco antes de morrer.

Após utilizá-la como bengala para se levantar, apoiou-se na parede e a segurou pelo cano, como um porrete, enquanto atraía aquela harpia saída do inferno dando um suave assovio. Culhões não faltavam àquele sujeito.

A resposta daquela coisa não se fez esperar, e ela se dirigiu com andar vacilante para Viktor, que, quando a teve a seu alcance, levantou a AK acima da cabeça e

descarregou-a com todas as forças no crânio dela.

O "crac" foi perfeitamente audível quando partiu o osso parietal, deixando à vista os miolos de uma desagradável e malsã cor escura. A mulher cambaleou, vacilante, momento que Pritchenko aproveitou para descarregar um segundo golpe, que arrebentou a cabeça dela como um melão maduro. Com o impulso da pancada, a mulher caiu no chão e Pritchenko se inclinou sobre ela, enquanto descarregava golpe após golpe em um crânio que ia se transformando em uma massa vermelha.

Levantei-me trabalhosamente e peguei Viktor pelas costas quando descarregava a enésima pancada naquele cadáver. Estava enlouquecido, os braços e o peito cobertos dos miolos daquela mulher e um olhar maníaco. Ao sentir o contato das minhas mãos, voltou-se, como uma cobra, com um olhar enlouquecido. Por um momento, pensei que ia bater em mim também.

Mas, pouco a pouco, sua expressão voltou ao normal, à medida que me reconhecia. Finalmente, as pernas ainda fracas não puderam sustentado por mais tempo e ele desabou, arrastando-me na queda. Dessa vez, quem convulsionava em soluços era ele, enquanto a adrenalina ainda rugia em suas veias e dava vazão à tensão das últimas horas.

Dei-lhe um forte abraço, enquanto o ajudava a levantar. Não tínhamos muito tempo. Precisávamos sair daquele inferno imediatamente. Recuperando a compostura, Pritchenko puxou ruidosamente a coriza e se inclinou para pegar a pistola de Kritzinev, enquanto me dizia com voz cansada: "Finalmente saímos do armário".

Explodi em gargalhadas incontroláveis, enquanto o ucraniano me contemplava com expressão estupefata, perguntando-se que bicho me havia mordido. Cada vez que tentava parar de rir, via a expressão perplexa de Pritchenko e meu riso redobrava. Com lágrimas nos olhos, tentei explicar-lhe o significado implícito, o duplo sentido da sua frase, o que provocou também uma sonora gargalhada no ucraniano. Aquilo era libertador. Era a primeira vez que ríamos em semanas, e o riso brotava, incontrolável, dando vazão a um caudal de tensão emocional. Estávamos nesse estado de riso frouxo no qual qualquer bobagem, por mais banal que seja, nos faz rir sem controle. Era fantástico. Ainda éramos humanos. Ainda estávamos vivos. Ainda podíamos lutar.

Não havia muito para pegar naquele espetáculo dantesco. A pistola de Kritzinev era nossa única arma, pois, embora tivéssemos encontrado as AK, não conseguimos localizar a munição. Recordei que Safiq e Usman a carregavam com eles, mas não havia sinal deles. Provavelmente estariam vagando por aí, transformados nessas coisas, com dúzias de carregadores de munição a tiracolo. Caramba!

Antes de ir, inclinei-me sobre o cadáver de Kritzinev. A fúria daquela multidão de não mortos fora tão enorme que havia destroçado o corpo do russo a ponto de não permitir sua volta à vida. Faltavam-lhe parte do cérebro, um braço e as duas pernas,

e o estômago estava rasgado como se houvesse sido atacado por uma fera selvagem. O pobre filho da mãe teve uma morte impressionante. Enfiei a mão no bolso da jaqueta e tirei o recibo do pacote, com manchas de sangue em um canto. Não havia me esquecido do maldito pacote. Era a única maneira de recuperar Lúculo.

Saímos da loja pulando uma enorme pilha de cadáveres putrefatos amontoados na porta, tombados sob as balas dos paquistaneses. O sol de fora era cegante. Enquanto ajudava Pritchenko a sair da loja, dei uma rápida olhada à nossa volta. Só se viam dois daqueles seres, a uma distância aproximada de uns quatrocentos metros, mas haviam nos visto e vinham para cima de nós. Era hora de dar no pé.

Corremos rua acima, mancando e exaustos pela falta de alimento e água. Estávamos um bagaço. Nesse estado, não chegaríamos muito longe. À medida que avançávamos pela avenida deserta, mais e mais seres surgiam saindo dos lugares mais insuspeitados, somando-se à perseguição. Devia haver milhares deles na cidade e já tínhamos uma boa dúzia e meia atrás de nós, encurtando a distância.

De repente, Pritchenko e eu paramos em seco. Diante de nós se abria um espetáculo dantesco. Estávamos à beira de uma das enormes cicatrizes provocadas pelos incêndios descontrolados na cidade que eu havia visto do *Corinto*. Bem à nossa frente, a rua terminava e começava um campo queimado, enegrecido e destruído, com ruínas de edifícios derrubados nas posições mais inverossímeis. Parecia a imagem de uma cidade bombardeada.

Aquela era nossa oportunidade. Pritchenko e eu começamos a subir pelas ruínas, engatinhando sobre montes de cascalho e vigas retorcidas e enegrecidas. Naquele terreno destruído os não mortos simplesmente não podiam nos seguir. Não tinham coordenação psicomotora suficiente para subir em um monte de ruínas e caminhar naquela paisagem carbonizada, coberta de buracos, vigas, montanhas de escombros e restos destroçados. Também não era muito mais fácil para nós, dado nosso estado, mas, afinal, o importante era que nós podíamos, e eles não.

Após vinte minutos vagando no meio daquela paisagem infernal, Pritchenko e eu desabamos, arfantes, em uma vala no meio daquela devastação. No fundo dela havia se formado uma grande poça de água de chuva. Bebemos como camelos, repondo todo o líquido perdido, e depois deitamos para recuperar o fôlego. O sol acariciava nosso rosto e uma suave brisa brincava com nossos cabelos. A primavera chegava em todo seu esplendor. Era fantástico estar vivo.

30 de março

20h41

Fazia calor no fundo daquela pequena vala. O sol brilhava inclemente no meio de um céu azul limpo e caía a prumo sobre Pritchenko e eu, deitados como lagartixas ao lado da cada vez menor poça de água de chuva, que se evaporava a olhos vistos naquela temperatura asfíxiante. O ar vibrava com o calor, e os escombros que estavam a mais de dez metros de distância pareciam tremer no ar. O silêncio era absoluto, só quebrado pelos ocasionais estalos e rangidos das ruínas quando desmoronavam pequenos montes de pedras e pelo desagradável zumbido das moscas. Houve um momento em que ouvimos, ao longe, o latido de vários cães, mas o som se perdeu na distância depois de alguns minutos.

Prit e eu tentamos construir um pequeno guarda-sol com os restos de um lençol rasgado, mas não tínhamos como fixá-lo, e, finalmente, desistimos. Estávamos fracos demais para fazer alardes de engenharia.

Na realidade, nossa situação era lamentável. Estávamos sozinhos, praticamente desarmados, perdidos no meio de uma cidade abandonada e parcialmente arrasada, cercados de milhares de não mortos, esgotados, famintos e com uma poça d'água suja como única bebida. Não eram exatamente férias em Acapulco.

Suávamos em bicas naquele calor tórrido. Eu fui até a borda da poça e bebi um pouco de água, fazendo uma concha com as mãos. Pude ver meu reflexo na superfície. Sorri. Minha imagem e a de Pritchenko eram assombrosamente parecidas. Após tudo o que havíamos passado, os dois estávamos com a barba incipiente, o cabelo sujo e embaraçado, a roupa esfarrapada (no meu caso, uma sunga e uma camiseta rasgada, já que o neoprene havia ficado abandonado naquele armário), a pele encardida e coberta de fuligem, as mãos sujas com as unhas quebradas, as feições afiladas pela fome e, imagino, um cheiro que em outras épocas eu qualificaria de nauseabundo; um mendigo de antes do Apocalipse passaria por um verdadeiro *gentleman* perto de nós.

Disse a Víktor que, se um cliente do meu escritório pudesse me ver nesse estado, não me reconheceria. Rindo, ele me explicou que possivelmente *Siunten* também não o contrataria com essa pinta.

Fiquei pensativo, recordando que, tempos antes, havia pensado em perguntar ao ucraniano quem, diabos, era *Siunten*, pois esse nome não me era absolutamente familiar. Na realidade, pensei mais friamente, não sabia nada do meu pequeno companheiro, além de que havíamos passado duas semanas de terror convivendo e que eu devia minha vida a ele pelo menos duas vezes. Abri a boca para lhe perguntar, mas bem nesse momento as sirenes do *Zaren Kibish* voltaram a soar no

silêncio da tarde daquela cidade morta.

O apito, rude e assustador, espalhava-se por toda a cidade. E incrível como podemos ouvir os sons no meio do silêncio mais absoluto. Os habitantes das cidades, cercados de mil ruídos, não têm consciência dessa realidade, mas, em um ambiente de silêncio absoluto, o barulho de um motor ou de um rádio pode ser ouvido a quilômetros de distância. O som daquela buzina naval seria ouvido não só em Vigo, mas também em todos os povoados e vilas dos arredores. E os estúpidos do *Zaren Kibish* continuavam dando toques de sirene, inconscientemente.

Aquilo não era bom. Iam atrair todos os malditos não mortos da comarca àquela região, bem onde estávamos.

Precisávamos sair dali. Se ficássemos, morreríamos de fome, de insolação ou sabe Deus de quê. Tínhamos de seguir em frente. Arquivando em minha mente as perguntas que faria a Pritchenko em outro momento, levantamo-nos e seguimos cautelosos pelas ruínas, caminhando entre montes de cascalho, vigas retorcidas e restos carbonizados de veículos e edifícios.

O cheiro era nauseabundo, uma espécie de aroma de carne queimada que impregnava toda a atmosfera. De vez em quando, víamos montes de corpos carbonizados, mas era impossível distinguir se pertenciam a seres humanos ou a não mortos, vítimas dos vorazes incêndios que devoraram aquelas partes da cidade.

Subitamente, parei, aterrado diante da possibilidade de que o escritório da VNT houvesse ardido até o alicerce. Se assim fosse, já podíamos nos despedir do misterioso pacote, a não ser que estivesse embalado em uma caixa de amianto. Tentei me acalmar, recordando que a rua que levava ao escritório ficava em uma área que, olhando do *Corinto*, me parecia estar intacta. Ainda assim, era um motivo a mais para prosseguir a toda velocidade para nosso destino. Não tardaríamos mais que algumas horas a chegar ali. Não caminharíamos de noite, evidentemente, mas alcançaríamos o escritório ao amanhecer.

À medida que a tarde avançava, a temperatura ia refrescando e logo Viktor e eu estávamos tiritando de frio. As noites de primavera podem ser geladas na Galícia, por mais calor que faça durante o dia.

O ucraniano e eu paramos, vacilantes. Havíamos chegado à beira da área incendiada. À nossa frente, estendia-se uma ampla rua de duas mãos coberta de pó e sujeira, parcialmente manchada de fuligem, mas intacta. Por algum motivo (talvez uma súbita mudança de vento ou uma chuva), o incêndio havia parado ali e não seguira rua abaixo, devorando a cidade. A partir daquele ponto, continuava o resto de Vigo, intacto na maioria, mas sujo, abandonado e infestado de não mortos. A caminhada por entre as ruínas havia sido torturantemente lenta e difícil, mas pelo menos tínhamos a certeza de que não encontraríamos nenhum não morto enquanto estivéssemos nelas. A partir daquele ponto, o caminho seria mais fácil, mas

consideravelmente mais perigoso.

Não tínhamos outra opção. Pegamos a rua procurando passar o mais despercebidos possível. Tentei ler o nome em uma placa, mas estava muito coberta de fuligem para distinguir o que estava escrito.

Além do mais, a luz era cada vez mais tênue. A noite caía.

Embora estivéssemos a apenas duas quadras do escritório da VNT, tínhamos de parar e nos esconder quando anoitecesse. As horas mais perigosas começavam, então. Seria suicídio caminhar por uma zona desconhecida e infestada desses seres estando desarmados e sem poder ver por onde andávamos. Nem pensar. Não havíamos chegado tão longe para cagar tudo antes de virar uma esquina. Além do mais, precisávamos comer alguma coisa urgentemente, ou desfaleceríamos. O estômago de Viktor soltava uns grunhidos que assustariam um urso, e o meu não estava muito melhor.

De repente, Pritchenko parou e apontou para um ponto, enquanto um grande sorriso iluminava seu rosto. Dei um suspiro de alívio. Definitivamente, aquele estava sendo um bom dia. Viktor acabava de encontrar um lugar maravilhoso para passar a noite.

4 de abril

20h47

Estou sentado ao lado de uma pequena fogueira, onde borbulha alegremente um saboroso caldo concentrado de frango com verduras. Do outro lado das chamas posso ver a familiar silhueta de Pritchenko enrolado em uma manta, roncando de uma maneira tão estrondosa que seria capaz de despertar os mortos. Pela primeira vez em semanas, estou de tão bom humor que até me atrevo a fazer brincadeiras principalmente sobre isto. E não é para menos.

Quando saímos, há três dias, do setor incendiado, Prit e eu estávamos absolutamente exaustos. Felizmente, o pequeno ucraniano localizou rapidamente um lugar para nos abrigarmos durante algumas horas e recuperar forças, algo que sem dúvida salvou nossa vida.

O lugar em questão era um pequeno boteco espremido entre uma agência bancária com jeito de ter sido saqueada e uma videolocadora com manchas de sangue na vitrine. A fachada estava coberta de sujeira e fuligem e em cima da porta havia um cartaz da Coca-Cola com o nome do bar pintado na parte de baixo: *A Ceba Vella*.

Um bar sem pretensões, diriam os mais benévolo. Um boteco de quinta categoria, diriam os mais realistas.

A verdade é que aquele era um bar lamentável, ao qual em minha vida normal antes do Apocalipse eu não teria dedicado nem um fugaz olhar. A porta estava fechada por uma grade basculante que chegava até o chão, trancada com um enorme cadeado enferrujado. No pequeno saguão de entrada, entre a grade e a porta, acumulavam-se alguns jornais velhos já amarelados, de antes da epidemia, e um monte de folhetos publicitários desbotados e meio podres após dois meses de exposição à chuva e ao vento.

Aquele boteco tinha todo o jeito de estar fechado desde bem antes de tudo ir para o caralho. Não era provável que encontrássemos não mortos ali dentro, mas isso só saberíamos depois que ultrapassássemos aquela porta. Além disso, nossas opções se reduziam rapidamente. Estava escurecendo, e logo não conseguiríamos ver nada além do nosso nariz. O céu estava se fechando, ameaçando tempestade, e não poderíamos contar com a luz da lua. A cada minuto que passávamos ali parados, no meio da rua, aumentavam as possibilidades de sermos localizados por alguma companhia indesejada.

A porta da agência bancária estava completamente arrebentada e alguém havia levado o caixa automático de fora, arrastando-o com um veículo potente, a julgar pelas marcas na parede e no asfalto. Saqueadores nos dias caóticos anteriores ao final, imagino. Tanto fazia. A verdade era que dormir naquela agência ou na rua era

praticamente a mesma coisa. E nem louco eu pensava entrar naquela videolocadora com rastros de sangue na porta. Não tinha nenhuma necessidade de alugar um filme naquele momento.

Então, a melhor alternativa era o pequeno bar. Enquanto Prit lidava com o cadeado da grade, eu observava o interior pelo vidro da fachada. Através de anúncios desbotados e cartazes de partidas de futebol regional, podia ver o interior, empoeirado e escuro, com as garrafas ordenadamente alinhadas no aparador atrás do balcão. Subitamente, a idéia de beber uma cerveja espumante, tranquilamente sentado em uma mesa, transformou-se quase em uma obsessão. Tínhamos de entrar de qualquer jeito.

Caminhando uns metros de volta à zona destruída, peguei uma grande pedra, de uns cinco quilos, e, reunindo minhas minguadas forças, joguei-a no vidro da fachada. O som surdo do impacto assustou Viktor, que deu um pulo para o lado enquanto pequenos farelos da pedra caíam sobre ele. Olhei para ele pesaroso, pedindo silenciosamente desculpas, enquanto o ucraniano meneava a cabeça, ainda alterado. O vidro estava estilhaçado, mas ainda não havia se quebrado.

Vidro de segurança, mas do ruim. Se fosse do realmente bom, nem jogando cem vezes aquela pedra teria feito um arranhão nele. Mas, afinal de contas, era um bar de quinta categoria, e não uma joalheria, de modo que, após umas boas porradas "no velho estilo soviético" de Pritchenko, aquele vidro cedeu finalmente, abrindo um buraco do tamanho suficiente para que Prit e eu passássemos por ele com facilidade. Lá dentro cheirava a pó e a fechado. Automaticamente, levei minha mão ao interruptor da parede, tentando inutilmente acender a luz. Ri sozinho do meu gesto. Há determinados reflexos que são impossíveis de esquecer na vida. Enquanto Prit apoiava uma mesa no buraco, fechando o vão de acesso e transformando de novo aquele bar em um forte contra os não mortos, fui para trás do balcão para revistá-lo enquanto ainda restasse um pouco de luz. A caixa registradora estava vazia e o cadáver mofado de um limão apodrecia lentamente em um pote ao lado de uma faca enferrujada. Encontrei um isqueiro. Levantei a cabeça a tempo de ver Pritchenko correr umas pesadas cortinas na janela, de forma que o interior ficava oculto à vista da rua. Perfeito.

Com mãos trêmulas, acendi o isqueiro. Iluminando-nos com aquele Bic, revistamos as gavetas do balcão, até encontrar duas velas. Enquanto eu as acendia, abrimos uma das geladeiras (evidentemente, desligada) e em menos de dois minutos Pritchenko e eu havíamos matado pelo menos meia dúzia de garrafinhas de água e dois refrigerantes, sentados com as costas apoiadas no balcão. A medida que sentia o líquido correndo por meu organismo, eu revivia. Minha língua se reidratava com cada garrafinha de água e eu sentia minhas células se esponjando com aquele líquido tão desejado.

Aplacada a sede, a fome se tornava um assunto urgente. Enquanto escrevia umas linhas nesta caderneta, ouvia Viktor revirando a pequena cozinha da parte dos fundos. Eu estava fraco demais para ajudado. Depois de alguns minutos, Pritchenko reapareceu sorridente, com uma enorme pilha de latas de conservas escorregando de suas mãos. A cozinha estava intacta e relativamente abastecida. Não daria para alimentar um regimento, mas sim para matar a fome, por alguns dias, de dois sobreviventes.

Aquela noite, dormimos como pedra pela primeira vez em uma semana. Quando acordamos, pequenos raios de luz entravam pelas frestas das cortinas. Após nos lavarmos mais ou menos com duas garrafinhas de água (naquela parte da cidade, muito alta, não saía nem uma gota das torneiras), avaliamos a situação. Após uma breve discussão, decidimos ficar dentro do bar para recuperar as forças, pelo menos durante quarenta e oito horas. Além do mais, pelas frestas podíamos ver bastante movimento de não mortos na rua, a caminho de só Deus sabe onde.

Finalmente, esta manhã nos aventuramos de novo a sair. A rua estava encharcada, possivelmente por alguma enxurrada noturna. Enquanto o ucraniano e eu avançávamos pela calçada, escondendo-nos atrás dos carros abandonados, um tímido sol começou a despontar, fazendo subir volutas de vapor por todo lado, enquanto a umidade do ambiente começava a evaporar. Prometia ser outro dia abafado, mas, naquele momento, a temperatura era fresca, agradável.

Pritchenko levava na cintura uma enorme faca tirada da cozinha do bar. Eu, de minha parte, segurava uma machadinha de cortar costelas que, embora não me servisse muito contra uma horda desses seres, aumentava enormemente minha confiança.

Talvez tenha sido excesso de confiança o que quase nos custou a vida. Estávamos a menos de dez minutos do endereço que havia no recibo quando, ao dobrar uma esquina de uma maneira um tanto apressada, tropecei na garota.

Era jovem, de uns vinte e poucos anos, e bastante alta. Tinha uma cabeleira loura espetacular até o meio da cintura e uma bela aparência. Usava uma blusa bastante justa que deixava pouco lugar à imaginação e uma calça jeans que lhe caía realmente bem. Suas feições eram delicadas e usava nas orelhas uns elaborados e enormes brincos de bijuteria. Era linda, muito linda. No conjunto, uma mulher realmente espetacular. A única mácula à sua beleza era a ferida que percorria uma de suas omoplatas, deixando um sujo rastro de sangue nas costas nuas. Isso, e o fato de estar irremediavelmente não morta, evidentemente.

Não vi de onde saiu, mas antes que percebesse estava em cima de mim, lutando para me morder. Um pouco de saliva escorreu sobre meu peito, enquanto ela me segurava em um abraço mortal. Estremeci, pensando que, se me fizesse o menor arranhão, eu acabaria como o paquistânês. Gritei, desesperado, pedindo ajuda a Pritchenko.

Viktor se posicionou neumaticamente atrás da mulher, que me mantinha encurralado

na parede. Com um gesto rápido e hábil, agarrou a cabeça da garota pelo cabelo com uma mão e, segurando a faca com a outra, começou a degolá-la metodicamente.

Era um espetáculo dantesco. Borbotões de sangue preto e podre fluíam do pescoço daquela garota enquanto a faca de Pritchenko ceifava metodicamente músculos e tendões. Ao chegar à traquéia, a faca fez um som áspero enquanto rasgava a cartilagem do pescoço. Aquilo parecia uma carnificina de dementes. O sangue pingava sobre Viktor e sobre mim, incapaz de me livrar daquele abraço letal que me mantinha preso contra a parede. A mulher tentava se safar para atacar Pritchenko, mas agora era minha vez de segurá-la com força. Estava hipnotizado diante daquele espetáculo. Podia ver claramente o buraco do seu esôfago entre os borbotões de sangue.

Quando a faca de Pritchenko chegou às vértebras do pescoço, subitamente travou. Ele tirou a lâmina e se jogou para trás, enquanto eu empurrava o corpo da garota, encharcado de sangue, que ficou cambaleante no meio da rua, com a cabeça pendurada em um ângulo impossível sobre as costas.

Era minha vez. Tomando impulso, dei-lhe uma machadada tentando cortar o pedaço que restava. Contudo, o corpo daquele ser se deslocou de repente para trás e a lâmina do machado se cravou em sua clavícula. A garota se agitava enlouquecida no meio da rua, com a cabeça por um fio e um braço meio arrancado. Era uma cena tão grotesca e barroca que parecia saída de um filme de terror. A única coisa que me fazia ver que aquilo era real era a adrenalina que bombeava em minhas veias.

Dei uma segunda machadada. Dessa vez, o golpe foi certo e a cabeça rolou pelo chão, enquanto o corpo da garota desabava em convulsões nervosas.

Pritchenko recolheu a cabeça do chão, pegando-a pelo cabelo, e ficou contemplando-a, pensativo. Era apavorante. Aquela maldita cabeça continuava viva, abrindo e fechando a boca com fúria, rangendo os dentes. Não conseguia emitir sons, pois não tinha laringe, nem pulmões, mas eu poderia apostar que, se pudesse, estaria berrando de fúria.

Pegando impulso, Prit balançou o braço e a jogou com toda a sua força para baixo. A cabeça traçou uma parábola no ar, até bater no chão com um som surdo e rolar até uma esquina. Imaginei que, se ninguém a tocasse, ficaria ali até... quando? Quanto esses seres podem viver? São eternos? Caramba, perguntas e mais perguntas, e nem uma maldita resposta. É de enlouquecer.

Pritchenko e eu estávamos banhados em sangue. Tinha algo novo em que pensar. Viktor havia acabado de degolar uma mulher a sangue-frio, com meticulosidade e paciência, e poderia jurar que sua pulsação nem sequer se alterou enquanto fazia isso. Tranquilo como um profissional. Não posso evitar perguntar: quem, diabos, é esse sujeito? Contemplei um tanto inquieto o pequeno ucraniano, enquanto retomávamos o caminho. Só faltava dobrar uma esquina e chegaríamos ao escritório

da VNT. Estava farto de tudo aquilo. Queria sair o quanto antes dessa maldita cidade.

Quinze minutos depois, estávamos observando atentamente a enorme rua que se abria diante dos nossos olhos.

Uns sacos plásticos rolavam de um lado a outro da avenida, arrastados por um ar denso e quente, cheio de pó, que formava complicados remoinhos. No centro da rua, separando as duas vias de circulação, erguia-se uma mureta onde a natureza começava a exigir imperiosamente seu lugar. As plantas ornamentais que um dia a decoravam haviam sucumbido ao mato, e dezenas de ervas daninhas se enroscavam em volta de umas árvores que ninguém poderia em muito, muito tempo. Por entre as fendas do asfalto começavam a surgir, timidamente, os primeiros brotos de grama.

Logo chegaria o resto da vegetação.

Estacionados nos acostamentos ou abandonados em qualquer lugar da rua, repousavam dezenas de veículos, na maioria ônibus, mas viam-se algumas vans e até dois enormes caminhões pesados. Um deles, um monstruoso caminhão TIR, estava com a cabine embutida na vitrine de uma loja de roupas femininas. Uma trilha de sangue seco escorria da porta do motorista, mas não se via nem sinal do cadáver.

Farrapos de cortinas ondulavam nas janelas abertas de vários apartamentos. Todos os edifícios da rua pareciam ter boa parte das janelas quebrada, e o asfalto estava coberto por uma grossa camada de vidro. Possivelmente, a onda expansiva de alguma gigantesca explosão do porto havia arrasado grande parte das janelas da cidade.

Não se via nem um único sinal de vida, além de dezenas de ratos e incontáveis gaivotas que voavam acima de nossa cabeça. É curioso. Desde que tudo isso começou, vi cães, gatos (meu Lúculo), ratos e gaivotas, mas nem uma única pomba, nem cavalos, nem andorinhas, nem outro tipo de animal além dos citados. Pergunto-me se essa epidemia também afeta outros seres vivos, além dos humanos, e em que medida. Mais uma pergunta para o monte que não para de crescer.

Prit e eu estávamos atrás de uma enorme van de uma empresa de construção, com o pára-brisa estourado e os quatro pneus furados. Essa van estava com duas rodas em cima da calçada, bem na esquina com a rua por onde havíamos chegado, e de trás dela tínhamos uma visão perfeita de toda a avenida.

Não se via um único monstro nas imediações, mas as marcas de pés arrastados no pó que cobria o asfalto eram inconfundíveis. Ao fundo, a não mais de duzentos metros, podíamos distinguir algumas figuras cambaleantes vagando sem rumo pela rua. Muito longe para nos verem, mas não tanto quanto gostaríamos.

O chão estava coberto de restos de lixo e sujeira, além de dezenas de corpos putrefatos e cadáveres, todos eles com ferimentos a bala. Pritchenko acha que podem ser não mortos abatidos por alguma das expedições da área segura em uma

incursão de saque. Não sei o que pensar. Estou começando a suspeitar que a queda da lei e da ordem nas grandes cidades, como Vigo, foi muito mais terrível e caótica que nas pequenas vilas. Quando todas as forças de segurança estavam sobrecarregadas com os milhares de chamados de cidadãos denunciando o surgimento dos não mortos, nas ruas deve ter começado a imperar a lei do mais forte. Esses cadáveres podem ser prova disso. Quem sabe?

Bem em frente a nós, na outra calçada, erguia-se a sede da VNT. Era um escritório de tamanho médio, com uma porta de vidro e uma enorme vitrine de um lado, onde ficavam os escritórios, e um grande portão metálico pintado de preto com o logo dourado da empresa, ao lado de outro, para a entrada dos furgões. O lugar parecia estar fechado e deserto.

Na parte traseira da van havia uma enorme quantidade de material de construção. Parece que em sua última viagem iam instalar algum tipo de tubulação, pois havia uns quinze tubos de PVC de uns dez centímetros de diâmetro organizadamente empilhados. Bem ao lado havia uma enorme quantidade de ferramentas, entre elas um pé de cabra, que seria nossa chave para abrir a porta do escritório.

Meses atrás, um delinquente de pouca monta que havíamos defendido no escritório de advocacia havia nos obsequiado com uma detalhada descrição da arte do arrombamento de portas. Aquele sujeito era um verdadeiro especialista e havia sido pego em flagrante depois de ter limpado uma boa dezena de apartamentos, mas não conseguimos evitar sua condenação. Imagino que todo esse inferno o pegou na prisão. Pergunto-me o que terá sido daquele pobre delinquente e de todas as pessoas trancadas nos presídios. Imagens de corredores inteiros morrendo de fome e sede desfilaram diante dos meus olhos. Estremeci. Espero que, pelo menos, mesmo sendo criminosos, tenham tido uma oportunidade de sobreviver.

Segurando o pé de cabra com as duas mãos, atravessei cuidadosamente a calçada, com Pritchenko colado em mim, pronto para pôr em prática os ensinamentos daquele trombadinha. E verdade que o saber não ocupa espaço.

Foi bem mais fácil que o esperado. Após forçar um pouco e machucar o batente, a porta cedeu de repente com um sonoro "crac" que gelou meu sangue nas veias. Acho que não se ouviu a mais de dez metros de distância, mas me pareceu um tiro de canhão no silêncio sepulcral daquela rua.

Entramos no vestíbulo da VNT. Finalmente havíamos chegado.

A sala de atendimento em que estávamos era funcional e discreta. Um balcão de madeira, com muitas marcas deixadas por incontáveis pacotes, separava a parte dos clientes da dos funcionários. Em um canto acumulava-se pó no esqueleto de uma planta totalmente seca. Em uma mesa baixa, entre duas cadeiras, acumulavam-se alguns jornais de vários meses atrás e algumas revistas do setor. No ar, flutuava, tênue, mas facilmente perceptível, um discreto aroma rançoso de fumaça de cigarro.

Alguém que trabalhava naquele escritório fumava muito, apesar de que já fazia tempo que ninguém acendia um cigarro ali.

Esse, entretanto, não era o único cheiro. Mascarado sob o aroma de cigarro havia outro eflúvio, este muito mais intenso e desagradável. O aroma da podridão. O aroma da morte.

Prit e eu ficamos em guarda imediatamente. Segurando o machado, fui até a porta que separava a parte da frente do depósito, enquanto o ucraniano se postava justo em frente, apontando para ela com o cano da imensa pistola de Kritzinev. Olhei para ele, suado, e Viktor assentiu com a cabeça. Ao seu sinal, dei um forte pontapé na porta, enquanto me afastava de lado, deixando a linha de tiro livre para Pritchenko.

Encolhi-me, esperando ouvir a detonação da arma, mas a única coisa que se escutava era a respiração acelerada do ucraniano. Levantei o olhar e vi Viktor observando, atônito, alguma coisa através da porta. Voltei-me para ver o que chamava sua atenção, e uma poderosa ânsia de vômito subiu até minha garganta, provocando-me um espasmo.

Pendurado de uma viga do teto por um pedaço de corda, pendia o cadáver semiputrefato de uma pessoa. Ela havia passado um laço pelo pescoço e se enforcado. Usava um macacão da VNT enrolado até a cintura e a barba de várias semanas cobria seu rosto, ou pelo menos essa era a impressão, olhando por entre os insetos que infestavam seu rosto.

Era um espetáculo repugnante. O corpo estava em fase de putrefação e um jorro de líquidos malcheirosos havia pingado do seu corpo até o chão, formando uma espessa poça escura. O cadáver estava inchado pela ação dos gases e parecia indecentemente gordo. Da sua boca aberta saía uma enorme língua roxa, onde pousavam dezenas de moscas esverdeadas, que não paravam de zunir em volta dele. Seus olhos haviam desaparecido dentro das órbitas e os dedos das mãos, inchados e roxos, pareciam de um desenho animado após terem sido esmagados. O fedor era impressionante. Pritchenko e eu entramos tampando o nariz e a boca, tentando não olhar para aquele espetáculo abominável, e muito menos encostar nele. Uma breve olhada no depósito serviu para entender tudo de repente.

Aquele pobre indivíduo havia ficado trancado ali dentro desde o início. Com certeza, havia visto de trás do balcão os primeiros não mortos passando cambaleando pelas ruas e reagiu como a maioria das pessoas: trancando-se até que chegasse ajuda.

Infelizmente para ele, a ajuda nunca chegou. Foi quando aquele pobre-diabo começou a viver seu inferno particular. Uma máquina de salgadinhos, vazia e com o vidro da frente quebrado, era a prova de que sua principal (e única) fonte de víveres começou a secar logo. No chão, acumulava-se a roupa suja e algumas revistas pornográficas. Havia tido tino suficiente para transformar uma das vans em seu banheiro particular para poder aproveitar a água do banheiro, mas esta também deve

ter começado a faltar logo. Depois de um tempo, a fome, a sede, a solidão e a loucura foram demais para ele, e não suportou. Pobre homem.

Estremeci ao pensar que eu poderia ter tido esse mesmo final se não houvesse decidido sair de casa. Sacudi a cabeça, afastando esses pensamentos obscuros da mente. Não tínhamos tempo para lamentar um desconhecido. Era hora de começar a procurar o bendito pacote.

5 de abril

20h33

Finalmente! É uma pasta Samsonite de aço preto, fechada com uma espécie de lacre vermelho de plástico na borda. Prit e eu passamos a tarde toda revirando de cima a baixo o maldito depósito até encontrá-la, em um calor cada vez mais asfíxiante.

Agora estamos sentados no chão, fumando um Chester em silêncio, enquanto contemplamos pensativamente o objeto de nossos desvelos, em cima de uma mesa. Não posso acreditar que já conseguimos. Os pensamentos me assaltam em um turbilhão incontrolável, enquanto decidimos qual será nosso próximo movimento. Naturalmente, meu primeiro impulso foi tentar abrir a maldita pasta para ver o conteúdo, mas uma Samsonite de aço reforçado não é tão fácil de estourar, nem mesmo seguindo os métodos que aquele meliante me ensinou.

Apenas o detentor da chave ou um verdadeiro especialista poderia abri-la, e, infelizmente, nem Prit nem eu dispomos de um ou do outro.

Já faz um bom tempo que o cheiro de podridão parou de nos incomodar. No início, eu propus a Víktor que tirássemos o corpo de lá e o enrolássemos em uma manta, mas o ucraniano me dissuadiu. Disse que do jeito que o cadáver estava, provavelmente estouraria em nossos braços e levaríamos um banho de entranhas podres. Era melhor deixá-lo ali para que, segundo suas palavras, "secasse como um presunto curtido". Não me atrevi a lhe perguntar de onde, diabos, havia tirado esses conhecimentos. Arrepiava-me só de pensar.

Deixei o melhor para o final. Esse ucraniano é surpreendente. Hoje aconteceu algo absolutamente incrível com ele. Enquanto eu revirava uma gaveta procurando um jogo de chaves para abrir uma série de armários metálicos que havia no fundo do depósito, puxei casualmente uma série de papéis administrativos do escritório e os apoiei distraidamente em cima da mesa. Virei para abrir outra gaveta, e justo nesse instante Pritchenko entrou com ar cansado. Desabou na cadeira do escritório e esticou os braços enquanto bocejava estrondosamente. Nesse instante, seu olhar pousou nos papéis apoiados em cima da mesa e ele pronunciou distraidamente uma única palavra: "*Siuntén*".

Fiquei paralisado ao ouvi-lo. Voltei-me e observei, primeiro, o rosto impassível e sossegado do ucraniano, com seus enormes bigodes louros, e depois os papéis apoiados de qualquer maneira em cima da mesa. Não pude resistir.

- *Siuntén? Siuntén?* - perguntei alvoroçado enquanto apontava para os papéis. - Isto é *Siuntén*?

— *Da*, sim — respondeu Prit, um tanto surpreso ao ver minha reação. E não era para menos. Aqueles papéis eram puro protocolo, a ata de

uma inspeção, ou algo do estilo. Mas o realmente interessante estava no canto das páginas, no timbre.

"*Siunten*" era a versão deformada e eslava com que Pritchenko pronunciava "Xunta".

Xunta. A Xunta de Galícia. O governo autônomo galego.

Subitamente, fez-se a luz em minha mente. Entendi tudo. Não há muitos ucranianos trabalhando para a Xunta de Galícia, e Pritchenko era um deles. Então, eu soube exatamente o que meu pequeno amigo fazia, sem necessidade de perguntar. Um calafrio de excitação percorreu minhas costas. Como fui idiota... Como não havia percebido antes?

Virei a cabeça para contemplar o perfil afável de Prit, sentindo-me, de repente, terrivelmente cansado. Havíamos passado um mês absolutamente horrível juntos até conseguir recuperar aquela maldita pasta que agora repousava inocentemente em cima de uma velha e descascada mesa de madeira. Por causa do que quer que houvesse dentro dela, haviam morrido pelo menos cinco pessoas, e mesmo nós estivemos por um fio de perder o couro também em duas ocasiões.

Agora, tudo aquilo ficava no passado. Conseguimos. E ainda estávamos vivos. Imagino que a seleção natural se tornou exageradamente dura de uns meses para cá e que quem ficou vivo são os mais hábeis, os mais aptos. Ou, simplesmente, os que não têm tomado muitas decisões equivocadas. Quem sabe...

Precisávamos sair daquele maldito depósito. Algo fácil, em princípio. Principalmente graças a Prit.

Prit era, embora não soubesse, uma das pessoas mais valiosas que restavam nesta parte do mundo. Nem Ushakov, o capitão do *Zaren Kibish*, sabia quem era Viktor, pois, do contrário, não o teria mandado tão alegremente a terra, para uma morte quase certa, mas teria tratado de explorar suas qualidades.

Prit valia seu peso em ouro. Sentado ao meu lado, fumando silenciosamente um Chester, com seus enormes bigodes louros cobrindo a boca, estava Víktor Pritchenko: o único piloto de helicópteros vivo em centenas de quilômetros.

Os incêndios florestais são uma praga na Galícia durante o verão. Ser uma das regiões mais arborizadas da Europa tem como consequência que vorazes incêndios assolem hectares e hectares de bosques todos os anos, e são necessários enormes esforços, materiais e humanos, para combatê-los.

No início da década de 1990, em uns anos muito secos, com incêndios particularmente enormes, o governo galego viu-se vencido pela situação. Os meios aéreos utilizados para combater o fogo não davam conta. As esquadrilhas anti-incêndios não podiam se deslocar com rapidez suficiente para as áreas afetadas, e os hidroaviões trabalhavam no limite máximo. Foi quando, pela primeira vez, decidiu-se contratar pilotos do Leste Europeu.

Na grande maioria eram ex-militares russos, poloneses ou ucranianos que a queda do Bloco do Leste havia deixado na rua. Após salvar seus aviões e helicópteros da destruição mediante subornos ou quantias irrisórias, ganhavam a vida nas emergentes nações do leste da Europa fazendo exhibições aéreas ou transportando pessoas e coisas mais ou menos legais de um país a outro. Eram experientes, duros, baratos e tinham os próprios helicópteros. Enfim, a opção perfeita.

Assim que chegaram, demonstraram rapidamente que valiam o dinheiro que se pagava por eles. Para esses pilotos, principalmente para os da antiga URSS, com experiência de combate no Afeganistão e na Chechênia, combater um incêndio florestal era brincadeira de criança. Onde os pilotos civis espanhóis se negavam a voar, horrorizados, os antigos militares soviéticos se lançavam com uma temeridade que beirava a loucura, deixando a vida em não poucas ocasiões. Além disso, seus velhos aparelhos soviéticos de transporte eram duros, robustos, fáceis de manter e possuíam uma capacidade de carga notavelmente superior à de seus gêmeos ocidentais, o que os tornava ideais para essa tarefa.

Desde então, ano após ano, os pilotos do leste e suas latas velhas (já não tão velhas) continuavam chegando à Galícia, onde se estabeleciam de março e outubro para a luta anti-incêndios, antes de voltar ao leste da Europa no inverno, carregados até o teto de produtos ocidentais, que revendiam depois no mercado negro.

Prit me contava tudo isso com voz monótona, enquanto acendia um cigarro com a bituca do anterior. Era de Zaproshpojye, um minúsculo povoado do norte da Ucrânia, mas tinha nacionalidade russa. Entrara no Exército Vermelho com apenas dezessete anos, e, após sua formação, haviam-no destinado a uma esquadrilha de helicópteros de transporte. Havia participado dos últimos estertores da guerra do Afeganistão, na qual fora derrubado em uma ocasião, e na guerra da Chechênia, já como parte do exército russo, transportando tropas ao front. Tinha um brilhante futuro dentro do exército, mas, então, casou-se com Irina.

Enquanto me mostrava uma foto amassada de Irina que havia tirado da carteira, sua voz tremeu e umas lágrimas se aglomeraram em seus olhos. Irina era uma preciosidade, uma bonequinha eslava de cabelo louro e enormes olhos verdes, que, do meu particular ponto de vista, era um desbunde. Ele a havia conhecido durante uma licença e haviam se casado um ano depois. Outro ano depois chegou o pequeno Pavel, o que complicou a vida do casal. O salário de um piloto militar russo era terrivelmente baixo comparado com o que poderia ganhar trabalhando no Ocidente, e a guerra chechena era cada vez mais selvagem, perigosa e sanguinária. Víktor tinha uma família a sustentar, de modo que a decisão foi fácil.

Três meses depois de abandonar o exército, Pritchenko trabalhava para uma obscura empresa de transportes da Alemanha. Só em 2002 veio à Espanha pela primeira vez, como piloto florestal. Desde então havia voltado, ano após ano, enquanto sua família

se estabelecia em Dusseldorf, Alemanha. Estava pensando em trazê-los para a Espanha para morar definitivamente na Galícia quando, de repente, começou o Apocalipse.

Agora Prit chorava desconsoladamente. Não sabia nada da família desde o final de fevereiro, quando se refugiaram na área segura de Dusseldorf. Achava que estavam mortos. Não me atrevi a lhe dar esperanças. Não adiantaria nada.

A pergunta coçava na ponta da minha língua, mas não me atrevi a formulá-la enquanto Viktor chorava amargamente em meu colo por duas pessoas mortas ou transformadas em monstros fazia meses. Finalmente, quando pareceu se recuperar um pouco, falei.

- Viktor... Onde está seu helicóptero agora?

- Acho que estar onde o deixar há dois meses... - respondeu Víktor, ainda soluçando.

— Na base florestal do Monte Facho, a uns trinta quilômetros daqui.

- E os outros pilotos? Onde estão? O que fizeram? - As perguntas saíam disparadas da minha boca.

- Ah, quando tudo *kaputt*, eles ir embora. Não sei para onde.

Minha alma desabou aos meus pés. O mais provável era que o helicóptero de Pritchenko houvesse desaparecido nos caóticos dias anteriores à queda das áreas seguras, roubado por outro piloto ou confiscado pelo exército. Disse isso a Pritchenko, mas, para minha surpresa, ele meneou a cabeça.

- Não possível - disse. - Helicóptero avariado. Precisar peça de engrenagem rotor de cauda. Peça pequena, mas muito cara. Enviada por correio de Kiev a Vigo.

Senti minhas têmporas latejarem. Quase podia adivinhar o resto.

- Onde está essa peça, Prit? Está com você? O ucraniano sacudiu a cabeça de novo.

- *Niet*. Houve um erro da VNT. Eles saber que peça ser para um ucraniano, mas dar a ucraniano errado quando ele vir buscar.

Sentei-me pesadamente em uma cadeira, enquanto pensava a toda velocidade. Caramba! Kritzinev, ou Ushakov, havia ido ao escritório da VNT quando a cidade ainda era transitável para pegar a maldita pasta, e, por erro ou negligência, o funcionário, que não sabia ler a etiqueta em cirílico, havia entregado a caixa com a peça de Pritchenko. A situação naquele momento já era bastante caótica, e um funcionário assustado e com vontade de correr para casa não deve ter se incomodado muito em certificar a documentação de quem estava pegando o pacote. Afinal de contas, o pacote vinha da Ucrânia e era para um ucraniano, não é? Quando Prit foi buscar sua peça, descobriu o erro, mas então era tarde demais, pois o mundo já estava caindo aos pedaços.

Era fantástico. Eu tinha um piloto e um helicóptero à minha disposição. Isso mudava imensamente a situação. Só me faltavam duas coisas: uma pequena peça mecânica e um gato. E eu sabia onde estavam ambas. No *Zaren Kibish*.

7 de abril

7h36

Está amanhecendo. Faz bastante frio dentro do depósito. Viktor e eu vamos sair em menos de quinze minutos. O ucraniano está verificando a bateria e os pneus de uma das vans da VNT estacionadas na área de veículos. Não será tão tranquilizadamente segura como o furgão blindado com que tentamos chegar até aqui, mas, pelo menos, andaremos sobre QUATRO rodas até o porto. Ou melhor, até onde conseguirmos chegar.

Escrevo estas notas apressadamente, enquanto meu companheiro prepara nosso meio de transporte. Trocamos nossas roupas rasgadas e sujas por uns macacões cinza e pretos da VNT que estavam pendurados em um dos vestiários. Não pudemos tomar banho, pois não há água, de modo que nosso cheiro e aspecto continuam deixando bastante a desejar, mas, pelo menos, já não temos pinta de vagabundos fugindo da lei.

Conversamos bastante sobre o método que vamos utilizar na hora de trocar a pasta por Lúculo e pela peça no *Zaren Kibish*. Finalmente, traçamos um plano. Levou algumas horas fazer todos os preparativos necessários, mas acho que vai funcionar.

A coisa está indo depressa. Pritchenko acaba de ligar a van e está fazendo gestos urgentes para que eu abra o portão. O som do motor não tardará a atrair uma multidão desses seres para esta área, e ainda temos de fazer uma parada no caminho. Espero que tudo dê certo. Acredito que da próxima vez que escrever neste diário terei Lúculo em meu poder.

É hora de partir. Vamos lá.

Em algum lugar de Vigo

A rua descia em leve declive para a esplanada do porto. Tinha uns vinte e poucos metros de extensão, parte dos quais estava ocupada por uma série de carros abandonados e montes de lixo e escombros. Alguém, em algum momento, havia tombado um ônibus de transporte urbano na rua, que agora jazia no meio da rua como uma baleia encalhada. Os restos destroçados de um Ford Mondeo coberto de buracos de bala repousavam a uma dezena de metros do acesso à zona portuária. Dentro, dois corpos inchados e putrefatos olhavam com olhos vazios para uma área segura à qual jamais puderam chegar, por algum motivo desconhecido.

Os edifícios alinhados dos dois lados da rua ofereciam um aspecto desolador, similar aos do resto da cidade. A maioria tinha todos os vidros destruídos e os restos das cortinas, sujas e rasgadas, ondulavam como bandeiras, com um "flap-flap" perfeitamente audível no silêncio total da rua. A porta de um Fiat rangia, empurrada pelo vento. Não se via nem uma alma, além de dois não mortos vagando pela parte superior da rua. Um deles estava dentro dos restos destruídos de um ciber-café, revirando furiosamente os restos lá dentro, possivelmente atrás da pista de um gato ou um rato de consideráveis dimensões. O outro, uma menina de uns dez anos, balançava-se no meio da rua em uma espécie de estado catatônico, com o peito rasgado por uma mordida furiosa, como se houvesse sido atacada por um psicopata sexual. Sua pele cerúlea e as veias marcadas eram, todavia, provas mais que palpáveis de que quem a havia mordido não era nenhum maníaco, e sim uma dessas coisas, e que agora ela já pertencia ao reino dos não mortos.

Duas gaivotas, pousadas em cima de um monte de cadáveres putrefatos, faziam a festa com os restos. De repente, como guiadas por um sexto sentido, levantaram a cabeça e, com um aparatoso bater de asas, levantaram vôo, enquanto um rumor surdo ia se tornando cada vez mais audível. Alguma coisa se aproximava.

Com um rugido, a van da VNT apareceu de repente no alto da rua, ziguezagueando por entre os restos de veículos abandonados. O pára-brisa estava rachado de fora a fora. No lado do passageiro havia a marca de uma batida bastante importante e o farol direito e parte do pára-choque haviam desaparecido, como se o veículo houvesse batido em algum momento da sua louca corrida. O pára-lama, pendurado, provocava cascatas de faíscas ao raspar no asfalto, e a parte de baixo do veículo estava encharcada de sangue, restos orgânicos e até uma mão humana, que, perfeitamente reconhecível, estava encaixada no quadro da roda da frente esquerda.

A van desceu a rua como um raio. Ao chegar à altura do ônibus atravessado na

rua, o motorista foi obrigado a dar uma forte guinada para esquivar-se dele e passar pelo vão que restava entre ele e a parede.

Ao fazer isso, a van passou raspando uma porta, deixando um retrovisor na tentativa, tudo isso a uns cem, cento e vinte quilômetros por hora.

Justo nesse instante, os passageiros do veículo viram a menina no meio da rua, que contemplava, hipnotizada, o pesado veículo que se lançava sobre ela. O motorista pisou no freio e deu uma guinada para se esquivar, mas a velocidade em que estava era excessiva. A van começou a derrapar de lado sobre a espessa camada de vidros quebrados que cobria a calçada sem nenhum tipo de controle. Girando como um peão, investiu com uma lateral na pequena não morta, que ficou literalmente esmagada pelo pesado veículo em sua passagem descontrolada.

Finalmente, em meio a uma densa fumaça de pneus queimados, a van parou a menos de dez centímetros da entrada de uma loja.

Enquanto a fumaça se dissipava, o silêncio foi caindo de novo sobre a rua, só quebrado pelo ronronar irregular do castigado motor da van. Subitamente, de dentro da van ouviu-se um grito indignado:

— Viktor, você é um maldito maníaco! Se eu quiser me matar, posso fazer isso sozinho, ucraniano louco!

- Nós ter pressa! — replicou outra voz, com um curioso sotaque. - Não poder parar!

- Você está louco? Nunca vi alguém dirigir assim em toda minha vida! Quase morremos umas vinte vezes, maluco!

— Na Ucrânia sempre dirigir assim — replicou a outra voz com ar digno. — E não ter que evitar não mortos na rua! Se não estar contente, poder dirigir você!

Levantei os braços, rindo. Não se podia discutir com Viktor no que se refere à sua habilidade para dirigir qualquer tipo de geringonça. A verdade é que o ucraniano dirigia incrivelmente bem, mas conseguia deixar qualquer um com o cu na mão com seu jeito de pilotar.

O trajeto entre o escritório da VNT e o porto, que na ida havia nos tomado mais de duas semanas, levou apenas trinta e cinco minutos na volta, dos quais quase dez havíamos gastado tentando sair de uma lanchonete em que havíamos entrado atravessando a vitrine com a van.

Não morremos por um fio, do meu ponto de vista. Uma pequena distração sem importância, segundo Pritchenko. Maldito ucraniano...

O fato é que estávamos a apenas alguns metros da entrada da zona portuária, a pouca distância de onde havíamos descido. Os altos edifícios do porto ocultavam de nossa vista o *Zaren Kibish* e o *Corinto*, mas eles estavam lá. Muito perto. Tínhamos um plano e estávamos preparados.

Com um rangido de arrepiar, Pritchenko trocou de marcha e embicou a van na entrada do porto. A festa ia começar.

Diz a velha máxima militar que um plano só funciona perfeitamente quando se entra em contato com o inimigo, e, como logo íamos perceber, isso não seria uma exceção conosco.

Todo o porto exalava um penetrante fedor de carne putrefata. Não era para menos. A luz do dia podia-se ver que toda a antiga área segura não era mais que um gigantesco ossário. Para onde olhássemos só víamos montanhas de cadáveres semicalcinados e podres.

O rugido arfante da van afugentava centenas de gaivotas e ratos gordos e de pelo lustroso. Não pude evitar estremecer, pensando na dieta que deviam fazer. Aquilo era como atravessar Auschwitz no fim de um dia de extermínio. De vez em quando, víamos entre os galpões arruinados uma ou outra figura cambaleante que avançava para nosso veículo, mas estavam muito longe de nós e, por ora, andávamos muito depressa para que representassem uma ameaça.

O princípio darwiniano da sobrevivência parece estar funcionando. Pouco a pouco, vão ficando só os que são mais duros, mais rápidos ou mais filhos da mãe (ou os que têm tido mais sorte, segundo observação ácida de Prit). O fato é que cada vez estou mais convencido de que vamos sair dessa vivos. O simples fato de circular a toda velocidade por uma zona cheia desses seres teria me paralisado de terror há alguns meses, mas, agora, simplesmente me parece um ato cotidiano.

Algo me preocupa. Não vi muitos sobreviventes desde o início de tudo isso, mas menos ainda do sexo feminino. Imagino que tudo isso deve ser ainda mais duro para elas, mas não me importaria de encontrar alguém que não tenha de mijar em pé, para variar.

Por conta dessa reflexão, Viktor começou a me contar uma história escabrosa de uma garota da sua cidade chamada Ludmila, apelidada de A Bombeira, mas justo quando chegava à parte do palheiro (a mais interessante do relato) deu uma freada seca que quase me projetou através do pára-brisa. Estávamos na entrada do beco da Seguritsa, a poucos metros de onde havíamos descido do navio, há o que parece um milhão de anos agora.

Prit deixou a van atravessada, encostada em um New Beetle arruinado, de forma que não ficava passagem livre, nem mesmo a pé. Essa improvisada barreira não os deteria durante muito tempo, mas, pelo menos, nos daria margem para executar nosso plano.

Em algum lugar do porto de Vigo

Do alto dos restos da cobertura da arruinada fábrica de congelados, a vista do porto era excelente. Aquele galpão havia sido violado na noite de sangue e fogo que havia marcado o fim da área segura, mas parte da sua estrutura ainda se mantinha em pé. A esquina sudoeste do edifício, orientada para o mar e muito perto da antiga central portuária da Seguritsa, estava virtualmente intacta e suficientemente inacessível para representar um refúgio seguro se alguém estivesse bastante maluco, ou desesperado, para subir até as vigas da estrutura.

Dali de cima divisavam-se perfeitamente os montes de cadáveres putrefatos, empilhados onde haviam caído atingidos pelas balas, pelas explosões ou pelo fogo na triste noite final da área segura de Vigo. Flutuando a umas centenas de metros enseada adentro, oferecendo um acentuado contraste com a devastação da margem, encontravam-se um velho cargueiro judiado e um lindo veleiro de dois mastros, amarrado à popa do primeiro. Na cobertura do cargueiro podia-se ver uma série de pequenas figuras indo de um lado para o outro, ocupadas em seus afazeres.

Subitamente, uma van da VNT caindo aos pedaços surgiu rugindo por um lado, entrando a toda velocidade no beco de acesso ao galpão da Seguritsa e freando bruscamente ao chegar à esquina. Dela desceram dois homens, e, enquanto um deles se aproximava da beira do cais, o outro, com ar furtivo, colava-se ao canto da parede, de onde podia observar o cargueiro sem ser visto. Decidido, o primeiro homem desceu uns degraus até chegar a uma Zodiac que estivera escondida até esse momento por uma capa de camuflagem e um monte de lixo.

Após duas infrutíferas tentativas, o motor da Zodiac ganhou vida com uma tremenda explosão que parecia perfeitamente audível no absoluto silêncio da manhã. Aquele barulho pareceu desatar a loucura a bordo do cargueiro. As figuras começaram a correr de um lado para o outro, a toda velocidade, enquanto a Zodiac traçava um amplo giro e começava a se dirigir para o enorme navio.

Enquanto a Zodiac me levava até o Zaren Kibish, eu sentia a adrenalina rugindo de novo em minhas veias. Os respingos de água salgada encharcavam meu cabelo à medida que o casco do cargueiro crescia diante dos meus olhos. Com a mão direita eu controlava a alavanca do motor, enquanto com a esquerda segurava com força a pasta Samsonite de aço preto. Uma familiar figura barbuda se inclinava sobre a borda da ponte, contemplando-me pelo binóculo. Ushakov. Tinha de ser ele.

Fechei os olhos e inspirei profundamente. O ar salgado misturado com o familiar aroma de algas e combustível queimado me fez voltar a tempos melhores. Abri de

novo os olhos, com a infantil esperança de que tudo fosse só um pesadelo. Entretanto, o que vi foi a escada do *Zaren Kibish* se desenrolando pela borda. Havia chegado.

Segurando a pasta com força, levantei-me e subi pela escada, para a cobertura do *Zaren*. Ao chegar à borda, a mão ansiosa de um filipino se esticou para a pasta. Dei-lhe um tapa e bati com força no peito de outro marinheiro com a Samsonite, enquanto punha o pé na cobertura. Não pretendia soltar a pasta. Ainda não.

Ushakov abriu caminho por entre um grupo de marinheiros e parou à minha frente com as mãos na cintura. Por um segundo, fez-se um silêncio sepulcral na cobertura.

De um lado, Ushakov cercado de meia dúzia de marinheiros robustos armados com Kalashnikovs apontadas para meu peito. Do outro lado, eu, sujo, barba por fazer, cheio de cortes e hematomas, com um macacão da VNT dois números maior, e infinitamente cansado, segurando uma brilhante pasta Samsonite de aço preto. Duelo de titãs.

- Ora, ora, senhor advogado! - trovejou a voz de Ushakov. — Sua aparência é impressionante! Onde está o resto do pessoal?

- Não estão — respondi lacônicamente.

- Kritzinev?

- Morto.

- Meus marinheiros?

- Mortos.

- E Pritchenko?

- Morto, também - respondi, com voz trêmula. — Só restou eu, camarada capitão.

O rosto de Ushakov ia adquirindo um tom acinzentado à medida que ouvia minhas respostas. Imagino que não esperava que só eu voltasse a bordo. Seu olhar de cobiça se fixou na pasta.

- É essa? — perguntou com voz trêmula. — Essa é a pasta?

- Aqui está, Ushakov - disse em voz baixa. - Aqui está. Verifique a etiqueta.

Apoiei a pasta cuidadosamente no chão, com a etiqueta com o remetente à vista, e dei dois passos para trás. Ushakov cravou o olhar na etiqueta e murmurou algo em russo enquanto pegava a Samsonite com as duas mãos.

- Cumpri a minha parte, Ushakov. Agora cumpra a sua. Dê-me meu gato e deixe-me ir.

Ushakov estava hipnotizado olhando para a pasta. Por um segundo, pensei que não havia prestado atenção e não havia escutado minhas palavras. Quando já ia repetir tudo, Ushakov pareceu sair do transe. Dedicando-me um breve olhar, dirigiu-se a um dos marinheiros armados com uma AK.

- Mate-o - disse lacônicamente.

O filipino engatilhou ruidosamente a AK e apontou para o meu peito. Eu tinha meio

segundo para tentar. Era minha vez. Agora ou nunca.

- Eu não faria isso, capitão - disse com voz trêmula. Quando havia bolado o que dizer, anteriormente, parecia muito mais fácil, mas isso porque não tinha o cano de uma arma apontado para mim.

- Não? Por que não, senhor advogado? - desafiou Ushakov com um olhar malvado. - Tenho o que queria graças ao senhor, e, pensando bem, também não me interessa que muita gente saiba disso. Como não posso confiar em seu silêncio, o melhor que posso fazer é fechar sua boca. De modo que... Adeus! - concluiu, sorridente.

- Como pode ter certeza de que está com a pasta certa, Ushakov - interrompi-o. - Não se precipite.

O rosto de Ushakov se congelou em um ricto amargo, enquanto passava o olhar alternadamente da pasta a mim, e vice-versa.

- Você está mentindo.

- Não estou mentindo, Ushakov. Veja.

Fui até a borda do *Zaren Kibish* e comecei a gesticular com os braços para a margem. Depois de alguns segundos, a familiar silhueta de Prit apareceu. O muito filho da mãe sorria de orelha a orelha. E não era para menos. Nas mãos segurava uma reluzente pasta Samsonite de aço preto, que levantou para que fosse perfeitamente visível do barco.

E expressão de Ushakov era impagável, e o desconcerto, patente entre os tripulantes. Ninguém sabia o que estava acontecendo.

- Essa pasta que tem nas mãos está cheia de jornais velhos, Ushakov. Não tem merda nenhuma, maníaco filho da mãe.

- Mas... mas... - balbuciou. - Como...

- Ora, vamos! Vigo é uma cidade muito grande e tem mais de uma loja. Não foi muito difícil encontrar uma pasta igual à que você quer, Ushakov. - Sorri. - Está em suas mãos, filho da puta.

- Mas, a etiqueta...

- Arrancada da outra pasta. Tome isso como prova de boa-fé, como prova de que a outra pasta é a verdadeira, capitão. Assim que me der o que quero, Víktor deixará a pasta na margem e cada um irá para o seu lado. Agora, faça o favor de não foder e vamos sentar para conversar como gente grande, certo?

- O que você quer? - rugiu Ushakov, enquanto se aproximava ameaçadoramente. Saíam faíscas de fúria de seus olhos.

- Muito fácil - respondi tranquilamente. - Meu gato, meu barco e o pacote de Pritchenko. Uma dessas AK e comida para uma semana - enumerei com os dedos, enquanto Ushakov ia ficando cada vez mais vermelho. — Ah!! Por acaso não teria um pacote de Chester?

Ushakov bramou algo ininteligível enquanto apertava os punhos. Contemplou a

margem por segundos intermináveis.

- O que me impede de matá-lo e depois ir atrás do seu amigo na margem e matá-lo também?

- Muito simples - respondi, aparentemente mais relaxado do que estava na realidade. — Se em quinze minutos eu não voltar à margem, e sozinho, Prit irá embora com a pasta e a esconderá em qualquer canto dessa cidade abandonada nas mãos de Deus. Você não a encontraria nem em mil anos, Ushakov. Pense bem.

Ushakov meditou por alguns momentos. De repente, voltou-se para um marinheiro e começou a ladrar ordens em russo. Depois disso, dirigiu-se de novo para mim, com ar ameaçador.

- Certo, senhor advogado. Terá o que quer, mas vai se arrepender por isso. Eu juro. Há quem diga que os advogados são um pouco sacanas. Não nego. Mas é maravilhoso na hora de negociar.

Às vezes, as lembranças mais absurdas nos assaltam nas situações mais insuspeitadas. Uma estranha imagem vinha constantemente à minha mente enquanto estava em pé na coberta do *Zaren*, esperando que me entregassem minhas coisas.

Eu tinha seis ou sete anos e meus pais haviam me levado ao circo. Estava vendo o número do atirador de facas. Lembro que havia ficado impressionado por alguém ser tão valente a ponto de deixar que outro jogasse facas nele, visto que minha mãe sempre me dizia que eram muito perigosas, porque cortavam. Por isso, o rosto sorridente e descontraído da garota-alvo, espantosamente tranquila, para minha pouca idade, havia ficado gravada a fogo em minha memória.

Nesse exato momento, eu gostaria de ter a mesma presença de espírito que aquela garota-alvo, mas, na verdade, eu estava com o cu na mão. Um gesto errado, uma palavra equivocada, um pequeno erro de cálculo e alguém podia ficar nervoso e enfiar um tiro no meio da minha testa. Não duvidava de que Prit soubesse se cuidar sozinho, mas não tinha vontade de morrer essa manhã.

Ushakov andava de um lado para o outro como um urso enjaulado, dirigindo-me, de vez em quando, olhares homicidas. Precisava ser cuidadoso. Com certeza aquele filho da mãe ainda reservava um ás na manga para me foder.

Um borão peludo apareceu por uma das portinholas do barco, sem dúvida atraído pelo barulho na coberta. Meu coração se acelerou... Lúculo!

Inconscientemente dei um passo, mas parei em seco ao perceber meu erro. Não era Lúculo, e sim uma gata marrom de raça indeterminada, com um chocalhinho amarrado no pescoço e uns malignos olhos verdes. Com um movimento sinuoso, deslizou entre os marinheiros da coberta e se sentou em um rolo de corda para se lambar, não sem antes dirigir a todos um desses olhares de desprezo que só um gato pode dar.

A visão dessa gata me fez recordar Lúculo com dolorosa intensidade. De repente, saindo da mesma portinhola, apareceu outra bola de pelo, essa de uma raivosa cor laranja que me era terrivelmente familiar. Era meu Lúculo!

O canalha devia ter seduzido o cozinheiro do barco durante essas semanas, porque estava visivelmente mais gordo e seu pelo estava brilhante e lustroso. Com ar satisfeito, aproximou-se da gata marrom ronronando e fazendo aquilo que minha irmã sempre havia descrito como "o toque Lúculo", um movimento sedutor com o rabo enquanto movimentava as orelhas com ar de sacana.

Esse era meu gato. Enquanto eu me fodia por uma cidade abandonada e cheia de monstros, morrendo de fome e de sede e arriscando a vida em cada esquina, ele havia passado o tempo todo se empanturrando de comida e comendo aquela bonequinha de olhos verdes. Eu já devia ter suspeitado.

Tentei pronunciar alguma palavra, mas não conseguia emitir som algum. Pigarreei, e esse ruído foi suficiente para que Lúculo levantasse a cabeça em minha direção. Assim que me viu, esqueceu por completo a preciosidade felina que estava ao seu lado e correu em minha direção soltando uns lastimosos uivos que deviam ter se ouvido por toda a cidade. Antes que eu pudesse reagir, pulou no meu colo e começou a ronronar, enquanto se esfregava em meu pescoço.

Segurei meu gato com força, enquanto sentia uma imensa sensação de alívio. Não só não o haviam matado, como também parecia estar em excelente estado. Em mais de um momento ao longo daquelas semanas malucas, temi não tornar a vê-lo.

Ergui o olhar e encontrei Ushakov me observando com um desprezo matizado de ira. Não estava nem aí para o que ele pudesse pensar de mim. Só sabia que queria sair dali o quanto antes e que aquele filho da mãe estava furioso. Contudo, estava tranquilo, muito tranquilo, levando-se em conta que eu acabava de fodê-lo, expondo-o na frente de seus próprios homens. Não, aquilo não era normal. Aquele sujeito estava tramando alguma coisa, e eu não sabia o que era.

O tempo passava muito lentamente na coberta, enquanto as caixas com alimentos se empilhavam diante dos meus pés. Um dos marinheiros levou um pacote de tamanho médio coberto de inscrições em cirílico. Dei uma olhada para me assegurar de que coincidia com a descrição que Pritchenko me dera da peça do motor que necessitava. Batia.

Um paquistanês me estendeu uma AK (descarregada) e uma caixa de madeira cheia de balas.

Tudo aquilo devia pesar uma tonelada, e ninguém parecia estar disposto a me ajudar a levar tudo para o *Corinto*. Ergui uma sobancelha para Ushakov, que obsequiosamente me respondeu com uma meia reverência, enquanto dava algumas ordens a dois marinheiros para que levassem as caixas até o veleiro. Caramba! Muito fácil. Aquilo não me agradava em absoluto.

Algo vibrou em meu bolso, acompanhado de dois breves zumbidos. Diante do olhar espantado dos presentes, puxei um pequeno *walkie-talkie* de plástico azulado, tirado de um carro-patrulha abandonado e cheio de sangue seco que havíamos encontrado em um beco a caminho do porto. Aquele veículo da Polícia Nacional havia sido um verdadeiro mistério. Estava perfeitamente estacionado perto de uma loja de ferragens totalmente devastada, entre uns contêineres de lixo malcheirosos e um ônibus com os pneus estourados e o pára-brisa quebrado. Após mais de um mês e meio de abandono, todos os veículos da rua estavam cobertos de uma grossa camada de pó e sujeira, mas aquele carro estava limpo e reluzente, como se acabasse de sair de uma garagem. Foi isso o que nos fez parar para dar uma olhada. O carro estava vazio, com o banco do motorista coberto de sangue seco. Não havia restos de sangue na calçada, nem pegadas se afastando do carro. De resto, aquela rua parecia estar absolutamente deserta, e o assovio do vento entre os restos de sujeira e veículos abandonados dava a toda aquela área um ar fantasmagórico. Aquele carro impecável, que parecia recém-estacionado no meio daquela desolação, era algo tão antinatural e misterioso que arrepiava. Prit e eu revistamos o veículo e encontramos dois *walkie-talkies*, mas não do modelo da polícia, e uma lanterna de alta potência. Nem um papel, nem uma arma, nem uma pista, nem uma marca. Nada. Um absoluto mistério.

Então, um daqueles *walkie-talkie* crepitava em minha mão. Apertei o botão, sabendo que Prit estava do outro lado.

- Diga - disse em castelhano, idioma que, se não me enganava, ninguém dominava naquele barco.

- Como está indo? — A voz do ucraniano soou com estática.

- Bem... bem demais, acho - respondi, sem tirar um olho de cima dos marinheiros. — Acho que estão planejando alguma coisa.

- Não olhar agora, mas acho que nós ter problema na ponte de comando - disse baixinho Pritchenko, com seu acentuado sotaque eslavo. - Um sujeito com um RPG-7 escondido bem atrás borda superior. Eu ver perfeitamente.

Um suor frio começou a percorrer minhas costas. Um RPG. Um maldito lança-foguetes. Devia ter imaginado. Qualquer um que tivesse televisão já havia visto um RPG em mais de uma ocasião. Artilharia de pobre, diziam. Praticamente todas as guerrilhas e exércitos do Terceiro Mundo tinham milhares desses troços, fabricados em série na antiga União Soviética. O mercado negro estava cheio daquelas armas, tão simples quanto efetivas, formadas por um tubo lança-granadas no qual se colocava o projétil na ponta. Tão simples que até uma criança-soldado de qualquer recôndito país africano podia aprender a usá-lo em dez minutos. Tão letal que na tomada de Grozni pelos russos, em 1994, perderam dúzias de blindados nas mãos de

guerrilheiros chechenos armados com esses tubos letais.

O plano me parecia claro. Uma vez deixada a pasta no porto, o filho da mãe do Ushakov planejava atirar com aquele lança-granadas no *Corinto*, onde estaríamos Prit, Lúculo e eu. E, se uma daquelas coisas podia lançar pelos ares um blindado, nem imagino o que poderia fazer com um iate de fibra de vidro como o *Corinto*.

Os marinheiros subiram de novo a bordo, após deixar a carga no iate. Talvez fosse ilusão minha, mas eu poderia jurar que vi uma expressão sádica no rosto deles. Estavam esperando os fogos de artifício.

Com um brilho maligno nos olhos, Ushakov se aproximou de mim e me estendeu a mão.

- Espero que cumpra sua palavra, advogado. Deixe a pasta no cais e cada um para o seu lado. Sem ressentimentos.

- Evidentemente... Sem ressentimentos - respondi, enquanto inclinava a cabeça e ignorava sua mão estendida.

Ushakov baixou a mão lentamente, enquanto me observava.

- Vivemos tempos difíceis, senhor advogado. Tudo está mudando muito rápido e só os mais fortes seguiram em frente. Não espero que me entenda, mas quero que saiba que, se ajo assim, é por razões muito poderosas.

Parei, com metade do corpo pendurado por cima da borda, e observei-o.

- Tanto, a ponto de querer me matar por uma maldita pasta? — disse eu. — Diga-me, que, diabos, há dentro dela?

Como única resposta, Ushakov me dedicou uma expressão assustadora.

- Boa sorte, senhor advogado - disse enquanto um sorrisinho se desenhava no canto da sua boca. - Vai precisar.

Desci a escada para a coberta do *Corinto* enquanto o riso de Ushakov descia flutuando à minha volta. Assim que apoiei os pés na familiar coberta de teca, comecei a desamarrar os cabos, notando os olhares de todos pousados em mim.

O motor auxiliar do *Corinto* rugiu ao arrancar e pouco a pouco fui me afastando do imenso corpo do *Zaren Kibish*, rumo ao porto, onde Prit e a pasta me aguardavam.

Começava a segunda parte do baile.

7 de abril (II)

A água batia com um rumor surdo entre a borda do *Corinto* e as pedras pretas do atracadouro. À medida que eu me aproximava da margem, com Lúculo fervorosamente acomodado em meu peito e ronronando sem parar, ia pensando qual deveria ser o próximo movimento. Com uma leve pressão no timão, o *Corinto* manobrou até encostar no cais.

Sorri satisfeito. O motor auxiliar, que eu praticamente não havia usado até esse momento, havia respondido perfeitamente, para meu alívio. Teria sido uma verdadeira vergonha ficar à deriva a apenas duas centenas de metros da margem, com as velas recolhidas e a tripulação do *Zaren Kibish* olhando para mim.

Passei carinhosamente a mão pelo painel de teca. O *Corinto* era um barco soberbo e não só havia me servido de refúgio, como também salvado minha vida. Mas precisava abandoná-lo para sempre.

Antes de pular para o cais, corri até a roldana de proa e puxei a ponta do cabo. Abri com um pontapé o compartimento das velas e mergulhei lá dentro com o cabo na mão. Cheirava a água salgada parada e a algas podres. O pessoal do *Zaren* não fora excessivamente cuidadoso ao recolher as velas do barco e as havia empilhado de qualquer jeito no compartimento. Por causa disso, fui obrigado a mergulhar no meio de um monte de tecido mal dobrado.

Indo até uma estante do fundo, encontrei o que buscava. Era a *spinker*, a enorme vela bojuda que se coloca na proa. Normalmente só se utiliza em mar aberto, e com o vento de popa, mas confiava que ninguém a bordo do cargueiro russo tivesse muitas noções de vela esportiva. Aquela *spinker* ainda tinha de me prestar um importante serviço.

Após enganchar fortemente uma ponta do cabo à argola superior da *spinker*, subi engatinhando até a coberta e acionei a roldana à mão. Com o familiar barulhinho do torno, a *spinker* foi subindo lentamente até o topo do mastro, inchando-se à medida que o suave vento do meio-dia tocava seu tecido. A enorme vela se abriu por completo com uma sonora ondulação, mas sem se retesar muito, pois eu havia tido a precaução de deixar as escotas inferiores soltas.

A descomunal vela pendia inerte ao longo de todo o barco, como uma espécie de cortina gigante. Qualquer navegante que houvesse visto o *Corinto* nesse momento se perguntaria que tipo de rato de água doce havia içado aquela vela daquele modo tão extravagante. Do modo como a estava colocando, uma rajada muito forte de vento não só a arrancaria, como também, possivelmente, levaria junto parte da mastreação. Tudo isso passava por minha cabeça enquanto ajustava os cabos febrilmente. Eu sabia, mas, ainda assim, não me importava. Aquela vela só precisaria aguentar

alguns minutos naquela posição, o suficiente para que Viktor e eu concluíssemos nosso plano. O último serviço que o *Corinto* me prestaria.

A ondulação da vela fazia o casco balançar e bater no cais. Cada vez que eu ouvia o rangido produzido pela fibra raspando e a madeira se estilhaçando, minha alma doía. Era um crime tratar dessa maneira um barco como o *Corinto*, mas eu não tinha tempo para colocar as defesas laterais.

Mergulhei no camarote e comecei a recolher febrilmente toda minha bagagem: a velha mochila de sobrevivência, com tudo o que tirei do soldado-cadáver (parece que se passou um milhão de anos desde aquilo), minha outra roupa de mergulho, que ainda estava balançando no cabide, e um dos arpões, com uma dúzia de virotes. Do resto dos arpões, nem sinal. Imagino que algum marinheiro ocioso do *Zaren Kibish* deve ter ficado com eles como souvenir. Tanto fazia.

Um familiar rosto bigodudo surgiu na portinhola do camarote. Comecei a passar a Viktor todas as coisas, e ele as foi apoiando no cais. Trabalhávamos febrilmente e em silêncio. Tínhamos de esvaziar tudo em menos de três ou quatro minutos, ou o pessoal do *Zaren Kibish* desconfiaria. A enorme vela cobria por completo o setor do cais onde estávamos apoiando nossas coisas e as idas e vindas de Viktor carregando fardos eram invisíveis do cargueiro. A única coisa que podiam ver era um veleiro encostado no cais, balançando pelo impulso da brisa.

Transpirávamos como animais de carga enquanto escondíamos toda nossa bagagem em um canto, longe dos olhos do *Zaren* pela *spinaker*. Finalmente, enquanto eu vestia o neoprene, Viktor tirou da parte de trás da van o torso de um manequim masculino em tamanho natural, gentileza de uma boutique do centro da cidade, e colocou nele uma aparatosa capa de chuva amarela, de tempestade, encaixando o gorro na cabeça como toque final.

Não haviam se passado nem três minutos desde o momento em que abri a vela até que colocamos o manequim, ainda escondido, na popa do *Corinto*. Enquanto Viktor se escondia de novo atrás da esquina, eu cortava o cabo de amarre que mantinha o *Corinto* unido ao cais.

Com um suave movimento, o iate começou a deslizar para a boca do porto. O timão estava travado nessa posição e manteria o rumo assim pelo menos durante alguns minutos. Mais que suficiente. Tentando não fazer barulho, pulei na faixa de água cada vez maior entre o *Corinto* e o cais. A água estava bastante fria, mas acho que naquele momento nem sequer percebi isso. Enquanto o casco deslizava colado a mim, dei duas profundas inspirações e mergulhei.

A sensação de mergulhar foi totalmente relaxante. Podia divisar a silhueta negra do *Corinto* se afastando, e um pouco mais longe, entre as revoltas águas do porto, adivinhava-se a mastodôntica linha de flutuação do *Zaren Kibish*.

Dando duas braçadas, fui nadando com suavidade rumo à margem, tentando não

fazer muitas borbulhas. A menos de dez metros da margem, comecei a ficar sem ar. Irritei-me comigo mesmo e dei mais dois impulsos. Finalmente, quase desmaiando, tirei a cabeça após a esquina do cais, bem onde havíamos amarrado a Zodiac russa quando tomamos terra a primeira vez. Víktor me esperava ali para me tirar da água. Quase sem fôlego, chegamos ao imenso galpão da Seguritsa. Pingando água, vi além da esquina o trecho de cais deserto, onde minutos antes estava o *Corinto*. No borda do cais, brilhando sob o sol do meio-dia, repousava a pasta Samsonite preta, motivo de tantos desvelos.

O *Corinto*, balançando como se estivesse sendo pilotado por um bêbado, afastava-se lentamente para mar aberto. Antes de abandonar o barco, eu havia esticado as escotas da maneira mais aparatosa possível, tentando chamar a atenção dos marinheiros do cargueiro. Mas temia tê-las retesado demais e que a vela rasgasse. Entretanto, não houve tempo para isso. O fogo de armas automáticas saiu da proa do *Zaren*, estilhaçando a cobertura do *Corinto* em mil lugares e explodindo a cabeça do manequim. Estilhaços de madeira e pedaços de fibra de carbono voaram por todos os lados, enquanto centenas de balas esburacavam o casco do veleiro. Um homem se ergueu na ponte de comando com um RPG-7 apoiado no ombro. O *Corinto* balançava à deriva a menos de duzentos metros da sua posição, de modo que era um tiro fácil.

Com um rugido, o projétil saiu disparado para o veleiro em meio a uma nuvem de fumaça e um brilho cegante. O impacto foi demolidor. Uma enorme coluna de fogo surgiu de repente pelas escotilhas do *Corinto*, enquanto uma lateral do casco se desintegrava em um milhão de fragmentos e deixava à vista um enorme buraco.

Enquanto milhares de litros de água se precipitavam para dentro do barco ferido, outro projétil acertou sua cobertura. Uma bomba de fogo e fumaça surgiu das entranhas do *Corinto*, agora transformado em uma fogueira rugiente, enquanto um pedaço de mastro descrevia uma pirueta no céu e caía de novo na água. Com um gorgorejo, o casco foi ao fundo, acompanhado de sonoros estalos e explosões.

Pritchenko e eu não ficamos para ver o espetáculo. Corremos pelo beco feito condenados, para a van que nos esperava ligada em arfante marcha lenta. Enquanto as últimas explosões do *Corinto* ecoavam no porto, Víktor acelerou suavemente e direcionou nosso veículo para a saída.

Na cabine da van, um gato laranja, gordo e satisfeito, balançava em uma rede de malha presa ao painel de trás, enquanto contemplava, satisfeito, seu dono e um pequeno bigodudo que dirigia encapetado.

Víktor e eu sorriamos. E não era estranho. Não apenas havíamos dançado com o diabo, como saíramos vivos. No vão entre os dois bancos, uma pasta Samsonite preta com lacre vermelho, igualzinha à deixada no cais, sacudia com cada buraco que encontrávamos no caminho para a cidade.

12 de abril

21h08

Estamos fodidos. Terrivelmente fodidos. Escrevo isto nos primeiros dez minutos livres que tive nas últimas horas. Estou esgotado, sujo e faminto, mas, pelo menos, ileso. Prit não teve tanta sorte. Ele, sim, está fodido de verdade. Perdemos nosso meio de transporte, estamos cercados, quase sem água nem alimentos e, para piorar, há horas que não sei onde está Lúculo. Que caralho!

Tudo ia muito bem. E esse foi justamente o problema. Confiamos demais. Baixamos a guarda. Começamos a agir como se fôssemos os heróis de um maldito filme de ação, e foi justamente isso que nos fodeu. A vida real, nessa situação que vivemos, é suja, desagradável, dura e, principalmente, terrivelmente perigosa. De modo que, brincando permanentemente com fogo, você se queima.

Queima. Caramba! Que ironia! De novo estou me adiantando aos acontecimentos.

Quando saímos das ruínas da área segura, estávamos eufóricos. Estávamos vivos, em bom estado, com um veículo repleto de provisões e armas, e, acima de tudo, sabíamos onde havia um helicóptero que podia nos tirar daquele buraco. Tudo parecia redondinho.

Prit dirigia como um possesso pelas ruas abandonadas de um subúrbio de Vigo. Pela janela, eu via passar uma série de casas e sobrados, a maioria delas fechada. Algumas tinham até tábuas pregadas cruzando a porta e as janelas de baixo. Aquela era uma área de casas de luxo, uma zona rica. Possivelmente foi um dos primeiros bairros a ser evacuado por completo, e o desalojamento deve ter sido organizado e sistemático. O fato de quase todas as casas estarem tão bem protegidas apontava nessa direção.

Todavia, após vários meses de abandono, a área começava a ter um aspecto realmente tétrico. As casas despontavam, meio escondidas, no meio do mato selvagem dos jardins, e as ervas daninhas cobriam completamente os sinais de trânsito. Uma rua particular, onde jazia de lado um incongruente triciclo vermelho abandonado, começava a ser devorada pouco a pouco pelas cercas vivas das laterais. Diante da ausência de presença humana, a natureza exigia seu lugar. Naquela área quase não se viam carros abandonados, visto que possivelmente os proprietários haviam fugido com eles para outro lugar, em uma tentativa inútil de escapar do inevitável.

Havia muitos não mortos por aquela região, dezenas deles. Sua distribuição pela cidade é errática e não parece obedecer a nenhum tipo de padrão. Há avenidas enormes onde não se vê nenhum desses seres, ou, no máximo, dois deles, e, inesperadamente, ao virar uma esquina, podemos encontrar outra rua com dezenas,

centenas deles vagabundeando ou contemplando o infinito, esperando que uma presa apareça. Não tenho nem ideia do que os motiva ou leva a ficar em um lugar ou outro. Para mim, são um mistério.

Aquele bairro era uma zona "quente". De cada rua, de cada jardim, saíam dezenas daqueles seres, alguns em aparente bom estado, outros terrivelmente mutilados ou desfigurados. Já me acostumei à sua presença, e nem o cheiro me incomoda mais. Na realidade, nem me repugnam. Sei o que são e eles sabem o que eu sou. Pronto.

Prit ziguezagueava com a van, desviando dos não mortos que cruzavam nosso caminho. Andava terrivelmente rápido, como sempre, e com cada giro os pneus cantavam, chacoalhando-nos lá dentro como ervilhas em uma lata. Os não mortos apareciam em grupos cada vez mais densos e Viktor era obrigado a fazer verdadeiras proezas ao volante para não os atropelar. Mas nossa velocidade era cada vez mais lenta e uma multidão cada vez mais abundante ia se somando à nossa perseguição. Aquilo não parecia nada bom.

Não sei de onde, caralho, saiu aquele sujeito, mas não nos deu tempo de desviar. Um homem de meia-idade, de uns cinquenta ou cinquenta e cinco anos, gordo, com uma camisa aberta até a cintura e um monte de correntes de ouro pendurado no pescoço, apareceu de repente no meio da rua. Metade do seu rosto era um monte de tiras sanguinolentas e a palidez cadavérica da sua pele demonstrava claramente que era um deles.

Um segundo antes, Prit havia acabado de dar uma guinada para evitar um grupo de não mortos aglomerado no meio da rua, de modo que era inevitável. Só conseguiu ver aquele indivíduo quando estava em cima de nós. Com uma forte trombada, o corpo daquele monstro bateu na frente da van e foi lançado para a lateral, totalmente desconjuntado, deixando um rastro de sangue podre no pára-brisa. Prit girou o volante feito louco, tentando recuperar o controle do veículo, mas a pesada van derrapava sem controle, arrastando vários desses seres pelo caminho, enquanto uma série de barulhos agoureiros saía do motor.

Dando um balão espetacular, o veículo parou, por fim, no meio da rua, soltando um intenso cheiro de borracha queimada. Por um instante, fez-se o silêncio. Expirei, sem perceber que estava prendendo a respiração até então. Mais uma vez me alegrei com a enorme habilidade do ucraniano ao volante. Ele evitou que nos arrebetássemos e conseguiu que a van não morresse, o que naquelas circunstâncias poderia ter sido absolutamente fatal.

O motor, todavia, soava como se estivesse desmontando, e um fino fio de vapor saía por uma junta deformada após o impacto. O radiador estava vazando, e acho que não pouco. Aquele motor estava com as horas contadas. De fato, era um milagre que ainda estivesse funcionando.

Engatando lentamente as marchas, Prit nos colocou de novo em movimento, dessa

vez mais devagar. Naquele momento, já não ríamos mais. Se o motor parasse naquela área cheia de seres e com todas as casas fechadas, estaríamos condenados a uma morte certa em questão de segundos.

Os vinte minutos seguintes foram intermináveis. A van, com os pneus do lado direito estourados, circulava lentamente pela rua, envolvida em uma nuvem de fumaça e com o ponteiro da temperatura no máximo. Logo fomos obrigados a reduzir a velocidade para uns miseráveis quinze quilômetros por hora, enquanto ouvíamos dezenas de mãos esmurrando as laterais da van.

Subitamente, a janela do meu lado explodiu em um milhão de fragmentos. Com certeza havia rachado com alguma pancada anterior, e um soco desses seres a pulverizou. Uma mulher jovem tentou entrar pela janela arreventada. Chegou a tocar meu rosto com as mãos, enquanto tentava me agarrar. Estava fria. Gelada, úmida e morta.

Voltei a ficar em pânico, quase como no início de todo esse pesadelo. Paralisado de terror, podia sentir seu corpo tentando entrar no veículo, enquanto Prit gritava frases histéricas em russo e Lúculo bufava dentro da rede, mostrando os dentes.

Só quando apoiou uma mão na minha coxa é que consegui me livrar. Peguei a AK-47 e bati com força a culatra na testa da mulher. Ao sentir a pancada, ela levantou a cabeça e vacilou por um segundo, olhando para mim com seus olhos mortos e injetados de sangue. Nesse instante, dei-lhe outra pancada no meio da cara, e a mulher escorregou de novo pela janela, incapaz de se segurar, com o rosto totalmente desfigurado.

Voltei-me para Prit, coberto de suor e completamente em choque. Um simples olhar me bastou para fazê-lo entender que ou saíamos imediatamente dali ou seríamos homens mortos em questão de minutos.

O vigoroso ucraniano assentiu com a cabeça e forçou um pouco mais o pobre motor, que respondeu com um ruído queixoso.

Uma vez mais, a sorte jogou a nosso favor. À apenas quinhentos metros de nós, meio escondida pelo mato, uma placa indicava o próximo acesso à marginal. Um pouco mais e estaríamos quase salvos.

Com um último esforço, Prit pegou o acesso. Ali, à medida que íamos tendo mais espaço, nosso veículo adquiria maior velocidade, mas emitindo impressionantes sons provenientes do motor avariado.

Finalmente estávamos na marginal. Relaxamos, aliviados. Não sabíamos que o pior estava para acontecer.

A estrada tinha um aspecto fantasmagórico, lunar. Lembrava-me de ter feito um milhão de vezes esse trajeto, cada vez que tinha de ir a Vigo, e sempre que atravessava esse trecho estava absolutamente congestionado. Mas agora estava vazia e desoladora.

Com a van fazendo um barulho ensurdecedor, rodamos à máxima velocidade que o motor nos permitia. A rua estava totalmente vazia, à exceção de um ou outro ônibus abandonado que encontrávamos nas posições mais absurdas. Alguns deles tinham restos de sangue em volta. Outros mostravam claros sinais de terem acertado algo ou alguém, mas, além de dois cadáveres apodrecendo ao sol, não vimos nem um único sinal de presença humana.

Eu imaginava a cena. Nos primeiros dias da epidemia, em algum momento, dezenas de não mortos haviam conseguido irromper cambaleando no meio da rua, enquanto os surpresos motoristas tentavam desviar deles a toda velocidade. Alguns não conseguiram evitar atropelá-los, sofrendo um acidente. Outros, sem saber qual era a verdadeira natureza daqueles seres, deviam ter parado para ajudar aquelas pessoas com jeito de estarem feridas.

Em ambos os casos, a sorte dos motoristas deve ter sido atroz. Caramba!

Depois de dois quilômetros, encontramos o primeiro acidente sério. Um 4x4, um Nissan, havia entrado na mureta de cimento divisória da estrada, destruindo-a por completo. Após o impacto, havia rebotado para o centro da estrada, onde havia colidido em dois ônibus e um pequeno caminhão. Agora, todos aqueles veículos estavam reduzidos a um enorme monte de plástico amassado ensanguentado e ferros atravessados no meio da rua, obstruindo completamente o caminho. Paramos, impressionados com a cena. Dos ferros amassados saía um cheiro fétido, nauseabundo. O cheiro de vários cadáveres se decompondo ao sol havia meses. Cheiro de morte.

Aquelas pessoas haviam sofrido um acidente brutal e ninguém as havia ajudado. Nem sequer foi possível retirar os cadáveres. Meu Deus!

Uma pequena passagem aberta à esquerda nos permitiu seguir nosso caminho. Enquanto Prit dirigia habilmente pela estreita estrada, deixando parte da pintura na tentativa, não pude evitar me perguntar se aquele caminho obedecia ao acaso ou se alguém, algum outro sobrevivente, havia passado por ali antes que nós, afastando os restos para abrir caminho. Quem sabe?

Depois de mais três ou quatro quilômetros, vimos os restos de outro acidente importante, dessa vez na faixa contrária. Era um enorme amontoado de veículos, ônibus, vans e caminhões, talvez mais de quarenta. Havia colidido em cadeia por excesso de velocidade, fugindo dessas coisas ou justamente por tentar se esquivar. A colisão deve ter sido brutal. Como demonstração da força do impacto, podíamos ver os restos de um pequeno Smart literalmente dobrado como um acordeão debaixo da cabine de um caminhão.

Os que não morreram com a colisão morreram pelo fogo que se seguiu. O calor havia sido tão intenso que víamos partes de asfalto derretidas. Era um espetáculo apavorante. De dentro de um dos veículos carbonizados, duas caveiras enegrecidas

contemplavam nossa passagem. Os restos carbonizados de vários corpos apareciam aqui e ali. Uma cena saída do inferno.

Aquilo não era uma estrada. Aquilo era uma ratoeira. Um ossário. Um cemitério.

Depois de dez quilômetros, vimos não mortos de novo, cambaleando pela rua. Eu disse a Prit que isso devia querer dizer que estávamos voltando para a área urbana, de modo que seria melhor ficarmos preparados. Como resposta, meu sisudo amigo mandou que eu pusesse o cinto de novo e pisou fundo no acelerador. Não foi uma boa ideia. Com uma estrondosa explosão, alguma coisa bateu com força no capo por dentro, causando um amassado considerável, enquanto uma densa fumaça preta começava a sair do motor. Meu coração quase saiu pela boca de susto.

Olhei inquisitivamente para o ucraniano, que parecia desolado. Uma biela, comentou lacônicamente, enquanto punha ponto morto. O motor *kaputt*, acrescentou, enquanto deixava que a moribunda van deslizesse lentamente ladeira abaixo em uma saída da estrada.

Não consegui ler o que dizia a placa. Não sei por onde, caralho, saímos. Pela primeira vez desde que tudo isso começou, eu me sentia totalmente desorientado.

Enquanto nos perguntávamos como, diabos, íamos nos arranjar sem veículo, a sorte, mais uma vez, nos favoreceu. A saída da estrada era inclinada o suficiente para descermos até o final. Após um interminável minuto, a saída desembocou em um parque industrial pequeno, de não mais de quinze ou vinte galpões. E ali, bem em frente a nós, como se nos esperasse havia um longo tempo, vimos uma enorme concessionária de automóveis coroada pelo familiar logotipo da estrela de três pontas dentro de um círculo.

Ele era do caralho. Voltei-me sorridente para Prit e perguntei se gostaria de dirigir uma Mercedes novinha. O sorriso resplandecente do ucraniano foi uma resposta mais que eloquente. Íamos nos dar muito bem.

A inércia nos deixou a menos de cento e cinquenta metros da concessionária. Podíamos divisar ao longe vários não mortos, mas o fato de ter percorrido o último quilômetro em ponto morto, sem fazer barulho, havia nos permitido passar despercebidos.

Saímos do furgão caindo aos pedaços, já exalando um intenso cheiro de queimado, e pegamos tudo o que podíamos carregar em uma viagem. Não podíamos arriscar a ficar indo e vindo constantemente, pois nossos passeios poderiam chamar uma atenção desnecessária. Coloquei a velha mochila do soldado nas costas, o arpão cruzado no peito e Lúculo bem seguro no colo, para evitar um de seus ataques de aventureiro. A última coisa que eu necessitava era ter de correr atrás do meu gato por um polígono desconhecido e cheio de monstros querendo me cravar os dentes.

Viktor, por sua vez, levava a AK, a pesada caixa de munição e parte dos víveres que havíamos saqueado do navio mercante russo em uma mão, e a maldita pasta na

outra. O resto, infelizmente, tivemos de abandonar.

Com toda essa carga tão pesada, o caminho até a concessionária parecia interminável, apesar de ser muito curto. Quando finalmente chegamos, arfantes, à sombra da enorme entrada, deixei-me cair exausto apoiado no vidro da gigantesca fachada, enquanto Viktor deslizava colado como uma enguia pela parede do edifício em busca de uma via de acesso.

Enquanto esperava, tomei um gole de água do cantil e comecei a revirar os bolsos da mochila. No fundo de um deles, terrivelmente amassado, encontrei um maço de Chester que eu recordava ter colocado ali quando saíra de minha casa. (Minha casa. Que, diabos, terá sido dela?) Agachando-me com satisfação, levei um dos cigarros à boca e o acendi com um isqueiro a gás. A primeira tragada depois de tanto tempo caiu como uma dose de heroína a um drogado. De repente, tudo voltava a me parecer mais simples.

Assustei-me com um barulho abafado de vidro quebrado. Levantei-me como um raio, com o sangue pulsando nas têmporas. Segurei o arpão com força, preparando-me para o que viesse.

Subitamente, ouvi a porta metálica às minhas costas se abrir. Voltei-me, aterrorizado, e encontrei a expressão divertida de Viktor, que havia entrado pela janelinha de um banheiro. Deus do céu!

Entrei na concessionária carregado como uma mula, com Lúculo brincando alegremente entre os meus pés, enquanto Viktor vigiava o lado de fora, expectante. Já do lado de dentro, fechou de novo a porta metálica e a trancou.

Prit e eu ficamos imóveis durante um longo minuto, tentando adivinhar se havia mais alguém ali dentro. Ou mais alguma coisa, corrigi mentalmente.

Devo reconhecer que fiquei boquiaberto. O interior estava escuro e fresco. Por algum estranho motivo, aquela concessionária havia sido respeitada pelos saqueadores e estava absolutamente intacta. Percebiam-se organizadas filas de veículos nas sombras. Sorri. Era hora de fazer compras.

Aquela penumbra era refrescante. Após um longo dia inteiro correndo daqui para lá, sentia meus músculos relaxarem pela primeira vez em horas. Meu dia havia começado na coberta do Zaren, com a boca negra de um cano de metralhadora apontado para mim, e, nesse momento, estava recostado em um sofá de couro ao lado da entrada da concessionária, com uma bituca nos lábios e pensando como seria maravilhoso ter uma cama de hotel onde poder dormir três dias seguidos.

E uma cerveja gelada. E dez garotas com lingerie sensual fazendo massagem em meus pés. Que maravilha! Levantei-me com um gemido, sentindo um milhão de alfinetes se cravando em todos os meus músculos. Nunca estive tão cansado em toda minha vida.

Começamos a percorrer todo aquele andar da concessionária, organizando uma

batida rápida. O resultado foi negativo. Todas as portas e janelas estavam fechadas, excetuando a janelinha do banheiro que Viktor havia arreventado para entrar. Era muito alta e muito estreita para que um desses seres entrasse por ela, mas preferimos ser precavidos e tomar precauções.

Colocamos, com esforço, um dos painéis de gesso cartonado do escritório encostado na parede onde estava o buraco. Não aguentaria uma pancada muito forte, mas cobriria a janela quebrada durante o pouco tempo que pretendíamos permanecer ali.

Exaustos, deixamo-nos cair em uma pequena sala anexa ao escritório do diretor da concessionária. Era um quartinho sem janelas, onde se empilhavam uma série de arquivos, um banheiro minúsculo com chuveiro e, surpreendentemente, uma cama dobrável. Enquanto eu me perguntava que, diabos, essa cama fazia ali, Prit fuçava por toda a sala como um perdigueiro. Inclinou-se ao lado da cama dobrável e pegou algo que estava embaixo dela. Com um sorriso sacana, voltou-se para mim e mostrou uma bela calcinha de renda cor de vinho bastante amassada.

Ora, ora. De modo que estávamos no abatedouro particular do dono da concessionária. Que sacana! De qualquer maneira, parecia que fazia tempo que aquele sujeito não se deitava ali para transar com a secretária. Com certeza, se ainda estava vivo, teria coisas mais importantes em que pensar.

Enquanto Prit revirava todas as gavetas com entusiasmo incontrolável, entrei no banheiro e contemplei-o com desejo. Por força do hábito, girei a torneira da pia. Para minha surpresa, começou a manar um jorro de água enferrujada acompanhado de borbotões produzidos pelo ar acumulado nos encanamentos.

Logo entendi. Aquela concessionária devia ter um poço de abastecimento próprio, além da conexão à rede pública, e por isso ainda tinha água corrente. Água corrente! Se tinha água, em algum lugar devia haver um aquecedor a gás ou um acumulador, ou algo do tipo... Voltei de novo ao quarto-abatedouro, onde Prit estava indolentemente deitado na cama, folheando um monte de revistas velhas. Deixei meu amigo confortavelmente instalado naquele quartinho e comecei a revirar o andar inteiro armado com uma lanterna.

Bem atrás do corredor que ligava a seção de escritórios com as oficinas, encontrei uma escada íngreme que se perdia na escuridão do subsolo. Com cautela, enchi-me de coragem e desci os degraus, apoiando as costas na parede e segurando o arpão armado na mão que a lanterna me deixava livre. Aquele porão estava frio e seco e tinha jeito de ser um antigo fosso de manutenção profundamente modificado.

Ao fundo, entre um festival de teias de aranha e caixas de folhetos velhos, eu podia ver um enorme e moderno aquecedor de água Junkers ligado a um cilindro laranja de gás butano. Após me certificar de que o porão era completamente seguro, fui até o fundo. Chacoalhei o cilindro. Estava vazio, evidentemente. A chama piloto, acesa durante semanas, devia ter consumido os restos de gás que ficaram no cilindro.

Decepcionado, voltei-me na escuridão, disposto a abandonar o porão. Ao dar um passo, uma forte pancada no joelho me fez ver estrelas. Iluminei com a lanterna o que havia me acertado. Era uma grande gaiola com meia dúzia de cilindros ainda selados. Do caralho!

Afastando as teias de aranha, coloquei um dos cilindros cheios no lugar do vazio e acionei o sistema. Uma chama azul, hesitante, surgiu. Dei um grito de alegria. Havia água quente.

Voltei como um raio ao andar superior. Prit saía nesse instante do escritório com um enorme molho de chaves de Mercedes em uma caixa de papelão. Risonho, acompanhei-o ao *show-room*, onde esperavam dezenas de veículos perfeitamente estacionados, prontos para sair pela porta.

Começamos a procurar nosso novo veículo, com calma. Tive uma pequena discussão com Prit, que não ouvia a voz da razão, cismado com um lindíssimo CLK cabriole vermelho-fogo, que, segundo ele, era um verdadeiro foguete, ideal para fugir a toda velocidade. Finalmente, consegui fazê-lo ver que aquele conversível, embora muito rápido, não era a opção mais inteligente para circular por estradas infestadas de não mortos.

Pragmático, escolhi um enorme Mercedes GL, o maior 4x4 da marca alemã, com marcha redutora e duas centenas de cavalos de potência. Aquele enorme veículo nos permitiria vencer um acidente que bloqueasse a estrada. Além do mais, oferecia bem mais garantias que o estilizado esportivo se fosse necessário "empurrar" algum não morto.

Prit aceitou meus argumentos, resmungando e lançando um olhar de desejo para o conversível. Pusemos as mãos na massa: trocamos a bateria do 4x4 por uma novinha que tiramos do depósito. A seguir, pusemos nossas coisas lá dentro, incluindo, por precaução, um cada vez mais inquieto Lúculo. Subitamente, um forte ruído nos fez dar um pulo. Atirei-me no chão, procurando o arpão, enquanto o ucraniano engatilhava ruidosamente a AK. Procuramos com o olhar a origem do som. A menos de metro e meio de nós, batendo monotonamente no vidro blindado da vitrine, dois não mortos nos contemplavam com olhos vazios, rugindo de raiva a cada golpe.

Era um espetáculo macabro. Desde que havia liquidado meu pobre vizinho, não tivera oportunidade de ver de perto um desses monstros com calma, sem ter de correr ou lutar por minha vida. Aproximei-me do vidro com cautela, até que fiquei a um palmo deles. Aquilo parecia deixá-los absolutamente loucos. Eles me desejavam. Desejavam minha vida. Meu sangue. Malditos, filhos da mãe!

Subitamente, percebi algo. Meu vizinho, um não morto recém-transformado, apresentava lividez cadavérica, milhares de veias radiais arrebentadas e desenhadas sobre a pele, olhos injetados de sangue e comportamento ausente e homicida. Para meu desespero, os dois sujeitos de fora, embora um pouco mais judiados por conta

de pancadas, cortes e arranhões, tinham exatamente o mesmo aspecto.

Se fossem simplesmente cadáveres normais, pela lógica, o passar do tempo teria deixado sua marca neles. Mas não se viam rastros de putrefação por parte alguma. Nem *rigor mortis*, nem decomposição. Nada de nada. Era assombroso. Estavam mortos, disso não havia a menor dúvida (o terrível rasgo no pescoço de um daqueles seres não dava margem a dúvidas), mas algo, de algum modo, insuflava neles ânimo de vida suficiente para continuar se movimentando e espreitando.

Apenas algumas manchas endurecidas de sangue seco e o aspecto andrajoso de suas roupas, após meses ao ar livre, indicavam que estavam nesse estado fazia tempo. De resto, eu tinha certeza de que sua aparência física não havia mudado nada desde que haviam tido a desgraça de ser atacados.

Aquilo trazia uma implicação inquietante. Ao longo das últimas semanas, eu havia abrigado a esperança de que o passar dos dias fosse degradando progressivamente aqueles corpos ou que, de algum modo, fossem "morrendo".

Todavia, nada disso acontece. Esses seres parecem não ser afetados pelo passar do tempo. Não sei o que pensar. Pode ser que durem muitos meses ainda, inclusive anos. Ou pode ser que sejam eternos. Como, caralho, vou saber? Não sou cientista, não tenho dados sobre sua natureza ou organismo. Só sei que estão em um ponto intermediário entre a vida e a morte e que, se não quiser acabar como eles, preciso correr permanentemente, para evitar que me peguem.

Um sabor amargo subiu pela minha garganta. Estávamos realmente fodidos, como espécie, como raça, como planeta. Descarreguei um soco de raiva no vidro, bem na cara de um daqueles monstros, que nem se alterou. São impassíveis, esses filhos da puta.

Víktor me contemplava em silêncio, adivinhando meus pensamentos. Por fim, veio até mim e tentou me reconfortar, explicando que quando chegássemos ao helicóptero poderíamos voar até qualquer lugar aonde esses bichos não houvessem chegado.

Balancei a cabeça com amargura. Aquilo eram apenas palavras. Ainda teríamos de lutar muito para que eu pudesse me sentir totalmente a salvo.

Deixamos o 4x4 estacionado bem em frente ao portão de saída. Enquanto Víktor checava a pressão dos pneus, fui até o banheiro e, pela primeira vez em muitas, muitas semanas, desfrutei de um chuveiro de água quente.

Era maravilhoso. O jorro de água batia em minhas costas e minha cabeça como um milhão de alfinetes, enquanto nuvens de vapor se formavam no banheiro, enroscando-se em meu corpo. Fiquei imóvel embaixo do chuveiro durante quase vinte minutos, deleitando-me com aquela sensação maravilhosa e me perguntando onde e quando poderia desfrutar do banho seguinte. Finalmente, com uma tesoura e uma lâmina de barbear nova que encontrei em uma *nécessaire*, fiz a barba de vagabundo que exibia havia semanas. Aquilo que na vida anterior ao Apocalipse era

algo comum havia se transformado em um verdadeiro luxo. Até esse ponto as coisas se haviam complicado.

Saí do chuveiro. Encontrei Víktor atarefado no antigo escritório do diretor. Havia esvaziado a mesa completamente e colocado a Samsonite preta nela. Pegara uma tonelada de ferramentas da oficina, incluindo uma lixadeira manual de bateria autônoma e um maçarico. O ucraniano parecia decidido a abrir a bendita pasta por bem ou por mal.

Com o cabelo ainda úmido, eu disse a ele, brincando, que se encontrasse cigarros dentro da pasta teria de dividir comigo, a não ser que quisesse aparecer morto na manhã seguinte. Prit riu e, jogando um pedaço do lacre vermelho da pasta em mim, disse para eu fazer alguma coisa útil e procurar gasolina para o 4x4.

Afastei-me do escritório, ouvindo o ucraniano cantarolar em russo, sua voz abafada pelo agudo barulho da lixadeira.

Levei dez minutos para encontrar um galão de gasolina e mais cinco para achar um tubo de borracha para encher o tanque. Enquanto o enchia até a boca, fiz umas carícias em Lúculo, que cada vez que me perde de vista parece enlouquecer. Acho que tem medo de que eu vá embora sem ele. Meu pobre gato...

Estava limpando as mãos com um pano quando uma violenta explosão sacudiu toda a concessionária. Um enorme clarão branco saiu do escritório onde estava Pritchenko, com uma nuvem de fumaça e um intenso cheiro de queimado. Por um instante, meus ouvidos apitaram por conta da explosão. Depois de uns segundos, ouvi. Eram gritos de dor. De Víktor.

Entrei voando no escritório. Víktor jazia no chão, com as mãos terrivelmente queimadas e diversas feridas no peito e no rosto. O ucraniano se retorcia de dor e uivava como um lobo ferido. Agachei-me junto a ele e dei uma olhada. As feridas no rosto e no peito pareciam superficiais, mas as mãos tinham uma aparência impressionante. Estavam absolutamente queimadas, e só pude distinguir três dedos na mão esquerda. A mão direita não estava muito melhor. Era uma carnificina. Ele sangrava abundantemente por elas. Dos ouvidos dele também corriam dois fiozinhos de sangue.

Fui até a mesa procurando algo para estancar a hemorragia. Foi quando meu olhar pousou na pasta Samsonite. Ou melhor, em seus restos. Aquela maldita pasta devia conter algum dispositivo pirotécnico instalado para evitar que pessoas não autorizadas a abrissem. Aquele dispositivo havia explodido quando Víktor tentara forçar a pasta, e só o acaso havia evitado que o ucraniano voasse pelos ares.

Contemplei-o, absolutamente impotente, enquanto os gritos de dor de Pritchenko ressoavam em meus ouvidos. Seja o que for que a Samsonite preta continha, ardia com furor em cima daquela mesa, transformando rapidamente seu valioso e desconhecido conteúdo em um monte de cinzas.

13 de abril

18h37

Estou assustado. Estou terrivelmente assustado, mais que em nenhum outro momento de toda esta merda. Prit está ferido e não sei o que fazer. Suas mãos têm uma aparência bastante ruim e a única coisa que tenho são alguns analgésicos suaves, dois antibióticos e alguns cremes contra queimadura solar.

Levantei-o a duras penas e levei-o ao banheiro. Lavei como pude suas mãos e antebraços. Estão destruídos. A mão direita está em carne viva, totalmente queimada. Não sei muito de medicina, mas parecem queimaduras de segundo grau. Na mão esquerda o dano é ainda pior. Faltam os dedos mínimo e anular, e os ossinhos do dedo médio estão à vista. Além disso, ele tem um profundo corte na palma da mão que não para de sangrar. Caramba! Revirando no armário de primeiros socorros da concessionária, encontrei um pacote de gazes estéreis e um gel para queimaduras. Untei sua mão direita com o creme e coloquei um monte de bandagens nas duas mãos para que parassem de sangrar, mas é uma solução bem meia-boca.

Preciso fazer alguma coisa, e rápido. A pequena explosão da pasta deve ter sido ouvida a centenas de metros de distância, e daqui a pouco todos os não mortos dos arredores vão nos fazer uma visita. De fato, já posso ouvir os gemidos de muitos deles lá fora.

Acabo de acomodar Prit no 4x4, em meio a uivos de dor. Já há dezenas de não mortos amontoados em volta da concessionária. Terei apenas alguns segundos para abrir o portão e entrar de novo no 4x4 antes que esses seres me vejam e se joguem sobre mim. Não terei tempo de fechar de novo o portão, de modo que é inevitável que esses monstros invadam a concessionária. Um refúgio a menos.

Preciso de bandagens, analgésicos e, principalmente, antibióticos. O ideal seria um médico que tratasse das feridas de Viktor, mas não acho que seja fácil encontrar algum por aqui. Merda! Caramba! Preciso de todas essas coisas o quanto antes.

O Hospital Xeral deve ficar a poucos quilômetros. Evidentemente, não creio que haja ninguém lá, mas, pelo menos, espero poder encontrar os medicamentos de que preciso.

Prefiro não pensar no que me posso encontrar pelo caminho.

Não tenho alternativa. Vou ligar o alarme de um dos carros esportivos no outro lado da concessionária. Espero que isso deixe a porta limpa o suficiente para que possamos sair. Viktor está perdendo sangue demais e não vai aguentar muito mais essa dor. Tenho de chegar a esse maldito hospital de qualquer jeito.

Que Deus nos ampare.

Sou um imbecil. Deixei Prit sofrendo de dor durante mais de uma hora e não lembrei que no fundo da mochila do soldado havia vários frascos de morfina injetável. São muito fáceis de usar. E uma caixinha de papelão duro, com a águia do Exército de Terra Espanhol estampada de um lado e uma cruz vermelha no fundo branco do outro. Além disso, está escrito MORFINA em letras bem grandes em uma lateral. Até um retardado poderia saber o que é. Mas eu, como um estúpido, havia me esquecido completamente da sua existência até que, ao pegar uma curva a alta velocidade, a mochila, com um som seco, saiu disparada para um lado e bateu em uma das janelas. Mas, uma vez mais, estou me atropelando ao tentar contar as coisas.

A saída da concessionária foi rápida. Talvez a melhor notícia em horas, dadas as terríveis circunstâncias. Assim que liguei um dos alarmes dos carros, para provocar um foco de distração, a maior parte da massa ululante que estava do lado de fora se deslocou até o canto oposto do edifício, atraída pelo intenso barulho. Eu sabia que isso convocaria irremediavelmente muitos mais desses seres, mas era um preço que estava disposto a pagar. Afinal de contas, nós estávamos indo embora dali, e voando.

Fui até o enorme portão metálico e abri as travas laterais da porta. A seguir, pressionei o chamativo botão vermelho de abertura que estava fixado na parede. Evidentemente, não aconteceu nada, já que não havia eletricidade. A pressão e o estresse estavam aprontando comigo. Praguejando, passei os olhos por todo o portão, procurando algum sistema manual de abertura. Sim. Ali estava. Uma pequena alavanca sobre o enganche do cabo da porta.

Ao acioná-la, ouviu-se um suave "clanc". A seguir, o sistema de contrapesos da porta entrou em funcionamento e o enorme portão se dobrou sobre si mesmo mais rápido do que eu teria suspeitado. Assim que começou a se mover, corri como um possesso para o 4x4, que me esperava com o motor ligado em marcha lenta. Quando entrei no veículo, percebi que, se houvéssemos precisado fechar o portão, não teria sido nada fácil. No modo manual, sem eletricidade, a única maneira de baixá-lo era enganchando uma haste na argola situada no teto, e eu não tinha nem ideia de onde, diabos, podia estar esse instrumento. Por outro lado, tanto fazia.

Com uma acelerada, o GL deu um pulo para a frente e saímos da concessionária envolvidos em um tênue aroma de pneu queimado. Acho que, ao sair, esbarrei em dois desses seres (tenho a imagem de uma mulher de meia-idade, com um colar de pérolas e o cabelo penteado batendo no pára-lama traseiro do 4x4), mas, de resto, o caminho até o acesso da rodovia foi relativamente fácil. Ao passar ao lado da van caindo aos pedaços que havia nos levado até ali, observei que estava cercada de pelo menos uma dúzia desses não mortos, alguns dos quais, inclusive, haviam conseguido entrar nela.

O que os atraía nesse veículo abandonado? Talvez ainda sentissem restos de nossa recente presença ali. Rastros de cheiro, de calor, talvez? Quem sabe? A única certeza é que esses seres parecem ter muitas das qualidades "humanas" atrofiadas ou diminuídas, mas, em compensação, parecem ter desenvolvido outro tipo de sensibilidades mais sutis. E mais perigosas para nós.

Só depois de dois quilômetros percebi que aquele GL tinha uma pequena tela no painel. Demorei um pouco para perceber que aquilo era um GPS. Lógico, em um veículo dessa categoria. Enquanto o ligava, rezei para que ainda funcionasse.

A tela se iluminou com umas piscadas azuis, enquanto se conectava aos satélites situados em órbita geossíncrona. Suspirei aliviado. A sociedade havia desmoronado e os não mortos haviam tomado o mundo civilizado, mas aqueles satélites continuavam seu caminho silencioso e imperturbável na solidão do espaço, indiferentes ao caos que se desatava a milhares de quilômetros deles. Ainda funcionavam, evidentemente, e imagino que continuariam funcionando por um tempo bastante longo, até que a falta de controle em terra ou qualquer outro incidente os inutilizasse para sempre.

Era um modelo caro, *touch screen*. Procurei apressadamente no menu do programa o endereço do hospital mais próximo, sem tirar os olhos da rua. De vez em quando, era obrigado a dar umas guinadas para evitar algum não morto ou os restos de um ou outro veículo, mas, em geral, o caminho estava bastante livre.

Com um apito, o GPS indicou que o centro médico mais próximo era o Hospital Meixoeiro, enquanto traçava a rota mais curta.

Fantástico. Isso evitava que eu tivesse de entrar de novo naquele cadáver pútrido que era a cidade de Vigo.

Distraído com a tela, quase não o vi. De repente, surgindo em frente a mim, um enorme amontoado de mais de quinze veículos batidos. Fui obrigado a dar uma forte freada e virei desesperadamente o volante para a direita, tentando evitar o inevitável. Com uma sonora cantada de pneus, o GL derrapou dois metros de lado e ficou, por fim, a menos de cinquenta centímetros do primeiro veículo sinistrado, com os quatro pisca-piscas acesos, transmitindo um sonoro "clic-clic". De resto, silêncio absoluto.

Sequei o suor, em choque. Não fosse por todo o equipamento de segurança daquele 4x4 - assistência a freamento e demais maravilhas técnicas -, eu teria entrado direto, inevitavelmente, naquela muralha de ferros retorcidos, e a história teria terminado aí. Estremeci de terror. Vivemos permanentemente no fio da navalha e não temos consciência disso. Não há polícia, exército, médicos nem ninguém que cuide de nós se acontecer alguma coisa, o que for.

Estamos fodidos.

Estamos sozinhos.

Sozinhos.

Engatando a primeira, acelerei para uma lateral da via e saí da pista. Derrubei o fraco alambrado que determina o limite externo da estrada (que, em tempos normais, impedia o acesso de animais a ela) e comecei a percorrer uma trilha no meio do mato.

Depois de dez minutos de violentas sacudidas por chácaras abandonadas e trilhas cobertas de mato, parei embaixo de umas árvores. Era uma área fresca, resguardada e, principalmente, discreta. Não se via nem uma alma, humana ou não, em centenas de metros.

Um velho tanque abandonado, coberto de mato, jazia semidestruído ao lado do 4x4. De um cano brotava um jorro de água fresca. Desci do carro e mergulhei as mãos na água. Estava fresca, quase fria em contraste com o calor sufocante da tarde. Era deliciosa. Bebi como um camelo daquele jorro e molhei com o cantil os lábios secos de Prit, que, semi-inconsciente, não quis ou não pôde beber.

Toquei sua testa. Estava pelando. Ou estava sofrendo um choque pós-traumático, ou as feridas estavam começando a infeccionar. Fosse o que fosse, ele precisava de antibióticos, imediatamente. Injetei-lhe um frasco de morfina para acalmar a dor e entrei de novo no carro, abandonando aquele breve momento de paz.

Partimos no meio de uma enorme nuvem de pó. Ainda faltava muito caminho a percorrer.

Uns trinta minutos depois, tivemos de cruzar um pequeno riacho. Não era muito profundo, mas o Mercedes, embora luxuoso, não está adaptado para atravessar correntes de água. Não pude evitar que entrasse um pouco de água pelas juntas das portas e as saídas de ventilação, de modo que nos molhamos um pouco. Não importa. íamos nos molhar de qualquer maneira.

O céu estava se fechando. Umas nuvens pretas de tempestade passaram a tarde toda se acumulando sobre essa área. É normal. Após tantos dias consecutivos de calor, era só questão de tempo até que desabasse uma boa tempestade, e receio que essa será das grandes. Lúculo está terrivelmente inquieto, algo que só acontece quando uma tempestade das boas se avizinha. Agora entendo sua inquietude na concessionária.

A verdade é que o ambiente está carregado de eletricidade. Faz um calor abafado, não há uma única brisa no ar e o céu está cada vez mais escuro. Faz muito tempo que não vejo cães vivos, mas, com certeza, se houvesse algum nas imediações, estaria uivando como um louco. O ar parece estranhamente mais denso e tenho certeza de que os sons soam como amortecidos. E como estar em um filme de terror. É assustador. Enquanto dirigia a toda a velocidade que me parecia prudente, sentia os pelos do meu braço se arrepiarem. Precisava chegar rápido a esse hospital ou encontrar algum lugar onde me abrigar.

Saímos de novo em uma estrada secundária a apenas quatro ou cinco quilômetros do

hospital, segundo o GPS. O veículo, coberto de barro, patinou um pouco no mato do acostamento, mas finalmente a tração nos permitiu entrar na rua deserta. Parei um momento para observar Prit. Continuava semi-inconsciente por efeito da morfina, em um estado preocupante. Dei uma olhada dos dois lados da rua. Não se via nem uma alma, nem um maldito ser vivo. Alguns tufo de mato verde mostravam timidamente a cabeça pelas fendas do asfalto. Fazia meses que ninguém passava por aquela estradinha secundária. Em questão de poucos meses mais, seria completamente devorada pelo mato.

Engatei primeira e comecei a rodar para o hospital. Depois de uns minutos de estrada, rendi-me à evidência e acendi as luzes. Embora fossem seis da tarde, a escuridão era quase absoluta. Não podia distinguir além de uns trinta ou quarenta metros. A tempestade se aproximava.

Já se ouviam alguns trovões distantes, que faziam tremer as janelas do 4x4. Aquilo estava prestes a começar.

Reconheço que estava angustiado e que aquela atmosfera me deixava sugestionável, mas o susto que levei quinhentos metros adiante quase me provocou um infarto. Desviando de um eucalipto caído no meio da rua, os faróis do carro iluminaram repentinamente uma caveira sorridente, enrolada em um monte de farrapos, jogada no asfalto. Freei de repente, quase em cima dela, e, de fato, pude ouvir perfeitamente um "crac" embaixo das rodas da frente.

Parei o 4x4. Passei as mãos no rosto, suando. Estava começando a ventar. Eu ouvia o assovio por entre as árvores; as primeiras rajadas da tempestade. Percebia algo enorme bem em frente ao veículo, mas na negrura do entardecer não via exatamente o que era. Aquele lugar tinha algo em particular, algo tenebroso.

Engatilhei a AK, dolorosamente consciente do pouco que sabia do manejo de armas de fogo, e desci do 4x4, cujo motor ronronante era o único som da tarde/noite com o rugido do vento. Deixei o carro para trás e comecei a andar cautelosamente no espaço iluminado pelos dois faróis. Via minha sombra se projetando à minha frente à medida que me aproximava da figura negra que havia ao fundo.

Segurei a AK com força. Minhas mãos suavam e meu coração batia violentamente. Aquela massa informe ocupava quase metade da rua, mas eu ainda não conseguia ver o que era. O vento quente me envolvia como uma manta. De repente, o cheiro. Meu Deus!

Empilhadas à minha frente, dezenas, talvez centenas de cadáveres putrefatos se decompunham lentamente à mercê das inclemências do tempo e dos bichos. Apoiei-me no cano da AK para não cair no chão. Oh, Jesus. Minhas pernas bambearam. Tive de me sentar, incapaz de desviar o olhar do espaço tenuemente iluminado pelos faróis.

A figura que eu havia vislumbrado nas sombras eram uns enormes pilares de

cimento reforçado e uma espécie de contêiner metálico, parecido com escritórios móveis de canteiros de obras. O arame farpado deitado em frente a eles indicava que eu estava diante de um antigo *check-point* abandonado.

Todos os cadáveres apresentavam impactos de bala. O chão do *check-point*, até onde a vista alcançava, estava coberto de reluzentes cartuchos de cobre. Aquilo era um gigantesco ossário, que recordava as imagens de Ruanda em seus dias de guerra. Não era difícil adivinhar o que havia acontecido ali. Um *check-point* do exército, em um lugar evidente, a caminho de um ponto sensível, o hospital. De repente, dezenas, centenas de não mortos convergem pela estrada atraídos pela presença humana. Os defensores do controle enfrentam-nos desesperadamente, eliminando a tiros a centenas desses seres, enquanto pedem reforços urgentemente. Depois...

O depois era evidente. Os restos de sangue seco projetados nas paredes do contêiner e dois fuzis de assalto jogados no chão diziam tudo o que eu precisava saber sobre a sorte que haviam tido os defensores do *check-point*. Os não mortos haviam passado por ali. Como em Pontevedra. Como em Vigo. Como em todos os lugares.

Voltei ao 4x4 sentindo umas lágrimas incontroláveis escorrendo por meu rosto. Enquanto entrava no carro, um raio iluminou lugubrememente a cena. Depois de alguns segundos, o veículo esmagava centenas de ossos podres com um som indescritível ao subir naquela massa. Cruzamos o *check-point* sem olhar para trás. Precisávamos seguir em frente.

13 de abril (II)

O relâmpago foi tão espetacular que por alguns segundos tingiu de um azul malsão todo o horizonte. A seguir, um trovão terrível, descomunal, fez vibrar as janelas do 4x4 com um som áspero e profundo que se prolongou pelo menos por sete ou oito segundos. A partir daquele momento, os relâmpagos e os trovões se sucediam com uma cadência constante, um a cada minuto e meio, aproximadamente. Ainda não havia começado a chover, mas o ar já trazia um intenso aroma de ozônio. Ia cair uma tromba-d'água das boas.

Um bando de corvos e gaivotas, gordos e reluzentes, alçou voo assustado pelo rugido do motor do GL. Com os meses, aprendi a discriminar as imagens que me assaltam e a não contemplar aquelas que me parecem mais desagradáveis (muitas, infelizmente). Mas não pude evitar ver o que as aves de rapina estavam devorando até um momento antes. Outra pilha de corpos sem vida. A imagem do cadáver semiputrefato de uma criança de não mais de três anos, com as órbitas oculares vazias e as faces bicadas foi como um soco no estômago. Senti-me terrivelmente nauseado. Toda essa merda está me deixando cada vez mais duro, não posso negar, mas ainda tenho sentimentos e sensibilidade suficientes para me sentir enlouquecer às vezes.

A estrada secundária desembocava bruscamente em uma via muito mais larga e mais cuidada, a pouco mais de um quilômetro do hospital, segundo o GPS. Ficava ao lado do que parecia uma pequena loja de móveis, ou algo do tipo. O entorno era bosque, uma densa massa de eucaliptos e pinheiros que se sacudiam violentamente, açoitados pelo vendaval. A rua, abandonada havia meses, estava coberta de galhos, cascas de árvore e um ou outro monte de cadáveres putrefatos. Os não mortos haviam passado por ali em manada, mas a resistência deve ter sido dura. Tinha a sensação de estar me aproximando do cenário de uma catástrofe. Começava a sentir vertigem.

Das sombras do edifício dos móveis saiu meia dúzia de figuras cam-baleantes, que se dirigiram para o GL. Não podia ficar ali por mais tempo. Levei o veículo até a rua principal e fui me aproximando lentamente do hospital, desviando cautelosamente dos galhos caídos na calçada e de um ou outro transeunte inoportuno que tentava inutilmente arranhar o carro.

De repente, algo me chamou poderosamente a atenção. Dois não mortos que vagavam pela rua vestiam os restos andrajosos do que pareciam camisolas de hospital. Estremeci de terror. Se o Meixoeiro estava infestado de não mortos, estávamos realmente fodidos.

A última curva da estrada conduzia ao topo de um pequeno morro, de onde se podia

contemplar o hospital. Quando cheguei ali, freei e, muito a contragosto, parei por um momento. Prendi a respiração. Caramba!

O Hospital Meixoeiro é uma imensa e moderna construção de aço, vidro e cimento, pertencente ao Sistema Público de Saúde. Um edifício gigantesco, labiríntico, construído em diversas fases e com quilômetros de corredores e salas. Era um dos hospitais de referência da Galícia e possuía os melhores e mais modernos recursos humanos e técnicos, o máximo que a hiperavançada sociedade do século XXI podia proporcionar. Milhares de pessoas, entre pacientes e funcionários, iam diariamente às suas instalações. Um verdadeiro templo à ciência, ao orgulho e à saúde do homem. Algo digno de ver.

Agora, no entanto, parecia um lugar surgido de um pesadelo. Todas as janelas orientadas para o norte pareciam ter voado aos pedaços por algum motivo desconhecido. Pelos vãos escuros de algumas janelas quebradas saíam tiras de cortinas rasgadas e desbotadas, balançando com as rajadas de vento. Uma fossa séptica devia ter estourado fazia tempo no quarto andar, e um limo preto, seco e malcheiroso cobria um setor da fachada.

Entretanto, o que realmente deixava o panorama aterrador era a total ausência de luz, som e movimento. O imenso edifício erguia-se como um monólito, negro, escuro, vazio de vida. Todas as janelas estavam absolutamente às escuras e o túnel de acesso ao pronto-socorro, coberto de sombras, parecia a entrada de uma mina profunda.

Em volta do edifício podia ver o que pareciam restos de uma atividade frenética e apressada. Dezenas de carros particulares, carros-patrulha da Polícia Municipal e da Guarda Civil, e ambulâncias abandonadas de qualquer jeito, muitas delas com as portas escancaradas. E, o que é pior, algumas delas cobertas por uma crosta enferrujada que só podia ser sangue seco. Macas e material médico imprestável abandonados aqui e ali, como se em um momento de lotação houvessem tido de improvisar um hospital de campanha na esplanada em frente ao edifício.

Um ônibus urbano, com as janelas cobertas de sangue seco, jazia estacionado de qualquer jeito em cima de um canteiro de grama, como se um motorista bêbado o houvesse deixado ali. Nas portas da parte traseira do ônibus via-se perfeitamente desenhado com sangue o contorno de várias palmas de mãos. Só Deus sabe a história que aquele veículo poderia contar, se falasse.

Uma fila dupla de sacos de terra e barreiras de concreto armado cobria todo o perímetro e em alguns lugares viam-se áreas especialmente reforçadas, onde imaginei que em algum momento deviam ter sido pontos de controle. Como no caminho, como em todos os lugares por vários quilômetros, havia restos de cartuchos de bala e cadáveres putrefatos por todo lado. Todavia, de modo surpreendente, em volta do hospital havia muito menos do que se poderia esperar.

Era curioso.

Não tardei a me corrigir mentalmente. Quando a enorme massa de não mortos chegou ali, os defensores já deviam ter sido dizimados, esgotados, quase sem munição. Para as criaturas, deve ter sido fácil vencê-los. Depois, a carnificina.

Senti na boca o sabor amargo da bile. Imaginei um hospital lotado de pessoas feridas, refugiados, equipes médicas, mulheres, crianças... e, de repente, dezenas, centenas dessas coisas irrompendo por todos os lados. Oh, Cristo bendito.

Aquele lugar estava cheio de dor, morte e desespero. Aquele edifício escuro e silencioso que se erguia diante de nós era uma enorme tumba... Ou algo pior.

No entanto, não tínhamos outro remédio senão entrar. Prit precisava do material médico que houvesse ali dentro. Não tínhamos mais opções.

Deixei que o 4x4 rodasse em silêncio até praticamente a entrada do túnel de acesso ao pronto-socorro. Suado, olhei em todas as direções. Estava hesitante. Por um lado, se eu entrasse sozinho, iria muito mais rápido e, em caso de problemas, me defenderia muito melhor. Por outro lado, não me atrevia a deixar Prit em estado semi-inconsciente e sozinho, abandonado naquele estacionamento, à mercê dessas coisas, enquanto eu percorria as entranhas daquele edifício.

E, além disso, havia Lúculo. Caramba!

Um enorme trovão, que soou como um gigantesco *Kabooooooooom*, assustou-me de repente, arrancando-me dos meus pensamentos. O tempo corria. Uma gota enorme bateu com a força de uma bala no pára-brisa, salpicando em mil direções. E, a seguir, outra, e mais outra, em rápida sucessão. Estava começando o dilúvio.

Chegava a tempestade.

As gotas soltas se transformaram, pouco a pouco, em um verdadeiro dilúvio. Logo o som dos trovões foi abafado pelo rugido produzido por milhões de gotas batendo no chão. Calculei, a olho, que não devia estar a mais de vinte metros do túnel de entrada do pronto-socorro. Não podia ir além com o 4x4. Enormes cubos de concreto armado cruzados na calçada e um monte de sacos de terra impediam a passagem de veículos. Uma guarita coberta a uns três metros à minha esquerda devia ter servido de refúgio para o guarda que em outros tempos teria de ter me recepcionado, mas agora não havia nem uma alma à vista. Aquele cenário deserto, iluminado pelos relâmpagos, era de arrepiar.

Coloquei a mochila nas costas e apertei bem as alças. Com Prit e Lúculo não ia ter muita mobilidade, de modo que o melhor era tomar precauções e evitar que uma má distribuição do peso mandasse todos para o chão bem diante do nariz de um grupo de não mortos.

Tirei Lúculo da gaiolinha de transporte e aconcheguei-o em meus braços um pouco, antes de sair. Meu pequeno amigo peludo ronronava satisfeito, contemplando a chuva caindo do lado de fora enquanto ele estava ali, confortável, seco e quentinho,

em cima dos meus joelhos. Cocei atrás das orelhas dele, contemplando-o com carinho. Desde que era uma pequena bola de pelo ele gostava de se acomodar no aquecedor e contemplar as cortinas de água que caíam no jardim de casa em dias de temporal.

A lembrança de minha casa, de minha vida, do mundo inteiro antes de se desencadear o caos me acertou como uma adaga. Tenho saudade de minha casa.

Tenho saudade do meu trabalho, dos meus amigos, da minha vida, mas principalmente tenho saudade da minha família. Faz meses que não sei nada dos meus pais ou da minha irmã, para não falar da tonelada de primos, tios e amigos que tenho (tinha) por toda a Galícia. Ao longo de todo esse tempo, procurei manter a mente ocupada com minha própria sobrevivência e não pensar muito nisso. Cada vez que pensei, em um momento ou outro, tentei enganar a mim mesmo dizendo que com certeza estariam confortavelmente instalados em algum refúgio seguro ou em alguma região aonde esses monstros não houvessem chegado.

Agora sei que tudo isso é mentira. Esses seres de além-túmulo estão por todos os lados e chegaram a todos os lugares. Não há nenhum lugar seguro e ninguém está a salvo. Todos os sobreviventes estão mergulhados em um imenso poço de sofrimento, e as bordas do poço estão desesperantemente longe.

Senti as lágrimas se amontoando nos meus olhos. Respirei fundo, cocei o rosto e balancei a cabeça, tentando esvaziar minha mente. Se eu comesse a chorar, não conseguiria parar. Se desabasse, estava fodido. O instinto de sobrevivência entrou em funcionamento outra vez e algo no mais recôndito do meu hipotálamo secretou as endorfinas suficientes para eu agir. Ainda assim, a dor continuava cravada lá dentro, funda, supurando pus. Em algum momento eu a teria de enfrentar e tentar arrancá-la do meu coração. Mas agora não. Ainda não.

Pressionei a maçaneta da porta com cautela e a abri procurando fazer o menor barulho possível. Assim que pus um pé fora do carro, uma violenta rajada de vento arrastou uma verdadeira cortina de água contra meu rosto. Os trovões e os raios se sucediam, um atrás do outro, e a escuridão naquele momento era quase absoluta. Fechei a porta atrás de mim e permaneci de cócoras por alguns instantes, com as costas apoiadas no 4x4.

Não via nada que pudesse parecer perigoso, mas o instinto me dizia o contrário. (Caralho! Para ser honesto, o instinto gritava desesperadamente que saísse correndo dali.)

A pouco mais de seis metros de mim podia ver o cadáver semi-putrefato de um policial nacional com o uniforme antidistúrbio. A inconfundível cor azul estava desbotada em algumas partes por causa do sol, e em outras tinha uma cor enegrecida, enferrujada, fruto das manchas de sangue e dos fluidos corporais. De fato, da cintura para cima o corpo não era mais que um imenso monte de carne

rasgada e malcheirosa. Da cabeça, nem sinal.

A cena que vi impressionou-me. Não sabia se haviam sido os bichos ou os não mortos os que haviam desfigurado até esse ponto aquele cadáver, mas parecia uma imagem saída da mente de um assassino demente. Senti ânsia de vômito, mas não vomitei. Não pude evitar surpreender a mim mesmo. Devo estar virando um macho (ou um desequilibrado que já não se afeta com grande parte dessa merda, dependendo do ponto de vista).

Caminhei até o cadáver. Prendendo a respiração, abri o coldre que ele carregava no quadril direito e tirei uma reluzente pistola preta. Era maior que a do soldado e pesava mais, mas também não lhe dediquei muito mais atenção. Não tinha tempo. A seguir, inclinei-me sobre uma das botas de combate do policial e comecei a desamarrar o cordão. O pé estava preto e putrefato por conta do acúmulo de líquidos na parte baixa do corpo e exalava um cheiro nauseabundo, de modo que procurei acelerar a tarefa o máximo possível. Finalmente, peguei o cordão de uns dois metros de comprimento.

Com a pistola e o cordão, voltei de novo para o 4x4, já encharcado até os ossos. Peguei o surpreso Lúculo pela barriga, amarrei uma ponta do cordão em sua coleira e a outra em meu punho. A seguir, pendurei a AK e o arpão cruzados no peito e arrastei o corpo inconsciente de Prit para fora.

A verdadeira ducha que era aquele dilúvio teve a virtude de despertar o ucraniano. Com um gemido, mostrou que ainda estava vivo, mas que aquilo devia estar doendo para diabo. Ele passou o braço sobre meus ombros e começamos a caminhar para o túnel de acesso, enquanto com a mão livre eu segurava a pistola e arrastava um indignado Lúculo. A humilhação de ser tratado como um cachorro vulgar com coleira, somava-se o fato de estar se encharcando debaixo daquele dilúvio.

Nossa marcha era dolorosamente lenta. Prit não podia andar e eu carregava tudo como uma mula. Aqueles poucos metros me pareceram quilômetros. O gato puxava com raiva o cordão, tentando se proteger do aguaceiro, e, cada vez que ele dava um pulo, o cordão da bota se cravava profundamente em meu punho, espalhando ondas de dor braço acima.

Devíamos formar uma cena surrealista. Logo percebi que, se um não morto surgisse de repente diante de nós, eu não poderia nos defender com os dois braços imobilizados. Isso serviu como incentivo para apertar o passo.

Alcançamos o túnel de acesso ao pronto-socorro depois de alguns segundos. O teto de vidro que se estendia sobre nós servia de caixa de ressonância para os milhões de gotas de chuva que caíam incessantemente. Fazendo um malabarismo, consegui tirar a lanterna do bolso e virar o fecho de luz para o fundo do corredor.

A porta do pronto-socorro se abriu com um suave assovio quando apoiei o ombro nela. Coloquei a cabeça para dentro. A enorme recepção estava na penumbra. Uma

suave luz se infiltrava por duas janelas retangulares de grandes proporções que corriam coladas ao teto. Uma delas tinha dois inconfundíveis buracos de bala bem no meio.

O vestibulo parecia um antigo matadouro abandonado. Enormes manchas de sangue seco de um marrom enferrujado salpicavam chão e paredes. Em alguns pontos, dava a impressão de que haviam esvaziado baldes inteiros de sangue. O cheiro adocicado e nauseabundo de sangue seco se misturava com o aroma de putrefação, alimentos estragados e suor rançoso. Era sutil, fraco e pouco, mas inconfundível. Cheiro de suor humano. Alguém estivera suando naquele espaço fechado. O que não pude precisar foi se havia sido três horas ou três meses antes.

Por todos os lados via, jogados de qualquer jeito, roupa abandonada, restos de bandagens usadas, macas cobertas de fluidos secos e até dois equipamentos de reanimação com as pás penduradas. O conjunto não era muito acolhedor.

Mas o mais impressionante daquela cena macabra eram as dezenas de marcas e pegadas de sangue que havia por todo lado. Muitos pés - e, quando digo muitos, quero dizer MUITOS - haviam pisado as poças de sangue, deixando um rastro aparentemente errático. Havia pegadas grandes, pequenas, até de crianças, passos longos, pés arrastados... Uma coleção completa. Entretanto, não se via ninguém. E eu também não poderia afirmar que as marcas eram de seres vivos.

Deixei Prit cair quase desfalecido em uma cadeira de rodas do pronto-socorro. Com alívio, soltei a coleira de Lúculo do meu punho e a enganchei em um aquecedor da recepção. Embora ele tenha ficado bastante sentido por isso e morresse de vontade de explorar aquele novo lugar, eu não podia me permitir deixá-lo solto por aí. Não sem saber primeiro o que podíamos encontrar.

Havia cadáveres pelo chão, evidentemente, mas bem menos que do lado de fora. Enquanto evitava milagrosamente pisar em uma mulher imensamente inchada por conta dos gases da decomposição, imaginei que a maioria daqueles desgraçados não era de não mortos abatidos a tiros, e sim vítimas inocentes mutiladas por eles com tamanha selvageria que estavam além de qualquer possibilidade de ressurreição.

Isso me levava a pensar que a clamorosa ausência de cadáveres se devia ao fato de que, agora, a maioria dos pacientes fazia parte da gigantesca confraria dos não mortos. E eu duvidava muito que houvessem ido à praia tomar sol.

De repente, um estrondoso som metálico me deixou totalmente paralisado. Era como se alguém houvesse tropeçado em um arquivo, um carrinho ou algo do tipo, seguido de um prolongado gemido. O som parecia provir de bem longe (eu poderia jurar que de dois andares acima), mas bastou para me deixar arrepiado.

Não estávamos sozinhos lá dentro.

Não pretendia percorrer um hospital escuro, abandonado e cheio de cadáveres só para identificar a fonte de um barulho. Fosse o que fosse (ou quem fosse), por mim

podia se danar. Pessoalmente, eu já estava bastante cagado de medo na entrada para pensar em adentrar as entranhas do edifício.

Passei pela recepção da enfermaria. Um estetoscópio abandonado pegava pó em cima de um monte de históricos clínicos. Não pude resistir a pendurá-lo em meu pescoço. Foi mais forte que eu, desde pequeno eu pegava "emprestado" o da minha mãe. Adoro esses aparelhos.

De repente, fui mentalmente transportado para um capítulo qualquer daquela série da tevê, *Plantão Médico*. E me perguntei que, caralho, pensariam seus personagens ao ver um sujeito com uma AK-47, uma roupa de mergulho e um estetoscópio pendurado no pescoço passeando alegremente pelo pronto-socorro.

Soltei um risinho histérico. Deus do céu, toda essa merda está me fazendo enlouquecer. Olá, esquizofrenia!

Bem ao lado do balcão, junto a uns boxes com as cortinas abertas, estava o armário de remédios do pronto-socorro. A porta estava quebrada. Entrei com cautela, pisando na camada de vidros quebrados que cobria o chão.

Era como se uma bomba houvesse explodido lá dentro. O armário reforçado, onde normalmente guardavam a morfina e os derivados de opiáceos, estava arreventado. Alguém havia entrado ali e o arrombara com algum tipo de explosivo, talvez uma granada tirada de algum soldado morto. A explosão havia reduzido a pó um monte de potes, frascos e instrumental médico. Um serviço de porco. Obra de alguém da área segura em busca de morfina ou, mais provavelmente, de algum drogado com síndrome de abstinência, que sabia onde encontrar opiáceos. Não estranhei. Deve ser difícil ficar doidão nesses dias.

Agachei-me e comecei a revirar os pedaços de vidro quebrado procurando algum frasco em bom estado. Repetia mentalmente a lista. Antissépticos, antibióticos, gases, calmantes, mas que não fossem derivados de opiáceos (Prit já havia tomado morfina suficiente), fio de sutura, bandagens, agulha estéril...

Senti uma dor pungente na mão e retirei-a a toda velocidade. Um pedaço de vidro, fino como um bisturi, havia se cravado na ponta de um dedo meu. Xinguei e levei o dedo à boca. O sabor salobro do sangue desceu pela minha garganta. Enrolei distraidamente o dedo com algo que encontrei por ali e continuei a busca, de humor bem pior, amontoando meu pequeno butim em uma bandeja funda de alumínio.

Essa bandeja salvou minha vida. Quando me virei para depositar um rolo de esparadrapo nela, vi algo em movimento refletido no metal, bem atrás de mim. Virei-me como uma serpente, sentindo o sabor amargo do medo subindo do estômago, enquanto destravava torpemente a AK.

Um velho decrepito e totalmente nu, com parte do intestino à vista, balançava-se a menos de dois metros de mim, com a camisola do hospital enrolada no braço direito. Ele abriu a boca em um rugido mudo enquanto avançava torpemente para mim,

pisando a camada de vidros com os pés descalços, sem sentir nenhum tipo de dor. Fiquei paralisado de horror. Aquele velho não tinha olhos. Suas órbitas oculares estavam vazias e dois jorros sanguinolentos haviam deslizado por seu rosto, desenhando uma careta monstruosa em sua face. Mas poderia jurar que ele sabia exatamente onde eu estava.

Tudo parecia acontecer em câmera lenta. Levei a AK até o rosto e, curiosamente relaxado, aponte o cano na altura do pescoço, para compensar o retrocesso (algo que eu havia aprendido com os paquistaneses). Deixei que se aproximasse a apenas metro e meio de mim e apertei o gatilho.

Surgiu na testa do velho um enorme buraco vermelho quando o projétil atravessou sua cabeça. Uma constelação de lascas de ossos, cérebro e sangue escuro traçou um desenho obscuro na parede atrás dele.

O velho caiu como um saco de batata, soltando um gorgorejo úmido e arrastando uma montanha de pastas na queda. O cheiro de pólvora picava minhas fossas nasais, enquanto um assóvio insistente ecoava em meus ouvidos, fruto do barulho do tiro em um espaço tão reduzido. Aquilo prometia uma forte enxaqueca nas próximas horas.

Uma vez mais, havia salvado minha pele por um triz. Mas o tiro devia ter sido ouvido perfeitamente dois quilômetros de distância. De modo que todo ser, vivo ou não, que estivesse no hospital saberia que havíamos chegado. Jesus, que dia!

Assim que consegui regularizar minha pulsação, xinguei muito. Como podia ter sido tão estúpido? O arpão estava inutilmente cruzado em meu braço esquerdo, e, se não houvesse me precipitado tanto, assustado como uma velha histérica, podia ter liquidado o velho sem tanto escândalo, utilizando um virote em vez da barulhenta AK.

A verdade é que eu fui obrigado a reagir em segundos e, francamente, não tive o reflexo necessário para pensar no arpão. A AK foi a primeira coisa que me veio às mãos e agi por instinto.

Então, tinha mais coisas em que pensar. O barulho do tiro parecia ter desencadeado uma onda de sons em todo o hospital. Portas que batiam, objetos se chocando, algo que caía sonoramente no chão (uma maca, talvez?) e golpes surdos e abafados nas paredes, constituindo uma sinfonia pavorosa. E gemidos, principalmente. Os malditos gemidos. Como esquecê-los?

Era uma espécie de eco vago e profundo, como se alguém tentasse falar e por algum motivo houvesse se esquecido de como mexer a língua. Era aterrador. Imagino que a essa altura todo mundo já deve ter visto ou ouvido uma dessas bestas, mas tentar explicar o som que causam a quem nunca as viu é impossível. É um rugido impressionante, humano e desumano ao mesmo tempo. É como ouvir algo saído diretamente do inferno.

Joguei apressadamente todos os medicamentos na bandeja metálica e voltei correndo até onde havia deixado Prit. Viktor estava consciente, sentado muito ereto na cadeira de rodas e segurando com a mão direita o vulto enorme e coberto de vendas que era sua mão esquerda. Parecia um pouco atordoado por conta da morfina e branco como papel, mas, de resto, estava plenamente consciente e alerta. E assustado. Tão terrivelmente assustado quanto eu.

Perguntou-me o que havia acontecido e onde, diabos, estávamos. Rapidamente, atualizei-o sobre o acontecido nas últimas horas, desde quando havia sofrido o "acidente" até o momento em que o havia deixado sentado naquela cadeira no meio de uma sala abandonada e às escuras. Então, percebi o enorme susto que o ucraniano devia ter levado quando recuperou a consciência e se viu sozinho, ferido e nas trevas, em um lugar desconhecido e cheio de ruídos. Se fosse comigo, teria enfartado. Com certeza.

Hesitei por um momento sobre contar ou não sobre seus ferimentos. "Pelos diabos, ele tem olhos e não é idiota", pensei. Disse que tinha a impressão de que havia perdido dois dedos da mão esquerda e que o anular não estava com uma cara muito boa. O ucraniano nem pestanejou e friamente me perguntou se ainda tinha o polegar. Assenti. Isso pareceu relaxá-lo um pouco. Com ar fleumático, disse que a coisa não era tão grave se tivesse o polegar e dois dedos para se oporem a ele.

- Já ver coisas piores - acrescentou. - Você dever ter visto meu amigo Misha em 95, quando o aparelho receber impacto de um trinta e sete milímetros. Ele, sim, ter um problema. Eu estar relativamente bem. Eu sair dessa. Agora, faz favor de passar essa maldita AK e deixar de fazer barulho, por amor de Deus!

A sensação de alívio foi tão impressionantemente enorme que quase me desfiz em lágrimas. Apesar de saber que a aparente tranquilidade de Prit era pura fachada, o simples fato de ouvir sua voz me fez sentir menos sozinho. Passei-lhe a pesada AK. O ucraniano a atravessou habilmente sobre o braço ferido, enquanto verificava o carregador com a mão boa sem nem sequer olhar para ele. Parecia perfeitamente capaz de se defender com uma mão só.

Eu já estava mais tranquilo. Saber que não tinha de ficar permanentemente com um olho em um inconsciente Pritchenko representava um considerável alívio. E saber que estava de novo com as costas cobertas, muito mais. De qualquer maneira, por mais que Viktor se fizesse de durão, eu podia ler o medo e a ansiedade em seus olhos. Além do mais, não esqueci que o ucraniano precisava de cuidados médicos urgentes. Ou a imitação de cuidados médicos que eu pudesse lhe proporcionar. Fosse o que fosse, precisava já.

Era hora de cair fora dali antes que o panorama ficasse ainda mais feio. Deixei Lúculo aos cuidados de Prit (mas, pela expressão do meu gato, eu poderia jurar que ele não se sentia muito à vontade com o fato de me perder de vista) e adentrei de

novo o corredor de acesso ao pronto-socorro. Precisava verificar se o caminho estava livre.

O corredor estava escuro, iluminado só de vez em quando pelo resplendor de algum relâmpago. O pior da tempestade elétrica parecia ter passado, mas ainda caíam muitos raios, a um ritmo muito menor. Mas o aguaceiro, longe de remeter, parecia ter aumentado em intensidade. Verdadeiras cortinas de água se precipitavam em ondas de um céu tingido de uma escura cor violácea, e o vento pouco a pouco foi atingindo velocidades de furacão. Galhos arrancados, cascas de árvores e dezenas de objetos não identificados voavam sem controle de um lado para o outro pelo amplo estacionamento da frente, enquanto remoinhos de chuva impediam a visibilidade além de alguns metros. Mas isso era o de menos.

Dezenas de não mortos cambaleavam embaixo da enxurrada, ocupando toda a superfície de cimento externa, movendo-se lentamente em direção ao hospital. Fiquei quase sem respiração, impressionado com aquela cena. Não via tamanha concentração desses seres desde os primeiros dias da praga, e, francamente, a imagem era impressionante.

Havia homens, mulheres e crianças de todas as idades e condições. Alguns davam a impressão de estar intactos, enquanto outros apresentavam terríveis feridas que iam além do que um ser humano normal poderia suportar. A maioria usava as roupas que vestiam no momento em que se transformaram em uma dessas coisas. Outros, poucos, estavam completamente nus ou com a roupa esfarrapada pela ação do tempo, dos acidentes ou Deus sabe por que motivos, sendo duplamente perturbadores à vista. Vi, inclusive, dois deles com toda a superfície do corpo chamuscada e enegrecida, como se houvessem sido devorados por chamas. O fogo havia desfigurado tanto suas feições que era impossível identificar o gênero ou a idade deles. Outros apresentavam amputações severas, como se houvessem sido triturados por uma explosão. A variedade daquele catálogo de horrores era infinita.

Um coro de gemidos apavorante saía da enorme multidão. Centenas de pés, calçados ou descalços, arrastando-se pelo chão produziam um som rascante que só era abafado pelo ocasional estampido de um trovão. Os raios iluminavam aquela cena espectral que parecia saída das profundezas das trevas.

A água que caía da borda do túnel de acesso pingava diretamente em meu pescoço, mas eu nem sequer percebia. Ainda escondido nas sombras projetadas pelo início do corredor, toda minha atenção estava concentrada naquela enorme maré humana (não exatamente humana, corriji amargamente) que pouco a pouco cercava todo o campo visual de que dispunha onde estava.

Quase derreti o cérebro tentando compreender de onde tamanha multidão podia ter saído. A resposta, de tão óbvia, explodiu em minha cabeça com completa clareza. O entorno do hospital, onde havia marcas evidentes de uma carnificina, devia estar

tomado por dezenas, talvez centenas desses seres. O rugido do motor enquanto nos aproximávamos os havia atraído de novo até ali com a mesma intensidade com que uma lâmpada de jardim atrai as mariposas noturnas, só que, nessa ocasião, em vez de seguir caminho, havíamos parado, dando a eles tempo para nos alcançarem. E não estávamos mais em condições de sair voando dali. Que maravilha!

Os primeiros seres já haviam chegado à altura do GL, estacionado de qualquer jeito ao lado de blocos de concreto. Soltei um palavrão. Quando tirei Víktor do 4x4, meus braços estavam tão ocupados que esqueci totalmente de fechar a porta do passageiro. E dois desses seres, um homem magro e alto com as costas abertas e um rapaz jovem, de não mais de quinze anos, sem a batata da perna direita, haviam entrado no veículo, possivelmente atraídos pelo cheiro que deixamos nele.

Era questão de tempo que aquela massa cercasse totalmente nosso transporte, tornando-o totalmente inacessível. E demorariam só um pouco mais para descobrir a via de acesso ao interior do hospital. A possibilidade de abrir caminho a tiros até o 4x4 para fugir dali estava fora de qualquer possibilidade de discussão. Seria um verdadeiro suicídio. Ainda supondo que conseguíssemos acertar de primeira todos os tiros que déssemos (possibilidade mais que duvidosa, no meu caso), a distância era muito grande para que Prit e eu pudéssemos manter a disciplina de fogo necessária para cobrir simultaneamente todos os flancos. Simplesmente, eram demais.

Compreendi a sensação de terror puro que os defensores das áreas seguras devem ter sentido quando se viram diante de uma maré desses seres, mas de uma magnitude muito maior. Tentar acabar com eles é como pretender evitar que as formigas subam em sua toalha em um piquenique de verão. Você pode matar dezenas delas a pisadas, mas vão continuar chegando mais. E mais. São incontrolláveis.

Esses seres são angustiantes. A quantidade é impressionante e o fato incontestável de que já estão mortos transformam-nos em um inimigo formidável. Não hesitam, não dormem, não descansam, não têm medo, nada os detém. Até onde eu sei, só têm um desejo: pegar todos aqueles que não são como eles.

Senti um peso enorme no coração. Tentei engolir, mas minha boca estava seca como um pedaço de lixa. Não conseguia emitir som nenhum, nem respirar normalmente, nem pensar com clareza. Em nenhum momento até então eu tive tanta consciência de minha condição de presa. Em nenhum momento até então eu tive tanta consciência do desesperado de nossa situação.

O mundo não é mais nosso. É deles. E não sei até quando essa situação pode durar. Um leve tilintar à minha esquerda me arrancou do estado de transe e me devolveu à realidade. Colado ao muro, com uma mão apoiada na parede, avançava um rapaz jovem, de uns vinte e poucos anos, de cabelo comprido e calça exageradamente grande e caída. Uma longa corrente prateada que prendia um molho de chaves

pendia do seu lado direito, onde normalmente deveria haver um bolso. Agora, literalmente se arrastavam, e o chaveiro, já inútil, batia em suas pernas enquanto avançava, produzindo aquele som abafado que me havia alertado.

Como todas essas criaturas, o rapaz tinha a pele cerúlea transparente e uma miríade de pequenas veias estouradas desenhava um grotesco mapa em sua superfície. Seu braço esquerdo pendia, inerte, ao longo do corpo, horrivelmente rasgado no bíceps, consequência de uma mordida. No peito, em uma camiseta suja e endurecida, eu podia ver claramente três ou quatro buracos de bala. Eram inconfundíveis. Fiquei pasmo, contemplando as feridas. Um dos projéteis havia entrado bem no coração, e as outras balas estavam na parte baixa do estômago. Eram feridas necessariamente mortais.

Fiquei tonto. Aquele ser já havia enfrentado antes um sobrevivente, que, evidentemente, havia se defendido a tiros. Mas continuava se mexendo, o que me levava a ser muito pessimista a respeito da sorte que deve ter levado o autor dos tiros. E, agora, ele estava se aproximando de mim.

E já me havia visto. Em vez de chegar pela rua de acesso ao hospital, como a maioria daqueles cadáveres ambulantes, ele entrara por uma lateral do edifício, saindo sabe Deus de onde. Enquanto a multidão continuava aglomerada do outro lado da linha de sacos de areia, tentando encontrar uma passagem, ele já estava dentro do perímetro e havia me localizado.

Um gemido surdo saiu de sua garganta (Como, diabos, emitem som? Será que têm ar nos pulmões? Respiram?) enquanto aumentava o ritmo de seus passos para se precipitar sobre mim. Nessa ocasião, agi com mais calma. Quando ainda estava a quinze metros de mim, tirei o arpão do ombro e chequei o virote e a borracha. A seguir, dei uma olhada na pistola, por via das dúvidas, e me apoiei em uma lixeira transbordante e malcheirosa para fazer mira. Quando ele ficou a apenas três metros de mim, apertei o gatilho.

O virote entrou sobre seu lábio superior, a pouco mais de um milímetro do pômulo, e a ponta saiu pelo occipital. O rangido produzido pelo osso soou como um galho seco se partindo. A criatura parou de repente. Um borbotão de sangue putrefato começou a manar da ferida, enquanto o rapaz oscilava. Parte do virote ficava em seu ângulo de visão, e instintivamente ele tentou pegá-la. Todavia, sua coordenação, como a de todos os não mortos, parecia deixar bastante a desejar. Balançava as mãos pelo ar a mais de meio metro da ponta do virote, enquanto o jorro de sangue, negro e malcheiroso, era cada vez de maior calibre. Rapidamente, toda a parte inferior do seu rosto e o torso ficaram tingidos de um intenso púrpura-escuro, enquanto seus movimentos se tornavam cada vez mais lentos e erráticos.

Finalmente, com um curioso gorgorejo, estendeu o braço bom para a frente e desabou. Se não houvesse sido uma cena tão extremamente escabrosa, eu teria rido

da queda. Mas eu não estava em condições de achar graça. Precipitei-me para o corpo para recuperar o virote ensanguentado. E, quando ia pegá-lo, fiquei paralisado pelo pânico. Lembrei-me de que tinha um pequeno corte em um dedo e estava sem luvas. Contemplei impotente o projétil que saía como o mastro de uma bandeira da parte posterior da cabeça do rapaz. Tão perto, e ainda assim inalcançável.

Hesitei de novo. Só me restavam três setas na bainha que carregava colada em uma perna, de modo que abandonar o virote era uma perda considerável.

Avaliei a possibilidade de arranjar umas luvas de látex dentro do hospital e voltar para buscar o virote, mas um breve olhar para a multidão me convenceu de que já não havia tempo. Pelo menos trinta ou quarenta não mortos haviam conseguido atravessar a linha defensiva e se dirigiam para mim, e eu era nitidamente visível no fundo branco da parede do hospital. Precisava sair dali urgentemente.

Após um último olhar para fora, precipitei-me de novo pelo corredor às escuras a toda velocidade. Meus passos ressoavam no eco cavernoso daquela espécie de túnel.

Uma infiltração no teto havia formado uma poça de água no centro do corredor. Eu a havia visto antes, mas, ao entrar tão destrambelhadamente, simplesmente esqueci-me de sua existência. O escorregão foi fenomenal, e a queda de costas que veio a seguir, de matar.

Fiquei deitado no chão por alguns segundos, arfando, tentando recuperar a respiração. Ao me levantar, uma aguda pontada em um flanco me fez soltar um grito de dor. Caí de novo no chão, soltando uns palavrões que fariam uma freira ficar de cabelo em pé. Era só o que faltava. Teria de tirar o neoprene para saber se havia fraturado uma costela, mas o mais seguro era que tivesse um belo e enorme hematoma no flanco. Caramba! Que desastre! Merda de poça. Pensei em processar o maldito hospital.

A simples idéia de um processo em uma situação tão terrível como aquela me fez rolar de rir, provocando novos espasmos de dor. Um processo. Que ideia! Levantei-me de novo, gemendo e sem conseguir controlar explosões de riso histérico, e segui meu caminho para dentro do hospital, com pontadas de dor no flanco.

Já era oficial. Eu estava à beira de um ataque de nervos.

Empurrei as portas com o lado bom, enquanto tentava recarregar o arpão, ainda chacoalhado pelos soluços do riso demente. Lá dentro, dei uma olhada rápida no local. Eram umas portas duplas que se abriam em ambos os sentidos, mas na parte interna havia dois ganchos de aço usados para segurar as folhas, em dois suportes instalados nas paredes. Assim, quando fosse necessário, podiam deixar as portas abertas e presas à parede, sem necessidade de ficar empurrando-as permanentemente.

Daria aos ganchos uma utilidade diferente. Bem ao lado da porta, no chão,

escondido por baixo de um monte de material médico descartado, jazia um suporte com duas bolsas de soro vazias penduradas nele. Afastei a pontapés o enorme monte de gases, caixas de tranquilizantes e restos de bandagens para pegá-lo. Depois, tranquei a porta com ele, passando-o pelos dois ganchos. Fiz uma careta, pesaroso. Nos filmes, sempre parece mais fácil. Aquilo não suportaria muito tempo os embates de uma multidão como a que se jogaria contra a porta em pouco mais de dois minutos.

Cheguei arfando junto a Viktor, que me observou com cara de preocupação, enquanto eu recuperava o fôlego apoiado em sua cadeira. Em poucas palavras, falei sobre o enorme problema que tínhamos. Era absolutamente impossível sair por aquela porta, e, além disso, eu não duvidava que os não mortos logo conseguissem entrar no vestíbulo. Tínhamos de buscar outra saída. Um complexo tão enorme como o Hospital Meixoeiro devia ter dúzias de entradas e saídas diferentes, mas nós precisávamos encontrar uma que ficasse no lado oposto do que nos encontrávamos nesse exato momento. O problema era que para chegar ao outro lado teríamos de adentrar as entranhas do edifício. E aquela instalação, construída em várias fases ao longo dos anos, tinha fama de ser um labirinto de salas e corredores inclusive para o pessoal que trabalhava ali diariamente.

Não havia outro remédio. Perguntei a Viktor se conseguia andar. O pequeno ucraniano ameaçou se levantar. Muito valente, mas inútil.

Suas pernas falharam em poucos segundos e ele desabou na cadeira de novo. Os restos de morfina e a perda de sangue, somados ao cansaço e à alimentação insuficiente das últimas semanas, não lhe permitiam se mexer. Teria de empurrá-lo pelos corredores. Que situação!

Coloquei Lúculo no colo de Prit. Com uma lanterna em uma mão e a outra no encosto da cadeira, adentramos o interior do hospital. Em nossos ouvidos retumbavam as primeiras batidas nas portas do pronto-socorro.

Sáímos daquela sala por um dos corredores que se abriam nos fundos. Assim que empurrei a porta, parei um momento, hesitante. Aquele corredor estava escuro como o fundo de um poço à meia-noite. As lâmpadas fluorescentes, sem eletricidade desde tanto tempo, pendiam do teto como trastes inúteis, acumulando toneladas de pó, e a pouca luz externa que conseguia entrar até ali só permitia vislumbrar alguns vultos atravessados de qualquer maneira no corredor.

Imaginei que a coisa ia ficar cada vez pior à medida que fôssemos entrando nas entranhas do hospital. Pelo menos, ainda estávamos relativamente perto do exterior. Ainda chegava um pouco da luz fraca dos relâmpagos e podíamos ouvir o rumor da chuva. Quando cruzássemos a porta seguinte, estaríamos em outro mundo.

Mas o principal motivo para parar não era a falta de luz, e sim o cheiro. Assim que abri aquela porta, um penetrante cheiro de podre nos acertou como uma bofetada no

meio da cara. Embora o cheiro de podridão e fermentação esteja por todos os lados nesses tempos, eu não havia sentido nada tão intenso e concentrado como o que percebemos naquele instante.

Aquele eflúvio era denso, pesado, poderoso. Recordava o cheiro que reinava nas ruínas da área segura, só que multiplicado por dez, com certeza por estar em um lugar fechado, quente e sem ventilação. Meus olhos lacrimejavam, enquanto eu amarrava de qualquer maneira um lenço no rosto. Tossi, tentando respirar pela boca. Senti um nó na boca do estômago e uma náusea crescente. Um olhar de soslaio para Prit me serviu para confirmar que eu não era o único afetado por aquela peste. O ucraniano estava com o rosto desfigurado tentando controlar a ânsia de vômito.

Aquele aroma de morte só podia ser causado por dezenas de cadáveres em estado de putrefação avançada. Aquele hospital devia estar lotado de corpos sem vida. Estávamos prestes a entrar em uma vala comum.

Adentramos o corredor, com Prit iluminando até o último canto com a lanterna enquanto eu empurrava a cadeira, desviando dos corpos que encontrávamos de vez em quando. O plano era simples. Só tínhamos de atravessar parte daquele andar térreo, tentando manter uma linha o mais reta possível, para chegar à fachada contrária e sair por ali.

Para um enfermeiro que conhecesse bem o hospital, aquele enorme passeio, antes da pandemia, poderia ter levado pelo menos dez minutos. Imaginei que, para nós, às escuras e sem conhecer aquele labirinto, levaria bem mais.

Os primeiros quatro ou cinco minutos foram bastante bem. Cruzamos, à máxima velocidade que nos foi possível, uma sucessão de salas e corredores escuros, com toneladas de equipamento e material médico atravessados de qualquer maneira. Era estranho. Dava a sensação de que o hospital havia sido evacuado apressadamente, mas a enorme quantidade de cadáveres meio apodrecidos que víamos diziam o contrário. Pode ser que, após a evacuação, tenham sido obrigados a voltar ao complexo por algum motivo, e os não mortos os haviam prendido ali. Quem sabe?

A maioria dos cadáveres apresentava impactos de bala na cabeça, mas alguns eram restos horivelmente desfigurados e parcialmente devorados, longe de qualquer possível reanimação. Quase todos estes usavam botas militares. Os últimos defensores, enquanto o resto corria. Corria para onde? Não tenho resposta para essa pergunta.

As pontadas no flanco eram cada vez mais agudas. Eu estava começando a ver pontos brancos dançando diante dos meus olhos e minhas pernas tremiam. Minha respiração devia estar descompassada, porque Víktor se virou na cadeira e me olhou com preocupação. Achava que nessas condições não podíamos prosseguir e que era melhor que descansássemos um segundo. Estava certo. Eu precisava de dois minutos para me tranquilizar. Estava hiperventilando.

A nossa direita, uma porta de madeira dava para uma espécie de vestiário, com armários alinhados nas paredes e bancos compridos colocados entre eles. Ao fundo, dois sofás e uma placa de cortiça com dezenas de notas e panfletos ocupavam toda a parede, enquanto um enorme ficus de plástico montava guarda em uma esquina. Uma solitária bolsa de mulher jazia jogada no chão, e parte de seu conteúdo havia se esparramado. A luz da lanterna, eu podia ver um batom, uma carteira e o que parecia o cabo de uma escova.

Um vestiário de enfermeiras. Nada mal para descansar um pouco.

Após trancar a porta, desabei em um dos bancos. Prit acariciava a cabeça de Lúculo com a mão boa, enquanto aguentava estoicamente a dor. Um sujeito duro. Tirei a parte superior do neoprene. Estava terrivelmente magro. Podia contar minhas costelas desenhadas sobre a pele. Fazia meses que não tinha uma boa comida quente, e meu organismo começava a pagar as consequências. A falta de vitamina C, por não consumir alimentos frescos nem verduras, era o mais perigoso.

Em meu flanco direito havia um enorme hematoma que adquiria lentamente uma profunda cor púrpura-escura. Apalpei-o com a mão e precisei segurar um uivo de dor. Devia ter quebrado duas costelas, pelo menos. Que merda!

Engoli dois analgésicos e levantei a bolsa do chão. Revirei-a. Um celular sem bateria com uma capa de algodão, um pacote de Lucky amassado com um isqueiro dentro e um documento de identidade com um canto dobrado. Na foto, uma garota loura de olhos verdes, muito bonita, olhava para mim sorridente. Laura Viz. Não havia um único documento ou identificação na carteira que a relacionasse com o hospital. Absolutamente nada. De qualquer maneira, obrigado pelo cigarro, Laura. Pergunto-me quem, diabos, você era e que, caralho, fazia aqui.

Coloquei um cigarro na boca de Prit, que deu uma profunda tragada. A seguir, desfiz a bandagem de emergência que havia feito na concessionária para que ele pudesse ver as feridas. O dedo mínimo e o médio haviam desaparecido, o primeiro por completo e o segundo até a terceira falange. O dedo anular tinha um rasgo lateral que precisaria de pelo menos dois pontos de sutura, e na palma da mão havia um profundo corte que, felizmente, já não sangrava tanto.

Prit levantou a cabeça, sereno, e disse que não era para tanto, mas que precisava ser medicado urgentemente. Já não perdia sangue, mas o risco de septicemia era evidente. O problema era que eu, com umas noções básicas de primeiros socorros, era a única pessoa disponível para tratar suas feridas.

De repente, algo bateu com força na porta de madeira, abrindo um buraco de tamanho considerável na parte superior. Pelo buraco, surgiu uma mão cadavérica, com dezenas de farpas cravadas, mas eu duvidava muito que seu proprietário sentisse dor.

A mão se retirou e deu outra pancada, que quase arrancou a porta do batente.

Aquele filho da mãe era tremendamente forte. Retrocedi dois passos, segurando fortemente a lanterna, enquanto Prit engatilhava a AK e apontava para a porta, que não tardaria a cair. Eu já podia ver o não morto pelo buraco. Era um homem jovem, corpulento, barbado e de cabelo cacheado. Como única vestimenta, usava uma camiseta do Rei Zentolo que ficava exageradamente grande nele. Na perna direita, uma aparatosa bandagem cobria toda a panturrilha. Apostaria um milhão de euros que sabia o que havia lhe causado essa ferida. Só precisava olhar para ele.

A fraca porta se partiu ao meio com uma última pancada e aquele ser se jogou para a frente. Bem nesse momento, Prit apertou o gatilho. Um enorme buraco vermelho apareceu no meio de uma explosão de sangue e ossos, onde apenas um segundo antes estava seu olho esquerdo.

O corpo do barbudo caiu como um saco de batatas bem diante de mim. Dei-lhe um pontapé para ter certeza de que estava morto mesmo. Havia algo estranho naquele cadáver. Demorei um pouco a perceber o que era.

Estava totalmente encharcado.

Aquele ser havia entrado no hospital não fazia nem cinco minutos. Eles conseguiram. A porta havia caído e estavam atrás de nós. Voltei-me para Prit, sentindo o suor correndo por minhas costas. O olhar que troquei com o ucraniano foi suficiente para dizer tudo. Nossa situação estava ficando bastante preocupante. Uma vez mais, tínhamos de continuar correndo.

Após fazer um curativo na mão dele, saímos cautelosamente da sala das enfermeiras. O corredor estava vazio, mas o tiro da AK parecia ter desatado um ataque de fúria no hospital. Ouviam-se de novo os gemidos e as batidas, só que dessa vez muito mais perto. Da sala fechada que ficava bem em frente, do outro lado do corredor, saíam uns golpes surdos, como socos em um muro. Apoiei a mão na parede e senti a vibração. Havia algo bem do outro lado da fina parede, algo que estava descarregando socos de raiva. Afastei-me, assustado. Rezei para que, fosse o que fosse, não conseguisse sair dali.

Um súbito som de vidros quebrados nos assustou. O som vinha de duas salas além, por onde havíamos passado menos de dez minutos antes. Alguém havia tropeçado em alguma coisa, espatifando-a. Os rugidos já se ouviam mais perto.

Prit colocou Lúculo no colo e, com a AK engatilhada na mão boa, fez sinais com a outra. Fui para trás da cadeira de novo e empurrei, dessa vez mais rápido que antes. Sentia um peso enorme no estômago e um suor frio descendo pelas minhas costas.

Estava assustado, assustado de verdade, e não me importa reconhecer. Acho que qualquer um nessa situação estaria morrendo de medo, e quem disser que não ou é um mentiroso, ou um inconsequente.

O corredor desembocava, depois de uma porta arreventada, em um setor um pouco mais amplo. Uma enorme placa branca pendurada sobre nossa cabeça dizia

"PEDIATRIA" com grandes letras azuis. Nas paredes, desenhos infantis de campos cobertos de vacas, palhaços e margaridas davam à sala um curioso aspecto de creche, imagino que para parecer mais tranquilizador para seus pequenos pacientes. No entanto, naquele instante, o ambiente estava totalmente arruinado pelos grumos de sangue seco que salpicavam a decoração aqui e ali. Dava a sensação de que alguém havia acionado um gigantesco moedor de carne no meio daquela sala. Prit suspirou, angustiado. Sequei o suor da testa. O calor ali era opressivo.

Em frente a nós, na parede, o desenho de um imenso palhaço nos observava com um grande sorriso, sem saber que uma enorme mancha de sangue seco cobria seu rosto. Tinha escrito "Pupi Dudi" no macacão amarelo e segurava um gigantesco feixe de balões na mão enluvada. O macacão pingava sangue e um grumo de massa cerebral seca estava incrustado em seus dentes, dando-lhe um aspecto diabólico.

Estremeci. O simpático Pupi Dudi parecia um predador demente com restos de suas vítimas na boca, prestes a pular da parede. Aquela sala era um pesadelo.

Afastamo-nos daquele desenho e seguimos nosso caminho, evitando olhar certas cenas realmente desagradáveis. Não era preciso ser muito esperto para perceber que alguém, em algum momento, havia se entrincheirado naquela sala para oferecer resistência. Pelo que se podia ver, era fácil adivinhar como aquilo havia terminado. Dezenas de cartuchos de bala forravam o chão e montes de corpos malcheirosos se acumulavam aqui e ali, testemunhas mudas do desespero absoluto vivido naquele recinto. De repente, tivemos de parar. O cadáver de uma criança pequena, de não mais de um ano ou dois, jazia atravessado no meio do corredor, de barriga para baixo, com um enorme buraco na parte posterior do crânio. Era uma cena impressionante.

Prit chorava em silêncio, mexendo nervosamente na trava da AK. Não disse nada. Lembrei que o ucraniano tinha um filho de mais ou menos a mesma idade. Com certeza, a visão daquele pequeno corpo trouxe-lhe à mente o destino de sua família, desaparecida em algum canto da Europa Central. Eu não era capaz de imaginar o inferno de sentimentos que Víktor devia estar sofrendo.

Um golpe surdo à nossa esquerda chamou-nos a atenção. Ao lado do amplo corredor que íamos seguindo havia uma divisória de plástico e vidro que separava aquele corredor dos quartos de isolamento da Pediatria. Estávamos onde outrora ficavam os parentes dos pequenos pacientes, para poder contemplá-los através do vidro. Agora, do outro lado do vidro só havia a negrura mais absoluta.

Foquei a lanterna no painel, tentando iluminar do outro lado. O vidro devia estar provido de algum tipo de polarização, porque a luz se refletiu, cegando-nos momentaneamente. Tentei de novo, dessa vez afastando o olhar, mas não obtive melhor resultado. Era impossível iluminar o outro lado. Aquele vidro agia como um espelho diante da luz direta.

Entretanto, eu tinha certeza de que tinha ouvido alguma coisa proveniente do outro lado. Colei o rosto no vidro e pus as mãos do lado dos olhos, tentando escrutar o interior.

Não podia ver nada. Quando meus olhos se adaptou, comecei a distinguir os contornos de uma cama coberta com uma bolha de plástico, que parecia aberta na lateral. De repente, uma mão manchada de sangue bateu com força no vidro, bem ao lado do meu rosto, seguida de um prolongado gemido. O rosto cerúleo de uma menina de não mais de seis anos me contemplava com fúria do outro lado do vidro, a menos de dois centímetros dos meus olhos.

Dei um pulo para trás, caindo em cima de Prit, enquanto sentia o coração sair pela boca. A menina batia de maneira ritmada no vidro com as palmas das mãos, enquanto de sua boca saía um uivo mono-córdio. Depois de um instante, juntou-se a ela um menino de quatro ou cinco anos, também usando um camisolão do hospital, e as pancadas redobram.

Levantei-me, lívido. O vidro tremia com cada investida, mas as crianças não pareciam ter força suficiente para quebrá-lo. Olhei para elas. O menino tinha a cabeça lisa como uma bola de bilhar. Imaginei que devia estar se submetendo a algum tipo de radioterapia quando toda essa gigantesca onda de loucura chegou ao hospital e os atingiu. Não via nenhuma ferida aparente em seu corpo, mas tinha certeza de que, em algum lugar, devia ter algum corte ou arranhão dessas bestas.

A menina tinha um rasgo profundo no pescoço. Quem quer que fosse havia cortado sua carótida com uma mordida, provocando a morte quase instantânea. Todo seu corpo estava banhado em sangue seco. Rezei para que fosse só sangue dela mesma.

Aquele espetáculo parecia ter esmagado Prit na cadeira. O ucraniano olhava com olhos úmidos para o outro lado do vidro, enquanto sua mão pendia flácida sobre a AK. De sua boca entreaberta surgia um som ininteligível, enquanto sacudia a cabeça de um lado a outro. Por sua vez,

Lúculo, com o pelo totalmente eriçado, bufava furioso, somando sua voz àquela sinfonia de gemidos, pancadas e horror.

Inclinei-me sobre o ucraniano e sussurrei algumas palavras de consolo. A seguir, engatilhei a pistola e recomecei a marcha. Se aqueles seres conseguissem sair dali, eu é que teria de cuidar deles. Prit seria incapaz de atirar em uma criança, mesmo que fosse uma dessas bestas.

O corredor nos pareceu cruelmente longo. As duas crianças caminhavam em paralelo a nós do outro lado do vidro, uivando sem parar, de vez em quando batendo no vidro, que felizmente parecia resistir aos tapas. Minha atenção se desviava alternadamente do corredor ao vidro, aos não mortos e a Prit, que não parava de murmurar. Os nervos do ucraniano pareciam estar a ponto de entrar em colapso também.

Ao chegar ao fundo do corredor, parei um instante, indeciso. O vidro fazia uma curva às nossas costas, impedindo os pequenos seres de continuar ao nosso lado. Sabiam que não podiam nos seguir e então expressavam sua frustração com um rosário de uivos mais fortes que os anteriores. Estava bastante convencido de que aquele vidro não cederia a seus golpes, mas não me parecia sensato ficarmos ali para comprovar. Mas eu não sabia o que fazer. Diante de nós se abriam duas portas: uma à direita, que parecia ter sido arrebentada a pontapés e tinha manchas de sangue no batente, e outra à esquerda, intacta, com um painel de abertura pelo lado de dentro, que não podia ser operado pelo outro lado, e que permanecia fechada.

A princípio, a porta intacta oferecia maior segurança. Mas eu tinha a sensação de que o corredor onde desembocava virava para dentro do hospital, enquanto a destruída, se não estivesse muito desorientado, levava na direção que havíamos traçado.

Uma suave brisa saía da sala escura que se abria atrás da porta arrebentada. Isso inclinou o prato da balança. Após mostrar o dedo do meio aos pequenos monstros, já absolutamente enfurecidos, fui até a porta da esquerda e a abri. Acreditava que isso distrairia um pouco nossos perseguidores, caso chegassem até ali. A seguir, empurrei a cadeira e atravessei a porta destruída.

Sentia a brisa. E isso significava que o ar tinha de entrar por algum lugar vindo de fora. Caminhamos uns dez minutos na escuridão mais absoluta. Em duas ocasiões chegamos a um beco sem saída que nos obrigou a voltar atrás. Prit começava a me preocupar. Continuava meio letárgico, indiferente a tudo que passava diante dos nossos olhos.

Em determinado momento, passamos ao lado de duas portas corta-fogo de aço, que se sacudiam violentamente. Uma verdadeira horda de não mortos se amontoava do outro lado, chacoalhando inutilmente. Alguém havia cravado fortemente duas cunhas no batente, para impedir que aquela porta pudesse ser aberta, mas nem sequer isso despertou o menor interesse no ucraniano. Dava a sensação de estar totalmente fulminado.

Após dobrar duas esquinas, chegamos por fim a uma área onde havia certa claridade. A brisa ali era mais intensa e podíamos ouvir novamente o rumor da chuva. Meu ânimo melhorou. Tínhamos de estar muito perto. Perto demais.

Ao abrir uma última porta, não pude conter um grito de alegria. Diante de nossos olhos se estendia um enorme vestíbulo de acesso na penumbra, iluminado ocasionalmente pelo brilho de um relâmpago.

Toda a luz provinha de uma longa fachada envidraçada que dava para fora. Do outro lado do vidro, um enorme estacionamento abandonado e uns jardins devorados pelo mato recebiam silenciosamente a furiosa enxurrada que caía nesse momento. A área parecia estar deserta. Um mastro, com uma bandeira espanhola esfarrapada e

enegrecida, montava guarda ao lado de seu irmão gêmeo, derrubado no chão. Não se via nem um único ser, humano ou não, debaixo da chuva. Sorri aliviado. Havíamos conseguido. Estávamos salvos.

O vestíbulo estava com o chão coberto de papéis, fichas e folhetos médicos de todas as cores. Em um dos lados, uma lanchonete fechada e escura esperava que funcionários que nunca chegariam a abrissem de novo para atender um pessoal que também não existia. Do outro lado havia um balcão de recepção vazio, com uma tonelada de telefones empilhados. Alguns fones estavam fora do gancho e pendiam dos cabos, mudos e imóveis.

No centro do vestíbulo, erguia-se uma banca de jornal, como um monólito abandonado. Empilhadas em frente à persiana metálica, amontoavam-se dezenas de revistas e jornais ainda desembalados. Fui até lá por curiosidade e peguei um exemplar de cada um. Tinham data de cinco meses atrás. Na capa, anunciavam a criação das áreas seguras e pediam colaboração à população para superar "a crise epidêmica de origem desconhecida". Sei! Com certeza! Desconhecida uma merda!

Sempre fui um leitor empedernido de jornal, de modo que por puro reflexo comecei a passar as páginas rapidamente. A seção internacional estava reduzida à mínima expressão, e as de esportes e economia simplesmente não existiam. Na verdade, eram uns jornais extremamente finos, de não mais de catorze páginas, todas dedicadas, de uma maneira ou outra, à pandemia. Era evidente que haviam sido redigidos por uma equipe mínima de jornalistas, imagino que os únicos que se atreveram a continuar trabalhando naqueles dias.

A quantidade de bobagens que lia me arrancou um sorriso. Era incrível como mantiveram a opinião pública no escuro até o último minuto. Filhos da puta arrogantes e insensatos! Levantei o olhar e descobri que Prit não estava em sua cadeira. Larguei os jornais e com o coração na boca fui até o centro do vestíbulo, olhando para todos os lados. De repente, descobri a pequena figura do ucraniano recortada contra uma parede, iluminada pelo resplendor dos relâmpagos.

Fui até ele. Viktor estava absorto, contemplando algo naquela parede. À medida que ia me aproximando e percebia o que o mantinha enfeitiçado, sentia meu estômago ir se encolhendo. Um relâmpago especialmente forte iluminou o vestíbulo de repente, permitindo-me ver toda aquela parede.

Aquela parede estava coberta de dezenas, centenas, talvez milhares de mensagens e fotos. Todas tinham um denominador comum: eram cartazes de desaparecidos. Seus parentes ou amigos os haviam colocado ali com a esperança de que alguém pudesse dar alguma notícia deles. Dezenas de fotos de gente sorridente me contemplavam da parede. Notas com conteúdo lancinante pediam que se alguém conhecesse ciclaninho, por favor, entrasse em contato o quanto antes com o número tal. Fulano de tal, desaparecido faz três dias. Fulaninha de tal, desaparecida com todo o ônibus

escolar há um dia e meio. Se alguém viu essa menina, por favor, ligue para tal número. Uma senhora de idade, sentada em uma mesa com enfeites de Natal, com um enorme PROCURA-SE escrito com um grosso pincel atômico vermelho bem embaixo. A foto de uma família inteira sorridente posando em um jardim, no verão, com o dizer DESAPARECIDOS em cima e um número de celular embaixo. Javier Pinon, estamos na casa de seus pais, venha para cá. Luisa Sabajanes, se vir este recado não saia daí, vou procurá-la todos os dias. Amo você. Se alguém viu este homem, por favor, entre em contato neste número... Assim até o infinito.

Aquilo era impressionante. Dei dois passos para trás, sentindo-me muito mal com aquilo.

Era evidente.

Um hospital.

O lugar lógico onde procurar um desaparecido. Milhares de desaparecidos, de fato. Aquilo era uma amostra da enorme magnitude de todo esse caos. Caramba! Era impressionante. Quase podia sentir a dor e a angústia que aquela parede exalava. Estava contemplando as fotos de milhares de mortos, ou de algo pior até.

Uma mão se apoiou em meu ombro, assustando-me. Voltei-me e contemplei Prit, com um olhar de tristeza infinita nos olhos.

- Vamos - disse. - Vamos embora logo deste lugar, por Deus, ou ficar louco. Tratar minhas feridas onde for, mas fora daqui. Temos de ir, este lugar ruim, terrivelmente ruim. Vamos, por favor.

Não precisou me pedir duas vezes. Não era só porque o ucraniano estava à beira de um colapso nervoso. Também estava ficando arrepiado naquele lugar tão macabro. Queria sair imediatamente dali.

Fui até a porta, com Prit mancando apoiado em meu antebraço e Lúculo bastante temeroso se enroscando nas minhas pernas. À medida que nos aproximávamos da saída, um pequeno alarme começou a soar em minha cabeça. Alguma coisa ali não estava certa, algo estava errado naquele cenário. Não consegui adivinhar o que era, até que chegamos à porta.

Evidentemente, as portas daquela enorme e ultramoderna parede de vidro eram umas grandes folhas corrediças de vidro que se abriam mediante um sensor de proximidade colocado sobre elas. Mas não havia eletricidade que as fizesse funcionar, como não houvera em vários meses, de modo que as portas permaneciam obstinadamente fechadas.

Prit e eu ficamos plantados diante da porta feito bobos, esperando que, de alguma forma, ela se abrisse. Quando ficou evidente que aquelas folhas não se abririam sozinhas, reagimos com bastante calma. Pritchenko comentou que todas aquelas portas tinham de dispor de um sistema de emergência, um botão de segurança que se pudesse ativar para a abertura manual em caso de falha elétrica. E, acrescentou,

normalmente ficava no batente da porta.

Apalpei nervosamente a borda das folhas, até que meus dedos encontraram uma portinhola escamoteada no chão, bem ao lado da porta. Abri a tampa e fiquei paralisado. Ali estava a plaquinha com o símbolo de emergência e um diagrama explicativo do procedimento, mas nada mais, além de uns cabos pelados. Alguém havia arrancado a alavanca de emergência.

Temendo o pior, corri para as outras duas portas, mas o resultado foi o mesmo. Era de enlouquecer. Alguém havia decidido transformar esse setor do hospital em um forte e queria se certificar de que aquelas portas não pudessem ser abertas nem mesmo acidentalmente.

Senti o olhar de Víktor cravado em mim. Levantei os olhos, com uma expressão de estupor neles. Aquilo era surrealista. Fui até uma coluna e peguei um pesado extintor vermelho. Pegando impulso, joguei-o com todas as minhas forças no vidro. Um sonoro "Blam" retumbou em todo o vestíbulo, criando um milhão de ecos que devem ter sido ouvidos em todo o edifício, mas o vidro aguentou, intacto. Apenas um leve arranhão marcava o lugar onde o extintor havia batido.

Alucinado, joguei de novo o extintor no vidro, com o mesmo resultado. Uma bola de gelo ia crescendo em minha garganta. Puxei a pistola e a engatilhei. Segurando-a com as duas mãos, atirei no vidro.

A arma, com um selvagem retrocesso, quase pulou das minhas mãos. Um minúsculo buraco se abriu dois metros acima do ponto onde havia apontado. Atirei outra vez. E outra.

A mão de Prit se apoiou em meu braço, o que me obrigou a baixar o cano.

- E inútil - disse. - E vidro de alta segurança. Deve ter pelo menos sete centímetros de espessura. Não vai quebrar, a não ser que o derrube com um caminhão.

Dei um soco carregado de raiva no vidro. Estava furioso. Tão perto e, ainda assim, tão longe. Estávamos apenas a alguns centímetros de sair dali, podíamos ver a saída diante dos nossos olhos... e continuávamos presos. Caramba!

Calma, pensei, reflita um pouco. Enquanto vínhamos para cá, havíamos percebido uma leve brisa, não é? Aquela rajada de ar tinha de entrar por algum lugar. Só precisávamos encontrar por onde.

Levantei-me, eletrizado, e fui até o centro da enorme recepção, bem sobre o grande escudo do Serviço Galego de Saúde gravado no chão. Fechei os olhos e estendi os braços, tentando perceber o menor movimento de ar. Uma brisa sutil agitou meu cabelo. Abri os olhos.

Vinha da esquerda, de trás da recepção.

Peguei Prit e arrastei-o para aquele ponto. O ucraniano parecia tirar forças da fraqueza com o desespero e havia descartado, desdenhoso, a possibilidade de continuar na cadeira de rodas. Se vão nos foder, disse muito sério, olhando para mim

nos olhos, quero morrer como um homem, em pé, e não sentado em uma maldita cadeira.

Apesar da ferocidade de suas palavras, notei um preocupante brilho apagado no olhar do ucraniano. Algo havia se rompido dentro dele ao atravessar aquela sala cheia de corpos de crianças mortas. A visão do cadáver daquele menino atravessado no corredor havia sido a gota d'água para seus nervos, submetidos a uma intensa pressão emocional fazia meses. O duro ex-militar que havia sobrevivido ao massacre da área segura, o sujeito frio capaz de serrar lentamente o pescoço de uma mulher sem pestanejar estava desmoronando. Tenho certeza de que qualquer psiquiatra lhe teria diagnosticado neurose de guerra, se o pudesse examinar. De que valia isso agora?

Um corredor estreito se abria bem atrás da recepção. Alguns armários metálicos de grandes dimensões alinhavam-se silenciosamente nas paredes, meio escondidos na penumbra. Servidores, deduzi ao passar ao lado e verificar o enorme emaranhado de cabos que corriam colados ao rodapé.

O corredor desembocava em uma sala quadrada com uma enorme porta vermelha com as palavras "Saída de Emergência" pintadas. Grossas correntes estavam cruzadas nas duas barras de abertura. Chacoalhei a porta, inutilmente. A não ser que tivesse um maçarico de acetileno na mochila e até esse momento não houvesse me dado conta disso, seria muito complicado abrir aquela porta por meus próprios meios.

Uma escada levava para o andar superior, perdendo-se nas sombras. O raio da lanterna alcançava até o patamar seguinte, mas pouco mais. Não podia fazer mais que conjecturas sobre aonde poderiam conduzir, mas era inegável que a leve corrente de ar vinha dali.

Com cautela, começamos a subir os degraus. Prit estava com a AK no peito, pendurada em sua correia, enquanto eu segurava a pistola com uma mão e a lanterna com a outra. Lúculo, meio estrangulado pelo cordão que o amarrava, vinha dando pulos, colado aos meus tornozelos.

Tivemos de subir mais três patamares antes de chegar ao andar seguinte. Diante de nós, abria-se uma sala cavernosa e escura, ameaçadora.

Uma fileira de camas tombadas de lado formava uma espécie de trincheira bem em frente do nosso nariz. Alguém havia tentado montar uma linha de defesa ali, mas não parecia ter surtido efeito. A metade esquerda da linha estava totalmente desbaratada, permitindo o livre acesso.

Um som estranho, um pequeno estalo aquoso, nos colocou em alerta. Vinha bem de trás de uma das camas tombadas. Fomos até lá com cuidado, Prit de um lado e eu do outro, procurando fazer o menor barulho possível. Por comodidade, tirei o cordão de Lúculo do pulso e o deixei amarrado ao pé de uma poltrona, com um nó

apressado.

A seguir, troquei a pistola pelo arpão. Já havíamos feito barulho suficiente no térreo, não convinha continuar fazendo naquele andar.

Viktor já havia chegado à altura das camas e me esperava, olhando para mim desorientado. Com um gesto da cabeça, indiquei que ficasse preparado. Fazia um bom tempo que o ucraniano parecia estar com a cabeça em outro lugar.

Respirei profundamente e iluminei do outro lado da cama. Agachado no chão, um zelador ou um enfermeiro (eu não saberia dizer com certeza, mas usava roupa de hospital) se inclinava sobre algo que eu não podia ver. Foquei a lanterna em sua cabeça. Ao notar a luz, voltou-se com uma velocidade assombrosa, o que me permitiu ver duas coisas. A primeira, seu rosto, coberto de veias arrebitadas e com a pele morta e amarelada, manchada de sangue fresco, que pingava por seu queixo. A segunda, um enorme rato preto estripado no chão. O zelador me olhou furioso, com olhos mortos injetados em sangue. Absorto com sua presa, havia sido pego de surpresa.

Apertei o gatilho a menos de vinte centímetros de sua testa e o virote atravessou-lhe o crânio, salpicando meu rosto de sangue putrefato. Enojado, apoiei a lanterna e o arpão descarregado em cima de uma cama e comecei a me limpar freneticamente com a ponta de um lençol.

Totalmente absorto nisso, não vi o segundo não morto se jogar sobre mim pelas costas. Era um rapaz jovem, com um horrível corte de cabelo que lembrava um cinzeiro e um monte de correntes de ouro no peito, que o faziam parecer um *Latin King* ou algo do tipo.

Um fraco gemido de Prit, que contemplava a cena com olhos vidrados, me alertou, mas já era tarde demais. Cabelo de Cinzeiro me pegou por uma axila quando eu me virava, e ao mesmo tempo cravava os dentes em meu ombro. Sua dentição não podia atravessar a grossa camada de neoprene, mas foi um custo para evitar que me arranhasse com mãos cobertas de sangue.

Segurei o não morto fortemente pela cintura e tentei afastá-lo do meu corpo, mas aquela besta era muito forte. Começamos a girar por toda a sala, batendo em tudo que aparecia pelo caminho. Eu não parava de gritar pedindo ajuda a Prit, mas o ucraniano, enrolado como uma bola no chão, não parava de gemer enquanto se balançava para a frente e para trás.

O não morto e eu nos debatíamos furiosamente enlaçados. Parecíamos um casal de dançarinos dementes executando um tango enquanto tentávamos nos degolar mutuamente. Estava em uma bela enrascada. Se soltasse uma das mãos para pegar a pistola pendurada na cintura, aquele monstro me dominaria e acabaria comigo; mas, se não o fizesse, cedo ou tarde ele conseguiria me morder, e então tudo estaria acabado.

Não sei em que momento acertamos a lanterna, mas, quando ela se espatifou no chão, ficamos mergulhados na escuridão mais absoluta. Nesse instante, a situação passou a ser realmente angustiante. Lutávamos em silêncio, com a besta mordendo obstinadamente meu neoprene enquanto eu procurava segurar suas mãos com um braço e a agarrava pelo pescoço com a outra mão, tentando imobilizar sua cabeça. Tropeçamos contra algo duro que nos fez perder o equilíbrio. Balancei-me feito bêbado, agitando furiosamente uma perna para recuperar o equilíbrio, mas a inércia era incontrolável. Caímos, ainda agarrados. Uma borda afiada se cravou em meu flanco machucado, fazendo-me soltar um grito de dor, mas não tive tempo para mais nada. Nosso baile mortal havia nos levado até a beira da escada e, nesse momento, o não morto e eu nos precipitamos por ela, rolando a toda velocidade.

Não sei o que aconteceu nos minutos seguintes. Nem sei exatamente quanto tempo transcorreu a seguir. Só sei que acordei mergulhado em uma bruma de dor difusa que surgia de todos os poros do meu corpo. Sentia um sabor salgado na boca. Sangue. Apalpei meus lábios e descobri que havia mordido a língua. Tentei me levantar, mas uma chicotada de dor sacudiu meu corpo, como uma descarga elétrica surgindo no flanco machucado. Se antes doía, agora ardia.

Pouco a pouco, minha mente foi clareando. Lembrei-me do Cabelo de Cinzeiro. Onde, diabos, aquele bastardo havia se metido? Tateando na bainha amarrada em minha perna, tirei o amassado pacote de Lucky com o isqueiro que havia encontrado um pouco antes na bolsa. Era um isqueiro barato a gás, e pelo peso dava a sensação de estar nas últimas. Acendi-o. Uma fraca chama azulada iluminou suavemente a cena. Eu estava caído no patamar da escada, com a cabeça encostada na parede. O corpo do não morto jazia aos meus pés, sacudido por estranhas convulsões. Em meio a estalos de dor, consegui me levantar um pouco para dar uma olhada nele.

Aquele filho da puta havia ficado pior que eu na queda. Devia ter fraturado a espinha dorsal em algum lugar, porque não conseguia mexer nem pernas nem braços. O grande filho da mãe sacudia a cabeça espasmodicamente de um lado para o outro, rangendo os dentes. Voltou-se para mim com o ódio refletido em seus olhos mortos. Aquele idiota já não era uma ameaça para mim. Que se fodesse.

Com um pontapé, mandei-o rolando pela escada, rezando para que abrisse a cabeça em alguma quina afiada. Levantei-me, dolorido e exausto. Meu tornozelo direito estava de um tamanho nada animador e, cada vez que inspirava, sentia uma navalhada no flanco. Minha boca ainda sangrava, e estava com uma dor de cabeça de matar. Em resumo, estava fenomenal.

Subi a escada mancando, apoiando-me no corrimão para não perder o equilíbrio. O isqueiro queimava minha mão e sua chama era cada vez mais fraca e azulada. Minha mochila estava apoiada no chão, bem onde a havia deixado quando trocara a pistola pelo arpão. Revirei lá dentro e peguei a lanterna reserva.

Varri com o raio de luz todo o aposento cavernoso, que parecia ter sofrido os efeitos de um tornado devastador. Prit continuava feito um novelo no mesmo lugar de antes, aparentemente inerte. De repente, senti o chão desaparecer sob meus pés. O sofá onde havia deixado meu gato amarrado estava virado de pernas para cima. E Lúculo havia desaparecido.

Sacudi o corpo trêmulo de Prit. O ucraniano negava com a cabeça, murmurando um monte de incoerências em russo. Seus nervos não haviam suportado a pressão. Passei um de seus braços sobre os ombros e o ajudei a levantar. Minha mente pensava a toda velocidade. Não podia sair dali sem encontrar Lúculo, evidentemente, mas procurar o gato com Prit nas costas me parecia algo realmente difícil. Tinha de encontrar um lugar seguro onde deixar o ucraniano enquanto procurava meu bichinho, e depois voltar para buscá-lo e sair daquele maldito hospital dos infernos.

Uma enorme e pesada porta de madeira entalhada se abria em uma das paredes daquela sala. Seus artísticos entalhes e as enormes maçanetas de bronze estavam estranhamente deslocados no ambiente retilíneo e hipermoderno do hospital. Aquela porta de gosto duvidoso, que parecia saída de uma mansão rococó, não combinava com o resto das instalações.

Intrigado, fui até ela e empurrei-a cautelosamente com um pé. Estava fechada (na verdade, trancada), mas havia uma pesada chave antiga na fechadura, e a porta se abriu após duas ruidosas voltas, dando livre passagem para o interior.

Uma suave luz de diversas cores se infiltrava através de uns altos janelões, cobrindo o chão de manchas verdes, azuis e vermelhas. Diante de nós abria-se uma pequena nave, com uma dupla fileira de bancos de madeira dos lados, que terminava em um estrado um pouco mais alto onde se situava o altar. Sobre ele, uma enorme cruz de madeira escura pendia de uns grossos cabos de aço.

Estávamos na capela do hospital. Que irônico!

Extenuado, deixei Prit em um dos bancos. Após descansar alguns segundos, percorri toda a pequena capela prestando atenção aos cantos mais escuros, para me assegurar de que não tínhamos companhia. Passei um mau bocado, especialmente quando fui obrigado a abrir um confessionário com um pontapé (a imagem de um sacerdote não morto saindo dali me paralisava de nojo e terror), mas finalmente pude respirar aliviado. Não havia nada ali dentro, nem na pequena sacristia ao lado.

De um armarinho colado à parede peguei o que pareciam ser dois mantos de celebrar missa. Seriam perfeitos. Estendi-os sobre Prit, que havia caído em um sono profundo e agitado. O ucraniano, agasalhado com aquelas mantas, oferecia uma estranha visão. Sacudi-o pelos ombros. Precisava de vinte segundos de sua atenção. O ucraniano se espreguiçou, com o olhar perdido e vidrado. Um tremor incontável sacudia ainda sua mão esquerda.

- Prit - disse -, preciso que me ouça um instante. Tenho de deixar você aqui só um pouquinho. Lúculo desapareceu e preciso encontrá-lo. Está entendendo? — perguntei.

O ucraniano assentiu sem pronunciar uma só palavra. Parecia estar semi-catatônico. Agasalhei-o com os mantos e, após limpar seu rosto, dei-lhe um pouco de água do cantil (deformado após a queda pela escada). Deixei-o ao lado dele. Eu, de minha parte, teria de me sentar por uns bons vinte minutos para controlar o tremor das pernas. Os vinte minutos se transformaram em quase uma hora. A verdade é que, cada vez que pensava em me levantar e cruzar de novo aquela porta, um pânico incontrolável me pregava no chão.

Sabia que precisava controlar o medo. Estaria acabado se deixasse que o pânico me dominasse, e Prit comigo. Por alguns instantes, avaliei a possibilidade de abandonar Lúculo à sua sorte, mas descartei a ideia com mais rapidez que o tempo que levei para escrever isto. Lúculo não era só meu bichinho de estimação, nem meu fiel companheiro dos últimos meses. Não. Meu gato era o último vínculo que me restava com minha vida anterior. Se o perdesse, algo dentro de mim se perderia para sempre, e a memória da vida que tinha antes se iria embora como areia ao vento. Não, precisava encontrar Lúculo de qualquer jeito. Com certeza o coitado estaria morrendo de medo, escondido embaixo de qualquer móvel.

Levantei-me com um estalo sinistro no joelho nada promissor. Estava mais machucado do que pensava. Só levaria o arpão (com os dois virotes que restavam) e a pistola, que ainda tinha sete balas, além da lanterna. Viktor teria de se arranjar sem ela, mas na capela havia claridade suficiente para que pudesse enxergar sem necessidade de iluminação artificial.

Deixei Viktor de novo mergulhado em seu sono agitado e me aventurei pela ampla sala escura. Tranquei a pesada porta da capela. Talvez aquelas enormes folhas de carvalho fossem as portas mais sólidas e resistentes que se podiam encontrar naquele hospital. O lugar mais seguro, com toda certeza, para deixar Prit descansando por alguns minutos. Com a enorme chave na mão, hesitei por alguns instantes. Finalmente, dei de ombros e, após dar duas voltas na fechadura, pendurei-a no pescoço. Provavelmente estaria de volta em poucos minutos, pensei.

No meio da enorme quantidade de material médico esparramado por todos os lados, havia uma caixa cheia de luvas de látex. Após colocar um par delas, tirei o virote cravado na cabeça do enfermeiro. O aço saiu com um som viscoso, coberto de pedaços de massa cinzenta manchada de um vermelho muito escuro. Controlando a ânsia de vômito, limpei-o como pude na roupa do cadáver e guardei-o de novo na bainha.

Não tinha nem a mais remota ideia de onde Lúculo podia estar. Imaginei que devia estar terrivelmente assustado por conta da luta e que teria procurado um canto

tranquilo onde se proteger. Em casa, cada vez que caía uma tempestade, ele costumava se entrincheirar no armário dos lençóis até que o pior passasse. Desanimado, percebi que encontrar meu gato em um espaço tão vasto como aquele hospital, no escuro e com milhões de recantos desconhecidos, podia ser uma missão desesperadora, principalmente procurando um gato assustado sem vontade de ser encontrado.

De qualquer maneira, precisava tentar. Sei que parece loucura e que é só um gato, mas eu me sentia na obrigação moral de encontrá-lo. Além do mais, perder Lúculo partiria meu coração, depois de tudo que passamos juntos. Qualquer pessoa que tenha um animal de estimação entenderá perfeitamente o que digo.

Sussurrando seu nome, segui pela sala até encontrar outra escada muito íngreme que levava para baixo, perdendo-se na negrura mais profunda.

Senti uma sensação estranha nos pés. Virei a luz para o chão. Uma enorme poça d'água cobria toda aquela parte e se derramava escada abaixo produzindo um gotejamento constante que provocava mil ecos na escuridão.

Duas gotas caíram na minha cabeça, assustando-me. Ergui o olhar para o teto. Sobre minha cabeça, a uma considerável altura, uns sete ou oito andares acima, abria-se uma enorme clarabóia cuja função original devia ser encher de luz toda aquela escada. Estava em uma das escadas de serviço que ligavam todos os andares. E pela enorme clarabóia quebrada entravam litros de água de chuva, que escorriam escadas abaixo, enchando tudo.

Senti de novo a rajada de vento açoitando meu rosto. Desiludido, compreendi que aquela ventania descia pelo vão da escada partindo da clarabóia quebrada no teto. Não havia saída por ali. Na realidade, eu estava começando a perder as esperanças de encontrar alguma saída.

Um suave gemido, fraco, mas inconfundível, arrancou-me desses amargos pensamentos. Com todos os meus nervos tensos, prestei a máxima atenção. Sim, lá estava de novo. Era como o gemido de uma criança (ou o miado de um gato, disse a mim mesmo), que parecia provir da parte inferior das escadas, cobertas de sombras. Praguejei. De todos os possíveis lugares que eu não queria visitar naquele hospital dos infernos, o subsolo ocupava o número um da lista. Mas Lúculo, por algum motivo que eu desconhecia, parecia ter decidido se refugiar ali.

Não havia outro jeito. Enchi-me de coragem e comecei a descer as escadas.

O patamar situado ao pé da escada havia se transformado em uma enorme piscina. De um dos últimos degraus contemplei, desolado, o reflexo da luz da lanterna na água escura que se perdia na escuridão até o final do corredor. Toda a água de chuva que havia entrado pela clarabóia quebrada ao longo dos últimos meses parecia ter se acumulado ali abaixo. Nela flutuavam manchas irisadas de óleo e algumas caixas vazias aqui e ali.

Pensei comigo que era impossível que Lúculo houvesse passado por ali. Deixando de lado o ódio visceral que gatos têm de água, eu tinha certeza de que meu Lúculo jamais teria se dignado a enfiar um fio sequer de suas aristocráticas patas em uma poça escura e úmida como aquela. Não. Nem fodendo.

Quando comecei a me virar para subir as escadas, um gemido igual ao que havia ouvido um pouco antes me fez paralisar por completo.

Aquilo que na parte superior das escadas havia sido um som vago agora podia ser ouvido com total clareza. Era um miado de gato. Do meu gato. De Lúculo. Tinha certeza absoluta. Não podia me enganar depois de conviver dois anos com aquele *playboy* peludo que passava noites inteiras uivando para as gatas da vizinhança.

O miado, no qual vibravam notas de medo, soava do outro lado da extensão de água escura e era cada vez mais fraco, como se estivesse se afastando.

Sem tempo para pensar como era possível que Lúculo estivesse do outro lado daquele pequeno lago, desci os degraus que faltavam até chegar ao nível do chão.

A água chegava aproximadamente à minha cintura. Uma parte do meu cérebro era vagamente ciente de que era impossível que um gato passasse por ali por seus próprios meios, de modo que algo, ou alguém, tinha de estar arrastando Lúculo. Mas outra parte de meu cérebro preferia fazer ouvidos moucos a esse argumento, ou o medo me teria feito dar meia-volta imediatamente. Aquilo era um pesadelo que ia de mal a pior.

Pisando ruidosamente na água, cruzei como pude todo o longo corredor que era aquele subsolo inundado. Toneladas de material estragado pela água se acumulavam até onde a vista alcançava. Passei ao lado de um plástico preto que me chamou a atenção. Flutuava na água como mais um naquela enorme quantidade de despojos. Enganchei-o com a ponta do arpão para poder iluminá-lo melhor. Quando descobri o que era, afastei-me inconscientemente, com um estremecimento de medo e nojo. Era um saco para cadáveres.

Respirei profundamente, tentando controlar o medo. O saco estava vazio, certo, e parecia novo, mas sua presença ali embaixo não era nada legal. Aquilo só podia significar que eu estava perigosamente perto do necrotério. E, dada a peculiar natureza dos meus predadores, não era exatamente o melhor lugar pelo qual rondar no escuro.

O som de uma porta metálica se fechando com violência ecoou como um tiro de canhão no subsolo, despertando um milhão de ecos.

Agarrei o arpão com mãos suadas, enquanto pensava em como seria maravilhoso poder amarrar, de algum jeito, a lanterna na ponta dele. Com um rolo de esparadrapo poderia ter feito isso perfeitamente, mas o único rolo que tinha estava na mochila com Prit, na capela.

Amaldiçoei minha improvisação. Aquilo diminuía minha mobilidade, pois com uma

mão tinha de iluminar e com a outra atirar. O arpão não representava nenhum problema (de fato, na maior parte das vezes, embaixo d'água era utilizado assim, com uma mão só), mas a pistola era uma história completamente diferente. O forte retrocesso daquela arma implicava a necessidade de usar as duas mãos para poder apontar com um mínimo de confiabilidade. Não teria nenhuma graça ter a boca faminta de um não morto a menos de três metros de mim e abrir um belo buraco no teto ao tentar acertá-lo.

Um degrau escondido pela água quase me fez cair de bruços. Tive de me apoiar na parede para manter o equilíbrio e por um segundo a lanterna oscilou loucamente em todas as direções, arrancando brilhos coloridos do óleo que flutuava na água. Um penetrante aroma de diesel impregnava o ambiente, quase até a saturação.

O degrau era o início de um pequeno lance de escadas. A partir daquele ponto, o nível do chão se elevava e a água mal cobria os tornozelos.

Chafurdando ao longo daquele corredor, percorri os últimos metros até chegar a uma sala, completamente seca, ao fundo da qual havia uma pesada porta de aço. Parei, surpreso diante daquele obstáculo.

A porta não tinha nenhuma maçaneta ou puxador. O escuro olho de uma fechadura incrustada em uma simples chapa sem parafusos me observava, debochado. Dei um pontapé cheio de ira na porta. Sem a chave, não passaria. Desolado, abaixei a cabeça, soltando um rosário de palavrões em voz alta, enquanto esmurrava a porta.

Minha explosão de fúria parou de repente quando meu olhar detectou umas pegadas úmidas que brilhavam junto à porta. Havia dois tipos de pegadas, umas de uns quarenta e dois centímetros, que com toda certeza eram minhas, e outras, muito menores, com o inconfundível desenho do calçado esportivo. As marcas pequenas chegavam até a porta e repentinamente viravam para a esquerda.

Iluminando com a lanterna, comecei a seguir aquelas estranhas pegadas, arpão em riste, preparado para cobrir minha retirada caso encontrasse a besta que as havia deixado ali.

As marcas viravam uma esquina, atrás do que parecia uma sala de manutenção, e se perdiam no fundo de um corredor. Com rios de adrenalina bombeando em minhas veias, adentrei a escuridão. Sentia gotas de suor escorrendo por minhas têmporas. Minha boca estava seca como um deserto.

O foco de luz varria sistematicamente as pegadas do chão, cada vez mais tênues. De repente, dois brilhantes tênis vermelhos ficaram iluminados pela lanterna. Lentamente, fui subindo o foco de luz. Uns jeans sujos e velhos, uma leve blusa de lã...

Uma garota jovem, pouco mais que uma adolescente.

Um rosto com uns imensos olhos verdes emoldurados em um oval perfeito.

Uma expressão assustada, mas decidida.

Uma pele brilhante, lisa.

Uma pele viva.

Um ser vivo.

O impacto me deixou sem fala. Pisquei duas vezes para me assegurar de que não estava tendo uma ilusão de óptica. Não, aquela garota era real. Estava ali, em frente a mim. Se esticasse o braço, quase podia tocar seu rosto. Podia ouvir sua respiração se misturando com a minha. Uma gigantesca sensação de alívio percorreu meu corpo. Senti uma vontade incontável de gritar de prazer. Mas me controlei. O negro cano do fuzil que ela apontava para meu peito me sugeria ser cauteloso com minhas expressões de alegria.

A garota apertou os olhos, tentando perceber minha figura nas sombras. Percebi que a estava cegando com o fecho de luz da minha lanterna. Cautelosamente, apoiei-a em cima de uma mesa enquanto afastava as mãos do arpo e lhe mostrava as palmas vazias. Vi a garota engolir em seco, tensa.

- Olá - cumprimentei.

A garota se assustou ao ouvir minha voz. Por um segundo, pensei, horrorizado, que ia me dar um tiro.

- Olá - repeti meu cumprimento. - Como você se chama?

A garota hesitou. Seu olhar oscilava, nervoso, entre meu rosto e o estreito corredor que corria à minha direita, para a porta metálica. Estava assustada. Está com medo de mim, pensei com surpresa. Decidi tentar uma terceira vez.

- Acalme-se, não vou lhe fazer nada - disse, tranquilizador. - Meu nome é...

A frase ficou abafada pelo estrondo do fuzil da garota ao disparar.

Algo extremamente quente passou muito perto do meu rosto, entrando com violência na parede às minhas costas. Uma fina chuva de gesso caiu sobre mim, enquanto a bala abria um enorme buraco na parede.

Encolhi-me, aterrado. Aquela lunática ia me matar.

- Mas que, caralho, está fazendo? - gritei, com uma nota de pânico na voz. - Não atire, caralho! Estou vivo!

A garota tremia como vara verde. O HK regulamentar do exército parecia um cano descomunal em suas mãos. Vendo como a segurava, comecei a suspeitar que a arma havia disparado por acidente.

Estendi uma mão para o cano e o afastei de lado. A beleza de olhos verdes não se opôs, deixando-me agir. Ponto para mim, pensei. Agora não estrague tudo, por favor. Justo nesse instante, um prolongado e lastimoso miado quebrou o silêncio. Uma mochila pendurada nas costas da garota começou a se remexer furiosamente, enquanto algo dentro dela lutava para sair. Um zíper mal fechado cedeu um pouco, permitindo que uma cabeça alaranjada e peluda saísse por ele, com os bigodes eriçados e uma expressão de profundo ódio, que com o passar dos anos eu havia

aprendido a conhecer bem.

- Lúculo! - gritei alvoroçado, enquanto respirava contente por ter finalmente encontrado meu bichinho perdido.

O felino havia conseguido passar grande parte do seu grosso corpo pelo zíper cedido à força e esperneava como um possesso, pendurado como um vulgar saco de batatas na abertura, com os quartos traseiros e a enorme cauda ainda presos dentro da mochila. Finalmente, com uma última sacudida, conseguiu se libertar por completo, deixando um bom número de pelos alaranjados no zíper. Uma vez no chão, sentou-se para lambar os flancos durante alguns segundos e recuperar, assim, um pouco da dignidade felina perdida.

Um sorriso enorme aflorou em meu rosto. O velho Lúculo, uma figura. Como era de imaginar, ao lado de uma fêmea, mesmo no meio desse pesadelo. Onde mais poderia encontrá-lo?

Passei a mão pensativamente pelas costas do meu gato enquanto dedicava um prolongado olhar ao seu achado. A garota, ainda silenciosa, permanecia em pé diante de nós, apontando o fuzil para o chão e nos observando com cara de espanto.

Já podia contemplá-la com mais calma. Teria uns dezesseis ou dezessete anos, no máximo, mas era muito alta. Os incríveis e felinos olhos verdes que tanto me haviam surpreendido no início brilhavam com força em um rosto de feições harmoniosas adornado com algumas sardas. Uma densa cabeleira escura caía sobre seus ombros. Seu corpo, fibroso e magro, parecia flexível como um bambu e dois seios rígidos se adivinhavam por baixo da enorme blusa puída que usava. Notava-se tensão acumulada em todos os músculos, enquanto permanecia atenta a cada movimento meu. Era a viva imagem de uma pantera prestes a sair correndo.

- Meu nome é Lucia - sua voz era quente, talvez um pouco trêmula, mas era evidente que a jovem estava assustada. - E o seu?

Repeti meu nome. E lhe apresentei Lúculo, embora, acrescentei com certa ironia, achasse que os dois já se conheciam.

Um intenso rubor começou a cobrir as faces de Lucia enquanto se explicava apressadamente.

- Achei que estava abandonado - disse. - Ouvi o barulho de tiros lá em cima e subi para ver o que era. Encontrei seu gato no caminho e o peguei sem pensar. Não queria roubá-lo - acrescentou na defensiva.

- Eu sei - respondi com meu melhor sorriso, enquanto coçava as orelhas de Lúculo. - Mas que, diabos, está fazendo aqui?

Uma sombra escura cobriu os olhos de Lucia, enquanto um tremor imperceptível percorria seu corpo.

- Eu não deveria estar aqui. — Meneou a cabeça e, depois de alguns segundos, repetiu com voz monótona: - Não deveria estar aqui.

- Bem, se isso lhe serve de consolo, eu também não deveria estar aqui. - E acrescentei bufando, enquanto me levantava com dificuldade: - Nenhum de nós deveria estar aqui.

- Você está com mais alguém? - Havia verdadeiro medo em sua voz.

- Sim, deixei na capela, descansando, um piloto ucraniano que perdeu dois dedos de uma mão e que está começando a perder o juízo. - Observei sua cara de surpresa e acrescentei, muito seguro: - Mas é muito bom rapaz. Agora estou cuidando dele. Acho que só precisa dormir um pouco.

Ouvia a mim mesmo e não podia acreditar no que estava dizendo. Cinco minutos antes estava literalmente morrendo de medo em um corredor escuro, rezando para encontrar um jeito de sair dali o antes possível, e ali estava eu me gabando como um adolescente na idade do pavão para aquela preciosidade. Está certo que fazia vários meses que não via uma única mulher viva, mas aquilo era demais.

Lucia não parecia perceber nada daquilo. Ria encantada, aliviada como eu por não se encontrar diante de um não morto, e imagino que satisfeita por ter nova companhia.

- Onde você estava? - perguntei. - Há quanto tempo está aqui?

- Quase três meses. - E me observou dos pés à cabeça com ar scrutador. — Você não é da equipe de resgate, não é? - indagou com ar cético.

Imaginei minha aparência, com o neoprene manchado e cheio de arranhões, o arpão cruzado nas costas e uma pistola pendurada na cintura, no mais puro estilo Pancho Vila. O estetoscópio que ainda estava em meu pescoço só fazia acrescentar um toque surrealista ao conjunto. Pelo menos, eu havia feito a barba na concessionária antes de vir para cá, pensei. Devia parecer um vagabundo louco e cheio de hematomas, certo, mas pelo menos barbeado.

Pigarreei, constrangido com aquele exame tão profundo. Perguntei a que equipe de resgate se referia.

- As equipes de resgate do exército, evidentemente! - respondeu como se perguntando se eu estava bem da cabeça. — Cedo ou tarde terão de formar grupos nas áreas seguras para resgatar as pessoas que ficaram de fora. Irmã Cecilia disse que não podem demorar para chegar.

Meneei a cabeça, pesaroso. Três meses ali trancada, isolada do mundo externo. Ela não sabia de nada. Nada.

- Ninguém virá - murmurei. - Também não existe mais nenhuma área segura. Foi tudo para o caralho - prossegui. - Na verdade, você é uma das primeiras sobreviventes que encontro em quatro meses.

Lucia me observou estupefata. De fato, acho que se houvesse dito que tínhamos criança assada para jantar não teria feito uma expressão tão horrorizada.

- O quê? - Torceu as mãos nervosamente. - Isso é impossível. - Parecia falar mais

para si mesma que para mim. - Alguém tem de vir, tem de haver alguma autoridade a cargo da situação!

- Acho que não - respondi. - Estou há algumas semanas rodando por toda essa área e só cruzei com meia dúzia de sobreviventes. — Acendi um cigarro. - E nem eram muito boa gente. As áreas seguras são um cemitério. A falta de comida e as doenças debilitaram todos os refugiados. E depois - acrescentei, observando a cor do seu rosto ir mudando ao ouvir minhas palavras - esses seres destruíram as defesas e acabaram com todo mundo.

As pernas de Lucía falharam. Ela apoiou as costas na parede e se deixou escorregar até o chão, com o olhar perdido, muito abalada com a notícia.

- Não resta ninguém - murmurava, incrédula. - Ninguém... O que vai ser de nós duas?

- Nós duas? — Olhei para ela, perplexo, até que recordei que antes tinha dito algo sobre uma tal de "Irmã Cecília" ou algo do tipo. - Está com mais alguém?

Como única resposta, assentiu com a cabeça enquanto enormes lágrimas afloravam em seus olhos. Com um movimento da cabeça, apontou para a porta metálica sem maçaneta que eu havia esmurrado um minuto antes.

Ajudei-a a se levantar. O toque de sua mão era suave. Por um breve instante, pude perceber seu aroma. Não usava perfume. Era um cheiro suave, quente, humano, com um toque picante, feminino.

Tinha cheiro de mulher. Seis meses de abstinência haviam desenvolvido minha sensibilidade até esse ponto.

Lucía olhou para mim. Por um momento, achei que ia me afogar naqueles enormes lagos verdes que eram seus olhos. Minha cabeça zunia. Estava ficando tonto. Uns arranhões de Lúculo tentando chamar minha atenção me devolveram à realidade. Meu gato se empenhava em subir pela perna da minha calça, incomodado com a pouca atenção que lhe dedicávamos.

Voltamos sobre nossos passos, cruzando de novo a ampla extensão de água do subsolo até chegar à escada. Apesar de sermos duas pessoas que acabavam de se conhecer (ou, talvez, justamente por isso), os dois avançávamos lado a lado sem pronunciar nem uma única palavra. De vez em quando, um dos dois tropeçava em algum objeto escondido debaixo da água e tinha de se apoiar no outro, murmurando um breve "obrigado" ou um "cuidado aí", mas nada mais.

Era curioso. Até esse momento, eu tinha certeza de que, assim que encontrasse qualquer outro sobrevivente que não fosse o lacônico ucraniano, começaria a falar pelos cotovelos. Todavia, eu me mantinha em silêncio, sem saber o que dizer, confuso como um adolescente em seu primeiro encontro. Imagino que ela sentia a mesma coisa.

Na realidade, acho que o que estava acontecendo era muito simples de explicar.

Após tantos meses de isolamento e mutismo, após tanto estresse e perigo, havíamos aprendido a compreender dolorosamente o valor do silêncio. Havíamos descoberto que havia coisas que não era necessário pronunciar em voz alta para termos ciência de sua existência. E a presença de outro ser vivo era uma delas. Ambos estávamos gozando daquela experiência redescoberta de uma maneira tão intensa que pensávamos (pelo menos eu pensava) que falar poderia quebrar o encanto.

Levamos apenas alguns minutos para chegar até a porta da capela. O caminho que na ida havia me parecido uma eternidade nessa ocasião me pareceu assombrosamente breve, sem dúvida pelo fato de que não encontramos nem um único não morto no caminho. As criaturas passeavam a seu bel-prazer por todo o edifício, mas aquela garota parecia conhecer o prédio muito bem, e nos deslocávamos por corredores fechados, que pareciam não ter sido pisados havia meses. Estava atônito. Encontrar pela primeira vez uma sobrevivente que falasse minha língua, que não pretendesse me dar um tiro logo de cara e que parecia estar ainda mais desvalida que eu havia representado uma verdadeira comoção para mim. Precisava de um momento para refletir.

Peguei a chave do cordão pendurado no pescoço e a coloquei na fechadura da capela. A primeira coisa que pensei ao abrir a porta foi que Prit estava morto. Sua cabeça pendia em um ângulo impossível sobre o peito e não movimentava um só músculo. Meio derrubado sobre o banco onde eu o havia apoiado antes, seu corpo estava flácido e relaxado, como se estivesse a um milhão de anos-luz dali, e não em um sujo hospital abandonado e cheio de cadáveres.

Precipitei-me, correndo pelo corredor, preparando-me para o pior. A tensão havia sido demais para o ucraniano... tantos meses no limite haviam cobrado seu preço. Surpreendi a mim mesmo chorando. Não, não podia ser. Prit, não, por favor. Por favor.

Ao chegar ao seu lado, verifiquei que o ucraniano ainda respirava. Um enorme suspiro de alívio esvaziou meus pulmões. Aninhei a cabeça de Víktor em meu peito. Ainda não, velho amigo, ainda não. Aguento mais um pouco.

Pritchenko não estava morto, evidentemente, mas seu estado era preocupante. Seu olhar vidrado se perdia no infinito e um fino fio de baba pendia do canto de sua boca, dando-lhe um aspecto desvalido e frágil. Repeti seu nome várias vezes, mas não consegui chamar sua atenção. Prit estava catatônico. Totalmente alienado.

Lucía contemplava meus esforços dois passos atrás de mim, com uma expressão de perplexidade estampada no rosto. Evidentemente se perguntava como, diabos, eu podia ter chegado até ali, arrastando alguém que obviamente era um inválido. Bastava olhar para ele. Um sujeito baixinho, de bigode, com um braço em uma tipóia encharcado em sangue e mil pequenos cortes recentes no rosto, e que, ainda por cima, parecia estar em Urano.

Senti seu olhar indagador cravado em minhas costas. Fiquei furioso. Como, diabos, podia lhe explicar tudo o que Prit havia passado até chegar ali? Como explicar os imensos horrores que havíamos vivido até chegar a esse lugar miserável e abandonado?

Sem fazer perguntas, Lucía pegou Prit por baixo de um braço e o ajudou a se levantar, enquanto falava com ele com suavidade. Surpreendi-me com a delicadeza com que tratava o ucraniano. Parecia uma criança cuidando de um patinho com uma asa quebrada.

Caminhando lentamente, rumamos para a porta metálica do subsolo. Naquele momento, era evidente que com Prit nessas condições era absolutamente impossível sair dali. Certamente, eu podia tentar sozinho (ou seja, Lúculo e eu sozinhos) e com certeza conseguiríamos, mas essa era uma opção totalmente fora de cogitação.

Eu não podia abandonar Prit à sua sorte, nem aquela garota. E, além disso, a simples ideia de ficar sem uma companhia de novo me parecia tão terrível que revirava meu estômago. Não, para bem ou para mal, eu ficaria ali com eles. Se havia sido capaz de suportar todas as provas sofridas até então, daria conta do que viesse pela frente. Finalmente, chegamos à porta metálica sem fechadura. Lucía deu uma série de batidas (duas rápidas, três mais espaçadas e finalmente um sonoro pontapé) e esperou um pouco. Depois de alguns segundos, alguém manipulou o mecanismo de fechamento por dentro e a porta se abriu. Um jorro de luz saiu da porta aberta, cegando-nos por um segundo. Luz.

Luz elétrica. De alguma maneira, tinham eletricidade lá dentro.

Sem pensar, dei dois passos até parar ao lado da porta. Havia cheiro de comida, de algo bem gostoso a julgar pelo aroma.

Dei uma olhada para trás, para o túnel lúgubre, úmido e escuro que deixava às minhas costas. Hesitei. Já tivera mais experiências no passado com outros sobreviventes. Não sabia o que encontraria do outro lado daquela porta, ou mais exatamente quem e com que intenções, mas, dadas as circunstâncias, parecia valer a pena averiguar. Na verdade, acho que não tinha alternativa. Entrei.

A pesada porta metálica se fechou atrás de nós com um som surdo, deixando de novo o corredor mergulhado na escuridão.

Fosse o que fosse, já estávamos ali.

NUMÂNCIA

Meados de julho

15h40

Três meses. E incrível como o tempo passa. Fazia três meses que não me animava a retomar este diário. Quase escrevi todos esses dias, mas, por algum motivo ou outro, sempre deixava "para amanhã". Imagino que ver esta caderneta me lembra o inferno pelo qual passei para chegar a este lugar. Mas, agora, isso tanto faz. Já estou muito melhor.

Foram três meses mágicos que me permitiram recuperar o equilíbrio mental e me afastar um pouco da fera acossada em que estava me transformando; três meses que me permitiram recordar que sou um ser humano, e não um simples pedaço de carne que luta para sobreviver.

A recuperação não foi só mental, mas física também. O descanso, a boa alimentação e, principalmente, os atenciosos cuidados de minhas novas companheiras me permitiram recuperar a forma física que tinha antes de as portas do inferno se abrirem. Mas nem tudo está curado. Dentro de mim, cresceu uma marca dura e amarga, como a de um veterano de guerra. Minha escala de valores e a importância relativa que dava a certas coisas mudaram. Eu mudei.

Não sei por que me surpreendo. O maldito mundo inteiro mudou, afinal.

Agora somos um grupo de quatro pessoas, além de Lúculo, evidentemente. Prit, eu, Lucia e Irmã Cecília. Só vendo para acreditar. Uma bendita freira no meio dessa loucura. Enquanto escrevo isto, vejo-as de costas, lidando com o forno. É maravilhoso comer comida quente todos os dias.

O refúgio é fantástico. Depois da porta metálica do andar superior há um curto trecho de escadas que leva para onde estamos neste momento, um setor do subsolo do hospital completamente isolado do resto. Nesta área do subsolo estão situadas as enormes cozinhas do complexo hospitalar, de onde saíam diariamente milhares e milhares de refeições destinadas aos funcionários e aos pacientes.

Há apenas três acessos possíveis: o elevador de carga, que leva para a sala de distribuição do andar superior, o trecho de escadas geral que liga com o resto do hospital e a pequena escada de emergência por onde nós entramos. O elevador de carga está inutilizado em nosso andar mediante algum tipo de ferro que segura as portas abertas e as escadas gerais são impraticáveis porque estão interrompidas no andar imediatamente superior por umas grossas portas fechadas com correntes.

Então, o único acesso possível a este subsolo é pelas escadas de emergência por onde chegamos. Uma única entrada e saída guardada por uma porta corta-fogo. Mais seguro, impossível.

Mas o melhor não é isso. Para nosso alívio, os geradores de emergência do hospital

continuam funcionando e fornecendo eletricidade a este setor. Isso implica que os gigantescos *freezers* da cozinha, repletos de víveres suficientes para alimentar um exército, continuam operativos. Como somos só quatro pessoas (e um gato que come por dois), calculo que teremos comida congelada suficiente para os próximos dois anos.

O hospital dispõe de seu próprio fornecimento de água (há anos, quando estavam escavando os alicerces do edifício, encontraram um enorme lençol freático que paralisou as obras por um tempo), de modo que isso também não é problema.

A única coisa que pode nos preocupar é que os geradores pifem ou que acabe o combustível que os alimenta. Não sabemos onde estão situados exatamente, nem onde se encontra o quadro elétrico. Embora tentemos racionalizar o consumo energético ao máximo, as reservas de diesel que alimentam os geradores não são infinitas. É uma situação que teremos de enfrentar cedo ou tarde.

Irmã Cecilia Iglesias (embora prefira que a chamemos de "irmã", só) é um ser excepcional. É uma mulher baixinha, gordinha e espevitada, com um brilho inteligente no olhar. Tem uns cinquenta e tantos anos e é de um povoadinho perdido de Ávila. Passou os últimos quinze anos como missionária no Quênia, trabalhando em um hospital mantido por sua ordem a uns duzentos quilômetros de Nairobi. O turbilhão da pandemia a pegou no aeroporto de Vigo, quando vinha dar uma série de palestras em vários colégios de religiosas da província. Em um primeiro momento, ficou alojada em um hotel lotado da cidade, esperando que as coisas se acalmassem. Quando ficou evidente que a situação estava fora de controle, essa mulher enérgica se negou a adotar um papel passivo de mera refugiada.

Soube que o Hospital Meixoeiro continuava funcionando e atendendo centenas de pessoas, mas que padecia uma dramática escassez de médicos (a maioria fugida ou morta, a essa altura). De modo que, sem hesitar nem um momento sequer, apareceu na porta para oferecer seus serviços como enfermeira. Passou as semanas finais da civilização mergulhada em uma voragem de trabalho extenuante, que a impedia de ter notícias do exterior. Enquanto eu estava confortavelmente entrincheirado em minha casa, a irmã atendia incontáveis feridos no hospital, em um gotejamento constante e demolidor.

Pelo visto, o Meixoeiro foi o único centro médico que continuou operativo quase até o final, de modo que incontáveis ambulâncias e veículos particulares que conseguiam abrir caminho no meio do caos depositavam na porta dúzias e dúzias de feridos.

Segundo Irmã Cecilia me contou, na entrada do pronto-socorro dois médicos do exército esgotados, de uniforme de campanha, faziam uma primeira triagem dos feridos. Todos aqueles que apresentassem mordidas, arranhões ou houvessem tido algum tipo de contato com os infectados eram escoltados por um pelotão de

soldados a outro "centro médico especializado" nas proximidades.

Não me atrevi a dizer a essa piedosa mulher que nunca existiu nenhum hospital "especializado". Ou muito me engano, ou os militares haviam aplicado a esses feridos sem esperança sua particular "Solução Final". Possivelmente, em qualquer descampado em um raio de poucos quilômetros do hospital, agora mesmo havia centenas de cadáveres com uma bala na cabeça apodrecendo lentamente no fundo de uma vala comum. Assim terrível era a situação.

Mas, mesmo sem contar com essa gente infeliz, continuavam existindo centenas de doentes e feridos que o sobrecarregado hospital acolhia a duras penas. Acidentes de trânsito, feridos em distúrbios e saques, infartos, apendicite... Toda a variada gama de doenças e acidentes que um ser humano podia sofrer continuava afluindo ao colapsado Meixoeiro, enquanto a situação ia se deteriorando paulatinamente.

De repente, um dia, chegou a ordem de evacuação total para a área segura de Vigo. As autoridades já não podiam garantir a segurança do perímetro, e, de cada quatro ambulâncias que saíam para atender uma urgência, apenas metade conseguia retornar. As outras eram devoradas misteriosamente.

Uma companhia mecanizada da Brilat apareceu uma manhã para organizar o comboio de evacuação. Centenas de doentes e feridos foram amontoados em caminhões militares abertos, ambulâncias, táxis, veículos particulares e, em geral, qualquer coisa com quatro rodas que ainda pudesse andar, com toneladas de medicamentos e a maior parte do esgotado pessoal médico. Apenas uns cento e tanto pacientes, em estado muito grave para serem transferidos, tiveram de ser abandonados no hospital. Um pequeno grupo de voluntários, entre os quais se encontrava Irmã Cecília, decidiu ficar para atender aquela pobre gente, que, de outra maneira, teria sido irremediavelmente tomada por uma agonia lenta e dolorosa na mais absoluta solidão. Talvez houvesse sido melhor assim.

Era um grupo de três médicos e cinco enfermeiros, contando Irmã Cecília. Além deles, um pequeno pelotão heterogêneo de soldados e policiais foi destacado para lá como força de proteção, com a missão de entrincheirar-se no hospital e esperar a chegada, "mais à frente", de um forte grupo de resgate. Como é óbvio, esse grupo nunca chegou.

Enquanto os voluntários lutavam para manter os pacientes graves vivos, os militares se dedicavam a fortificar sistematicamente os acessos ao hospital. (Por isso as portas bloqueadas que havíamos encontrado.) O subsolo onde estamos agora foi batizado de Numância por um primeiro-sargento com um macabro senso de humor. Caso as defesas caíssem, todo mundo devia se refugiar neste setor. Os geradores foram postos no modo automático e cortaram a eletricidade de todo o edifício, exceto daquelas cozinhas, para reduzir o consumo ao máximo. Depois de tudo isso, só restava esperar.

Foi quando apareceu Lucía. É uma menina de apenas dezessete anos ("quase dezoito", como não se cansa de repetir), mas já tem um corpo espetacular. Morava com os pais em Bayona, uma pequena vila turística a pouco mais de vinte quilômetros de Vigo. Quando a evacuação de toda a população civil às áreas seguras foi determinada, a prefeitura de Bayona tentou fazê-lo de maneira sistemática e organizada. De algum modo, conseguiram reunir uma frota de ônibus para trasladar a população. Enquanto milhares de pessoas esperavam pacientemente no entorno do Parador de Turismo, situado em uma pequena península, os ônibus realizavam a curta viagem de ida e volta entre Bayona e a área segura repetidas vezes, incansavelmente.

No meio da confusão, Lucia entrou em um ônibus enquanto sua família embarcava em outro. Confiando que se encontrariam depois de alguns minutos na área segura, Lucia se deixou levar calmamente, muito impressionada com a situação, como todo mundo, para poder fazer outra coisa.

Entretanto, o ônibus dos pais de Lucia nunca chegou a seu destino. Em algum ponto do caminho, desapareceu misteriosamente. Evidentemente, todo mundo temeu o pior. Nesse momento, o ataque à área segura começava a ficar mais severo. Os não mortos já pululavam por todo lado.

Lucia quase enlouqueceu de desespero. Sozinha, sem saber o que havia sido dos pais, no marasmo da área segura, obrigada a dormir amontoada com mais trezentas pessoas em um antigo galpão de congelados, comendo rações cada vez mais escassas, decidiu que tinha de encontrar sua família de qualquer jeito. Com bom senso, pensou que, se não estavam na área segura, o único lugar onde podiam estar tinha de ser o Hospital Meixoeiro, onde um reduzido grupo ainda se mantinha entrincheirado. De modo que, quando começaram a recrutar voluntários entre a população civil para formar parte dos grupos de exploração, foi uma das primeiras a se apresentar.

Forneceram-lhe uma jaqueta camuflada dois números maior que ela e pesadas botas de combate, mas não lhe deram armas. Não havia suficientes para todo mundo, a munição estava começando a faltar e, além disso, com certeza seu aspecto frágil não devia ter inspirado muita confiança ao oficial encarregado. Sua tarefa seria simplesmente de portadora. Quando chegavam a algum objetivo, normalmente uma pequena loja ou um supermercado de bairro, uma equipe montava um perímetro de segurança em volta, enquanto outro fazia uma batida preventiva dentro. Quando o setor estava assegurado, os portadores, todos civis, tinham de carregar apressadamente quilos e quilos de alimentos não perecíveis, recolhendo a toda velocidade qualquer produto útil que vissem pelo caminho.

Lucia passou três extenuantes semanas brincando com a morte a cada saída. Viu morrer pelo menos meia dúzia de membros de sua equipe e ela mesma quase foi

caçada em uma ocasião por um não morto encolhido em um depósito. Mas continuava saindo, dia após dia, esperando sua oportunidade.

Finalmente, chegou. Aproveitando que o objetivo daquele dia ficava relativamente próximo do Meixoeiro, Lucia fugiu do grupo e fez a pé o caminho para o hospital. Segundo ela, foram as quarenta e oito horas mais aterradoras de sua vida. A noite se escondia em qualquer lugar elevado e inacessível, e com a primeira luz do dia retomava o caminho, esquivando-se dos não mortos e sendo obrigada a passar longos períodos, horas às vezes, escondida atrás de alguma coisa, esperando que os predadores fossem para outro lugar.

Quando finalmente chegou ao hospital, a surpresa do pelotão de soldados que o protegia foi imensa. Fazia semanas que não viam um único ser vivo por ali, afora os grupos errantes de não mortos que de vez em quando se aproximavam, de modo que a visão daquela garotinha vestida de soldado e que chegava andando em busca de seus pais desconcertou-os profundamente.

Evidentemente, não havia rastro dos pais de Lucia no hospital, nem ninguém tinha nenhuma informação sobre eles. Aquilo foi cruel para a valente garota. De repente, teve consciência de que possivelmente havia ficado totalmente sozinha no mundo, sem saber muito bem o que fazer.

No entanto, o pior ainda estava por vir. A presença de uma garota jovem e linda entre homens jovens, isolados e embrutecidos pela situação só podia desencadear uma tensão sexual cada vez maior. As rixas e brigas entre aqueles hiper excitados soldados aumentavam cada vez mais. Finalmente, uma noite, um dos integrantes do grupo, totalmente bêbado, tentou violentá-la. Felizmente, um dos médicos deteve o agressor com uma pancada certa na cabeça bem na hora, mas a situação estava começando a ficar incontrolável.

O tenente no comando do grupo ordenou que as mulheres do hospital (ou seja, Lucia e Irmã Cecília) ficassem permanentemente dentro de Numância e que não saíssem dali em hipótese alguma. De nada serviram os protestos da freira nem a indignação de Lucia. O tenente, um sujeito da velha guarda, não queria mulheres misturadas com os homens sob suas ordens e não havia mais nada a dizer. Assim, durante duas semanas, foram obrigadas a trabalhar como cozinheiras e assistentes do grupo dos andares superiores, enquanto os pacientes faleciam lentamente um a um, seja pela extrema gravidade de sua condição, seja pela falta de medicamentos especializados ou porque naquelas condições era impossível fazer qualquer tipo de intervenção cirúrgica. De resto, os defensores se limitavam a esperar.

Não foi por muito tempo. Apenas duas noites depois de perderem comunicação por rádio com a área segura, centenas de não mortos começaram a se reunir pela área. Em vez de tentar passar despercebidos, o tenente no comando do pelotão, um cretino de cabeça oca e faminto de glória, ordenou abrir fogo. Logo o barulho das armas

automáticas agiu como um ímã sobre aqueles seres, congregando uma verdadeira multidão na frente do hospital.

Com o tempo, os não mortos conseguiram entrar. Nem Irmã Cecília nem Lucia foram capazes de me explicar como foi aquilo, nem o que aconteceu exatamente, pois estavam entrincheiradas no subsolo enquanto o drama se desenrolava um pouco mais acima. A única coisa que sabem é que um dos soldados, um rapaz muito jovem e assustado, com um acentuado sotaque andaluz, havia aparecido em Numância e lhes aconselhara que fechassem a porta por dentro.

Durante duas horas, ouviram-se numerosas detonações dentro do hospital e até algumas explosões. Os tiros, no início do lado de fora, logo passaram a soar nos corredores internos do hospital, até que, por fim, cessaram por completo. A freira e a adolescente aguardaram pacientemente durante quase duas horas que alguém fosse buscá-las para lhes dizer que tudo havia acabado. Mas ninguém apareceu.

Lucia, armando-se de coragem, arriscou-se a sair de Numância para ter notícias do grupo. A única coisa que pôde ver foi o mesmo que meses depois Pritchenko e eu encontraríamos. Corredores abandonados, marcas de luta por todos os lados e nem um único ser vivo.

Desde aquele momento, as duas mulheres viviam naquele subsolo, protegidas do exterior. Ali não só tinham luz, água e alimentos, como também estavam a salvo dos não mortos. Mas o mais importante, acima de tudo, era que também não sabiam muito bem aonde ir nem que, diabos, fazer.

Sabiam que suas possibilidades no exterior eram muito limitadas e que por seus próprios meios não poderiam chegar muito longe. De modo que haviam concluído que a melhor opção era esperar que as equipes de resgate chegassem.

Entretanto, os únicos que apareceram por ali foram dois sobreviventes com um gato, cansados, feridos, famintos e desorientados. O impacto que nossa chegada representou, juntamente com as notícias que trazíamos do exterior, foi para elas um misto de horror e esperança. Horror por descobrir que não restava nada da sociedade que conheciam, e esperança porque agora nossa presença lhes permitia finalmente ver uma saída para aquela situação tão complexa.

Viktor está muito melhor. Assim que passamos pela porta, Irmã Cecília o adotou sob sua proteção como uma galinha a um pintinho. Não só foi capaz de remendar com notável maestria sua destroçada mão esquerda (mas faltam dois dedos, irremediavelmente), como também conseguiu tirar o ucraniano da tremenda crise nervosa em que havia mergulhado. Seu diagnóstico havia sido surpreendentemente coincidente com o meu. Neurose de guerra, dissera. Não é irremediável, pois normalmente duas semanas em um lugar seguro e tranquilo, longe de qualquer tipo de tensão nervosa, serve para acabar com ela, mas há ocasiões em que o afetado fica transtornado para sempre.

Felizmente, esse não foi o caso de Víktor. Sua vontade de viver é intensa demais para que uma simples crise nervosa o deixe estacionado no acostamento. Ao longo das semanas, vi seu estado de ânimo ficar, pouco a pouco, cada vez mais forte e positivo. Sem dúvida, as enormes, longas conversas que à luz de duas velas mantinha todas as noites com Irmã Cecilia contribuíram para isso. A freira e o ucraniano desenvolveram uma estreita relação de amizade, baseada na confiança. Como muitos eslavos, Pritchenko é fervorosamente crente. Apesar de Irmã Cecilia ser católica e ele ortodoxo, sua presença lhe serviu de profundo consolo. Imagino que ao longo dessas intermináveis conversas deve ter tentado encontrar algum sentido em todo esse inferno, alguma resposta para a repentina perda da mulher e do filho, alguma ideia de por que Deus desencadeou esse cataclismo sobre a Terra. Não sei se ele encontrou essas respostas ou não, mas pelo menos sei que a busca foi um bálsamo para sua alma ferida.

Algo dentro de seu coração se partiu para sempre, disso não resta dúvida, mas agora, pelo menos, está aprendendo a conviver com a dor. Que não é pouca.

Eu, particularmente, prefiro não pensar. O fato incontestável é que cada minuto que passa eu me pergunto o que terá sido dos meus. Caramba, sinto falta deles de uma maneira tão intensa e desesperada como nunca pensei que poderia sentir falta de ninguém. Sei que o mais provável é que tenham se transformado em uma dessas coisas, mas me nego a admitir.

Tenho um pesadelo recorrente há semanas. Caminho por um corredor escuro, com o rumor da água do mar do outro lado de uma das paredes, mas não há cheiro de mar, e sim de podridão. O corredor está coberto de restos de lixo, cartuchos de bala e as paredes estão manchadas com algo parecido a excrementos, mas sei que é sangue seco. De repente, de uma porta saem minha irmã e meus pais, transformados nessas coisas, avançando para mim com olhos cegos, querendo meu sangue. Embora esteja armado no sonho, não consigo levantar a arma, e então... então acordo com um mal-estar enorme e uma vontade imensa de vomitar.

Sem dúvida, os que morreram e se transformaram em uma dessas coisas estão no inferno, mas nós, os sobreviventes, não vivemos muito mais longe disso.

Meados de setembro

15h45

Temos de sair daqui. E rápido, aliás.

Ontem à tarde, estava com Prit, discutindo no vão do elevador de carga, qual seria o caminho mais rápido para alcançar o GL e trazê-lo até nossa "saída de emergência". Ambos tínhamos certeza de que tínhamos de tirar o pesado 4x4 do lugar onde o havíamos deixado, do outro lado do hospital, e levá-lo até uma posição mais segura nessa área. Não se tratava só de tê-lo mais à mão caso surgisse alguma emergência, mas também era imprescindível movimentá-lo um pouco de vez em quando para evitar que pifasse. O inverno estava se aproximando lentamente, e eu temia que isso pudesse afetar seriamente o motor de arranque.

No meio da conversa, o ucraniano levantou-se subitamente, como um perdigueiro farejando ansioso o ar, com uma expressão concentrada no rosto.

- Não está sentindo? - perguntou.

- Sentindo o quê? - respondi, desconcertado. Devo reconhecer que, depois de nove meses cercado de lixo e cadáveres em lenta decomposição, minha pituitária não tinha a mesma sensibilidade de outrora.

— Incêndio — disse Viktor com os olhos fechados, enquanto farejava o ar ansiosamente. Abriu os olhos de repente e se voltou, olhando para mim intensamente.

— Incêndio? Fogo? Aqui, no hospital?

- Não aqui no hospital. Fogo lá fora, incêndio florestal. Tenho certeza - respondeu Prit, com a voz abafada.

Não tinha a menor dúvida de que o pequeno piloto tinha razão. Anos de experiência combatendo incêndios florestais o haviam ensinado a perceber os sinais mais tênues do fogo, inclusive aqueles que a um simples cidadão passariam despercebidos. Eu, na verdade, não sentia cheiro de nada, mas, se o ucraniano estava dizendo que cheirava a madeira queimada, não havia nada a discutir. A questão era como isso podia nos afetar, dada nossa situação.

- Vem arrastado pelo vento. Está vindo para cá — prosseguiu o ucraniano.

- Devíamos ir ver.

- Sim.

Olhamo-nos fixamente durante alguns segundos. O ucraniano meneou a cabeça e eu soltei um palavrão. Ambos sabíamos de antemão o que ia acontecer.

Caramba, pensei. Outra vez na roda-viva. Lá vamos nós, mais uma vez; mas não nos restava outra opção além de pôr o nariz para fora da toca, querendo ou não.

Tomada a decisão, voltamos para Numância. Em poucas palavras, informamos Irmã

Cecília e Lucia da situação. A expressão de alarme desta última quando soube que íamos nos aventurar de novo lá fora foi quase cômica.

Enquanto me ajudava a abotoar a remendada roupa de mergulho, ela não parava de tagarelar nervosamente à minha volta, recordando-me mil coisas que não devia fazer. Não se arrisque muito, não entre em lugares escuros, não se aproxime de nada suspeito, não se afaste de Prit, não...

Tentei acalmá-la um pouco, não só por ela, mas porque estava conseguindo que eu mesmo ficasse mais nervoso ainda. Não que Lucia seja uma histérica, nada disso, mas a possibilidade de que acontecesse algo conosco no exterior parecia perturbá-la profundamente.

Finalmente, tanto Prit quanto eu ficamos prontos. Ambos estávamos armados com dois fuzis de assalto desses que haviam ficado abandonados pelos militares no hospital. Além disso, cruzado nas costas, eu levava o arpão com um virote montado e mais dois de reserva amarrados na panturrilha direita. Por sua vez, o ucraniano, vestindo um impressionante casaco fúcsia que feria a sensibilidade cromática mais elementar, levava uma enorme faca de caça em uma bainha nas costas, enquanto mascava chiclete de forma mecânica, surpreendentemente tranquilo.

Sabíamos com segurança que a melhor saída era pelo vão do elevador de carga. Não só evitávamos ter de cruzar de novo metade do hospital às escuras, como também usávamos o acesso mais rápido ao exterior. Chegando ao depósito de produtos do andar superior, só teríamos de abrir uma janela para ter uma visão ampla do vale que se estendia aos pés do hospital.

No entanto, logo descobrimos que subir pelos cabos de um elevador é algo bastante mais difícil do que parece em filmes. Não só estavam completamente cobertos de graxa, como também o barulho que fazíamos subindo poderia estar atraindo uma legião dessas coisas. Mas, como pudemos comprovar, as circunstâncias nos favoreceram, pelo menos por um tempo.

Após subir com dificuldade até o andar superior, Prit abriu a porta do elevador de carga com extrema suavidade, preparado para pular de novo lá dentro ao menor sinal de perigo. Eu procurava manter o cabo o mais tenso possível, para que, no caso de problemas, pudéssemos deslizar por ele rapidamente até o térreo.

Deslizando como uma enguia, Viktor desapareceu atrás da porta do andar superior. Durante quinze intermináveis segundos não pude ouvir o mínimo barulho. Quando achei que meus nervos iam explodir, o ucraniano apareceu atrás da porta e me fez um sinal para indicar que o caminho estava livre. Curiosamente livre, devo acrescentar.

Pela primeira vez em muitos meses senti a luz do sol diretamente na pele, e a sensação foi tão fantástica que fiquei paralisado um momento, aproveitando aquele maravilhoso prazer. Estávamos em um depósito do andar superior. Um pesado

portão metálico, por onde outrora entravam os caminhões dos fornecedores, estava escancarado, possivelmente abandonado de qualquer jeito no momento da evacuação do complexo hospitalar. A luz do sol entrava por ali. Senti meus nervos se espremerem na boca do estômago. Se aquela enorme porta estava aberta, isso significava que nada impedia os não mortos de passear com total liberdade por dentro daquela enorme sala. Mas não havia nem rastro deles. Nem o menor sinal.

Prit e eu pusemos a cabeça para fora com cautela. Era um lindo dia de final de verão. Embora o sol brilhasse intensamente em um céu totalmente limpo, um forte vento do nordeste fazia que a sensação térmica fosse muito baixa. Mas aquele vento, por sua vez, trazia um intenso cheiro de madeira queimada. Até eu podia perceber naquele momento.

Meu olhar passava nervosamente da direita para a esquerda, tentando localizar qualquer possível movimento suspeito, mas não havia nem uma alma à vista. Apenas dúzias de pássaros, com movimentos atordoados, voavam para todos os lados, completamente desorientados. O ambiente estava carregado de eletricidade, como uma espécie de tensão contida palpável por todos os lados.

De repente, Pritchenko me deu uma cotovelada nas costelas para chamar minha atenção. Segui com o olhar a direção que ele apontava silenciosamente com o dedo. Sobre as colinas que cercavam aquele lado do vale, a uma distância de mais de dois quilômetros, elevava-se uma densa coluna de fumaça, trançando enormes espirais negras que se agitavam com fúria. Um maligno resplendor alaranjado tingia o horizonte, dando um toque sinistro e irreal àquele panorama.

Fiquei completamente horrorizado contemplando a cena. Um incêndio. Um enorme e incontrolável incêndio florestal. Eu julgava recordar vagamente que, dois dias antes, uma forte tempestade seca (grande quantidade de raios, mas sem precipitações) havia caído por ali. Talvez esse incêndio houvesse sido provocado por um raio daquela tempestade. Ou por um cilindro de gás abandonado ao sol durante meses. Ou por qualquer outra maldita coisa que naquele momento eu não podia imaginar. Quem sabe...

A única coisa certa era que aquele incêndio, sem ninguém que o combatesse, estava ganhando dimensões pavorosas, arrasando tudo o que se encontrava em seu caminho. De repente, como se alguém houvesse lido meus pensamentos, uma forte explosão sacudiu a atmosfera, enquanto uma enorme bola de fogo alaranjada se elevava sobre o horizonte. O fogo acabava de devorar um veículo, talvez mais de um ao mesmo tempo, dada a magnitude da explosão. Aquilo estava se transformando em um monstro.

Esse pensamento me fez recordar, de repente, a estranha ausência de não mortos pelas imediações. Pode ser que seu primitivo raciocínio, se é que se pode chamar assim seu comportamento, os houvesse feito fugir das chamas a toda velocidade. Eu

não estranharia. Afinal de contas, esses seres parecem agir impulsionados por seus instintos mais primários, como os animais. E um dos impulsos mais elementares da natureza é o da auto-preservação.

De alguma maneira que não consigo compreender, os não mortos haviam percebido o perigo e se limitado a se afastar dele indo para áreas mais seguras. Possivelmente as chamas pegassem dezenas, centenas, talvez milhares deles, mas, ainda assim, restariam milhões dessas almas condenadas vagando por aí. Não, o fogo em si não era a solução do problema; ao contrário, representava outro problema ainda maior. Mais um balde de problemas a acrescentar ao lamaçal já transbordante no qual chafurdávamos.

Dois javalis surgiram do emaranhado bosque em que o jardim da frente havia se transformado e atravessaram correndo a esplanada deserta do estacionamento, em direção oposta ao muro de chamas. Prit e eu nos olhamos sem dizer nada. Se os animais fugiam do fogo era porque seu instinto dizia que aquele lugar não era mais seguro. Talvez devêssemos seguir o exemplo, dizia seu olhar.

De qualquer maneira, não era necessário um instinto muito afiado para perceber isso. Bastava ver onde estava o incêndio e para onde soprava o vento para deduzir que o fogo cairia sobre o hospital em duas horas, talvez quatro. Não mais. Esse era o tempo de que dispúnhamos.

Não havia tempo a perder.

Rapidamente, contornamos a parede sul do hospital, em direção ao estacionamento onde havíamos deixado abandonado de qualquer jeito o GL alguns meses antes. Lembrava-me perfeitamente de que a porta do passageiro havia ficado aberta e que dois daqueles seres haviam entrado no veículo. Não sabíamos o que poderíamos encontrar ali, mas já contávamos com que a bateria do GL houvesse se descarregado completamente. Não tinha certeza de ter desligado os faróis quando tirara Prit do carro, de modo que tudo era possível. Por via das dúvidas, no fundo da mochila que levava pendurada nas costas repousava uma reluzente bateria de reserva, butim do depósito das ambulâncias.

Enquanto trabalhávamos com as baterias, trocando a velha pela nova, não pude evitar uma poderosa sensação de *déjà vu*. Era exatamente a mesma situação que havíamos vivido meses atrás, quando desembarcamos no porto de Vigo, só que dessa vez já não andávamos tão às cegas como antes. Bem, e também não tínhamos um monte de paquistaneses armados em volta de nós. Era uma diferença apreciável. Perguntei-me vagamente o que teria sido da tripulação do *Zaren Kibish*. No que me diz respeito, esperava que estivessem ardendo no inferno.

Com dois soluços, o motor se pôs em marcha após uma breve hesitação. Enquanto isso, as primeiras chamas começavam a despontar sobre as colinas próximas ao hospital. O céu estava tingido de uma intensa cor de laranja e o cheiro de fumaça já

era perfeitamente perceptível. O vento parecia ter aumentado de intensidade e a temperatura havia subido pelo menos dois graus centígrados. Aquilo estava ficando rapidamente feio.

Demos a volta no edifício no 4x4 sem ver um único desses seres sequer. Com um rangido seco, o GL parou finalmente sobre a camada de pedras que havia na entrada do túnel de acesso ao depósito.

Enquanto Prit aguardava no veículo com o motor em marcha, eu me precipitei como um foguete pelo vão do elevador, descendo pelo cabo engraxado até chegar, sem fôlego, ao térreo.

Irmã Cecília e Lucía me esperavam junto à cabine do elevador, com uma expressão inquieta no rosto. Dei-me conta de que o cheiro de queimado já era perceptível no subsolo. Não sei se foi minha imaginação acelerada ou a pressa do momento, mas até me parecia ver volutas de fumaça circulando à contraluz em frente às lâmpadas de magnésio.

Informei-as da situação apressadamente. Um enorme incêndio se aproximava do hospital. Não havia maneira de detê-lo, em pouco mais de uma hora estaria em cima de nós e arrasaria aquele lugar até o alicerce. Até os não mortos haviam fugido a toda velocidade que seus corpos maltratados lhes permitiam. Tínhamos de sair dali já, ou em pouco tempo viraríamos carvão.

A reação delas foi muito mais serena e tranquila do que eu teria imaginado. Mentalmente, eu havia cogitado a possibilidade de enfrentar um chilique de consideráveis dimensões ou até mesmo uma negativa categórica de sair da segurança do subsolo, mas elas enfrentaram a notícia com uma equanimidade impressionante. Enquanto Lucía se dirigia ao canto do depósito onde havíamos deixado as "mochilas de emergência", como costumava chamá-las, a religiosa simplesmente se limitou a me perguntar se havia alguma possibilidade de desbloquear o elevador e pô-lo de novo em funcionamento.

— Há muitas coisas que essa freira pode fazer - disse -, mas subir mais de dez metros por um cabo cheio de graxa não é uma delas. Então, mexa-se, filho, ou terá de me ajudar a sair pelo lado mais comprido, e isso levará muito tempo.

Sorri, enquanto meneava a cabeça, muito impressionado para falar. Aquelas duas mulheres eram feitas de um material muito resistente. Tinham de ser, para terem sobrevivido sozinhas durante tanto tempo e aguentado aquele inferno sem ser devoradas.

Afinal de contas, onde homens com pelo no peito haviam se dobrado como molas quebradas diante das dificuldades, elas haviam se limitado a apertar os dentes e seguir em frente um pouco mais. Não, definitivamente, não tinham frescura nenhuma. Ainda bem.

Nesse momento, Lucía voltava do canto do depósito, meio sepultada por duas

enormes mochilas do exército e trazendo outra arrastada. Dentro daquelas bolsas havíamos colocado tudo o que considerávamos que seria imprescindível quando tivéssemos de sair dali: dezenas de pacotes de comida liofilizada dos militares, um enorme e variado sortimento de remédios com o qual tenho certeza de que se poderia abastecer um regimento, munição, bengalas sinalizadoras, meu rádio de ondas curtas (sem pilhas, claro, desde que algum marinheiro do *Zaren Kibish* revistou meus pertences e concluiu que elas seriam úteis a ele para qualquer outra coisa), litros de água e só Deus sabe quantas dúzias de coisas mais.

Coloquei a mochila que me parecia mais pesada nas costas, enquanto ajudava Lucía a encaixar bem a sua. Apesar dos protestos indignados de Irmã Cecília, não lhe permiti carregar a terceira mochila, e Lucia e eu a arrastamos, juntamente com a caixa onde estava Lúculo. As coisas não estavam tão mal a ponto de uma mulher de mais de sessenta anos ter de carregar uma mochila que pesava pelo menos o mesmo que ela.

Antes de entrar no elevador, dirigi um último olhar àquele subsolo, com uma pontada de nostalgia. Ali, havia levado uma vida quase normal durante quase dois meses. Possivelmente, aquele era o único lugar seguro com luz, água, comida e conforto em muitos quilômetros. E não só éramos obrigados a abandoná-lo, como também seria pasto das chamas em poucos minutos, e não havia nada que pudéssemos fazer para impedir.

A simples ideia de que um lugar tão maravilhoso como aquele fosse desaparecer encolhia meu coração. Sorri amargamente, consciente da peculiar ironia que aquele último pensamento encerrava. Um subsolo escuro, fechado e dominado por cheiro de comida e de umidade, fruto da condensação, me parecia um lugar "maravilhoso". E de foder!

Enfiando no bolso um rosário de marfim que a freira havia deixado esquecido em cima de uma mesa, dirigi-me com passo lento para o elevador, onde as duas mulheres já me esperavam. Deixei todas as luzes acesas atrás de mim, sem me preocupar em apagá-las. Dava no mesmo. O *Titanic* também havia ido a pique com todas as luzes acesas e a orquestra tocando na coberta.

Após dar uma olhada, vi que o elevador era surpreendentemente fácil de desbloquear. Apenas precisava retirar uma enorme concha que algum sujeito engenhoso havia incrustado no vão que permitia o fechamento da porta. Assim que fiz isso, a porta se fechou com um ruído metálico ensurdecedor, e quase ao mesmo tempo a cabine começou a subir lentamente em meio a sacudidas nada tranquilizadoras.

A subida foi lenta e tensa. O cheiro acre da fumaça era cada vez mais intenso e entrava pelas grades de ventilação, secando nossa garganta.

Não pude evitar que se formasse em minha mente a imagem recorrente de dezenas

desses seres esperando pacientemente em frente à porta superior do elevador, aguardando que o menu subisse até eles. Imaginava dezenas de braços e bocas ansiosos, esticando-se para dentro do elevador para nos despedaçar e devorar.

Fechei os olhos, angustiado, enquanto minha respiração se acelerava com a tensão. Não poderia fazer nada, não poderia fazer nada, não...

Uma mão se apoiou em meu braço. Abri os olhos e vi a expressão tranquila de Lucia me contemplando, enquanto apertava afetosamente meu braço. Levou sua boca até meu ouvido e sussurrou um doce: "Calma, vai dar tudo certo". De quebra, aproveitou para me dar uma mordidinha divertida no lóbulo da orelha, não muito inocente, que quase me fez tocar o teto do elevador. Maldita menina!

O elevador finalmente parou com uma sacudida mais forte que as outras. A porta, um tanto encalacrada por tanto tempo sem uso, resistia a se abrir por completo, e tivemos de empurrá-la um pouco para poder sair. Já do lado de fora, estancamos, impressionados com o espetáculo.

A densa fumaça já envolvia toda a área do estacionamento, reduzindo a visibilidade a pouco mais de duzentos metros. Tudo estava tingido de uma cor avermelhada e malsã, como uma cena saída do inferno. A frente de chamas havia avançado visivelmente pelas colinas e, uma vez superado o cume delas, continuava correndo ladeira abaixo, devorando tudo o que encontrava pelo caminho. Um enorme conjunto de eucaliptos foi alcançado pelas chamas, e por conta do intenso calor, explodiu como uma caixa de fósforos jogada em uma lareira. Milhares de faíscas incandescentes voavam por todos os lados, arrastadas pelo forte vento gerado pelo próprio incêndio. Algumas dessas faíscas caíam sobre áreas secas altamente combustíveis, iniciando, por sua vez, novos focos de incêndio que só faziam alimentar o monstro. A situação era muito mais caótica do que havíamos previsto. O forte vento havia feito o incêndio avançar muito mais depressa que o esperado. Em menos de quinze minutos estaria lambendo as paredes do hospital.

Com os olhos lacrimejando por conta da fumaça, fomos para o GL, que, apesar de estar com todas as luzes acesas, era quase invisível no meio daquela tempestade de cinza e fogo. Um inquieto Prit nos esperava ao lado do carro, fazendo sinais para que nos apressássemos, com um olho em nós e o outro vigiando todo o entorno. Reparei que estava com a arma destravada, algo que nem havia me passado pela cabeça. Bom, ele é um ex-militar, afinal, e imagino que essas coisas ficam gravadas a fogo no subconsciente.

Enquanto colocamos as coisas no porta-malas, aproveitei para me sentar no banco do motorista. Naquela ocasião, eu preferia dirigir. Já havia tido experiência suficiente com o estilo de condução ucraniano por aquele ano, e a última coisa que desejava era sofrer um acidente.

Quando por fim todos estavam a bordo, arranquei no meio de uma nuvem de

pedregulhos disparados para todos os lados. A cena era dantesca. Uma enorme nuvem vermelha envolvia tudo o que se abarcava com a vista, o que não era muito, apenas quarenta ou cinquenta metros à frente dos faróis, enquanto o rugido das chamas já era perfeitamente audível e era pontuado pelas explosões e pelos estalos secos da madeira ao arder. Atravessei a esplanada às cegas e desviei em cima da hora dos restos de um Peugeot abandonado com manchas de sangue seco dentro.

Por fim, encontrei a rua de saída, emoldurada entre duas monstruosas peças de concreto, às quais se chegava após atravessar um trecho de cinquenta metros de rua alambrada. Com um chacoalhão que arrancou gritos de protesto de todos os ocupantes, passamos por cima de um enorme vulto que havia no meio da rua e que não consegui evitar (algun cadáver em putrefação, imaginei).

Não havíamos nos afastado mais que dois quilômetros do hospital quando uma enorme explosão retumbou com força na atmosfera, fazendo nosso veículo vibrar. As chamas deviam ter alcançado os depósitos de oxigênio líquido do hospital, situados a certa distância dele. A violência da explosão devia ter levado metade da fachada pelos ares. A partir desse instante, e durante os quinze minutos seguintes, uma série ininterrupta de explosões foi nos acompanhando durante todo o caminho, à medida que as chamas devoravam os veículos abandonados do estacionamento, cada vez mais perto do hospital.

Finalmente, uma fabulosa explosão, consideravelmente mais forte que o resto, chegou até nós, assustando-nos. Os depósitos de combustível dos geradores ou do aquecimento. Evidentemente, as chamas já deviam estar no próprio edifício.

Um refúgio a menos, e de novo na estrada, mas com mais duas pessoas. Bendito Cristo. Que coisa!

Fizemos o resto do trajeto em silêncio. Imagino que tanto Lucía quanto Irmã Cecília se perguntavam aonde, diabos, estávamos indo, mas se abstiveram de dizer qualquer coisa. Talvez simplesmente pensassem que nos limitávamos a correr em direção oposta ao fogo e que depois decidiríamos nosso destino, uma vez a salvo.

Nada mais longe da realidade.

Prit e eu não havíamos nos esquecido da pequena peça metálica, embrulhada em um pacote coberto de inscrições em cirílico, que repousava em um grande bolso da mochila do ucraniano. Aquela peça era a única coisa que nos garantia que o helicóptero ainda continuasse no lugar, esperando por nós.

O helicóptero. A solução temporária para nossos problemas. Prit e eu havíamos falado sobre isso em mais de uma ocasião ao longo daqueles longos e fantásticos meses. A menos de doze quilômetros em linha reta do Meixoeiro ficava o heliporto onde o helicóptero de Pritchenko estava. Em um guia rodoviário havíamos traçado a melhor rota possível até lá, combinando, ainda, as lembranças que o ucraniano e eu tínhamos da região. Era perfeitamente viável chegar até ali por vias secundárias e

barreiras corta-fogo abandonadas que não apareciam nos mapas, e onde a possibilidade de surpresas desagradáveis era muito baixa, principalmente passando por zonas despovoadas. Havíamos planejado tentar chegar ao heliporto em outubro, quando as primeiras chuvas escondessem um pouco nossos movimentos dos não mortos, para tentar levar o aparelho até o hospital, onde poderíamos carregá-lo até o teto, mas esse maldito incêndio havia nos obrigado a acelerar nossos planos. Enfim. Tínhamos de chegar até ali de qualquer jeito.

A princípio, não parecia muito complicado, principalmente porque o incêndio não avançava naquela direção; mas, a qualquer momento, uma súbita mudança na direção do vento podia transformar o cenário. Por enquanto, a área pela qual circulávamos parecia a salvo. Enquanto isso, o fogo, após devorar o enorme complexo hospitalar, reduzindo-o a um gigantesco monte de escombros incandescentes que brilhavam a distância, com as chamas saindo pelas janelas dos andares superiores, movimentava-se agora vale abaixo a uma velocidade assombrosa, rumo a um ponto onde se vislumbravam, a contraluz, as formas dos primeiros edifícios de fora de Vigo. Se ninguém o impedisse (e a única coisa que poderia fazê-lo era um forte aguaceiro), aquele incêndio devoraria a cidade até os alicerces em questão de horas.

Definitivamente, o velho mundo dos homens havia acabado. O novo mundo, o mundo dos não mortos, o Mundo Cadáver havia chegado para ocupar seu lugar, eliminando pouco a pouco os rastros de nossa presença sobre a face da Terra. Sentia-me como se fôssemos os últimos sobreviventes de nossa raça. Era aterrador.

24 horas depois

12h06

Estamos na base florestal. A estrada que seguimos para vir até aqui estava totalmente livre de obstáculos, com exceção dos dois últimos quilômetros, obstruídos por um deslizamento de terra, que tivemos de fazer passando por uma velha barreira corta-fogo que desembocava muito perto da enorme pedra onde agora mesmo estou sentado escrevendo isto. Do topo deste monte, a uns seiscentos metros acima do nível do mar, temos uma vista privilegiada de toda a enseada de Vigo, parte da de Pontevedra e muitos quilômetros de terra adentro. Não se vê sinal de vida em lugar nenhum, de vida humana, evidentemente.

A base estava absolutamente deserta quando chegamos e parecia estar havia vários meses nesse estado, a julgar pelo denso mato que crescia na porta e que levamos uns bons cinco minutos para cortar para poder chegar ao recinto cercado.

Para nosso alívio, o helicóptero de Prit ainda continua aqui. É um enorme PZL W-3A Sokol branco e vermelho, de ventre alongado, com as hélices pintadas de preto e branco, que repousa sobre suas enormes rodas com todas as portas abertas. Sobre a cabine tem uma enorme corcova na qual, segundo explicou Prit, estão instaladas as duas monstruosas turbinas que impulsionam o aparelho. O interior é amplo e espaçoso, e, além dos bancos do piloto e do copiloto, cabem mais dez pessoas (mas, normalmente, as brigadas helitransportadas só tinham nove membros, por comodidade).

Com um pequeno trator de reboque puxamos o enorme aparelho para fora, para a pista de asfalto, onde agora posso ver Prit entre as hélices, com a ogiva de uma das turbinas aberta, consertando um dos motores. Estou feliz de ter o ucraniano aqui. Ele não apenas mostrou ser um companheiro fenomenal ao longo desses meses, como também, agora, poderemos sair daqui graças a ele.

Por outro lado, o incêndio parece estar devorando toda a zona norte da cidade. Com uns poderosos binóculos Zeiss, passei as últimas quatro horas observando o horizonte, inclusive Vigo, que fica a uns bons quinze quilômetros. Uma densa coluna de fumaça preta me impede de vê-la com detalhes, mas agora as explosões se sucedem com frequência, à medida que o fogo devora veículos, postos de combustível, tubulações de gás e todos os milhares de coisas altamente inflamáveis que se podem encontrar em uma cidade desse tipo. Fico feliz de não estar ali.

A fumaça me impede, ainda, de contemplar o porto, envolvido em uma densa massa de cinzas e fuligem. Pergunto-me se o *Zaren Kibish* ainda continua atracado na doca externa ou se deram um jeito de sair dali.

Seja para onde for que foque os binóculos, posso vê-los. Os não mortos. Há

centenas, milhares deles, pululando por todos os lados. Imagino que o incêndio os deve ter forçado a sair da cidade e que agora vagam pelos campos e pelos pequenos povoados e urbanizações da periferia, procurando algo para morder ou sabe lá Deus o quê. Confio que o fogo tenha levado pela frente muitos deles, presos no labirinto das ruas de Vigo, mas, pelo que posso verificar, a maioria conseguiu fugir a tempo. Vindo para cá, só cruzamos com dois deles, e bem longe, mas é só questão de tempo até que apareçam por aqui.

De modo que vamos embora. E para muito longe.

Já decidimos. Nosso destino será Tenerife, nas ilhas Canárias. E a única saída lógica. Em qualquer lugar do continente europeu onde fiquemos teremos os mesmos problemas e as mesmas dificuldades que aqui. Hoje, nesta parte do mundo não há lugar para um ser humano. Estamos fartos de tudo isso. Estou cansado de viver como um animal encurralado. Precisamos de um lugar onde haja paz, comida, eletricidade e, o mais importante, gente. O ser humano é sociável por natureza, precisa da presença de outros humanos para poder existir. Precisamos ver caras novas, gente nova, idéias novas, ou ficaremos loucos. Receio que, se não encontrarmos um grupo maior de gente, logo vamos começar a perder parte de nossa humanidade.

Com o rádio do helicóptero conseguimos captar algumas transmissões muito fracas e cheias de interferências, mas que não deixam dúvidas. São transmissões militares e fazem referência ao trânsito aéreo no aeroporto de Los Rodeos, em Tenerife. Esse aeroporto, portanto, continua operativo, e supomos que isso implica que há um assentamento de população ao redor dele. Lucia lembrou muito sensatamente que o espaço marítimo e aéreo das ilhas foi fechado para evitar que mais gente chegasse, mas isso foi há muitos meses. Quero acreditar que a chegada de um novo grupo de sobreviventes, a esta altura, será bem recebida.

Mas um problema não parava de rondar minha cabeça: a enorme distância a percorrer. São mais de mil e setecentos quilômetros entre esta parte da península e as ilhas Canárias. A autonomia de um helicóptero como o Sokol está em torno dos quatrocentos quilômetros, de modo que as contas não batem de jeito nenhum. O vôo em linha reta está totalmente descartado; portanto, a única alternativa é ir voando sobre a península, atravessar o estreito e chegar até Tarfaya, a zona de Marrocos mais próxima das ilhas. Uma vez lá, apenas duas horas de vôo nos separariam de Fuerteventura.

A possibilidade de abastecer no caminho é, no mínimo, problemática. Não sabemos qual é o estado dos aeródromos e aeroportos que restam pelo caminho, nem sequer se estarão ali quando chegarmos. O combustível de helicóptero não pode ser encontrado em um posto de combustível qualquer; deve ser de um tipo específico só obtido em refinarias e aeroportos, o que aumenta o problema. De modo que, por

mais que eu queimasse os miolos, não conseguia solucionar aquele dilema.

Hoje pela manhã Viktor e eu analisávamos um mapa enquanto comentávamos as diversas possibilidades que nossa escassa autonomia de voo nos permitia. O ucraniano era partidário de voar para o sul, sobre a costa portuguesa, e tentar reabastecer nas imediações de Porto, e posteriormente em Lisboa, Huelva, Tânger, Rabat, Casablanca, e assim progressivamente, até chegar às ilhas.

Para mim, após a experiência de Vigo, a possibilidade de descer nas proximidades de uma metrópole de centenas de milhares de habitantes como Porto parecia um pesadelo. Eu era partidário de ir margeando pelo interior, sobre zonas despovoadas, e tentar reabastecer em pequenos heliportos e aeroportos esquecidos como aquele. Evidentemente, sabia que a possibilidade de encontrar esses aeroportos secos, ou seja, sem uma gota de combustível, era consideravelmente mais alta que em um grande aeroporto; mas, ainda assim, achava isso preferível a me aproximar das imediações de uma grande cidade.

Qualquer uma das duas opções implicava um monte de dificuldades. Enfim, uma viagem cheia de horrores.

A solução, uma vez mais, veio pelas mãos de Lucía. Enquanto Viktor e eu discutíamos sobre o plano, ela nos escutava, dirigindo olhares cada vez mais pensativos à parte inferior do helicóptero. De repente, interrompeu-nos.

- Viktor, o que é isso? - disse, apontando para uma cestinha que ficava embaixo da barriga do enorme Sokol.

- Isso? - respondeu o ucraniano. - Isso é o Bambi.

Ao notar a expressão de estranheza que se desenhava em meu rosto e no de Lucia, ele se sentiu obrigado a explicar.

- Bambi é como chamar a bolsa que se enche de água para apagar os incêndios. Eu, normalmente, levar as equipes até o fogo e depois descer o Bambi, encher em qualquer rio próximo e esvaziar sobre as chamas. E depois, repetir o processo várias vezes. - Sorriu. — Era meu trabalho, você sabe?

- E que capacidade ele tem? - perguntou Lucía de novo, dessa vez com um brilho inteligente no olhar.

- Uns dois mil litros mais ou menos, mas não ver que, diabos, importa isso agora — respondeu Pritchenko, mal-humorado.

- Espere, acho que sei aonde quer chegar - interrompi. — Dois mil litros são...

- Claro! Duas toneladas! E, se em vez de levar água levamos combustível, nossa autonomia passaria a ser de... — Lucia olhou inquisitivamente para Pritchenko, mas ele já havia nos dado as costas enquanto se concentrava sobre um papel, onde fazia cálculos apressadamente. Finalmente, depois de dois intermináveis minutos, soltou dois grunhidos satisfeitos, voltou-se sorridente para nós e piscou.

- Acho que pode funcionar - começou a dizer. — Levando o tanque cheio até a boca

e com uma cisterna de dois mil litros de combustível pendurada embaixo de nós, poderíamos chegar sem necessidade de reabastecer em lugar nenhum. Vai ser um pouco justo, principalmente se encontrarmos vento de frente pelo caminho, mas poderia bastar —interrompeu-se, com o olhar perdido em uma parede, enquanto sua mente continuava fazendo cálculos. - Poderia bastar - repetiu com um brilho emocionado no olhar. - Sim. Pode funcionar.

Senti uma enorme sensação de gozo no peito. íamos sair dali. Não podia acreditar. De modo que, agora, enquanto Prit dá os últimos retoques nas turbinas do Sokol, reluzentes barris repletos até a boca de combustível de helicóptero se empilham organizadamente amarrados na beira da pista, dentro de uma enorme e ultrarresistente rede de transporte. A ideia é levar essa enorme bolsa pendurada na barriga do helicóptero, onde normalmente iria o bendito Bambi. Cada vez que precisarmos reabastecer, Viktor pousará o aparelho em uma área limpa e tranquila para esvaziar parte desses barris no tanque do helicóptero. Parece uma tarefa fácil, depois de tudo que já passamos.

O helicóptero já está carregado com nossos pertences e tudo está pronto para sairmos amanhã, com as primeiras luzes do dia. As mulheres descansam dentro do hangar e Viktor acaba de fechar a tampa das turbinas com uma expressão satisfeita no rosto.

Estou sentado nesta enorme rocha do final do heliporto, com Lúculo enroscado em meus pés, brincando com meus cordões. O sol está se pondo sobre a enseada, lançando brilhos dourados sobre a água. Sinto uma sensação estranha no estômago. Possivelmente, nunca mais tornarei a ver esta paisagem.

Somos o último trem que sai desta estação. Caso ainda reste alguém nesta região, receio que esteja condenado em curto ou médio prazo.

De qualquer maneira, embora seja uma possibilidade remota, pode ser que alguém venha aqui, em algum momento do futuro. Deixei esta cópia completa do meu diário dentro de uma capa de plástico, na mesa da sala principal do hangar. Se tudo for para o caralho e ficarmos pelo caminho, pelo menos, se alguém ler isto, saberá que durante nove longos meses um grupo de pessoas lutou duramente pela vida. Que não nos rendemos em nenhum momento. E que sempre levamos dentro de nós o sentimento mais nobre, belo e diferenciador do ser humano: a esperança.

Enfim... vou dormir um pouco.

Amanhã vai ser um dia daqueles.

Pontevedra, 2009.

Table of Contents

O BLOG

[Sexta-feira,](#)
[3 de janeiro de 2006](#)
[3 de janeiro](#)
[4 de janeiro](#)
[5 de janeiro](#)
[9 de janeiro](#)
[9 de janeiro](#)
[9 de janeiro](#)
[10 de janeiro](#)
[10 de janeiro](#)
[10 de janeiro](#)
[11 de janeiro](#)
[12 de janeiro](#)
[12 de janeiro](#)
[13 de janeiro](#)
[13 de janeiro](#)
[15 de janeiro](#)
[15 de janeiro](#)
[16 de janeiro](#)
[17 de janeiro](#)
[19 de janeiro](#)
[19 de janeiro](#)
[20 de janeiro](#)
[20 de janeiro](#)
[20 de janeiro](#)
[21 de janeiro](#)
[22 de Janeiro](#)
[22 de janeiro](#)
[23 de janeiro](#)
[24 de janeiro](#)
[24 de janeiro](#)
[25 de janeiro](#)
[25 de janeiro](#)
[26 de janeiro](#)
[27 de janeiro](#)

[28 de janeiro](#)

[29 de janeiro](#)

[O DIÁRIO](#)

[30 de janeiro](#)

[31 de janeiro](#)

[1º de fevereiro](#)

[1º de fevereiro](#)

[2 de fevereiro](#)

[3 de fevereiro](#)

[6 de fevereiro](#)

[7 de fevereiro](#)

[7 de fevereiro](#)

[8 de fevereiro](#)

[9 de fevereiro](#)

[10 de fevereiro](#)

[11 de fevereiro](#)

[13 de fevereiro](#)

[13 de fevereiro](#)

[15 de fevereiro](#)

[16 de fevereiro](#)

[21 de fevereiro](#)

[23 de fevereiro](#)

[27 de fevereiro](#)

[ZAREN KIBISH](#)

[9 de março](#)

[VIGO](#)

[9 de março](#)

[23 de março](#)

[2h28](#)

[24 de março](#)

[25 de março](#)

[25 de março](#)

[25 de março](#)

[25 de março](#)

[27 de março](#)

[29 de março](#)

[30 de março](#)

[4 de abril](#)

[5 de abril](#)

7 de abril

Em algum lugar de Vigo

Em algum lugar do porto de Vigo

7 de abril (II)

12 de abril

13 de abril

13 de abril (II)

NUMÂNCIA

Meados de julho

Meados de setembro

24 horas depois